

BIBLIOTECA MILITAR
C. DO MINISTÉRIO DA GUERRA

Defesa Nacional

4479



R 1 L
46

NÚMERO
383

CEL. RENATO BATISTA NUNES
TEN. CEL. ARMANDO VILLANOVA PEREIRA DE
VASCONCELOS
TEN. CEL. EVERALDO APOSTOLAS DA FONSECA

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXIII

Brasil — Rio de Janeiro, Abril de 1946

N.

SUMÁRIO:

- Editorial
- General de Divisão Augusto Tasso Fragoso — Cel. **Pery C. Bevilaqua**
- Homenagem ao General Christovao de Castro Barcellos Infantaria do Ar — Pelo 1.º Ten. **D. Ruben A. Ramirez Mitchell** do Exército Argentino
- Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações — **Cap. Dr. Saulo Teodoro Pereira de Melo**
- Contribuição ao estudo para a organização de centros de preparação e recompletamento de recrutas — **Cel. Médico Dr. Humberto Martins de Melo**
- Reconhecimento do Terreno — Pelo Maj. **José Horácio Garcia**
- Princípios e regras a observar no emprego dos serviços — **Ten. Cel. Antônio Moreira Coimbra**
- “O Conquistador Solitário” — **Maj. Nelson R. Carvalho**
- Como termina a campanha da Itália — **Cap. Geraldo de Menezes Côrtes**
- Campanha Ruralista para o Exército — Pelo **Gen. Silveira de Mello**
- Dicionário Militar Brasileiro — Pelo **Cap. Otávio Alves Velho**
- Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual “A Defesa Nacional Limitada”
- A Margem de um Relatório — **Cap. G. L. A.**
- Livros Novos
- Revistas em Revista
- Boletim
- Noticiário & Legislação

EDITORIAL

A COOPERATIVA MILITAR EDITORA E DE CULTURA INTELECTUAL "A DEFESA NACIONAL" LTDA., é uma associação de classe, destinada a "pugnar por tôdas as questões que interessam aos problemas da defesa nacional, incentivar o gôsto pelo estudo e debate de questões pertinentes à eficiência das Fôrças Armadas e à difusão da cultura geral e profissional de seus associados".

Com essa finalidade propõe-se:

- a) Manter a Revista mensal de assuntos militares "A Defesa Nacional";
- b) formar bibliotecas fixas ou circulantes;
- c) editar, por conta própria, os regulamentos militares ou outros trabalhos de reconhecida utilidade profissional, inclusive traduções, anexos ou separados da Revista;
- d) editar, por conta própria ou de seus associados, trabalhos quando julgados de reconhecida utilidade profissional ou geral;
- e) adquirir para seus associados as publicações de tôda natureza, editadas no país ou no estrangeiro, mediante pedido dos interessados;
- f) manter estoques de livros para revender a seus associados.

Esse o programa de ação que um grupo de denodados soldados da nossa Revista, dentro das

normas legais vigentes, impôs à organização da nossa Sociedade constituída por oficiais do Exército, da Marinha, das Fôrças Aéreas e das Fôrças Policiais, em moldes singularmente parcimoniosos e que vêm preencher uma grande lacuna de assistência à família militar, nesse setor.

Lutando contra a escassez de recursos financeiros e enfrentando tôda sorte de dificuldades, durante 32 anos, a Revista "A Defesa Nacional", arauto das aspirações da classe, cuida resistir, vencer galhardamente e sem alardes, duas crises e a concorrência de outras publicações congêneres, fortemente amparadas pelos recursos provenientes até de fontes oficiais.

E por que?

Simplemente porque tem sido coerente com o seu passado, com sua missão precípua, collocando-se no campo puramente doutrinário, estanque a paixões e só vendo os interesses das Fôrças Armadas, que, ao final, são impessoais.

Em todos os tempos a "A Defesa Nacional" primou por manter uma linha inflexível de independência e amor à verdade, abrindo suas páginas acolhedoras e prestigiosas ao debate das questões culturais, veiculando ideias e aspirações legítimas, analisando pontos de vista controversos para firmar-lhes os conceitos, contribuindo, dentro das regras da disciplina e da ética militares, com suas sugestões para concretisar reformas na estrutura do organismo militar-nacional.

Assistiu, nesta geração, duas guerras mundiais, procurando assinalar o realismo de seus ensinamentos, fixando os princípios gerais de sua preparação e conduta, ligando o presente ao pas-

sado, sem esquecer os recursos da técnica e da ciência na integração do pensamento da guerra.

Ampliado assim o quadro da Revista, no seio da Sociedade, estamos certos de que poderemos ser mais úteis à comunidade, estimulando o estudo e o interesse de nossos Oficiais pela cultura profissional, removendo certas dificuldades materiais na aquisição dos elementos de estudo, hoje, mais do que ontem, inacessíveis à grande maioria.

O momento é de compreensão e de ação: congreguêmo-nos pois. Vem a pêlo registrar aqui as palavras que proferimos o ano passado por essa época:

“Em verdade, cessado por completo o choque das armas, o de que precisamos agora, é solucionar e recolher os mais variados elementos informativos e com êles firmar a nossa própria documentação, adequada ao temperamento, aos recursos e às peculiaridades do meio físico brasileiro.”

Ora, participamos da luta ativa e gloriosamente, representados pelos valorosos integrantes da F.E.B., da F.A.B. e da Marinha de Guerra, cujo concurso torna-se imprescindível e a “A Defesa Nacional” sentir-se-á honrada com suas contribuições nesse sentido. Não lhe faltam valores e experiência.

Mãos à obra.

A COOPERATIVA, por intermédio da Revista, dirige um veemente apêlo ao espírito de camaradagem e solidariedade da classe para que acorram todos os camaradas de Armas ao chamamento da hora de reconstrução que passa, a fim de que possamos despertar e fazer obra definitiva de colaboração, congregando-nos sob a bandeira de nossa SOCIEDADE.

Com a devida vênia, transcrevemos os justos conceitos emitidos pelo nosso consócio Cel. João Batista Magalhães em seu livro magnífico — “NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS”:

“Para vencer, notadamente na guerra moderna, não basta o ardor bélico que é insuficiente se não se esteia numa indústria poderosa. A existência dessa indústria e a planificação tão completa quanto possível de seu trabalho imediato para a guerra, é mesmo o que constitui a parte mais importante da preparação bélica moderna.

“Muitos, por isso, talvez se negam às cogitações, a tomar atitudes e exercer as práticas demandadas, dos indivíduos e povos na hora atual, indispensáveis a uma preparação eficiente para a guerra, sob a alegação aparentemente lógica, valha a verdade, de que a força guerreira hoje depende de poderosas máquinas, que só as possuem os países grandes potências industriais, isto é, produtoras de máquinas. Apesar da muita verdade que contém, um tal argumento não é acatável. E’ uma solução apenas cômoda, de renúncia ao esforço, que despreza outros inumerosíssimos dados do problema.”

O professor Norman C. Meyer, professor de Psicologia Militar, da Universidade de Iowa, E. U. A., — completa êsse conceito dizendo: “O Chefe Militar sagaz nunca subestima o fator humano. Ele dará ao moral e ao espírito do cargo tanta importância, ou mais, que à capacidade militar e ao material.”

Avante, pois, camaradas para o bem estar e segurança da Pátria, pelo engrandecimento do Exército, aprimorando nossa formação moral e cultural.



General de Divisão Augusto Tasso Fragoso

General de Divisão Augusto Tasso Fragoso

Coronel *Pery C. Bevilaqua.*

Aos 76 anos de idade faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 do mês p. findo, o venerando Gen. de Div. A. Tasso Fragoso que consagrou 45 anos de serviços continuos à Pátria. Foi abolicionista e republicano histórico. Foi um soldado e um cidadão modelar.

Pelas suas qualidades e virtudes em grau excepcionalmente elevado, pela sementeira de nobres exemplos que deixou aos seus contemporâneos e aos pósteros, através de sua digna existência, podemos dizer de Tasso Fragoso o que também com precisão e justiça, Afrânio Peixoto afirmou do Apóstolo Raymundo Teixeira Mendes, na Academia Brasileira de Letrãs — "Ele foi um desses raros que podem ser o orgulho da espécie".

Tasso Fragoso nasceu em São Luiz, capital do Estado do Maranhão, a 28 de Agôsto de 1869. Foram seus pais o honrado comerciante português Joaquim Coêlho Fragoso e D. Maria Custódia Fragoso, nascida na Bahia. Contando apenas 16 anos, Tasso Fragoso concluiu, com grande brilho, o curso ginasial do Liceu Maranhense, em sua terra natal.

Desejoso de seguir a carreira militar, seu pai fê-lo embarcar para o Rio de Janeiro com destino a Escola Militar onde verificou praça a 21 de Março de 1885. Para isso, o seu genitor teve necessidade de aumentar-lhe a idade, dando-o como nascido em 1867. E aqui convém referir que Tasso Fragoso, escrupuloso em todos os atos, jamais aceitou a idéia de retificar a data do seu nascimento, acarretando isso ser atingido pela reforma compulsória com antecedência de 2

Foi, assim, afastado do Supremo Tribunal Militar, do era Presidente, aos 66 anos de idade, em vez de 68.

Ele entendia que havendo sido beneficiado com aquele go de que lançára mão o seu genitor para poder matriculo em 1885, na Escola, devia respeitar o que fizera.

Na legendária Escola Militar da Praia Vermelha, vivei-espíritos brilhantes e de gente valorosa — mestres conadados pelo saber e virtudes e alunos que se dedicavam amôr e consciência aos seus deveres e cultivavam as mais es qualidades morais que fórmam a base do valor do do e do cidadão — o jovem Tasso Fragoso muito se des- firmando elevadíssimo conceito do qual jamais des- ceu.

Pela sua inteligência robusta e cintilante e aplicação aos os impôs-se como primeiro aluno de sua turma. Acata- admirado pelos seus colegas que lhe conheciam o valor grectual, a sua energia e o seu nobre caráter, era natural grangeasse também a estima e a admiração dos seus mes- tal como sucedeu com Benjamin Constant de quem foi pulo brilhante e amigo diléto e em cujos braços o Fun- r da República veiu a exalar o último alento a 22 de iro de 1891.

O que era aquele baluarte de ciência e civismo, a Escola tar da Praia Vermelha, onde Tasso Fragoso formou e nvolveu o seu espírito de escól, dí-lo éle mesmo no pri- oso aticismo de sua palavra autorizada :

"... Que brilhante corpo docente contava a nossa Es- Militar! Dava-lhe tão grande realce que todos os alunos ntiam orgulhosos da farda e do castelo que simbolisavam stituição. Nenhum acreditava se estudasse melhor alhu- nem fosse mas matérias, sobretudo a Matemática, trata- com mais carinho e proficiência, ou os exames mais ri- sos do que na Escola a que se gloriavam de pertencer. ando, ao cabo de dois anos de aprovações plenas no cur- superior, ganhava o estudante o título de alferes-aluno, e-lhe na fisionomia o intenso jubilo pela vitória alcan-

çada unicamente pelo seu labor honesto e perseverante. As estrelas que encimavam os galões e a banda vermelha eram pompeadas com desvanecimento. Não havia glória maior que ascender sem pedir, do que chegar ao primeiro degrau elevado da hierarquia militar sem aviltamento de caráter nem preterição dos companheiros.

O nosso país atravessava então um dos períodos mais característicos da sua história. Agitava-se o problema da libertação dos escravos e o da substituição do regime monárquico pelo republicano.

Como era natural, ambos repercutiam no seio da Escola, inflamando as nossas imaginações e interpondo-se em nossos deveres quotidianos.

Eramos pela liberdade dos escravizados. Queríamos os livres incondicionalmente e dentro do prazo mais curto para que se apagasse de vez essa mancha que tanto nos deslustrava. Com esse intuito, juntavamos os nossos modestos esforços aos de todos os abolicionistas do país.

Hoje tudo isso descambou no olvido e talvez se afigura um sonho; mal se concebem as pelepas que então travamos pela liberdade. Mas quantas vezes não nos prestamos a defender com a nossa própria vida a dos que propugnavam a abolição imediata! Haja vista esse famoso discurso de Ruy Barbosa que mandamos imprimir e essa conferência em que fomos à paisana, anônimamente, rodea-lo no Teatro Politeama, para que os reaccionários lhe não aniquilassem a existência, tão preciosa naquele momento! Haja ainda vista a manifestação do Clube Militar contra a utilização do Exército na captura dos negros fugidos e da qual foi incontestavelmente um dos grandes inspiradores o espírito da Escola Militar, representado nas gerações que por ela haviam passado ou ainda nela se encontravam.

Compreende-se que também fôssemos republicanos.

Que era a República para nós?

Um regime inspirado no interesse coletivo, em que imperasse a mais completa liberdade espiritual, a mais absol-

honestidade e desinteresse no trato da causa pública e só competentes fossem escolhidos para as funções sociais.

Com a mente cultivada pela ciência e pela leitura de grandes pensadores como Augusto Comte, sonhávamos um regime ideal de ventura humana, sem lugar para as violências e os apetites egoísticos, sem lugar até para nós mesmos, modestos aprendizes da arte da guerra, pois ambicionávamos com Benjamin Constant um futuro de perfeita concórdia internacional.

Não se pode avaliar o nosso desprezo pelos que faziam política um campo de exploração pessoal e se valiam das posições para satisfação exclusiva de sua vaidade ou de suas conveniências.

Queríamos ver extinta a raça dos que sóbem matreira e precipitadamente às culminâncias do poder e uma vez aí esquecem os seus deveres e as promessas formuladas, e não se arredam de violar direitos sagrados de seus compatriotas, esvaralhes a vida serena, empecer o progresso do país em todos os ramos de sua atividade e afinal desacreditá-lo no estrangeiro.

Para nós o aparelho governamental deveria equivaler a um mecanismo, tão perfeito quanto possível, de ordem e coordenação de esforços e nunca a um instrumento para a realização das ambições injustificáveis de certos homens".

Nesse ambiente passou Tasso Fragoso a mocidade e forjou a alma; nêle hauriu o alimento espiritual que lhe serviu de guia e o fez o brasileiro digno que tanto admiramos e veneramos.

"É preciso ter vivido nessa época e ter conhecido esse ambiente para aquilatar, à justa, a elevação da maioria dessa geração republicana, de militares e civis, que batalharam com inquebrantável fé e absoluto desprendimento para redimir os cativos e implantar a República no Brasil.

Eram almas impelidas por um grande ideal, prontas a todos os sacrifícios, cheias dessa altivez e independência de caráter que não arrefecia nos militares, nem diante dos rigores da disciplina.

A prova temo-la no modo como corremos pressurosos durante a questão militar, ao encontro de Madureira e Deodoro, quebrando sem hesitação os óbices com que procuravam deter-nos em nosso arroubo de entusiasmo.

Estávamos dispostos a tudo, a afrontar tôdas as dificuldades, a desaparecer obscuramente sempre que o Brasil resurgisse redimido daquele lance.

A vida era para nós o menor dos bens, se a não pudessemos viver com dignidade.

Que valiam os castigos e as perseguições? Nada. Só temíamos que nos lançassem em rosto um ato menos nobre, um gesto de bajulação ou uma atitude de fraqueza em face do que reputávamos o nosso dever precípua naquele momento. Tudo o mais era secundário.

Daí essa vibração perene de entusiasmo em que vivíamos e essa esperança desbordante em dias melhores e mais felizes. Todos os nossos atos levavam porventura inconscientemente, o cunho de nossas preocupações sociais, provocada pelo momento que atravessamos.

Dos nossos mestres o que nos despertava mais simpatia e admiração era, sem dúvida, Benjãmin Constant. As suas preocupações sociais e retidão da sua vida pública e privada, o seu ensino e a sua continua presença em nosso meio, transformavam-no em foco polarizador de todos os nossos projetos. Além de um mestre inigualável, pressentíamos nêle um chefe de qualidades excepcionais para nos conduzir.

Não é, pois, de admirar que o tomássemos por guia confiando-lhe cegamente a realização de todos os nossos sonhos. O que êle obrou associando à empresa o coração bondadoso, a alma varonil e o patriotismo inquebrantável de Deodoro, sabemos-lo, todos.

E com que prazer revocamos hoje à memória o vulto do nosso mestre!

Quanto mais êle foge de nós na esteira do tempo, mais avultam aos nossos olhos as suas excelsas virtudes e mais nos parece digno da veneração que lhe tributamos e que decerto crescerá no porvir.

É raro encontrarem-se homens daquela têmpera e daquela energia; daquelas qualidades intelectuais, que lhe faltariam gozar a vida, e daquele absoluto despreendimento!...

Quis a República, mas nela nada ambicionou. Recusou tudo quanto poderia parecer recompensa material aos serviços que havia prestado. Não se apresentou candidato a coisa alguma e impediu que seus amigos, camaradas e alunos lhe fizessem uma casa para se abrigar na velhice ou para levar aos filhos. Dos bordados que lhe deram num lance de reflexão, embora de entusiasmo, dizia que lhe queimavam os punhos. E, n os seus discipulos, o imitavamos protestando contra o aumento de soldo e a promo o por serviços relevantes pois não desejavamos marear com um lucro, qualquer que êle fosse, a nossa obra de f e e de abnega o."

Tal era o mestre e tal foi o discipulo que deu inúmeras provas de despreendimento, de escrúpulo, de desambi o e de altruismo como recordarei no curso desta rápida conferência.

Tasso Fragoso, republicano histórico

A 23 de Outubro de 1889, no ac so da chamada "questão militar" cujo desdobramento final foi a implanta o da República a 15 de Novembro, houve uma festa na Escola Militar oferecida aos oficiais chilenos do "Almirante Cochrane", em visita ao Brasil e   qual Benjamin Constant, que havia sido pouco antes transferido para a Escola Superior de Guerra, compareceu por convite especial dos alunos. Havendo sido objeto de honrosa sauda o em nome de tôda a mocidade escolar, respondeu com um discurso que se tornou histórico, proferido na presença do Ministro da Guerra, Conselheiro Candido Maria de Oliveira e que marcou o início da a o para a implanta o da República. Três dias depois, isto  , a 26 de Outubro, estando ameaçado de prisão pelo G verno, nova e significativa homenagem recebe Benjamin Constant ao terminar a sua aula na Escola Superior

de Guerra, pela defesa brilhante que fizera dos direitos do Exército e Armada Nacionais, na Escola Militar. Falaram vários oficiais em nome dos seus camaradas do Regimento de Artilharia de Campanha, do 1.º e 9.º Regimentos de Cavalaria e pela Escola Superior de Guerra o alferes aluno A. Tasso Fragoso, que finalizou a sua eloquente oração com estas palavras :

"Mestre ! Nós delegamos em ti o nosso modo de agir, de pensar e de sentir na transformação prestes a se operar em nossa Pátria".

Tasso Fragoso, alçando o seu mestre às alturas de um verdadeiro ídolo constitue-se entre a brilhante mocidade militar de 89, num eficiente e valoroso monitor de opinião, fluindo poderosamente para o desfecho pacífico da campanha republicana, no glorioso dia 15 de Novembro de 1889, como observa Benjamin Constant Neto em um perfil biográfico daquele discípulo diléto do Fundador da República e soldado ardente e destemeroso daquela portentosa jornada.

Tasso Fragoso esteve presente à famosa sessão de 9 de Novembro de 1889, celebrada no Clube Militar, sob a presidência de Benjamin Constant e na qual foi aprovada por unanimidade uma moção dando ao "venerando Mestre Dr. Benjamin Constant pleníssima confiança para proceder como entendesse, a fim de que em breve nos fosse dado respirar o ar de uma Pátria livre", ficando então encarregado de apresentar, dentro de poucos dias, uma solução às dificuldades presentes, igualmente honrosa para o Exército e para a Pátria. Essa solução foi a insurreição republicana.

Entre os numerosos compromissos escritos, denominados "pactos de sangue", dirigidos a Benjamin Constant, a história registra um que leva a assinatura do alferes aluno Augusto Tasso Fragoso, firmado no Rio de Janeiro a 11 de Novembro de 1889 e que reza o seguinte: "Os oficiais abaixo assinados, alunos da Escola Superior de Guerra, declaram acompanhar o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Tenente Coronel do Estado Maior de 1.ª Classe, e suas deliberações até o terreno da resistência armada". E

drugada de 15 de Novembro o ardoroso patriota marcha para o Campo de Sant'Anna, com os seus irmãos de ideal, para impedir o opróbio do 3.^o reinado que nos ameaçava e para dar a República, regime definitivo de Fraternidade e da Verdade !

Eleito Deputado prefere permanecer Tenente

Eleito pelo Maranhão deputado ao Congresso Constituinte, apesar de declarar não desejar tal posto e afirmar o seu propósito de permanecer dentro do Exército, o Tenente Tasso Fragoso renuncia a cadeira sem dela tomar posse.

Era a primeira manifestação de um desprendimento ingenuo e não seria a última. Era também a afirmação de que servir à sua Pátria como soldado, somente como soldado.

Convite de Floriano para Prefeito do Distrito Federal

Floriano Peixoto, cuja sagacidade era tão grande quanto a sua energia quis fazer de Tasso Fragoso auxiliar de seu governo e convida-o para Prefeito do Distrito Federal. O Tenente Tasso Fragoso recusa o cargo que por certo era cubiça por muita gente. Mas o Marechal insiste em demover de sua recusa o jovem Tenente em quem reconhecia raros predileitos morais e intelectuais. Este, constrangido, para que não recesse demasiado intransigente, concorda em ir ocupar a direção da Intendência de Obras da Prefeitura, como engenheiro militar que era, mas com uma condição que o Marechal respeita: permanecer com os seus vencimentos de Tenente de Estado Maior que eram 300\$000 mensais, muito superiores aos daquele cargo.

Sobrevindo mais tarde uma crise ministerial, três ministros demitem-se. Floriano Peixoto dirige uma carta a Tasso Fragoso, convidando-o para uma das pastas — Viação. Tasso Fragoso recebe das mãos do futuro herói da Lapa, General Gomes Carneiro a honrosa missiva e dirige-se ao Itamarati e leva pessoalmente ao Presidente da República os seus

agradecimentos pela distinção e os motivos que o fazem declinar do honroso convite. Diante da insistência de Floriano em fazê-lo seu ministro, o jovem Tasso Fragoso, risonho pondera-lhe: "Verifico que o Sr. ainda não perdeu a mar de querer fazer de um simples Tenente ministro de Estado

O Marechal lhe faz ver que apesar de simples Tenente nêle reconhece qualidades nada vulgares e que o recomendam para o cargo de ministro.

Mas o Tenente, não se demove; o seu ideal é permanecer apenas soldado.

Ao rebentar a revolta de 6 de Setembro de 1893 chefiada pelo Almirante Custódio José de Melo, Tasso Fragoso demite-se do cargo de Intendente de Obras e pede um posto militar na defesa da República. É destacado para Niterói e no dia 9 de Fevereiro de 1894, no combate da Ponta da Armação, onde as forças legais repeliram as forças de desembarque da esquadra revoltada que pretendiam tomar a capital fluminense, cái gravemente ferido Tasso Fragoso, ferido por uma bala que lhe atravessou a bexiga e interessou a coluna vertebral. Floriano Peixoto o promoveu por ato de bravura ao posto de Capitão e, sabedor da vitória, declarou: "minha alegria não será completa se morrer o Fragoso".

E, dominada a Baía de Guanabara pela esquadra revoltada, manda por terra, por Entre Rios, levar gêlo, diariamente, para os curativos e saber notícias do ferido.

Comissão Militar na Alemanha

Não se havendo restabelecido completamente do grave ferimento que recebera no combate da Ponta da Armação tendo ficado com um grande enfraquecimento muscular e uma das pernas que entrou a definhar, foi aconselhado procurar os cirurgiões de Berlim, mas não possuía recursos para uma tal viagem ao Velho Mundo. Sabedor disto o Marechal Floriano não somente com o objetivo de facultar ao Capitão Tasso Fragoso os meios de curar-se completamente mas também com a certeza de que lhe daria excelente

penho, nomeia-o para uma Comissão técnico-militar na Alemanha, na Fábrica Krupp. Com a ascensão de Prudente Moraes à Presidência da República assume o Ministério da Guerra o General Machado Bittencourt que, cumprindo ordens daquele, desejoso de mandar à Europa um oficial amigo, telegrafa ao Chefe da Comissão Militar na Alemanha, Coronel Luiz Medeiros, determinando o regresso ao Brasil do Capitão Fragoso. O Coronel Medeiros que tinha Tasso Fragoso o seu melhor auxiliar, sonegou-lhe o conhecimento do telegrama e telegrafou ao Ministro encarregado a conveniência da permanência de tão imprescindível oficial. Havendo sido atendido em seu pedido, o Coronel Medeiros dá conhecimento do ocorrido ao Capitão Fragoso e muito agradece o interesse do seu Chefe, mas manifesta o desejo de regressar imediatamente ao Brasil, declarando que à vista do sucedido não poderia permanecer por mais tempo na Comissão. E embarca no primeiro vapor.

Um outro episódio digno de registro, relacionado com a sua ida para a Comissão Militar na Alemanha, é o seguinte e foi testemunhado pelo seu colega e amigo então Cap. João de Albuquerque Serejo: Quando foi receber a ajuda de custo e viu surpreso que o intendente lhe queria pagar dez ou doze contos á que tinha direito, declarou que não aceitara aquela comissão para enriquecer e recebeu apenas quatro contos dizendo que era o suficiente para as suas despesas.

Depois da revolução de 1930, logo após a sua recondução ao E. M. E., teve gesto semelhante de que sou testemunha. Havendo sido posto às ordens do Príncipe de Gales em sua visita ao Brasil e tendo de acompanhá-lo a São Paulo, o Príncipe fez a fôlha da ajuda de custo que lhe competia e recusou receber dizendo possuir todos os uniformes e ter uma filha casada residente em São Paulo para cuja casa iria que naquele momento em que o Governo estava dispendendo por economia, muitos empregados não se justificavam com a despesa daquelas. E não recebeu nenhum tostão.

Autor do Projeto do Forte de Copacabana

De regresso da Alemanha, o Capitão Tasso Fragoso serviu na Comissão de Fortificações. Elaborou então o projeto para a construção do Forte de Copacabana. Por ordem do Ministro da Guerra foi pedida à Casa Krupp a vinda de um engenheiro para aquele mesmo fim. E a resposta dos directores daquelas famosas uzinas foi que não lhes parecia necessário mandar um dos seus engenheiros ao Brasil e pelo menos um official elles conheciam com competência para executar o trabalho: o Capitão Tasso Fragoso, cujo projecto tinham tido occasião de constatar, quando estivera em comissão na Alemanha.

Inexplicavelmente, apesar de uma tal resposta, o Ministro insistiu na vinda de um técnico alemão e a Casa Krupp enviou um dos seus engenheiros que, uma vez aqui, organizou o seu projecto. O Ministro remete os dois trabalhos (do Capitão Fragoso e do engenheiro alemão) à Casa Krupp para serem estudados comparativamente. Depois de algum tempo, o parecer da Casa Krupp favorável ao projecto do Capitão Fragoso considerado superior ao do engenheiro germânico.

Carta Geral da República

O Cap. Tasso Fragoso que já participara da Comissão chefiada por Cruls, incumbida do reconhecimento e delimitação da área da futura Capital Federal, no Planalto Central, foi destacado para o Rio Grande do Sul com a incumbência de organizar os trabalhos de levantamento da geografia daquela unidade da Federação, aos quais deu a sua inteligência e actividade durante oito anos, crendo uma verdadeira escola de aprendizagem para grande numero de officiaes que se especializaram nesse importante trabalho.

Antes de partir para o Rio Grande do Sul, Tasso Fragoso que possuía um modesto prédio em rua transversal à Praia do Botafogo, produto de pequenas economias, vendeu-o. Feito o anuncio appareceu como candidato

da-marinha. O Cap. Fragoso convidou-o para visitar os compartimentos do prédio e foi chamando a atenção do candidato para os defeitos e estragos da casa, incluindo alguns que não eram perceptíveis à primeira vista. O oficial da marinha agradeceu a correção de Tasso Fragoso e quando lhe diz: "Apesar dos defeitos que o senhor acaba de apontar, eu fico com o prédio".

Adido Militar na Argentina

Com o posto de Major desempenhou Tasso Fragoso, com o brilho e proficiência de sempre, durante dois anos, as funções de adido militar à nossa Embaixada na Argentina onde deixou um vasto círculo de amigos e admiradores e os quais Uriburu que foi o orador do banquete de despedida e a quem estava reservado pelo destino desempenhar sua pátria, quase ao mesmo tempo, o nobre e humanitário papel que Tasso Fragoso desempenhou em 1930, após o fim com o seu imenso prestígio a queda de uma situação política que provocara uma desgraçada luta fratricida e que apresentava incapaz de dominá-la.

8.º Regimento de Cavalaria

Regressando ao Brasil Tasso Fragoso foi comandar o 8.º C. em Uruguaiana, transformando-o, em pouco tempo, em verdadeira unidade-modêlo, considerada pelo próprio autor da Região a melhor unidade de cavalaria do Rio Grande do Sul.

No dia 21 de Setembro, ao dar conhecimento aos oficiais do Q. G. R. do falecimento do General Tasso Fragoso, General Isauro Reguera, Cmt. da 7.ª R. M. e que se orgulha de haver sido seu comandado naquele famoso Regimento e tê-lo tido como Mestre em toda a sua vida militar, afirmou que o Tenente-Coronel Fragoso era o melhor Tenente do Regimento, que conhecia perfeitamente todas as artes de instrução e as praticava e ensinava com rara profi-

ciência. E Tasso Fragoso guardava do seu Regimento Uruguaiana gratas recordações. O General José Pessoa, Presidente do Clube Militar e Inspetor da Arma de Cavalaria à beira do seu túmulo em discurso cheio de emoção, disse: "Não poderei esquecer o desvanecimento com que ouvi seus lábios a evocativa declaração de que considerava o comando que exerceu no 8.º Regimento, sentinela das nossas fronteiras, a maior satisfação de sua carreira militar. A valaria Brasileira jámais esquecerá o seu grande chefe e de colocá-lo entre os grandes nomes que hoje formam a constelação que norteia os destinos da Arma legendária de Cavalaria". E prossequindo em sua bela oração afirmou o General José Pessoa: "Mas a palavra esquecimento nem deve ser pronunciada quando se trata do General Tasso Fragoso, grande soldado pela sabedoria, pela bravura, pela retidão de caráter e pelo desprendimento. Ele galgou todos os postos, e lustre a tôdas as funções que exerceu e culminou a sua gloriôsa jétoria na Chefia do Estado Maior do Exército onde, além de reformador, ou digamos melhor, idealizador e construtor criou uma pleiade de discípulos, quase todos atualmente Generais, num dinamismo e numa capacidade criadora nunca excedida em nossos dias. E numa evocação de outros tempos, estou a vê-lo a meu lado, como companheiro que fomos designados para acompanhar o Rei Alberto I da Bélgica e a Rainha Elizabeth em sua visita ao Brasil, após a grande Guerra. Sinto reviver em mim, a admiração e o orgulho com que acompanhei os seus triunfos naquela ocasião. Impetuoso, vibrante, falando vários idiomas, dispondo de uma cultura geral primorosa, abordava com idêntico "savoir-faire" todos os têmeas focalizados com a objetividade de uma grande cultura e a finura de homem de sociedade. De volta à Europa, no couraçado São Paulo, pude ouvir do Rei o seguinte discurso dedicado a personalidade de Tasso Fragoso: "O Brasil tem nêle um soldado capaz de ser um grande chefe em qualquer Exército".

*da Casa Militar de Wenceslau Braz — Por três vezes
impediu a sua promoção a General*

Quando Chefe da Casa Militar do presidente Wenceslau Braz, o Cel. Fragoso teve de mudar-se para a casa existente ao lado do Palácio do Catete. Sendo amigo íntimo de João Calogeras, então Ministro da Fazenda, procurou-o e pediu que mandasse taxar aquela residência, afirmando: "já que eu paguei aluguel das casas em que tenho morado". Calogeras ainda ponderou tratar-se de uma dependência do Palácio do Catete, mas o Cel. Fragoso, alegando que de outra residência ali não residiria, forçou o amigo a fixar aluguel pelo valor citado próprio nacional.

Pela sua inteligência brilhante e profundamente culta, pelas suas maneiras distintas, sendo um "causeur" magnífico, João Calogeras atraente a todos encantava, pelo seu caráter puro, pela sua bela figura e simpatia irradiante, dotado de um espírito fino e permanente bom humor, era que o Dr. Wenceslau Braz, que não o conhecia quando convidou para chefe de sua Casa Militar, em pouco tempo, dele formasse um elevado conceito a ponto de fazê-lo seu conselheiro como diversas vezes confessou.

Havendo-se dado uma vaga de General de Brigada, quis o presidente promover o Cel. Fragoso a esse posto. Mas este, por temor da intenção do Chefe do Governo, dirige-se-lhe pedindo que não praticasse tal ato, "pois não desejaria que viessem a ocorrer sem haver aceito o cargo de Chefe da Casa Militar a fim de obter os bordados de general, saltando à frente de colegas mais antigos e mais merecedores".

Wenceslau Braz fez-lhe ver que realmente havia colegas mais antigos do que ele, mas que o governo tinha o direito de escolha e que quanto ao merecimento ele não poderia julgar em causa própria. Tasso Fragoso insiste e Wenceslau Braz cede, pedindo-lhe que indicasse o Coronel que a seu ver deveria ser promovido. Ele indicou o Coronel Almada.

E assim procede quando se dá outra vaga de general impedindo que fôsse lavrada a sua própria promoção, havendo sido promovido o Coronel Sisson.

Por fim Wenceslau Braz, havendo-se dado nova vaga, manda adquirir as insígnias de general e evita o seu Chefe da Casa Militar a quem pensa promover. Por indiscreção de um oficial da Casa Civil que comentou que iriam beber champagne naquele dia, Tasso Fragoso percebeu a "comprovação" que havia contra êle e tocou-se para os aposentos do Presidente com o firme propósito de mais uma vez impedir a sua própria promoção e o conseguiu lançando mão de um argumento que foi decisivo: declara ao Presidente que, se tal promoção se efetuasse, êle se veria obrigado a pedir a missão do cargo e reforma do Exército. Tasso Fragoso não tera nessa ocasião o seu pedido de retornar à tropa. Possivelmente êle não aceitaria promoção estando fora da tropa em Comissão junto ao Presidente da República. Wenceslau Braz não querendo prejudicar a sua carreira militar, não meia-o então comandante do 1.º R. C. D.. Ao deixar a Casa Militar, Wenceslau Braz dirige-lhe uma carta de agradecimento em que afirma: "Estou na vida pública há 25 anos e jamais encontrei um homem do seu preparo, de sua lealdade e do seu desprendimento".

Episódio com Pinheiro Machado

O Presidente querendo prestigiar o governador de Santa Catarina, Felipe Schmidt que havia resolvido harmonicamente o litígio de limites com o Paraná, mandou o seu Chefe da Casa Militar representá-lo em seu embarque de retorno ao seu Estado. O Cel. Tasso Fragoso desincumbindo da missão permaneceu em palestra na grande roda de políticos e de autoridades presentes. O General Pinheiro Machado, Chefe do Partido Republicano Conservador, que fazia parte do grupo, interpela o recém-vindo em altas vozes nestes termos: "Coronel, eu desejava saber por que razão o senhor é meu inimigo". Surpreendido com a pergunta

General Fragoso responde incontinenti: "O General está invocado. Eu não sou seu inimigo. Estive no Rio Grande do Sul durante anos fazendo levantamento da carta geográfica do Estado e guardo as mais gratas recordações da minha vida gaúcha. Fui amigo de Julio de Castilhos e o sou do General Borges de Medeiros. Uma coisa, porém, eu não faço, General: ir à sua casa tomar o seu chá e pedir promoção".

Pinheiro Machado, possivelmente bem impressionado com a altivez da resposta, ainda lhe diz: — "Pois eu lhe garanto que terei muita satisfação em vê-lo, brevemente, já General, voltar a prestar novos serviços ao meu Estado". E Fragoso arremata a conversação afirmando: "Todavia, também lhe garanto que para ser general jamais espezicarei os direitos dos meus colegas".

(Episódio relatado no trabalho de Benjamin Constant, publicado no Diário do Poder Legislativo de 29-VIII-46, anexo ao discurso do deputado Carlos Reis pedindo um congratulatório pela passagem do aniversário natalício do General Tasso Fragoso).

NA CHEFIA DO E.M.E.

Depois de haver como General de Brigada desempenhado brilhantemente importantes comissões como a de Chefe de Brigada e Diretor do Material Bélico foi como General de Divisão escolhido para a Chefia do E.M.E. onde, durante mais de um lustro, imprimiu o cunho de sua personalidade de escóla aos complexos trabalhos daquele importante órgão técnico do Alto Comando. No consenso geral do Exército, ninguém mais autorizado do que ele para chefiar e dirigir o E.M.E. onde produziu enorme soma de trabalhos de alta qualidade. Pela natureza desse órgão, os seus principais trabalhos são secretos: afirmo, com o conhecimento oficial de estado-maior que lábutou vários anos no E.M.E. e que teve a fortuna de servir sob suas ordens que o General Tasso Fragoso dificilmente poderá vir a ser superado. Era "the right man in the right place". Chefiou duas

vezes o E. M. E. antes e depois de 1930. Da primeira vez d'êle se afastou por uma questão de princípio, na defesa das prerrogativas que lhe pertencem, por ter o Ministro decidido reformar o ensino militar sem audiência do E. M. E.

Presidente da Junta Pacificadora

Tasso Fragoso quis sempre ser soldado, apenas soldado, servir à sua Pátria no Exército. Ele entendia que ao Exército ãeve ser defeso imiscuir-se na política partidária, única forma de manter a sua coesão e disciplina, condição básica de sua eficiência. Fiel a êsse princípio doutrinário manteve-se durante toda a era republicana até 1930 ao lado das forças legais, durante as crises que eclodiram no país, envolvendo parte do Exército. Em 1930, diante da revolução que assumiu o caráter de uma insurreição nacional provocada por erros do govêrno que não estava em condições de dominá-la, Tasso Fragoso com o elevado intuito de pôr um termo ao derramamento de sangue brasileiro de ambos os lados, evitar gravíssimas complicações na ordem internacional pelo possível reconhecimento de beligerância dos revolucionários por parte de países vizinhos, accede em pôr a sua espada e o prestígio do seu nome na balança dos acontecimentos e à testa das forças das guarnições da Capital Federal e Estado do Rio dá o golpe de graça numa situação política vacillante, apressando destarte a sua queda. Chefia a Junta Militar Provisória que se denominou Pacificadora que se constituiu em 24 de Outubro. Não sendo propriamente "revolucionário" declarou reconhecer o "govêrno de facto" do Dr. Getúlio Vargas, que o povo em armas impusera e a 3 de Novembro passa-lhe a suprema direção do país. Recusa-se a entrar em qualquer composição política por entender que ao Dr. Getúlio Vargas, como Chefe de uma revolução vitoriosa, cabe a responsabilidade de dirigir o país. Registro aquí uma frase muito expressiva de um popular a 24 de Outubro, que reflete a gratidão nacional pelo ato de benemerência praticado naquela delicada fase da vida do País, pelo integro Gen

o Fragoso: "General, deixe-me beijar-lhe as mãos, já que posso beijar-lhe o coração!" Desde o primeiro momento o Fragoso declarou: "Estamos transitoriamente no poder apenas enquanto aqui não chegar o presidente eleito e cuja posse a Nação se levantou". Assim, chamou logo telegrama enviado para Ponta Grossa o Dr. Getúlio Vargas para ir para o Rio receber as rédeas do Governo. Foram fazê-lo Marechal após 3 de Novembro e em carta dirigida aos que levantaram a idéia, disse Tasso Fragoso: "O maculem com esse ato que terminantemente recuso, os significantes serviços que prestei à minha Pátria".

Recusa a Pasta da Guerra e a Embaixada na Argentina

Quando o Chefe da Revolução de 1930 havendo assumido o cargo de Chefe do Governo Provisório convidou o General Tasso Fragoso para ocupar a pasta da Guerra, havendo este recusado o convite. Pouco depois, atendendo às relações antigas amizade que Tasso Fragoso mantinha com o General Uriburu levado à chefia suprema da Nação Argentina numa revolução, novo convite insistente lhe foi endereçado para que accedesse em aceitar o cargo de embaixador do Brasil em Buenos Aires. Ainda desta vez a recusa foi formal; o General continuava a pensar como o Tenente de 1893 e preferia ser apenas soldado. As honrarias e vantagens douceiras do posto não o seduziam e nem dobravam sua integridade sem jaça. Servira à Pátria desinteressadamente, como soldado. Nomeado Chefe do E. M. E. fez-lo prazerosamente continuando serviços de soldado. Afasta-se desse posto em 1934, sendo depois de curto interregno, convidado pelo Chefe do Governo Provisório para Ministro do Supremo Tribunal Militar. Apesar de estar em vésperas de ser reformado compulsoriamente e de ocupar o n.º 1 do Quadro de General de Divisão, Tasso Fragoso dirige uma carta ao Presidente da República, na qual, agradecendo e aceitando a distinção, declara que abrirá mão de sua nomeação e nem por isto sentirá menosprezado, dada a hipótese de que o Dr. Ge-

túlio Vargas se sinta em dificuldade ante o desejo de que quer outro General em ser nomeado para o posto que foi oferecido.

E na nossa mais alta cõrte de Justiça Militar honrou bremaneira a toga de juiz.

* * *

Um homem do seu valor e que tão altas funções exerceu, morreu pobre, morando numa casa de aluguel; até exploração mercantil de seus trabalhos de escritor se desinteressou, sendo que os direitos do seu monumental livro "História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai" obra que êle levou 10 anos escrevendo, deu-o ao Ministério da Guerra contra a entrega de dois ou três mil exemplares.

Tasso Fragoso deixou vários livros, além da obra acima referida que foi a de maior fôlego que produziu: "A Batalha do Passo do Rosário"; "A Campanha Farroupilha"; "O Tratado de Paz com o Paraguai", além de várias monografias e trabalhos sôbre Geodésia e Astronomia, inclusive um intitulado "Determinação da hora por alturas iguais de duas estrelas" e outro sôbre "Metodo dos Mínimos Quadrados". General deixou quase acabado, faltando retoques, um livro sôbre os "Franceses no Brasil" livro que na impossibilidade de terminar, deu-o ao General Valentim Benício da Silva para que o fizesse. Além desse, deixou pronto e para ser publicado um trabalho em que analisa a sua ação a 24 de outubro de 1930, revelando a luta íntima que nele se processava por ocasião daquele movimento pois o seu natural se inclinava para a legalidade, para a disciplina militar, enquanto via, de outro lado, que só uma atitude excepcional e infractora da disciplina militar poderia salvar o país da guerra civil. "O homem se agita e a humanidade o conduz", dizem os sabedores, os positivistas.

Tasso Fragoso enfrentou a morte com coragem e com serenidade do justo. Não perdeu o bom humor, até os últimos

s momentos. Ele era como o Presidente Roosevelt — fazia o bom humor de que necessitava. Pouco antes de morrer recebe a visita do seu velho amigo General Rondon, vindo-lhe — “Amigo, fui convocado; tenho de apresentar...” Nos momentos mais graves ele sabia apresentar uma calma e uma serenidade admiráveis. Havia cinco anos que morrera sua virtuosa esposa, criatura muito piedosa e dotada de um boníssimo coração. Dona Yayá, assim era conhecida na intimidade. Dona Josefa Graça Aranha Tasso Fragoso praticava a caridade em larga escala. De tudo se privava para dar aos pobres, até das próprias roupas contentando-se com o essencial. E aqui vem a propósito referir, que o General também era assim generoso e recatado na prática da caridade. Quando faleceu, os seus genros Dr. Raul de Araújo Maia e Genésio Pires lhe vestiram a farda. Foi em seguida o corpo levado para uma cela provisória armada na biblioteca, onde permaneceu algum tempo o General fardado e de meias, enquanto mandavam adquirir um par de sapatos pois que ele havia dado todos os seus calçados. Depois da morte de sua esposa, fez o General questão de continuar, por intermédio de sua filha Marina, casada com o Dr. Raul de Araújo Maia; a contribuir da mesma forma para tôdas as instituições de caridade e amparar tôdas as pessoas necessitadas que eram protegidas por dona Yayá, anjo de caridade que foi a Providência Moral daquele verdadeiro varão de estatuto, homem sem defeito, espírito peregrino, cultura excepcional e caráter adamantino. Tasso Fragoso é um desses espíritos que surgem raramente para dignificar a espécie humana. Hoje repousam juntos na quietude sagrada do mesmo tumulo, num recanto remansoso da terra que tanto amaram, Tasso Fragoso e sua excelsa companheira de mais de 20 anos de fecunda e modelar existência. Que Deus os abençoe, almas siderais, espíritos de luz, em sua Santa Glória!

Alhures escreveu o General: “A proporção que avançamos na vida ao arrepio da corrente do tempo e que ele nos abandona fugidio, sentimos a persistência inflexível do im-

pulso vital. Muitos dos que sucubem nessa afanosa peregrinação, balisando a nossa trajetória, apenas desaparecem objetivamente, pois continuam presentes em nossa imaginação que passa a transmitir, de cérebro em cérebro a recordação de seu concurso prestadio para amenizar-nos a existência as agruras da nossa jornada misteriosa. Dest'arte os imortalizamos e se nos depara meio de cultivar as saudades com que lhes lamentamos a ausência".

O General Tasso Fragoso, desaparecendo objetivamente, deixa-nos um exemplo vivo que deve ser exalçado; êle era um verdadeiro dinamo de civismo. Preencheu dignamente a existência que se constitue em verdadeiro compêndio de virtudes. Figura exponencial dessa geração gloriosa de 89 que fundou a República, visionando-a pura, fecunda e benfazeja. Sim, Tasso Fragoso, nós aprendemos a ter fé e a ser otimistas contigo, que, pelo conhecimento profundo da História Pátria e a intimidade dos nossos heróis, tinhas uma confiança inabalavel na grandeza dos nossos destinos! A República de 89 que tanto amaste e em cuja defesa verteste o teu sangue generoso, há de ser o abençoado e nobre regimen orgânico da liberdade e fraternidade, sem igualdade niveladora, mas seleção das competências — de conciliação sistematizada da Ordem e do Progresso — de confiança plena a par da mais completa responsabilidade — de respeito meticuloso à dignidade e às convicções políticas ou religiosas dos cidadãos — regimen de separação bem definida entre poder espiritual e fôrça temporal, regime de liberdade! — de absoluta liberdade espiritual!

Pelo Govêrno da República foram decretadas excepcionais homenagens ao illustre morto, que teve honras de chefe de Estado. O seu corpo coberto com tôdas as suas condecorações, algumas usadas pela primeira vez, foi velado no Clube Militar e teve a Guarda de Honra, fúnebre, feita por officiais alunos da Escola de Estado-Maior sob o Comando do General Francisco Gil Castelo Branco.

Exmo. Snr. General Cmt. da Região, secundando êstos atos de justiça e gratidão, eu proponho que, como um ato de homenagem da 7.^a Região Militar aqui representada por V. Excia. e numerosos oficiais, nos conservemos de e em silêncio por um minuto, em atitude de religiosa punção, elevando o nosso pensamento para Deus, em o seio paira certamente, a alma de arminho do General gusto Tasso Fragoso.

Recife — 12-X-45.

FABRICA DE JOIAS

Especialista em Aneis de gráu.

Bijouterias em Prata e Marcassite, Joias-finas
em ouro e platina.

A. J. ANTUNES

Rua Senado, 17-1.^o and.

RIO DE JANEIRO

FORMOSINHO

LUVAS, LEQUES E GRAVATAS

MATRIZ Av. Rio Branco 145 — Tel.: 43-6285

FILIAL: Av. N. S. Copacabana 582 — Rio de Janeiro

HOMENAGEM

General Christovam de Castro Barcellos

Perde o Exército mais um chefe e ardoroso amigo. Cidadão e soldado, soube êle durante 46 anos de servir manter imaculados seus dotes de espirito, de caráter e de cação à causa pública e ao Exército, a que serviu com e inteligência.

Homem de maneiras simples e modestas, católico convicto, impunha sua robusta personalidade através atitudes sombradas e inflexíveis ante o perigo, sem romper nêquilibrium e a harmonia dos homens de reflexão e ex-ênça.

Chefe de família exemplar, sabia formar em torno de si ladeiros amigos; cultuando a sã camaradagem e o espirito de classe, num ambiente de lealdade e franquesa que a toconquistava.

Espirito democrático, muito liberal, era um patriota en-asta e cria no futuro do Brasil.

Orfão, ainda menino, decidiu-se pela carreira das armas. Sob a proteção amiga do grande Sampaio Corrêa, mo-ou sua formação republicana, ingressando na Escola Mili-Como aluno, foi desligado como partcipe da Revolta-uro Sodré. Anistiado, retornou à Escola em 1905. Como-tenente, integrando a "Comissão Achê", participou da-rra de 1914-1918 incorporando-se ao Exército Francês. aleriano ardoroso, foi dos primeiros oficiais estrangeiros,inguidos com o comando de um Esquadrão francês na-lla guerra.

Idealista, participou de todos os movimentos reivindic-ões do país, desde 1922. Em 1930 coube-lhe papel impor-



General Christovam de Castro Barcellos

nte na chefia do movimento revolucionário, no setor de Missões Gerais. Em 1934 foi constituinte.

Em 1937 foi dos que se opuseram ao golpe de 10 de Novembro.

Em 1945, foi elemento de grande expressão na articulação do Movimento Militar de 29 de Outubro que derrubou a ditadura.

Foi comandante da Escola de Estado-Maior, Comandante das 7.^a e 4.^a R.M., Cmt. do 3.^o Gr. R.M., Presidente da Comissão Militar Mista Brasil Estados Unidos, com sede nesta capital e, por fim, Chefe do Estado-Maior do Exército.

O general Barcellos foi um exemplo de soldado e cidadão.

A "Defesa Nacional" associa-se ao pesar do Exército pelo seu passamento.

A Redação.

INFANTARIA DO AR

Pelo 1.º Ten. D. RUBEN A. RAMIREZ MITCHEL,
do Exército Argentino.

NOTA DA REDAÇÃO. — Com a devida vênia, transcrevemos na "Revista Militar" argentina o excelente trabalho do 1.º Tenente Ruben A. Ramirez, do Exército daquela República amiga, relativo à infantaria do ar. É um estudo metuculoso, claro, sincero e bem fundamentado que historia tôda a evolução dessa arma nova, que criou uma nova modalidade da manobra contra o flanco e a guarda do adversário, às quais veio acrescentar o "envolvimento vertical" dimensão. Embora datando de 1943, isto em nada prejudica a atualidade, no dizer do autor, desde que possibilita à infantaria atuar por do estudo, que ora divulgamos entre nossos leitores, pois, quando, desde seus primeiros ensaios, o emprêgo do paraquedismo na infantaria aêro-transportada, constitui valiosa contribuição para o processo evolutivo da nova arma, no seu triplice aspecto: organização, instrução e emprêgo tático. E dessa maneira seguindo os progressos rapidamente realizados no domínio dêsse novo meio de ação, poder-se-á inferir o que podem representar, no futuro, as possibilidades crescentes da nova arma, notadamente nos países de grande extensão territorial, pouco povoados e dotados de escassa rede de comunicações.

A infantaria do ar, por sua natureza, é moderna. A idéia é nossa. O "envolvimento do flanco direito" e "envolvimento do flanco esquerdo" são termos familiares, porém, "envolvimento vertical", é um sistema de manobra que não se ensina nas escolas militares. Este sistema utiliza a surpresa, o movimento, a massa e a ofensiva. Os obstáculos naturais quanto os artificiais, são transpostos com rapidez. A nova fôrma de envolvimento significa um ataque executado por tropas que utilizam armas terrestres, depois de haver aterrado em aviões, balões ou paraquedas.

Em dúvida, esta nova fôrma de ação constitui meio extremamente perigoso de fazer a guerra. É uma arma que proporciona ao Comando a oportunidade de levar sua poderosa influência ao interior do território inimigo e, também, tirar ou limitar-lhe a iniciativa, frente a ação dessas forças na retaguarda de suas linhas.

O emprego prático da infantaria do ar, foi perfeitamente demonstrado nas operações recentemente realizadas na Europa. A tática dos paraquedistas, pôde dizer-se, resistiu à prova de fogo da batalha moderna.

1) — DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO.

1) — *Evolução.*

A primeira notícia do emprego, na guerra, de um soldado operando de um avião, foi a da façanha realizada por um Tenente alemão, von Kessel, que, em outubro de 1916, desembarcou de um avião, quase a 80 quilômetros atrás da frente russa, destruiu por meio de cargas explosivas o ferro-carril de Kowno, em Brody, e foi recolhido 24 horas depois.

Também naquela guerra, na frente da Palestina, aviões alemães conseguiram, em várias oportunidades, aterrar detrás das linhas inglesas, causando-lhes sensíveis embaraços com a destruição de aquedutos, estações, chaves ferroviárias e linhas de comunicação.

Além desses empreendimentos, e um pouco antes do armistício, alguns oficiais italianos, aterrando em paraquedas na retaguarda austríaca, conseguiram informações mui valiosas para seu exército. As patrulhas de reconhecimento italianas lograram êxito completo desembarcando atrás das linhas inimigas.

Nos últimos meses da guerra de 1914-1918, os alemães iniciaram a organização, em maior escala, de tropas de desembarque aéreo, porém a terminação das operações impediu a execução dos seus planos.

São vários os exércitos que, depois de terminada a guerra, empregaram tropas transportadas em avião. A França, em suas operações em Marrocos, no ano de 1925, fez considerável uso deste meio de transporte. Os ingleses tiveram ocasião de empregar esse procedimento durante a repressão do motim dos kurdos, na ilha de Chipre, onde foram levadas, com pleno êxito, várias unidades de tropas. Mais tarde, no Iraque os ingleses transportaram um batalhão de infantaria completamente equipado, de Suez a Bagdá (1.200 kms.), o qual abastecido por muito tempo, por intermédio da mesma via de transporte. Durante as manobras aéreas norte-americanas, realizadas em 1931, empregaram-se grandes aviões para transportar o pessoal técnico das unidades aéreas.

Os aviões de transporte foram utilizados como tais, pela primeira vez na América do Sul, no ano 1933-1934, na Guerra do Chaco. Nessa campanha, utilizou-se o transporte aéreo unicamente para feridos; logo depois, estendeu-se às tropas e munições.

Na campanha da Abissínia, em 1935-1936, a Itália empregou transportes aéreos e as tropas paraquedistas com pleno êxito. Estas tropas ocuparam zonas favoráveis às descidas dos aviões que trouxeram tropas com seu armamento, equipamento e aprovisionamento. Isto realizou-se principalmente nas batalhas de Ascianghi e Tegenen, e na segunda batalha de Tembien, onde se abasteceram tropas importantes, por via aérea, com armamento, viveres, animais, aparelhos de rádio, etc., 1.035 toneladas de munição, 800 viveres e 30 de homens, foram conduzidos por aviões, algumas delas a uma distância de 800 kms., atravessando terrenos montanhosos, com elevações de 3.000 metros.⁵

Os russos foram os primeiros a fazer experiências de paraquedismo e aplicar a técnica em grande escala. Suas provas foram conhecidas pela primeira vez no mundo, ao realizar-se uma revista da força soviética, a 18 de agosto de 1933, quando 62 paraquedistas desceram simultaneamente de três grandes aviões de bombardeio. A posição civil russa seguiu o caminho iniciado pelas autoridades militares. Fez do paraquedismo um desporto nacional. Segundo alguns autores, a população jovem participou deste desporto com um entusiasmo quase fanático, tornando-se um espetáculo quase corrente ver-se em do ar várias centenas de paraquedistas. Póde-se afirmar, com certeza, que os russos sentem uma inclinação natural pelo paraquedismo, e o grande número de adeptos constitui enorme reserva para o Exército poderá dispor para formar os regimentos de infantaria aérea.

O primeiro emprego tático da infantaria aérea russa, efetuou-se em manobras realizadas na cidade de Kiev, em 1935. Nesses exercícios as forças vermelhas foram derrotadas (na Rússia, são sempre as forças vermelhas que derrotam as azuis). O Comando Azul, decidiu fazer um desembarque aéreo nas retaguardas inimigas num ponto situado a 20 quilômetros atrás da frente. Depois de garantir a proteção do desembarque, por meio de aviões de caça e bombardeio, uns grandes transportes chegaram com uma vanguarda de cerca de 100 paraquedistas, com a missão de proporcionar a segurança imediata do estacionamento. Estes homens foram lançados de 700 metros, mais tarde outros. Imediatamente depois de haver desembarcado a vanguarda, um segundo grupo de aviões lançou mais 600 paraquedistas, para constituir um primeiro escalão de defesa. Então, outras formações foram lançadas surgiram, trazendo o corpo principal da força. Estas chegaram em vagas sucessivas e, tão logo as tropas abandonavam o avião, eram retirados a fim de deixar livre o campo de aterragem à disposição da frente. Cada uma destas trazia 1.000 homens. Em meia hora se completara a operação de desembarque. Apoiadas pela aviação, essas tropas em número de 6.000 homens, lançaram-se ao ataque à reta-

guarda inimiga. Foram destruídos pontos vitais e instalações de importância militar. Comando Azul havia realizado seu propósito de produzir a confusão e a dispersão das tropas vermelhas.

A partir de então, efetuaram-se na Rússia, operações semelhantes com grande êxito.

No início da Guerra da Espanha, o General Franco utilizou a aviação para transporte do Corpo Expedicionário da África. Foram portaram-se 15.000 homens, uma bateria de 10,5 cm., com seus equipamentos, e 250 toneladas de cargas diversas, de Tetuan a Sevilla, Jerez de la Frontera, empregando unicamente cinco aviões Junkers Ju 52, que efetuaram quatro viagens diárias durante trinta dias. O domínio das águas do estreito de Gibraltar era exercido pelos navios vernamentais, decidindo, com esta operação, da sorte da Armada Ocidental, e correndo posteriormente em socorro de Granada, com meio idêntico, com assinalado êxito.

Deve-se igualmente, mencionar, como feito extraordinário, o abastecimento do Santuário de Nossa Senhora da Cabeça, durante nove meses, efetuado em 86 viagens realizadas pelo Capitão I com um avião Junkers Ju. 52.

Durante a ocupação da Albânia, pela Itália, foram transportados 3.000 homens em 150 aviões, num vôo que durou três horas, das bases italianas até Tirana, onde desembarcaram sem encontrar resistência.

Na ocupação da Áustria, em março de 1938, teve lugar a primeira atuação de paraquedistas alemães que, em número de 400, desembarcaram em Viena, Graz, Wels e Klagenfurth.

O mau tempo reinante durante a ocupação da Boêmia e da Polónia, em março de 1939, limitou o emprêgo deste meio de transporte, mas, apesar disso, foi levada a cabo uma importante ação deste género na região de Marisch Sheneberg.

2) — CAMPANHA DA POLÓNIA.

Nessa campanha, os paraquedistas foram muito empregados pelos alemães, que lançaram pequenos grupos de sabotadores e agentes do serviço secreto, os quais desapareciam rapidamente, misturando-se com a multidão. Dessa maneira executaram-se destruições metódicamente estudadas, em campos de aviação, linhas telefônicas e telefónicas, estações e vias férreas, estradas de rodagem, túneis e, especialmente, nas pontes sobre os rios Warta e Vístula. Em certas unidades do Exército, notadamente nas divisões blindadas, os alemães formaram grupos de operários especializados (mecânicos, químicos e eletricitas), e os adestraram no paraquedismo.

Como consequência da marcha das operações, tornou-se necessário abastecer as tropas mais avançadas, por meio de aviões.

transporte, que aterravam nas primeiras linhas, ou lançavam o material em paraquedas ou em planadores. Um esquadrilha desses aviões, a dar uma idéia do rendimento dos abastecimentos aéreos, transportou, num só dia, 45.000 litros de carburantes.

3) — GUERRA RUSSO — FINESA.

A campanha da Rússia contra a Finlândia não registra nenhum fato tático com o emprego dos paraquedistas. O primeiro emprego das tropas paraquedistas verificou-se no distrito de Petsamo, a 2 de dezembro de 1939. O ataque, indubitavelmente, não foi planejado em coordenação com a 2.^a seção do Estado Maior, pois o desembarque dos russos fez-se, justamente, onde os fineses os estavam esperando. A maioria dos soldados vermelhos foram mortos no ar, um por um, e as tropas finesas postas em ação pelo serviço de informações anti-aéreo; os restantes foram logo exterminados ao aterrar.

Posteriormente, os russos efetuaram outras tentativas de emprego das tropas paraquedistas, a última das quais teve lugar a 6 de fevereiro de 1940. Nessa ocasião, comprovou-se que os russos intentaram um raide com o objetivo de destruir uma ponte ferroviária, bem detrás das linhas finesas. Enviaram uma patrulha com esquis, que chegou rapidamente ao lugar onde os russos haviam aterrado e, em meia hora, a maior parte deles foram mortos ou aprisionados.

É lícito fazer-se uma pergunta lógica: se os russos haviam adequadamente tão grande quantidade de tropas no salto de aviões, como fôra anunciado, (aproximadamente 60.000 homens), por que as utilizaram de maneira tão limitada? Havia, sem dúvida, vias de abastecimento e bases que constituíam objetivos muito importantes, para serem destruídas. Entretanto, não se têm notícias de nenhuma tentativa em grande escala. pode dizer-se que a estação do ano não lhes foi propícia para o empreendimento dessa espécie de operações, de vez que o reconhecimento, baseado na carta, da zona escolhida para os lançamentos, teria de pouca utilidade, pois uma espessa camada de neve cobria todos os pontos do terreno, necessários para a orientação das tropas.

Por certo, a época do ano apresentava condições desfavoráveis. Mas, por acaso, o inverno será um impecilho à execução de operações militares? Por outro lado, isto pareceu não influir nas decisões dos comandantes que dirigiram a sangrenta campanha, que foi o ataque às linhas Mannerheim. Aí, os russos avançaram com um extraordinário conjunto de artilharia, aviões, tanques e homens. Em vista disso, cabe uma pergunta: não é razoável supor que, tendo feito tamanho gasto de material e homens, não se houvesse apresentado uma oportunidade para empregar paraquedistas em avultada quantidade?

4) — CAMPANHA DA NORUEGA.

Uma das características mais notáveis da invasão alemã na Noruega, foi o emprego de aviões para o transporte de tropas, armas e abastecimentos de toda a espécie. Ainda não é possível estabelecer com exatidão qual tenha sido o número de paraquedistas utilizados nesta campanha; sabe-se apenas, que 15.000 homens foram transportados por via aérea, e que 4.700 aviões, aproximadamente, cooperaram intimamente nas operações.

Tornou-se possível aos alemães, dessa maneira, apesar do gigantesco poderio naval inglês, trasladar tropas e ocupar bases, aeródromos e posições estratégicas, em poucas horas.

Os primeiros aeródromos ocupados pelos alemães foram Oslo, Vaernes e a base de hidro-aviões de Stavanger. Os três aeroportos de Oslo foram ocupados ao alvorecer do dia 9 de abril de 1940, por aviões de bombardeio, que destruíram os aviões e canhões anti-aéreos noruegueses, e abriram caminho às unidades de transporte. Enquanto milhares de aviões de combate estabeleciam um denso véu sobre o campo, os aviões de transporte aterravam numa média de cinco aviões a cada 30 segundos. Por esta maneira, no fim de uma hora, haviam desembarcado 3.000 homens, que conseguiram limpar rapidamente o terreno e ocupar o aeródromo. Na tarde desse mesmo dia, chegaram por via aérea o General von Falkenhorst, Comandante-Chefe de todas as forças que participaram dessa operação, que presidiu um desfile pelas ruas da Capital (253.000 habitantes), realizado por 1.500 soldados alemães.

Na Noruega, nos aeroportos cuja ocupação era necessária, lançou-se; primeiramente, um pequeno número de paraquedistas com missão unicamente, de dominar e garantir o campo de voo para os aviões de transporte que chegariam depois, e, cumprida esta missão aterravam estes, trazendo tropas e abastecimentos. Os aviões de transporte eram acompanhados por aviões de caça, de proteção imediata, e, além das armas apropriadas a sua defesa, dispunham ainda de metralhadoras leves e pesadas instaladas nas janelas. Em poucos minutos, efetuava-se o desembarque das tropas e a descarga do material, decolando os aviões imediatamente, a fim de ir receber nova carga, cedendo o local de aterragem aos que se sucediam. Desta maneira, os desembarques sucessivos não se interrompiam; transportavam-se, nas primeiras viagens, as unidades anti-aéreas que deviam garantir a proteção do aeródromo recentemente conquistado.

Assim puderam ocupar com presteza os aeródromos, transformá-los em cousa própria e nêles desembarcar grandes contingentes de tropas.

Em outras regiões da Noruega, foram cortadas as comunicações, ocupados e fortificados pontos quase inacessíveis das zonas montanhosas.

os. Em Narvik, as tropas alemãs foram abastecidas e reforçadas por meio de paraquedas, o que lhes permitiu garantir o domínio das posições até que os aliados se retiraram de Narvik.

A grande maioria das baixas alemãs nessa campanha, resultaram dos saltos executados de pequena altura, ou porque seus altímetros não estavam convenientemente calibrados.

O êxito dos paraquedistas alemãs na campanha da Noruega foi alcançado menos pela execução do que pela grande desproporção das forças, e pela desorganização da defesa; quanto à atividade aérea, o domínio dos alemães era esmagador.

5) — CAMPANHA DA HOLANDA.

É digna de realce, nesta campanha, a atuação da infantaria aérea contra os centros de comunicação da retaguarda, desorganizando e confundindo, desde o interior, a resistência oposta pelas frentes. Dessa maneira, as bases aéreas holandesas foram ocupadas, e depois utilizadas para aproximar a aviação de caça e combate, que pôde, então, atacar o inimigo pelas costas e bombardeá-lo por toda parte.

O método empregado para atacar Rotterdam, merece citação. O Waarlhaven, aeroporto dessa cidade, foi lançado um batalhão de paraquedistas, no dia 10 de maio de 1940, protegido por aviões de caça e bombardeio, depois de haver sido garantido o domínio do ar. No ataque contra o centro da cidade, o qual produziu 100.000 vítimas entre a população civil, e causou a destruição total, num raio de dois quilômetros. Conseguido o domínio do campo, depois de meia hora de combate, os aviões de combate começaram a aterrar, desembarcando centenas de homens. Outras tropas desceram de vários hidro-aviões, que haviam pousado no rio, perto da cidade. Os paraquedistas conquistaram logo uma pequena ponte do rio Maas, que garantia as comunicações com a cidade e, ao mesmo tempo, de Moerbrug, abrindo as tropas o caminho para Rotterdam, pelo sul. As aeronaves continuaram durante os dias 11 e 12, conseguindo-se desembarcar, ao entardecer do último dia, uma divisão de cerca de 5.000 homens, que garantiu o controle do aeroporto e da maioria dos pontos estratégicos da cidade.

As colunas alemãs que saíram de Venlo, no sudoeste da Holanda, para Rotterdam, chegaram a essa cidade a 14 de maio, e estabeleceram contato com os paraquedistas que haviam ocupado essa importante posição.

Outros contingentes desembarcaram em Katwijk, Schweningen e Vassenar, dominaram a zona de Dordrecht, e impediram que forças holandesas consideráveis pudessem cooperar nas operações com os aliados.

O primeiro emprêgo de planadores, para fins militares, efetuou-se nessa campanha. Alguns dêles, transportando 5 ou 6 homens completamente equipados e armados, aterraram nas proximidades das pontes, represas, em aeródromos, etc, e dêles se apoderaram por surpresa. Esses planadores foram soltos por aviões que os haviam recolhido pouco antes do amanhecer e, evoluindo ao redor dos objetivos dos quais seus tripulantes deviam apoderar-se, aterraram ainda durante o crepúsculo matinal no aeródromo ou ponte, que ocuparam militarmente, surpreendendo, dessa maneira, as tropas que as defendiam.

As patrulhas motorizadas holandesas não eram muito numerosas e as comunicações revelaram sérias deficiências, e não existia a necessária coordenação das providências defensivas que as circunstâncias exigiam. Por outro lado, não podendo essas forças motorizadas atuar fora dos caminhos fracassaram no intento de atacar os núcleos de paraquedistas que se iam formando.

A aterragem de hidro-aviões de transporte, em massa, tanto nos aeródromos, auto-pistas e terrenos planos, como nas costas e rios interior da Holanda, produziu terrível impressão moral entre a população civil.

Refere um oficial holandês : "... Os alemães vieram com seus gigantescos aviões, e uns cinco ou seis dêstes aterraram nas orlas de Katwijk e Scheweningen, ao mesmo tempo que outros cinco aterravam nas cercanias de Ijmuiden. Eram Junkers para o transporte de tropas. Simultaneamente, os paraquedistas ocupavam os aeródromos militares mais importantes, enquanto os aviões de transporte, carregados de tropas, aterravam incessantemente ...". "Jamais se acreditara que fôra possível empregar paraquedistas, com êxito, num país tão densamente povoado como a Holanda."

"Os resultados desse novíssimo meio de combate nas campanhas da Polônia e da Noruega, foram excelentes pois o efeito moral causado pela aterragem de centenas de paraquedistas foi contundente para as tropas holandesas, que não conseguiram estabelecer-se firmemente em lugar nenhum. Quanto a mim, pessoalmente, não dormi mais de duas horas, nos cinco dias que durou a resistência holandesa. Se houvesse continuado a guerra por um pouco mais de tempo, o Exército holandês teria caído exausto".

Quando na madrugada de dez de maio, os paraquedistas do batalhão do 1.º regimento de "Fallschirm-Jäger", comandado pelo tenente Schulz, se lançaram de cem metros de altura, em cima do aeródromo de Rotterdam, a paisagem com a qual depararam lhes era completamente familiar, porque todos êles haviam visto nas cartas e nas aéreas fotografias o aeródromo e seus arredores, com a localização minuciosa das defesas, dos obstáculos e das vias de acesso. A ação dessas tropas permitiu que desembarcasse, mais tarde, 800 infantes (Luftland).

ppen) comandados pelo tenente-coronel Kolitz, equipados com canhões de 37 mm. contra-carros, e metralhadoras anti-aéreas de 20 mm., os quais organizaram rapidamente a defesa do aeródromo de Melsbroek; e a prova disso foi que, quando as forças aéreas inglesas tentaram bombardear aquêlo campo, os oito primeiros "Bristol-Blenheim" foram abatidos pela defesa anti-aérea.

6 — CAMPANHA DA BÉLGICA E DA FRANÇA

As ações dos paraquedistas nessa campanha, foram, muito reduzidas. A tentativa feita pelos alemães, de desembarcarem tropas de paraquedistas sem o lançamento preliminar de paraquedistas, não produziu, na Bélgica, os resultados alcançados na Noruega e Holanda. Vários aeródromos haviam sido bloqueados por automóveis que constituíram uma espécie de barreira, anteposta aos aviões alemães que tentaram penetrar durante a obscuridade, antes do alvorecer.

Os pequenos grupos de paraquedistas que desceram na Bélgica e na França, foram exterminados rapidamente por destacamentos de tropas móveis que operavam em diversas zonas do território. Utilizavam-se largamente caminhões e automóveis para transportar aquelas tropas, obtendo-se, dessa maneira, grande rapidez de ação.

O feito mais significativo dessa campanha foi, possivelmente, a captura do forte Eben Emael, chave da linha fortificada belga. Em poucos dias, após a transposição da fronteira pelos alemães, os alemães, com 100 oficiais e soldados, que compunham a guarnição, abandonaram as fortificações e renderam-se.

Essas fortificações situavam-se numa meseta que dominava tôdas as vias de acesso ao rio Mosa e ao canal Alberto. Este forte, que era considerado como um dos mais modernos, compunha-se de 20 casamatas que ocupavam uma área de 2.500 metros quadrados, constituída de chapas de aço e concreto armado; comunicavam-se entre si por meio de galerias subterrâneas. Pensavam os peritos militares, que as fortificações de Eben Emael não se poderiam tomar de assalto.

Ao alvorecer do dia 10 de maio de 1940, a poderosa máquina bélica alemã se pôs em marcha e cruzou as fronteiras dos Países-Baixos. Os aviões de bombardeio em picada, durante tôda a manhã, bateram as fortificações belgas e, especialmente, o forte Eben Emael. Ao meio-dia, uma esquadrilha de aviões de transporte lançou 50 paraquedistas, que aterraram no centro das defesas de Eben Emael, entrincheiraram-se nos buracos abertos pelas bombas, perto das fortificações e ficaram a relativa segurança, graças aos ângulos mortos de tiro dos canhões.

Embora não haja informações exatas é quase certo, porém, que os invasores tenham utilizado, também nesta operação, planadores e helicópteros, para o transporte e desembarque de tropas.

Ao entardecer do mesmo dia, os paraquedistas estabeleceram comunicação sem fio com as outras forças e, em particular, com o batalhão de sapadores de destruição, comandado pelo major Portsteffen. Este batalhão estava singularmente reforçado, pois era acompanhado por uma companhia de infantaria, uma bateria de canhões anti-aérea de 20 mm. e um destacamento de especialistas em guerra química.

A 11 de maio, ao amanhecer, os sapadores avançaram, de cobertura a cobertura, enquanto os paraquedistas se ocupavam em dificultar o funcionamento dos canhões, por meio de cortinas de fumaça, e disparavam, a curta distância, as pistolas automáticas, lançando, ao mesmo tempo, granadas de mão, contra as canhoneiras das casamatas. As tropas comandadas pelo major Portsteffen conseguiram ligar-se com os paraquedistas, 24 horas depois que estes haviam desembarcado.

A ação principal contra os fortes teve lugar quando os lanças-chamas cobriram com seus jorros de fogo as canhoneiras e respiradouros, e iniciaram a demolição sistemática das casamatas, torres, portas, juntas, observatórios e ventiladores dos fortes. As cargas de trinitrotolueno eram colocadas a mão, por meio de longas rampas de madeira, ou eram lançadas como granadas de mão, fazendo ruído pelos ares, muitas vezes, os lançadores. Eram devastadores os efeitos causados no interior das torres, e não é de admirar que os artilheiros houvessem declarado mais tarde: "De repente nossos canhões deixaram de funcionar".

Nas primeiras horas da tarde de 11 de maio, a fortaleza de El Emael rendeu-se. Fôra vencida pela ação combinada dos paraquedistas e dos sapadores de destruição, armas que o invasor soube utilizar com eficácia demolidora.

7) — CAMPANHA DA GRÉCIA.

As operações da infantaria do ar culminaram com a conquista de Creta, primeira operação executada exclusivamente com meios aéreos, ou transportados pelo ar.

Sem o auxílio de armas pesadas, carecendo de comunicações marítimas e terrestres, e sem meios de transporte, a pequena força de infantaria aérea foi levada à vitória, contando unicamente com o apoio da aviação.

Antes de iniciar a operação, os aparelhos alemães de reconhecimento sobrevoaram a ilha durante mais de 15 dias, com o fim de obter aérofotografias, e poder assim, localizar as baterias da defesa aérea. Toda a organização defensiva: defesas costeiras, ninhos de metralhadoras, acampamentos, aeródromos, depósitos de munição, carburantes, etc., foram perfeitamente localizados, o que permitiu organizar a carta militar da ilha. Entregaram-se cópias dessa carta aos comandantes de formações aéreas, oficiais das tropas paraquedistas.

e da infantaria aéro-transportada, conhecendo todos, e minuciosamente, as missões que deviam cumprir.

As forças invasoras achavam-se sob o comando direto do General *...*, comandante da 4.^a Esquadra Aérea, contando-se entre as figuras principais que o secundaram, o General de Aviação Student, que mandava poderosas unidades de infantaria aérea e tropas de montanha, e o General Richthofen, comandante do VIII Corpo Aéreo.

Ao alvorecer de 30 de maio de 1941, poderosas esquadrilhas de aviões bombardearam tôdas as instalações militares da ilha e às 9 horas, já os alemães dominavam o ar sobre Creta. Antes que os defensores conseguissem restabelecer a coesão, apareceram os aviões de transporte, em formações de mais ou menos 15 aparelhos cada uma, deixaram cair, de pequena altura, centenas de paraquedistas, que travaram uma série de combates com os defensores.

O ataque foi unicamente dirigido contra os seguintes pontos:

- 1) O aeródromo de Maleme;
- 2) A cidade de Canea;
- 3) O aeródromo e a cidade de Rethymnon;
- 4) O aeródromo e a cidade de Candia.

Simultaneamente, surgiram os planadores rebocados, carregados com tropas, os quais eram desengatados à medida que se aproximavam dos objetivos assinalados. Sendo de 30 a 40 km. por hora sua velocidade mínima, puderam aterrizar nos lugares mais variados da ilha.

Durante todo o decorrer do dia, travou-se na ilha uma série de combates locais, de resultados assaz incertos. No oeste, os paraquedistas que desembarcaram, sofreram perdas avaliadas em 40% dos efectivos. Na baía de Suda, numerosos grupos de paraquedistas foram obrigados a render-se, ao se encontrarem cercados por forças superiores. Nos bairros contíguos a Candia, os tanques leves gregos obrigaram os alemães a se retraírem para os bosques e montanhas próximas. No amanhecer de 21 de maio, os invasores dominavam as seguintes zonas:

- 1) Zonas vizinhas do aeródromo de Rethymnon e Candia;
- 2) Zonas vizinhas da cidade de Canea;
- 3) O aeródromo de Maleme.

A ordem recebida pelos alemães era apoderar-se, mesmo a custo de grandes perdas, do aeródromo de Maleme, onde sua situação era extremamente precária, porque os ingleses continuavam a controlar o espaço com artilharia postada nas alturas vizinhas. Na tarde desse mesmo dia, os Junkers Ju. 52 começaram a aterrizar no aeródromo de Maleme, debaixo de fogo continuo dos canhões ingleses. A narrativa de um oficial britânico revela que os doze primeiros aviões que tentaram aterrizar, foram destruídos, fato que não os deteve, pois continuou a chegar um avião de três em três minutos, de maneira ininterrupta. No fim do dia, aterraram mais de 400 aviões, das 10 às 19 horas e 30.

As pistas de aterragem eram alvo constante de bombas e gradadas, o que obrigava os sapadores alemães a efetuar continuas operações, sem evitar, entretanto, que muitos aviões se destroçassem ao aterrar, em algum buraco, ou que se chocasse com os que anteriormente haviam sido aviados ou destruídos.

No fim desse segundo dia, o I Btd. do 85.º Regimento de Infantaria de Montanha havia conseguido desembarcar, e sua missão consistia em eliminar a artilharia inglesa que varria o aeródromo de Marleme. Muito cedo, na manhã do dia 23, estas tropas conseguiram reduzir ao silêncio a artilharia inimiga e ocupar totalmente o aeródromo, o que constituiu a ação decisiva dessa campanha. O batalhão citado protegeu a ala direita de um regimento de montanha que avançou até Canca, conseguindo ligar-se com os grupos isolados que ameaçavam a baía de Suda, no dia 25 de maio. No dia 28, a posição de Canca foi submetida pelos alemães.

Os grupos de paraquedistas que se defendiam a leste e a oeste de Rethymnon depois de haverem resistido desesperadamente durante dez dias, foram socorridos por um destacamento de perseguição que chegou àquela cidade no dia 29 de maio. Esta unidade contava com um batalhão de motocicletas, um batalhão de reconhecimento de montanha, várias baterias de artilharia de montanha, um pelotão de tanques e uma seção de engenharia.

Poucos dias depois, os alemães ocuparam totalmente a ilha, apesar da resistência oposta pelos ingleses e gregos, obrigando-os a evacuar os restos das divisões que guarneciam a ilha, infligindo-lhe elevadas perdas navais e terrestres. Nessa campanha os invasores utilizaram 1.000 aviões, dos quais 200 foram abatidos.

Esta batalha de Creta é uma batalha clássica, porque nela se viu o poder aéreo constituído em força militar completa e capaz de operar por si só.

Pela primeira vez, na História Militar, a infantaria transportada por aviões e planadores conquistou uma ilha, apesar do domínio marítimo pertencer ao adversário.

9) — AÇÃO DE PARAQUEDISTAS NA AMÉRICA DO SUL

A única operação levada a cabo pela infantaria do ar nesta parte do Continente, foi executada por um grupo de paraquedistas peruanos durante o conflito com o Equador que, no dia 31 de julho de 1941, ocupou o porto de Bolívar, pertencente a este último país.

10) — AÇÕES NA GUERRA DO PACÍFICO.

Os japoneses, nas ações do Pacífico, lançaram pequenos grupos de paraquedistas durante as operações realizadas na Maláia, e na conquista das Índias Orientais Holandesas, os quais foram aniquilados ou aprisionados pelo inimigo.

11) — GUERRA GERMANO — RUSSA.

Nessa campanha os paraquedistas alemães não conseguiram reproduzir os êxitos alcançados na Noruega, Holanda e Creta.

Os primeiros lançamentos de paraquedistas, efetuados pelos alemães com o objetivo de capturar as ilhas de Dagoe e Oesel, pertencentes à Estônia, terminaram por um completo fracasso.

Mais tarde, e com o propósito de forçar o passo do Dnieper, os alemães utilizaram em maior escala as tropas paraquedistas, cuja influência no êxito foi, entretanto, muito reduzida, por causa do emprego combinado da artilharia e da aviação.

Ao pretender desorganizar a retaguarda das tropas soviéticas no setor de Viazma, fracassaram novamente os paraquedistas, que sofreram perdas elevadíssimas. Mais ao norte, com o fim de apoiar o ataque na região de Kalinin e através do curso superior do Volga, os alemães lançaram paraquedistas detrás das linhas vermelhas, mas foram rapidamente aniquilados.

Durante a batalha de Moscou, num desesperado afã por vencer a resistência russa, os alemães empregaram milhares de paraquedistas na retaguarda dos defensores, sem o menor êxito, de vez que muitos foram mortos no ar e os que conseguiram aterrar caíram prisioneiros.

No mês de maio de 1942, os alemães utilizaram os paraquedistas com fins defensivos, para socorrer as tropas cercadas, na batalha de Kharkov.

No sítio de Stalingrado, para socorrer tropas cercadas, trataram de enviar-lhes alimentos e oficiais por via aérea, mas a aviação russa, que exercia ativa vigilância, empregou todos os meios para acabar com este processo de comunicação. Conquanto os alemães fizessem escoltar esses transportes, utilizando numerosos grupos de aviões de caça, fracassaram as tentativas, com pesadas baixas, inflingidas pelos russos; até 19 de dezembro de 1942, as perdas ascenderam a mais de 400 aviões de transporte.

Ao findar-se o ano de 1941, empregando pequenos grupos de paraquedistas, conseguiram os russos fazer saltarem algumas pontes e perturbaram as comunicações e abastecimentos dos invasores.

Mais tarde, em ligações com patrulhas de cavalaria e destacamentos de guerrilheiros, aos quais abasteciam com toda a sorte de elementos, operaram na retaguarda dos alemães, obrigando-os a distrair, permanentemente, consideráveis contingentes de tropas.

O fracasso das ações realizadas por grandes efetivos de tropas nessa campanha, resultou da organização perfeita das comunicações de ambos os beligerantes e da vigilância e mobilidade das tropas encarregadas de combatê-los, bem como da participação ativa da população civil.

II — ORGANIZAÇÃO DO PESSOAL E MATERIAL.

Atendendo a que a ação dos paraquedistas deve desenvolver-se com summa rapidez, sua organização deve dar-lhes grande mobilidade e extraordinária potência de fogo, que lhes faculte a conquista e ocupação imediatas dos objetivos indicados. Em geral, pode dizer-se que a potência de fogo de uma arma é proporcional a seu peso, e que este é contrário à facilidade de transporte. Um fuzil metralhador de cano curto e de pequeno calibre, reúne as condições exigidas, e deverá ser, na maior parte dos casos, o armamento individual dos paraquedistas, porque permite considerável rapidez de tiro e não prejudica a presteza do transporte e do municionamento.

Tanto nas operações ofensivas quanto nas defensivas, os paraquedistas devem dispor de abundante aprovisionamento de granadas e de outros meios de combate aproximado.

Há também necessidade de que estas tropas contem com morteiros leves, metralhadoras e canhões de acompanhamento, de pequeno calibre, a fim de facilitar-lhes a ação contra tôdas as resistências que o inimigo possa opôr-lhes.

Dado o caráter das missões que essas tropas devem executar, a organização de seus grupos e seções só admite um número reduzido de homens, para que sua direção seja constante e eficaz. A seção, que há de ser a primeira unidade heterogênea, constituir-se-á de dois grupos de atiradores e um morteiro. De maneira análoga, a companhia será integrada por três seções, levando-se sempre em conta, como princípio de organização do comando, que ninguém deve atender a mais de quatro sub-unidades que lhe estejam diretamente subordinadas.

O batalhão deverá compor-se de três companhias de atiradores, metralhadoras, morteiros e canhões contra-carros, a fim de que o comando possa exercer sua influência com o fogo e com o emprêgo da reserva, com o objetivo de garantir a progressão no ataque e completar a barreira de fogos nas missões de resistência. Uma companhia de metralhadoras de três seções, de quatro peças, e outra de igual número de canhões contra-carros, serão suficientes para satisfazer as necessidades do batalhão.

Devendo conhecer-se, a qualquer momento, a situação das tropas desembarcadas, e sendo necessário garantir a ação do comando, até nos lugares mais afastados, estas unidades deverão ser providas de toda a espécie de meios de transmissão tais como rádios, bicicletas dobráveis, pombos correios e todos os elementos que contribuam para estabelecer ligação perfeita, tanto com a unidade imediatamente superior quanto com as que sejam diretamente subordinadas.

Em resumo, o batalhão, unidade tática por excelência, compor-se-á de:

- a) 3 cias. de atiradores, com meios de transmissão próprios;
- b) 1 cia. de metralhadoras;
- c) 1 seção de canhões de pequeno calibre;
- d) 1 seção de morteiros;
- e) 1 seção de transmissões;
- f) 1 seção de especialistas;
- g) trens de combate e subsistência;
- h) elementos de serviço de saúde.

O efetivo desses batalhões será de cerca de 700 homens. O agrupamento de três batalhões, mais uma cia. de sapadores, constituirão um regimento, aproximadamente de 3.000 homens.

A variedade das missões das tropas de infantaria aérea, exige variedade de equipamento e de armamento de cada uma delas. Estas tropas devam ser providas de armas automáticas leves; granadas de mão, morteiros, meios de transmissão e, além disso, ferramentas, explosivos, lança-chamas munição perfurante, luminosa e incendiária. Os uniformes devem ser de tipo especial, notadamente no que se refere a capacetes, perneiras e calçados.

Transcrevemos a seguir, a organização que algumas nações deram à infantaria do ar.

1) ALEMANHA.

Nesse país, a criação de unidades de paraquedistas, com forma orgânica, teve lugar desde os fins de 1938, quando o Exército do Ar alemão constituiu a 7.^a Divisão Aérea, sediada em Berlim, e cujo comandante era também Inspetor da infantaria do ar, e das tropas de paraquedistas. Esta divisão reunia todas as formações da infantaria aérea e dispunha dos meios de transporte correspondentes a estes efetivos. Na realidade, foi no ano de 1935 que se formou o primeiro corpo de paraquedistas, denominado "Fallschirm-Jäger", sob a direção do Tenente-General Wecks, então chefe de polícia do Partido Nacional-socialista.

Já no ano de 1939, tinha essa nação 15.000 paraquedistas organizados em regimentos de quatro batalhões cada um. Esses batalhões organizavam-se da seguinte maneira:

- a) um estado-maior;
- b) três companhias de atiradores de 200 homens cada uma, divididas em três seções, cada qual disposta de:
 - 6 metralhadoras leves;
 - 3 morteiros de 50 mm.;
 - 1 fuzil contra-carros;
- c) 1 companhia pesada composta de:
 - 1 seção de morteiros de 81 mm., de três peças,
 - 1 seção de três canhões contra-carros,

- 1 seção de dois canhões de infantaria, ou montanha,
 1 seção de sapadores;
 c) 1 companhia de metralhadoras pesadas, de três seções
 quatro peças cada uma.

Além disso, existem unidades especiais de artilharia de montanha, contra-carros e sapadores.

Não obstante, a organização e o armamento são variáveis segundo a natureza das missões que devem cumprir. Assim, por exemplo, os paraquedistas que aterraram em Dombas, (Noruega) organizavam-se em pequenas companhias, aptas para operar em montanhas, e cujas seções eram constituídas por grupos de cinco homens cada um. A maior parte destes dispunha de bicicletas dobráveis e algumas motocicletas. Nessa mesma campanha, na região de Narvik foram lançados vários canhões de montanha desmontáveis, que proporcionaram à tropa uma certa proteção de artilharia.

Os paraquedistas cuja missão consistia em operar nas cidades e centros populosos, são providos de ferramentas que lhes facilitam executá-las nos terraços e telhados das casas. Tesouras especiais para cortar chapas de ferro e uma pequena picareta são ferramentas de equipamento "standard" dessa classe de paraquedistas. Levam, além disso, uma corda de seda, com um gancho em forma de âncora, destinada a descer aos edifícios mais baixos, ou à rua.

Um dos perigos mais comuns a que se acham expostos os paraquedistas, é sua vulnerabilidade enquanto efetuam a descida. Os alemães já conseguiram diminuí-lo mediante uma cortina de fumaça que o próprio paraquedista pode desprender durante a descida. É interessante notar que os fuzis empregados são um tipo inteiramente novo, providos de alça luminosa, que permite utilizá-lo na obscuridade.

Para o transporte, tanto das unidades de paraquedistas, como de infantaria aérea de desembarque, os alemães dispõem de centenas de aviões Junkers Ju. 52, 86 e 90, e também de aviões Fokker-Wulf Condor. O tipo mais adequado verificou-se ser o Ju. 52 trimotor que pode conduzir até 20 homens completamente equipados. Dentro da fuzilagem, é possível transportar um canhão anti-aéreo, uma motocicleta com side-car ou qualquer outro objeto de tamanho equivalente. O Ju. 52 quadrimotor, pode transportar 40 homens com seu armamento completo. Afirmam informações precedentes de Paris, que as forças alemães dispõem de aviões capazes de transportar carros leves e blindados, de pequenas dimensões. Atualmente (1943), a fábrica Messerschmidt está construindo um novo tipo de avião de transporte com seis motores, que poderá conduzir 130 homens equipados e armados.

Para o deslocamento de tropas de desembarque aéreo, dispõem igualmente os alemães de grandes planadores que são levados a rebo-

ue pelos aviões de transporte. O planador "standard" alemão é apenas um pouco menor do que o Junker Ju. 52, e pode transportar de 10 a 22 homens e receber sua consagração na conquista de Creta. Nesta operação, chegavam à ilha em vagas de 2 a 6, rebocados pelos Ju. 52 em trem de fila indiana, que, por outro lado, é a solução aerodinâmica mais aceitável. Segundo as últimas informações (1943), os alemães dispõem de um novo planador, o Gotha Go. 242, que, com dois tripulantes, pode conduzir 21 soldados completamente equipados, e é capaz de aterrar com velocidade de 75 m. por minuto, isto é, no ritmo do passo normal de um homem, o que dá uma idéia da absoluta segurança que oferece durante a descida. Segundo notícias procedentes de Portugal, está se organizando na Alemanha uma seção de hidro-planadores, sob a direção da Organização Jachtmann, filial do N. S. F. K.

2) — RÚSSIA.

Esse país foi o primeiro a tratar, há muito tempo, do problema do adestramento no salto com paraquedas, de maneira integral. Inculcou, continuamente, na massa da população civil e, de preferência na juventude, o hábito de lançar-se em paraquedas.

Visando o desenvolvimento da aviação e da química, instalou na Capital russa, desde 31 de maio de 1933, a Escola Superior de Paraquedismo; a fim de formar instrutores paraquedistas. Com este objetivo, construiu a grande torre de lançamento no famoso "Parque de Cultura e Repouso", em Moscou, e outras nas cidades industriais da União Soviética.

Com o fim de realizar investigações e experiências nessa classe de saltos, criou-se um laboratório especial de paraquedismo no aeródromo de Touchino, perto da Capital. O Diretor da Escola Superior de Paraquedismo, o célebre Machkovsky, construiu nesse laboratório um dispositivo que reproduz exatamente tôdas as fases da descida, e que dispõe, além disso, de uma perspectiva reduzida do aeródromo, com todos os seus sinais, para acostumar os que executam o salto, a guiar-se por eles antes de tocar em terra.

Em 1935, fundaram-se 379 associações para o desenvolvimento desse desporto, as quais dispunham de 490 torres. Só a Liga Juvenil Comunista, equipou 20.000 paraquedistas civis, que efetuaram durante aquêle ano 16.000 saltos de avião, e 800.000 das torres. Foi também projetada a fundação de uma cidade para paraquedistas, nas cercanias de Moscou, onde estes podiam viver e exercitar-se de maneira intensa e continuada.

A Associação "Ossoaviaklim", ao criar em 1940 doze novas Escolas, para o adestramento de paraquedistas, determinou que somente

poderiam inscrever-se pessoas cuja idade não fôsse menor de 18 anos nem maior de 23. Ainda assim, declarava-se que teriam preferência:

- 1) Condutores de veículos ou mecânicos, operários de rádio e radiotelegrafistas;
- 2) Os que soubessem falar idiomas estrangeiros;
- 3) Os que possuíssem conhecimentos de química.

Essa sociedade tinha, em 1942, 1.600 escolas para pilotos de planadores.

2) ALEMANHA.

A escola mais importante da Alemanha, destinada a tropas paraquedistas, é a de Stendal, que é também a sede do 1.º Regimento de Caçadores Paraquedistas. A idade de inscrição foi fixada dos 18 aos 23 anos, e a duração mínima do serviço, em dois anos. Os candidatos, em regra voluntários, devem ser solteiros, de estatura compreendida entre 1.60 e 1.85 metros, e ser aprovados num severo "test" mental, e num rigoroso exame de suas aptidões físicas e psíquicas.

Depois de receberem uma instrução de quatro meses, como infantas, seguem os cursos teóricos e práticos durante oito semanas. As informações que se têm dessa Escola, indicam que, desde muito tempo, não se registra nenhum acidente mortal.

Por outro lado, há cursos especiais que permitem adestrar preceptores e comandantes de manobras de descida. Os primeiros, são encarregados da instrução teórica e prática, e fiscalizam rigorosamente o dobramento e o empacotamento dos paraquedas. Os segundos, dirigem, a bordo dos aviões, as manobras para o lançamento, e fixam o lugar e hora em que este se executará.

Como é natural, antes de efetuar saltos dos aviões em vôo, os alunos são submetidos a numerosos exercícios físicos e técnicos, de preparação para os saltos e a aterragem. Com êste fim, os galpões de Stendal dispõem de tôdas as instalações necessárias tais como: grandes mesas para dobragem de paraquedas, suspensores e paraquedas mantidos a certa altura, trampolins, piso acolchoado, fuzilagens de velhos aviões, etc.

O sistema de adestramento alemão distingue-se dos adotados em outros países, porque dizem que as condições de descida de uma torre diferem tanto de um "lançamento livre", que a experiência adquirida nela é de pouco valor.

O curso de instrução com paraquedas é dividido em quatro etapas principais:

- 1) Salto;
- 2) Descida;
- 3) Aterragem;
- 4) Construção, manejo e conservação do paraquedas.

A parte mais importante do adestramento é a que corresponde a aterragem.

Cada um dos alunos deve efetuar seis descidas. A primeira, executa-se de uma altura maior que a comum, a fim de dar-lhes tempo para observar tôdas as fases do salto, e para que adquiram uma certa experiência. Em tôdas essas práticas, recebe instruções de seu chefe de seção por meio de megafones. Um dos lançamentos deve realizar-se de noite, ou durante o crepúsculo, e outro deve ser seguido de um exercício de tiro, para que o paraquedista se habitue a entrar em ação imediatamente após a aterragem.

Em março de 1941, os paraquedistas alemães efetuaram operações de aterragem em grande escala na cidade de Bromberg, na Prússia Oriental. Ordenou-se que a parte leste da cidade fosse evacuada completamente pela população civil, com o pretexto de que era necessário alojar os alemães que haviam sido repatriados dos países bálticos. A zona escolhida ficou totalmente isolada do resto da cidade e passou à inteira disposição das autoridades alemãs de aviação.

Um fato significativo é que, antes da declaração de guerra à Rússia, altos chefes alemães efetuavam prolongadas visitas à Rússia Soviética, com o objetivo de estudar detidamente a tática e a estratégia da arma aérea russa. Entre êsses oficiais superiores, figurou o General Student, comandante das tropas paraquedistas que realizaram mais tarde a conquista da ilha de Creta, e bem assim o General Keller, que teve notável atuação nas operações da arma aérea alemã na frente Oriental.

3) ITALIA.

Nessa nação, que imprimiu ao paraquedismo um desenvolvimento considerável, criou, em data recente, uma Escola de grande importância para o adestramento dessas tropas. Os candidatos são voluntários que, antes de seu ingresso, têm que passar por um rigoroso exame médico, executado por especialistas em psicofisiologia. Os aptos iniciam a instrução, primeiramente, em terra, quando se lhes ensinam os saltos, descidas, aterragens, etc. Para tais fins, idearam-se aparelhos especiais, de onde se efetuam todos êsses exercícios.

Cumprida esta parte do adestramento, passam a executar saltos dos aviões em vôo, primeiro, individualmente, depois, em grupos, e por fim em unidades maiores.

Ao término desses exercícios, os homens passam a fazer parte das unidades de paraquedistas do Exército Italiano.

É interessante notar que todo o pessoal dessa Escola, instrutores, médicos, capelães, etc. são obrigados a exercitar-se em lançamento das torres, e mesmo de aviões, sem cujo requisito são afastados do estabelecimento.

4) ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE.

O Exército desse país impõe requisitos muito severos aos paraquedistas. Os candidatos devem ser solteiros, menores de 30 anos, apresentar condições físicas excelentes e equilíbrio emocional bem caracterizado.

Serão declarados aptos para esse serviço os homens que não tenham mais de 1.82 m. de estatura, e o peso não deve exceder de 85 kg. Exige-se a visão mínima de 20-40 sem correção. São eliminados os candidatos de pés chatos, que não tenham a mobilidade normal em tôdas as articulações, que possuam musculatura pouco desenvolvida ou desigual, e que demonstrem escassez de coordenação. Constitui também, motivo de exclusão, a pressão de sistole, no sangue, maior que 140, ou de diástole excedente de 90. Serão igualmente eliminados os homens em cuja história clínica se registre o sofrimento de dores crônicas, fraturas recentes, ou antigas com deformação, deslocamentos recorrentes, enfermidades graves recentes, operações ou doenças crônicas.

Os homens incorporados nas escolas de paraquedistas, são aperfeiçoados fisicamente, durante um período de seis semanas, mediante uma série de exercícios extremamente rudes. Têm que acostumar-se aos saltos em terra, a dar saltos mortais para diante e para trás; a fim de se habituarem a cair com uma impulsão para a frente, são levados num carro, e soltados repentinamente.

A etapa dos adestramentos em terra compreende saltos de plataformas e de tôrres. Os primeiros são executados de uma plataforma, a dois metros do solo, simulando o salto do avião, e tendo os suspensórios colocados. Aprendem a cair apoiados nas plantas dos pés, de maneira que o peso se distribua igualmente pelas pernas, que devem conservar-se abertos de uma largura de ombros. Ao tocar a terra, o homem deve inclinar-se, para a frente, disposto de maneira que o choque se reparta entre os tornozelos e os joelhos.

A essa instrução, seguem-se os saltos de tórre, executando-se, os primeiros, com velocidade reduzida, em paraquedas cujos movimentos são guiados por dois cabos laterais. Mais tarde, depois que o aluno houver adquirido confiança, aumenta-se a velocidade até à de queda livre, suprimindo-se os cabos laterais. O salto se efetua de cerca de 75 m., e o paraquedista cai num colchão de molas.

Depois de executar nove descidas do alto da tórre, o aluno é atado horizontalmente aos suspensórios do paraquedas, é içado à altura de 50 m. e, quando se lhe faz um sinal, puxa a corda do paraquedas, efetua uma descida livre de 5 m, que lhe permite retomar a posição vertical. Com o fim de experimentar-lhe os nervos, o aspirante segura uma pequena bola de borracha na mão esquerda e, se deixá-la cair, indica falta do necessário domínio de si mesmo.

Depois de passar por tôdas essas provas, o paraquedista inicia o vôo do avião, tendo realizado antes vários vôos, nos quais o instrutor lhe deu diversas indicações a fim de habituá-lo mentalmente ao trabalho, e prepará-lo psicologicamente para êle.

Quando um homem se nega a dar o primeiro salto, volta ao seu antigo lugar, sem que isto o prejudique em sua carreira militar; quando, porém, já tiver efetuado meia-dúzia de saltos, qualquer negativa em realizar outros é considerada como desobediência, sendo, portanto, punido na conformidade das leis militares.

O aluno não sai para o exterior do avião, nem se lança de cabeça para baixo; dá um salto. Primeiramente, afasta os pés, segura os ombros da porta, inclina-se, e salta, manobrando com os pés e as mãos, de maneira a conservar a posição vertical. A corrente de ar produzida pela hélice, faz com que êle dê uma meia-volta e fique de costas para a pôpa do avião, enquanto procura com a mão direita agarrar o cordão do paraquedas de reserva e, se conservar os olhos abertos, poderá ver passar, por cima da cabeça, a cauda do avião.

Alguns metros antes de aterrar, o paraquedista enteza fortemente as cordas e suspende o corpo, a fim de amortecer a queda. Flexiona suavemente os joelhos. Se o vento fôr forte, e sentir-se arrastado para a queda diagonal, trata de aterrar mediante uma pequena volta. Quando o paraquedas toca em terra, deve fechar o paraquedas e correr até colocar-se entre êste e o vento, desfazendo rapidamente as correias.

Tôda esta longa aprendizagem se completa com exercícios de combate e prática de tiro, realizados em terrenos variados, tanto de dia como à noite, e em condições atmosféricas diferentes.

V — EMPRÊGO.

Avantagem principal da ação das tropas paraquedistas, reside na máxima rapidez e na surpresa.

No tocante ao emprêgo da infantaria do ar, distinguem-se dois conceitos fundamentais:

- a) Emprêgo das tropas, mediante a utilização do paraquedas;
- b) Emprêgo das tropas transportadas por aviões.

Em regra, o lançamento dos paraquedistas deve preceder as tropas transportadas por via aérea; cumprê-lhes ocupar os campos de aterragem destinados aos aviões transportadores.

Entre as missões que a infantaria do ar pôde cumprir, ressaltam as seguintes:

- 1) Ataques na zona de profundidade do inimigo, a fim de perturbar suas linhas de comunicação e os reaprovisionamentos;
- 2) Manter abertos às próprias tropas, ou barrados ao inimigo, certos desfiladeiros ou passos, das zonas montanhosas, e ocupar pontos do terreno que tenham grande importância militar.

- 3) Cortar, ou retardar, o movimento das reservas do inimigo e facilitar a ação das próprias.
- 4) Atacar as organizações terrestres das forças aéreas inimigas.
- 5) Ataques aos flancos e retaguardas do adversário, quando houver sofrido perdas consideráveis de homens e material.
- 6) Reforçar as próprias tropas.
- 7) Emprêgo de grandes efetivos na ocupação de territórios inimigos.
- 8) Apoderar-se, manter e utilizar por tôdas as maneiras, de localidades ou instalações de importância tática, em combinação com forças militares ou navais, ou antecipadamente à chegada destas.
- 9) Executar missões de destruição e desmoralização, com o fim de auxiliar e tirar o maior proveito dos êxitos obtidos por meio de aviões ou de tropas terrestres.
- 10) Para indicar à aviação, mediante sinais convencionados, os alvos importantes, e a situação das próprias tropas em terreno e para criar confusão e desordem entre as tropas e os civis inimigos.

Estas missões se executam com o maior proveito quando se dispõem das seguintes condições favoráveis ao emprêgo daquelas tropas:

- 1) Domínio do ar, embora somente local.
- 2) Ausência, ou organização deficiente da defesa anti-aérea inimiga.
- 3) Desembarque em território cujos habitantes possam estar em condições de auxiliar as tropas paraquedistas, fornecendo-lhes alimentos, informações, etc.
- 4) Desembarque na retaguarda de um inimigo derrotado.
- 5) Circunstâncias favoráveis ao cumprimento da missão, relativas ao terreno e ao estado atmosférico.

Indubitavelmente, as tropas paraquedistas têm desvantagens e inconvenientes que limitam sua eficácia, podendo-se mencionar as seguintes:

- 1) Ausência completa de defesa do paraquedista.
- 2) A desordem inicial, durante a aterragem.
- 3) Falta de mobilidade após o desembarque.
- 4) Carência de armas de apoio, exceção feita da aviação.
- 5) A dificuldade de reaprovisionamento.

A falta completa de defesa do paraquedista durante a descida reduz sensivelmente sua poderosa ação, sobretudo se considerarmos que o tempo empregado para chegar à terra é relativamente longo.

Entretanto, o meio adequado para eliminar essa desvantagem, é reduzir o tempo de descida, o que se consegue retardando a abertura do paraquedas, até à altura de 100 m., pouco mais ou menos.

A maior dificuldade é, talvez, o aprisionamento e o reforço dessa classe de tropas. Para que a força principal possa desembarcar suas unidades, é mister proteger bem a rota. Enquanto a superioridade aérea for mantida, o problema do abastecimento não apresenta grandes dificuldades; quando, porém, o inimigo conquista o domínio do ar, embora parcialmente, e as comunicações e aprovisionamentos não interceptados, a situação dos homens em terra torna-se muito precária, à proporção que o tempo passa. Sem elementos para construir obstáculos e posições, e dispondo de limitado número de instrumentos de sapa, as medidas defensivas que os paraquedistas podem tomar, reduzem-se muito.

1) EMPRÉGO NO CAMPO TÁTICO.

No campo tático, a infantaria do ar pode empregar-se em grandes unidades ou em pequenos grupos, sob um comando único, ou independentes entre si. Estas tropas recebem missões muito variadas e numerosas, porque podem exercer rapidamente seu esforço e poder na retaguarda das tropas inimigas. Indicam-se, mais adiante, quais são as missões mais correntes que os paraquedistas e as tropas aérot transportadas podem executar, nas diversas fases do combate.

a) NO ATAQUE.

Atacando de surpresa, e constituindo ninhos de resistência, ou destruindo pontes, obras de arte, etc., essas tropas dificultarão o movimento das reservas do adversário, a fim de que os reforços não cheguem ao campo de batalha ou, pelo menos, não o atinjam em tempo oportuno.

Os postos de comando das grandes unidades constituem objetivos de considerável importância, porque sua destruição causará confusão e desordem nas unidades subordinadas.

De igual passo, as colunas de aprovisionamento, os depósitos de carburantes, munições e víveres, atacados e destruídos, criarão sérios problemas para o adversário, obrigando-o a destruir uma parte de suas reservas para proteger a zona da retaguarda.

No ataque das zonas fortemente defendidas ou fortificadas, o emprégo das tropas paraquedistas pode obter um efeito decisivo. Aterrando por trás das linhas inimigas, ajudam a romper a frente e a aproveitar essa vantagem, atacando as fortificações pela retaguarda, mediante destacamentos organizados e preparados especialmente para esse fim, como aconteceu na conquista do forte Eben Emael.

Além disso a infantaria do ar pode, ainda, ser empregada para tomar e manter importantes cabeças de ponte, para a transposição de rios, e em operações de desembarque.

b) NA DEFESA.

Na defesa, a missão dessas tropas é, igualmente, de grande importância. Quando a natureza do terreno é favorável, os grupos de paraquedistas providos de explosivos e de outros elementos de destruição, podem aterrar em pontos distantes, através dos quais o inimigo é obrigado a passar para atacar. A ação audaciosa e o sacrifício dos paraquedistas pode retardar a atividade do inimigo, o que será de vital importância para o êxito das operações. Estas tropas podem ser empregadas, além disso, para socorrer, substituir ou reforçar unidades isoladas ou enfraquecidas.

c) NA PERSEGUIÇÃO.

O emprêgo da infantaria do ar pode contribuir, de maneira decisiva, para o êxito da perseguição, tal como a aviação de ataque e a cavalaria do exército. O alcance e a rapidez de seus meios de transporte, lhe permitem, enquanto o inimigo inicia o desferramento e a retirada, ocupar pontos críticos em sua retaguarda, ou ainda, adiantar-se e apoderar-se de outros que lhe interceptem a retirada, tais como: pontes, lugares de embarque, caminhos, vias-férreas, etc. A captura de pessoas e desfiladeiros desorganiza as providências adotadas pelo inimigo para facilitar o desferramento e a retirada em ordem das tropas, e contribui para sua desmoralização e confusão. Contando com o apôio de forças de aviação de combate consideráveis, ou paraquedistas podem conseguir interromper, ou entorpecer ao máximo, o movimento dos que se retiram, até que cheguem tropas blindadas e motorizadas mais poderosas, as quais, atacando e isolando as testas das colunas em retirada, podem converter esta num desastre e determinar o aniquilamento completo das forças adversárias.

d) NA RETIRADA.

É na retirada que essas tropas, mediante resistências desesperadas, e cumprindo missões de sacrifício, tratarão de impedir que o inimigo execute uma perseguição paralela e ultrapasse as próprias tropas. De igual maneira, interceptando ou dificultando o movimento das reservas do inimigo, aliviarão a pressão exercida sobre as tropas amigas, de vez que pequenos grupos de paraquedistas podem ser suficientes para bloquear estradas, destruir pontes, ou, seja como fôr, retardar a progressão do inimigo.

e) NA GUERRA DE MONTANHA.

Nesta classe de operações, notadamente, certos pontos são apenas acessíveis pelo ar, e a ocupação dos mesmos, ainda quando por pequenas forças, pode ser de grande importância.

7) NAS OPERAÇÕES DE DESEMBARQUE.

Um litoral extenso, com numerosos portos e lagunas, proporciona grandes facilidades a esta espécie de operações. Os porta-aviões e aviões equipados com catapultas, oferecerão aos paraquedistas os meios necessários ao seu deslocamento e lançamento nos pontos críticos das vias de comunicação do inimigo.

A operação de desembarque pode ser precedida pela execução de bombardeios aéreos e navais das defesas do porto; desembarques auxiliares ou simulados em outros portos próximos; neutralização das defesas anti-aéreas, notadamente no centro de gravidade do dispositivo; destruição de obras de arte nas vias-férreas, quer por meio de bombas de avião, quer por paraquedistas ou, ainda, por tropas aéro-transportadas que utilizem algum campo eventual, próximo do lugar onde se executam as destruições.

2) EMPRÊGO NA ZONA DO INTERIOR.

No zona da retaguarda do inimigo, as operações da infantaria do ar apresentam duas características diferentes: uma, as ações de caráter tático, e outra, as missões de "sabotagem" e com fins informativos.

Entre as ações de caráter tático, uma das mais comuns e importantes, é o ataque e ocupação dos aeródromos do adversário, a fim de permitir a aterragem dos aviões transportadores de tropas.

Entre as segundas, pode citar-se, em primeiro lugar, a destruição de túneis, pontes, terraplanagens, chaves ferroviárias, portos, molhes, diques, etc.

As ações de cunho informativo, compreendem o lançamento de espões, que deverão recolher no território inimigo as informações necessárias ao comando, e tôdas quantas possam ser de alguma utilidade para o desenvolvimento das operações.

3) PROCESSOS DE COMBATE DA INFANTARIA DO AR.

A intervenção dessas tropas deve ser cuidadosa e minuciosamente preparada, executada por surpresa e rapidamente, com o apoio da aviação. As fases das operações levadas a cabo por essas tropas, em geral, são as seguintes:

a) RECONHECIMENTO.

Faz-se mister executar o reconhecimento prévio, minucioso e completo da zona de operações, especialmente dos objetivos que se quer ocupar ou destruir, dos pontos de reunião dos paraquedistas e

dos lugares de aterragem das formações da aviação de transporte. São igualmente necessárias as informações colhidas pelos espiões, respeito das forças inimigas próximas e da atitude provável da população civil.

Utilizam-se a aviação de informação e os levantamentos aéreos fotográficos para determinar a localização e a importância de qualquer organização defensiva, e se a zona é adequada à aterragem.

Os campos de aterragem e os pontos de reunião, devem ser escolhidos o mais perto possível dos objetivos fixados, a fim de diminuir ao máximo, o tempo que separa a aterragem das tropas paraquedistas de sua entrada em ação. Esses locais não devem ser escolhidos nem demasiado longe das bases de partida, nem tão perto da frente inimiga que permite ao adversário contrapor-se aos efeitos do ataque, ou anular a ação dos paraquedistas.

Além dessas condições, a zona escolhida deve proporcionar, inicialmente, uma extensão suficiente para a aterragem dos aviões, e facilidades de defesa em prol de sua conservação e manutenção.

b) DADOS METEOROLÓGICOS E DO TERRENO.

O momento oportuno para iniciar e levar a cabo essas operações, subordina-se às condições atmosféricas, sendo de grande importância a informação meteorológica para o emprêgo dessas unidades. A predição do tempo deve compreender não só o momento em que se executará a operação como também o lapso de tempo que se julgue indispensável para que as tropas desembarcadas possam garantir-se em suas posições e proteger a chegada de maiores efetivos.

Os ventos fortes, ou o salto de pequena altura, aumentam o perigo dos lançamentos, e podem causar baixas que enfraqueçam a força moral das tropas. Em compensação, os ventos fortes reduzem a extensão necessária para a aterragem dos aviões, e aumentam, consequentemente, as zonas aptas para isto. A pouca visibilidade e as nuvens baixas, diminuem a eficácia das operações dessa natureza.

c) SEGURANÇA.

O emprêgo dos paraquedistas exige o domínio do ar, suficientemente prolongado para garantir-lhes proteção eficaz durante a viagem e depois da aterragem. Os pontos de embarque e desembarque, na própria zona, devem ser protegidos pela artilharia anti-aérea, peças contra-carros e aviação de caça.

Obtem-se a segurança durante o voo, constituindo formações protegidas por aviões de caça, ou dispersando os aviões, de maneira a aproveitar as condições de má visibilidade.

d) APOIO E PROTEÇÃO.

O apoio da infantaria do ar requer coordenação e controle pessoais. É necessário que a força aérea execute operações especiais, a fim de evitar qualquer ação aérea inimiga, tanto durante o voo, como antes da aterragem.

Em primeiro lugar essas operações da aviação devem impedir a organização e a chegada de reforços destinados a rechazar e anular a aterragem mediante o bombardeio dos locais mais distantes, onde se encontrem tropas inimigas que possam ser empregadas nessa missão, bem como das rotas de acesso ao local da luta.

Antes de executar o desembarque, pode ser preciso realizar um ataque aéreo preliminar, com o fim de destruir e desorganizar as defesas locais, notadamente a artilharia anti-aérea e a artilharia de campanha, cujo tiro consiga bater o campo de aterragem.

A proteção imediata caberá à aviação de caça, que atacará as formações inimigas que atuem no sentido de impedir a aterragem e sua proteção, impedindo, assim, que as forças inimigas se concentrem ou contra-ataquem.

e) ATERRAGEM E OCUPAÇÃO DO OBJETIVO.

Para obter o melhor resultado, deve-se aproveitar as oportunidades de aterrizar por surpresa. Quando isto for impossível, será necessário submeter a zona escolhida para as aterragens, e suas cercanias, a intenso bombardeio aéreo preliminar, com o fim de neutralizar o fogo das armas anti-aéreas, anulando e desmoralizando a defesa.

Terminado o bombardeio, os paraquedistas lançam-se sobre os objetivos, ocupam a zona de aterragem, garantem-na, estabelecendo postos avançados em pontos importantes dos arredores. Ao mesmo tempo que chegam outros paraquedistas, removem-se as obstruções do campo, a fim de permitir a aterragem dos aviões de transporte. Suspende-se todo o trânsito nas imediações do local de aterragem, erguem-se barricadas nos caminhos e interrompe-se qualquer meio de comunicações locais.

Logo que as tropas paraquedistas hajam garantido e limpo as zonas de aterragem, inicia-se o desembarque da infantaria aérea transportada, cujas primeiras frações ampliam e aprofundam os postos avançados já estabelecidos. As metralhadoras anti-aéreas, que se transportam nos primeiros aviões, são postas rapidamente em posição, a fim de proteger a zona de aterragem contra possíveis ataques aéreos.

Requisitam-se todos os veículos, para proporcionar às tropas os meios indispensáveis à rápida mobilidade de seu pessoal.

Enquanto se dispuzer de tempo, estabelecem-se os serviços de aprovisionamento e evacuações de toda a espécie, sem esquecer que a zona ocupada será o único ponto de contato com o resto das tropas amigas.

É imprescindível, finalmente, garantir o perfeito funcionamento das comunicações, a fim de que o Comando conheça, desde o primeiro instante, a situação verdadeira das tropas, os lugares conquistados, as resistências encontradas, etc.

XI. DEFESA CONTRA A INFANTARIA DO AR.

Sendo a surpresa e a rapidez, as características das ações levadas a cabo por essas tropas, a defesa contra elas nunca terá o tempo suficiente para apreciar a situação e planejar providências apropriadas devendo existir, em consequência, um plano adequado, preparado com a necessária antecipação, para ser posto em execução automaticamente. A organização defensiva deficiente dos aeródromos noruegueses, holandeses e belgas, foi uma das causas que possibilitaram às tropas paraquedistas alemãs ocupar e preparar esses objetivos para o desembarque das forças principais transportadas por aviões.

Pequenas forças podem defender objetivos vitais, e especialmente aeródromos, desde que providas dos equipamentos e armamentos modernos, instaladas em posições permanentes bem disfarçadas, empregando um efetivo reduzido, armado com metralhadoras e canhões contra-carros. Duas ou três dessas posições serão suficientes para destruir, em cooperação a infantaria do ar ou, pelo menos entrar em ação e resistir até à chegada das unidades móveis, encarregadas de anular qualquer esforço inimigo para desembarcar.

As metralhadoras constituem a base da defesa organizada contra os paraquedistas, e seus fogos devem cobrir completamente o campo de aterragem e as zonas circunvizinhas.

Os veículos blindados, mantidos sob cobertas, e afastados dos alvos que o inimigo atacará possivelmente, serão de incalculável valor para neutralizar os primeiros desembarques e, atuando com sua rapidez e em cooperação com tropas transportadas em caminhões, poderão destruir forças paraquedistas numericamente superiores.

Nos aeródromos adotam-se, também, providências especiais no sentido de bloquear os campos de aterragem, e bem assim, as estradas e zonas próximas; a execução deve ser simples e pronta. Um dos processos mais rápidos, é lançar mão de automóveis velhos, máquinas etc. A excavação de valas ou trincheiras constitui obstáculo considerável para a aterragem de aviões.

Na defesa terrestre, é de capital importância organizar o serviço de alarma, que deve estar em ligação com a rede de informações anti-aérea de todo o território.

As unidades destinadas á defesa devem constituir parte orgânica das forças aéreas; seu Comando deve dispor de um sistema de observação que lhe faculte indicar, com precisão, os pontos de descida dos paraquedistas e, dessa maneira, poder enviar rapidamente grupos de tropas para qualquer desses pontos.

Igualmente, nesses casos, patrulhas de cavalaria, numerosas e bem distribuídas, e para as quais não existem embaraços nas zonas de trânsito precário, podem cooperar com eficácia, perturbando a formação de fortes núcleos de paraquedistas, até que cheguem as forças principais.

As primeiras providências a adotar contra a infantaria do ar são a alçada da aviação. Dotada de poderoso armamento e grande velocidade, a aviação, graças à sua ação e mobilidade prontas, quando empregada em ligação com as tropas móveis, pode representar um papel importantíssimo na destruição dos paraquedistas inimigos. Executando sua missão principal, que é a conquista do domínio do ar, a aviação elimina tôdas as possibilidades de desembarque inimigo.

A execução de operações de desembarque aéreo, compreende uma série de providências. Nestas se incluem: o reconhecimento da zona de desembarque; a destruição da aviação estacionada nos aeródromos localizados nas proximidades do lugar escolhido; a concentração de destacamentos de desembarque nos campos de aviação, de onde partirá a operação; o vôo até o ponto de aterragem ou de lançamento dos paraquedistas; o lançamento destes, a aterragem dos aviões e, finalmente, a entrada em ação dessas forças. A enumeração anterior determina, conseqüentemente, a natureza das ações contra a infantaria do ar.

Durante a fase em que o inimigo inicia o reconhecimento e efetua os preparativos para realizar os desembarques, os aviões de caça deverão destruir os de reconhecimento, em combate aéreo. Ao mesmo tempo, os aviões de caça, os de bombardeio picado e horizontal, atacarão as bases aéreas inimigas em que se iniciaram os preparativos da operação, destruindo os aviões, tropas e armamentos nelas existentes.

No decurso do transporte da infantaria do ar, a aviação entra em ação contra os caças inimigos, particularmente os que protegem essas forças, atacando os grandes aviões de transporte, carregados de homens e equipamentos militares.

Mais tarde, quando se efetua o lançamento ou a aterragem dos aviões, bem como durante a concentração e a ação dessas forças, depois de desembarcadas, a aviação ataca, do ar, as máquinas e tropas inimigas, com o fim de destruir e aniquilar o destacamento de desembarque.

A ação contra a infantaria do ar inimiga deve ser levada a cabo por pequenos grupos de 3 a 10 aviões, a principio, de baixa altura, e

também com ataques em picada, empregando bombas pequenas, fragmentação, e fogo de canhões e metralhadoras. Os resultados mais eficazes são obtidos mediante uma ação intensa no momento em que o inimigo começa a desembarcar, e enquanto os grupos de paraquedistas não houverem tido tempo para cobrir-se e organizar sua defesa anti-aérea.

Além das missões indicadas anteriormente, a força aérea pode ser utilizada no transporte de unidade terrestres para as zonas em que o inimigo intente atuar com suas forças.

Comprovada, dessa maneira, a necessidade de toda a espécie de providências defensivas contra a infantaria do ar, convém frisar que sua execução só alcançará êxito, quando previstas com antecedência, organizados e preparados todos os elementos ofensivos e defensivos e quando todo o pessoal, e os diversos Comandos, houverem sido adequadamente treinados em exercícios especiais e contínuos.

CONCLUSÃO.

Examinado o conjunto do que está escrito neste artigo, vê-se que as possibilidades da infantaria do ar são bastante amplas, notadamente nos países de grande extensão territorial, e contra um adversário não preparado para a luta.

Entretanto, as operações levadas a cabo pelos paraquedistas podem ser neutralizadas em territórios densamente povoados, e providos de abundantes meios terrestres e aéreos.

Estas tropas constituem, na atualidade, a reserva mais móvel e o recurso mais eficaz de que dispõe um exército para socorrer tropas sitiadas ou cercadas.

Na América do Sul, sendo muito reduzido o número de aviões de transporte e de bombardeio que qualquer Nação poderá distrair para o emprêgo da infantaria do ar, é bem possível que suas ações se limitem às missões de sabotagem, obtenção de informações e, notadamente, ocupação de aeródromo.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

"*Revista de Publicações Navais*" (Argentina): — Regulamentação das tropas paraquedistas e da infantaria aérea. A defesa terrestre dos aeródromos pelo Major R. E. Smyser. Rações Militares, (Revista da Marinha, Perú). A conquista de Creta, pelo Major Paulo W. Thompson. Características dos planadores para o transporte de tropas (The Aeroplane, Inglaterra). Condições para o ingresso no corpo de paraquedistas (Army and Navy Journal. EE. UU. da América do Norte). Aspectos gerais da guerra atual na Europa, por Cesar da Fonseca

ra do forte Eben Emael. (U. S. Naval Institute Proceedings, EE. UU. da América do Norte). Armamento das tropas paraquedistas (U. S. Naval Institute Proceedings, EE. UU. da América do Norte). Primeiro Regimento de Caças Paraquedistas do Stendhal (Boletim de Informações. França). Adestramento no paraquedismo (Revista de Art. e Eng. Itália)

Command and General Staff School Military Review. (Estados Unidos da América do Norte.) : — Adestramento no paraquedismo. Infantaria do ar e ação a ela, pelo Cap. V. Nikolsky (Krasnaya Zvezda. Prússia). o equipamento paraquedistas. A campanha da Noruega, pelo Ten. Cel. E. M. Benitez. Guerra sírio-turca, pelo Cap. M. R. Kammerer. Guerra europeia, pelo Cap. M. R. Kammerer. Tropas paraquedistas, pelo General Niessel (A França Militar. França). Tropas aéreas de desembarque, pelo Cel. Lozovoy Shevchenko (Krasnaya Zvezda. Prússia). Cooperação entre os paraquedistas, a aviação e a infantaria, pelo General Geron (A França Militar. França).

Boletim de Informações Aeronáuticas (Argentina) : — Os paraquedistas e tropas aéreas de desembarque, pelo Cel. V. Guarner. Tropas de aterragem. Major Nilo Guerreiro. A batalha de Creta: Uma ilha conquistada pela aviação de transporte, pelo Ten. Cel. F. Villalba. Unidades de planadores, pelo Ten. Cel. Luiz G. Vitória. A aviação é um fator primordial na defesa, pelo Cel. V. Guarner. As tropas aéreas, pelo Cap. Carl T. Schmidt. Defesa contra a infantaria do ar, pelo General Jesús Garza Siller.

Revista Militar (Argentina) : — Defesa contra a infantaria do ar, pelo comandante B. A infantaria aérea, pelo Cap. H. Civati. Tropas paraquedistas, pelo Ten. Cel. L. F. Contreras Toro. Stalingrado, pelo Ten. General Alexis von Schwarzenberg (Anexo à Revista Militar). Proteção de uma base aérea ou de um aeródromo de pouso, pelo Cap. H. Civati.

Coast Artillery Journal (Estados Unidos da América do Norte) — Instrução e adestramento da infantaria do ar. Lições de uma "blitzkrieg", pelo Major General Rowan-Robinson. A guerra relâmpago contra os aliados, por Quentin Roosevelt.

Revista de Informações (Argentina) : — Transporte de uma unidade de infantaria do ar e lançamento em paraquedas, pelo subtenente C. Chevalier. Embalo e recreio das tropas paraquedistas, pelo Ten. Cel. Walter Leon. A aviação na guerra atual, pelo Major C. R. Ojeda.

Revista da Defesa Nacional (França) : — A aviação na guerra da Finlândia. O papel da aviação alemã na campanha da Polónia.

Biblioteca do Oficial (Argentina) : — A cavalaria na era da mecanização, pelo Ten. Cel. José Maria Menéndez.

Tiro e Ginástica (Argentina) : — Transporte aéreo de tropas, por J. C. Lederhill.

Revista do Sub-oficial do Exército (Argentina) — Paraquedismo, pelo Cmt. J. Saenz Aranaz.

Revista Aérea (América do Norte) : — Treinamento de paraquedistas por S. R. Winters.

Infantry Journal (América do Norte) : — Como caiu a inexpugnável fortaleza belga, pelo Ten. Cel. Paul V. Thompson.

The Marine Corps Gazette (América do Norte) : — Tropas paraquedistas, pelo Cap. John A. White.

Aero-Digest (América do Norte) : — Tropas paraquedistas na guerra moderna, por Floyd Smith.

Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações

HOSPITAIS DA ZONA DE COMBATE

Cap. Dr. Teodoro Pereira de Melo

SEÇÃO I

HOSPITAIS DE EVACUAÇÃO

124. — GENERALIDADES. — Os hospitais de evacuação são elementos orgânicos de exército, sob as ordens de cujo quartel-general funcionam. Às vêzes, podem operar sob o controle de corpo de exército. São de dois tipos: o semimóvel de 400 leitos e o de 750 leitos; o primeiro tem meios de transporte suficientes para locomover-se por tropas; o último só os possui para uso administrativo. Os hospitais



Fig. 82 — Barraca usada para hospitais móveis. Póde ser aumentada por juxtaposição de várias barracas de enfermaria.

de evacuação funcionam em socorro direto das divisões empenhadas na linha de frente, constituindo o terceiro escalão do serviço de saúde. Recebem os pacientes dos postos de triagem de divisão, corpo de exército ou exército. Os hospitais de 750 leitos são distribuídos ao exército na proporção de um por três divisões; os 400 leitos, na razão de um por divisão.

HOSPITAL DE EVACUAÇÃO SEMIMÓVEL

125. — ORGANIZAÇÃO (V. fig. 83 e TOE 8-581). — Constituído naturalmente de três grandes subdivisões: estado-maior, seções administrativas e seções técnicas. Cada seção é diretamente subordinada ao comandante.

126. — FUNÇÕES. a. *Generalidades*. — O hospital de evacuação semimóvel é unidade móvel, cujas funções consistem em:

(1) Oferecer recursos técnicos, para o tratamento completo das baixas, o mais próximo possível da linha de frente. Os pacientes são recebidos dos postos de triagem de divisão, corpos de exército; permanecem hospitalizados, desde algumas horas até algumas semanas, segundo as perdas-saúde prováveis, ordens de movimento, vagas disponíveis e situações táticas.

(2) Oferecer meios satisfatórios para a concentração do maior número possível de baixas, cuja localização permita a evacuação, em massa, em comboios de ambulâncias motorizadas, em trens, navios ou aeronaves hospitalares, economicamente.

(3) Continuar a triagem das baixas em condições mais favoráveis à observação, removendo-as da cadeia de evacuação, si estiverem ou prontamente venham estar aptas para o efetivo serviço.

(4) Preparar as baixas para as longas evacuações para os hospitais gerais localizados muito à retaguarda.

b. *Particularidades*. (1) *Estado-maior*. (a) — O comandante do hospital, oficial do Corpo de Saúde, é o responsável, perante o comandante ou chefe do serviço de saúde do exército, segundo as disposições regulamentares pela administração, disciplina, instrução e pelo emprêgo tático do hospital, em tôdas as situações. Classifica o pessoal dentro do hospital, como lhe parecer conveniente ao serviço, transferindo-o de seções, quando julgar oportuno. Sem interferir em minúcias, exerce a necessária fiscalização sobre os subordinados, para obter o êxito das turmas organizadas. Mantém ligação permanente com o chefe do serviço de saúde de exército sobre a situação, a instalação e a movimentação do hospital; a afluência de pacientes, as necessidades de trens hospitalares, de turmas cirúrgicas de am-

lâncias. Prevê a possibilidade de amplificar de momento o hospital, em ocasiões críticas, e de movimentá-lo repentinamente para a frente e a retaguarda. Estabelece critério administrativo e define os processos operatórios a adotar, fazendo a previsão do pessoal necessário. Mantém estreita ligação pessoal, sempre que puder, com o chefe do serviço de saúde de exército, com o médico regulador e com os membros dos estados-maiores geral e especial, cujas atividades compreendem evacuação e aprovisionamento.

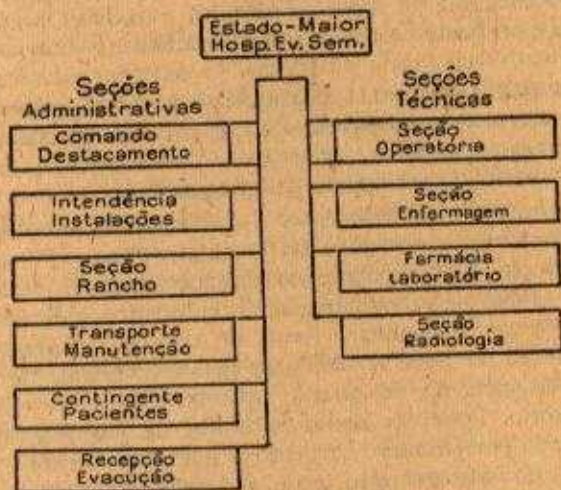


Fig. 83-Organização do Hospital de evacuação semimóvel

(b) *Subcomandante*. — É o assistente imediato do comandante na administração do hospital; e desempenha também outros encargos que lhe forem cometidos.

(c) *Capelão*. — V. TM 16-205.

(d) *Ajudante*. — Exerce as atribuições que lhe forem delegadas pelo comandante; quer de caráter administrativo, como recebimento e expedição de ordens, arquivos, controle do centro de ligação, apresto do diário de campanha; quer na qualidade de encarregado do pessoal (oficiais) e chefe dos bombeiros.

(e) *Enfermeira-chefe*. — Entende-se diretamente com o comandante. Distribue as enfermeiras nas salas de operação, nas enfermarias, nas seções de recepção e de evacuação, proporcionalmente às necessidades. As enfermeiras são responsáveis pelos métodos de enfermagem e dietas especiais adotados, nas várias enfermarias e seções, sob o controle dos respectivos oficiais médicos.

(f) *Médico-inspetor*. — Um oficial, além dos seus encargos normais, pode ser designado médico-inspetor (VAR. 40-270). Justamente com as inspeções propriamente sanitárias, pode também inspecionar o hospital periodicamente, verificando si a conservação dos narcóticos, a pontualidade dos registos das enfermarias e a exactidão das outras exigências regulamentares estão sendo cumpridas satisfatoriamente.

(2) *Seções administrativas*. (a) *Contingente de pacientes*. Esta seção, comandada por um oficial, auxiliado por subtenente, encarregada do registo de todos os doentes e feridos, preparando documentação pertinente, como o mapa estatístico, o mapa de doentes e feridos e o mapa diário de baixas. O seu comandante, o oficial contador (registrar), comanda o contingente de pacientes, quando é organizado, sendo o responsável pelo registo, pelo fardamento, pelos valores e pela disciplina a elles referentes. Nem sempre, pela falta de tempo, é organizado o contingente de pacientes.

(b) *Comando do destacamento*. — Esta seção constitui o comando do destacamento de saúde do hospital (praças); sendo o comandante da seção o comandante do destacamento de saúde, que habitualmente oficial de administração do corpo de saúde, encarregado da administração, disciplina e escala de serviço das praças do destacamento, cuja instrução lhe pode ser delegada pelo comandante do hospital. Comanda o destacamento de guarda, quando elle é da competência do estabelecimento. Pode ser nomeado oficial de planos e instruções no que é ajudado por primeiro sargento e um escrevente. O sargento aprovisionador do destacamento pode ser escalado para tratar dos assuntos pertinentes, na seção de intendência. Subseção de rancho às ordens do sargento do rancho, pode funcionar em conjunto com a seção de rancho do hospital, sob a chefia do oficial encarregado preparando a alimentação para os pacientes, as praças, os oficiais e enfermeiros (V. (d) abaixo). O comandante deste destacamento diretamente responsável perante o comandante do hospital.

(c) *Recepção e evacuação*.

1. *Subseção de recepção*.

a) *Pessoal*. — A subseção conta com oficial do corpo de saúde e certo número de praças; poderá dispor de enfermeiras. Os padioleiros, em condições normais, devem ser igualmente distribuídos entre esta e a subseção de evacuação; mas podem, nas ocasiões críticas, atender conjuntamente cada uma das subseções sucessivamente. O grupo inteiro dos padioleiros pode ser chefiado por único sargento, ficando a padiolagem a qualquer das seções, quando requisitada pelos respectivos comandantes.

b) *Funções*. — São deveres da subseção de recepção:

1) Recebimento dos pacientes que chegam.

2) Exame e triagem dos pacientes e sua distribuição pelas seções enfermarias. Morfina e soro podem ser administrados.

3) Início dos registos de campanha: modelos WD AGO 8-27 e 8-28, de conformidade com o AR 40-1025.

4) Manutenção de registo de todos os pacientes baixados, seus diagnósticos, etc.; e participação destes dados ao oficial contador do contingente de pacientes.

5) Conferência dos valores dos pacientes, cujos recibos devem ser passados, enviando os referidos valores à guarda do oficial contador. Os recibos serão apensos à demais documentação de saúde dos pacientes.

6) Conforme o critério adotado, reter o fardamento e o equipamento dos pacientes ou encaminhá-los a representante da dependência de aprovisionamento. Si o tempo e a situação permitirem, o fardamento e o equipamento serão cuidadosamente arrolados e rotulados com os nomes dos pacientes e das respectivas unidades, acompanhando-os ou não, segundo as disposições tomadas e as exigências da situação tática, si eles forem evacuados. Geralmente o tempo disponível obriga que o fardamento e o equipamento do paciente fiquem com ele na enfermaria.

7) Distribuição de roupa hospitalar aos pacientes baixados, o que pode ser feito na enfermaria, quando se tratar de casos graves ou quando houver grande afluência de baixas.

8) Observação, nos documentos do paciente, de omissões importantes sobre tratamento.

9) Encaminhamento dos pacientes às enfermarias, às seções ou às dependências convenientes.

10) Câmbio de material-carga, como padiolas, mantas aparelhos de fratura, etc., com as ambulâncias que chegam. Em pequena barraca, de paredes, próxima, devem ser guardados estes artigos para a necessária troca com os similares dos pacientes.

11) Desinfestação dos pacientes que ingressam, quando for preciso, para cujo fim existe equipamento de banho.

12) Instalação de dispensário para o pessoal do hospital. Posto antivenéreo pode ser instalado por esta seção ou pela subseção competente de doenças venéreas.

II. — Subseção de evacuação.

a) *Pessoal.* — Esta subseção conta com oficial e certo número de praças. Pode funcionar em estreito entrosamento com o contingente de pacientes, ficando sob as ordens do seu comandante, si o comandante do hospital julgar conveniente. Os pacientes são geralmente evacuados diretamente das enfermarias onde estiverem.

b) *Funções.* — São deveres da subseção de evacuação:

1) Tratar, junto ao comandante do hospital, dos assuntos concernentes a evacuação, que estejam em correlação com o chefe do serviço de saúde de exército ou qualquer membro do seu estado-maior.

2) Notificar devidamente aos médicos das enfermarias ou aos chefes das seções as chegadas e partidas dos meios de evacuação (aviões, trens, ambulâncias), mantendo em dia relação do número do tipo e da localização dos pacientes em condições de serem evacuados imediatamente.

3) Solicitar do comandante do contingente de pacientes e entregar ao oficial encarregado da evacuação quaisquer valores previamente depositados pelos pacientes a serem evacuados.

4) Verificar a exatidão e o estado de conservação das roupas, dos equipamentos e dos valores do hospital e de outra proveniência distribuídos aos pacientes a evacuar.

5) Fornecer pessoal para o transporte dos pacientes entre as enfermarias e os elementos das unidades evacuantes; e para o próprio carregamento destes elementos.

6) Preparar relação dos pacientes a evacuar, durante o carregamento; fornecer cópia dela ao oficial do órgão evacuante, o qual deverá apor a sua assinatura na outra via, como recibo.

7) Certificar-se de que todos os pacientes estão em condições físicas de serem evacuados.

8) Cambiar o material-carga com os aviões, os trens e as ambulâncias a partirem.

(d) *Seção de rancho.* — Esta seção conta com oficial, sargento do rancho, cozinheiros e ajudantes de cozinheiro. A subseção de rancho do comando do destacamento pode-se instalar juntamente com esta seção, que organiza, assim, três ranchos: para os pacientes ambulantes (as enfermarias distribuem a alimentação dos pacientes acamados), para as praças e para oficiais e enfermeiras. A seção é responsável pelo armazenamento e preparo dos alimentos e a feitura do pão. O oficial do rancho gere os fundos e as verbas da alimentação.

(e) *Intendência e instalações.* — Oficial de administração do corpo de saúde comanda esta seção, que se biparte em duas subseções:

1. *Subseção de intendência.* — Dirigida por sargento, esta subseção é encarregada de:

a) Adquirir, armazenar e distribuir todos os suprimentos, em geral e de saúde, necessários à instalação do hospital. Dispõe de barracas de esquadra para o armazenamento.

b) Manter fichário de toda a carga do hospital e outros registros imprescindíveis, como recibos, requisições, notas de entrega, etc.

c) Recolher e encaminhar o material recuperável dentro do estabelecimento.

d) Dirigir o serviço da lavanderia e o câmbio da roupa. A subseção poderá contar com uma unidade de lavanderia.

e) Encaminhar o fardamento e o equipamento dos pacientes. Si o fardamento estiver em bom estado, é rotulado, guardado e devolvido à praça ao ter alta do hospital, quer para o serviço ativo, quer para nova evacuação; si estiver em mau estado, é recambiado ao oficial aprovisionador, recebendo ela novo fardamento, ao ter alta. O equipamento individual da praça baixada é devolvido ao oficial aprovisionador, que o remete à mais próxima companhia de intendência, para o conveniente destino, como material recuperável. Durante as grandes atividades bélicas, os pacientes podem conservar o fardamento e o equipamento nas enfermarias; mas devem ser sempre evacuados de uniforme ou pijama limpo. Os oficiais retêm os fardamentos, que os acompanham para a retaguarda.

f) Prover de segundo escalão de manutenção todo o material de saúde.

II. *Subseção de instalações.* — É encarregada das instalações, dos reparos, da conservação e do funcionamento dos circuitos elétricos, da distribuição da água, do aquecimento a água, do aparelhamento de esgoto, dos sistemas de comunicação, etc.; é também encarregada esta seção do segundo escalão de manutenção do equipamento em geral.

f) *Seção de transporte.* — Esta seção é comandada por oficial de administração do corpo de saúde, auxiliado pelo sargento de motores, encarregando-se do funcionamento, o cuidado e os cargos de primeiro e segundo escalões de manutenção de tôdas as viaturas motorizadas do hospital. Os caminhões servem ao hospital; e deslocam-no, por etapas, quando é mandado mudar de posição.



Fig. 84 — Interior de barraca operatória

(3) *Seções técnicas.* (a) *Seção operatória* (clínica cirúrgica). — Esta seção é comandada por oficial do corpo de saúde, especializado em cirurgia; e conta com numerosos médicos especialistas bem treinados, como anestesistas, cirurgiões neurocirurgião, oftalmologista, otorrinolaringologista, ortopedista, plástico-cirurgião, e urologista; número variável de enfermeiras, para as diversas dependências, e de praças especialistas. O chefe da seção é diretamente responsável perante o comandante do hospital. Designa os tipos clínicos que devem ser operados em cada uma das várias enfermarias (barracas), escalando médicos segundo as suas aptidões. Nos períodos de calma, êle pode empenhar-se no exercício de suas atividades profissionais; mas, durante o combate, deve controlar e coordenar o trabalho das várias dependências, classificar os casos cirúrgicos, desempenhar as atribuições de acessor cirúrgico, junto ao chefe da seção de enfermagem, e requisitar, por intermédio do comandante do hospital, reforço cirúrgico, quando necessário. A seção pode ser reforçada pelo pessoal da seção de enfermagem ou por turmas cirúrgicas destacadas. A seção ocupa-se da assistência e do tratamento dos casos cirúrgicos do hospital, tanto nas baracas de operação como nas enfermarias de cirurgia, encarregando-se dos registos correspondentes, da administração das enfermarias (barracas), designadas para cirurgia, e do funcionamento das seguintes dependências: sala de curativos, para ferimentos leves, preparo pré-operatório, tratamento de chocados, meios de esterilização e arsenal cirúrgico. O oficial encarregado, na barraca de recepção, classifica as baixas em pacientes-médicos, que são recolhidos à seção de enfermagem; e em pacientes-cirúrgicas, que são encaminhados à seção operatória (V. fig. 88). Estes são inspecionados em barraca de triagem, pelo chefe desta seção, que separa logo os feridos leves, os quais podem ser atendidos na barraca de pequena cirurgia (curativos), para evitar que a dependência cirúrgica principal se superlote de casos leves. Os casos graves são, então, novamente classificados: os que necessitem imediata intervenção são desde logo mandados para a barraca de preparo pré-operatório; os que precisem de exame radiológico subsidiário são recolhidos à barraca de radiologia adjacente. Os chocados, a menos que exijam urgente intervenção, para estancar-se hemorragia, são deixados na barraca de chocados ao lado, onde são tratados por especialistas, com infusões, transfusões e outros recursos terapêuticos, até que fiquem em condições de ser operados. Turmas especializadas em tratamento do choque podem ser designadas para esta dependência, por órgãos técnicos. Prontos os pacientes, são mandados para a barraca de preparo pré-operatório, onde os ferimentos são assinalados, a pele raspada e o ferido preparado para a intervenção; e, em seguida, enviados para as barracas de operação, que só se ocupam realmente disso: quatro mesas podem ser instala-

das em uma só barraca de enfermaria. As turmas cirúrgicas da seção operatória, reforçadas, si fôr necessário, por outras destacadas de órgão técnico próprio, executam as intervenções, devendo ser revezadas de 8 em 8 horas. Os meios de esterilização, de penso e de limpeza instalam-se em barraca separada, perto da operatória. Nas proximidades, pode ser também instalada, si fôr preciso, outra barraca de fluoroscopia e ortopedia, para redução de fraturas e ajustamento de aparelhos gessados (V. fig. 91). Uma vêz operados, são os casos de pequena ou grande cirurgia recolhidos às enfermarias cirúrgicas, onde são assistidos por pessoal de seção operatória, sob as vistas do cirurgião que operou, sendo êste o responsável pela escrituração dos Registos de Saúde de Campanha.



Fig. 85 — Meios de esterilização

(b) *Seção de enfermagem* (clínica médica). — Comandada por oficial do corpo de saúde, esta seção conta com outros, dentre os quais existem um especializado em clínica geral e um neuropsiquiatra. O chefe da seção distribui os casos clínicos pelas diversas enfermarias-barracas, escalando os médicos conforme as suas aptidões. A seção encarrega-se do tratamento dos casos de clínica médica ocorrentes, da escrituração dos documentos, dos registos de baixa, da administração geral de tôdas as enfermarias-barracas. Durante os combates, em caso de necessidade, a seção pode instalar dependência para socorrer gasados ou reforçar a seção operatória.

(c) *Seção de Farmácia e Laboratório*. — A farmácia e o laboratório instalam-se geralmente na mesma barraca sob as ordens de oficial do corpo de saúde adrede designado. Um sargento encarrega-se da farmácia; avia e distribui drogas e receitas, regista o receituário convenientemente, inclusive os narcóticos; e faz os pedidos de suprimentos da subseção de intendência. O laboratório faz uranálises,

hemogramas, hemótipos, serologia, necrópsias e outros exames afins. Os pedidos que exijam aparelhos especiais, pessoal altamente especializado e longo tempo de elaboração são encaminhados aos laboratórios de saúde. O necrotério funciona sob o controle do laboratório que prepara os cadáveres, de cujo funeral e sepultamento é encarregado o serviço de intendência.



Fig. 86 — Laboratório e farmácia

(d) *Seção de radiologia.* — O pessoal desta seção consiste de oficial do corpo de saúde, especializado em radiologia, que conheça prática e perfeitamente o equipamento radiológico de campanha do Exército; e de algumas praças de saúde. O oficial é encarregado do controle da tomada das radiofotografias na dependência ou nas enfermarias; da fluoroscopia, da localização dos corpos estranhos, da interpretação dos filmes, da guarda dos registos pertinentes. A baraca de radiologia pode ser localizada junto da de preparo pré-operatório, o que muito facilita as filmagens antes das intervenções; a de fluoroscopia, junto daquela de redução de fraturas e aplicação de aparelhos gessados (V. fig. 88).

(e) *Seção dentária.* — Dois oficiais dentistas e praças assistentes geralmente exercem as suas atribuições sob as ordens do chefe da seção operatória. Esta seção é encarregada dos trabalhos dentários, inclusive prótese, e do registo correspondente. Um dos dentistas pode auxiliar o plástico-cirurgião, nos ferimentos maxilo-faciais; ou ambos podem ser aproveitados como anestesistas ou como operadores de pequenos ferimentos, si forem convenientemente treinados, em caso de urgência.



Fig. 87 — Parte do equipamento de radiologia, em hospital de evacuação na Inglaterra

127. — INSTALAÇÃO. a. *Generalidades.* — O órgão instala-se em hospitais de 400 leitos, em abarracamento ou abrigos preexistentes, em condições de estar sempre pronto para movimentar-se rapidamente. Sua posição depende do dispositivo tático das tropas a que presta apoio, dos meios de transporte da frente para a retaguarda, das disponibilidades de água, de outros fatores determinados pelo G-4 do exército, pelo chefe do serviço de saúde do exército e pelo comandante do hospital. Localiza-se na área dos serviços de exército (V. Fig. 1), tão próximo à frente quanto possível, fora do alcance do fogo de artilharia de qualquer calibre. O sítio deve ser plano, perfeitamente drenado, bem assinalado com a cruz de genebra e a considerável distância de qualquer objetivo militar. O arranjo da instalação depende dos fatores seguintes: montagem em abrigos preexistentes, em barracas ou em ambos; terreno; sistema de estradas em relação à frente, redes rodoviárias, ferroviárias e campos de aterragem, em relação com a retaguarda. Considerar também as disponibilidades de água e as possibilidades de esgoto. A amplitude da instalação é tal que poucas vezes se consegue montagem idealmente perfeita, porque os fatores referidos variam em cada posição. Geralmente as barracas previstas nas TOE (tabelas de dotações) são insuficientes; para fixar as dependências, contudo, montagem convencional é apresentada, como modelo, na figura 88, cujo arranjo topográfico, com localização relativa das várias dependências, é aconselhável, dentro dos seguintes princípios:

(1) As dependências de recepção e de câmbio de material-carga devem ser francamente acessíveis às estradas.

(2) As barracas das dependências técnicas, como de chocadões, radiologia, preparo pré-operatório e operação, devem ser não somente

agrupadas sinão localizadas nas imediações da subseção de recepção, tanto para economizar tempo e esforço como para minorar o sofrimento dos pacientes, em deslocamentos dispensáveis.

(3) Para facilidade de controle, os elementos do serviço devem ser segregados e afastados de enfermarias onde existam doentes e feridos graves.

(4) Para simplificar o serviço, o rancho dos pacientes deve ser colocado centralmente. Nem sempre a quantidade e a espécie de barracas, previstas pela TOE, são satisfatórias para abrigá-lo; sendo necessário usarem-se as tendas de enfermaria.

(5) Acruz de Genebra deve ocupar disposição bem visível.

(6) Deve haver suficiente espaço entre as barracas ou os edifícios, permitindo passagem tanto a padiolas como a veículos; e possibilitando expansão, nos transees críticos. Os quarteirões devem ser intervalados de 5 metros; as barracas, de 2 1/2. Este espaçamento oferece boa concentração e fácil acesso.

(7) Todas as barracas devem ser instaladas a prova de luz.

(b) *Instalação do hospital.* (1) *Disposição.* — A montagem do hospital requer cerca de 4 a 6 horas. Logo que chegue ao sítio conveniente, o comandante decide a exata localização, o tipo do abrigo utilizável, a extensão da instalação inicial, a procedência das dependências, comunicando aos comandantes de seção e serviços, pelos meios adequados, a sua decisão, acompanhada, si possível, de croqui do plano positivo. Quando se tratar de abarracamento, seguindo-se o tipo convencional ou similar habitualmente usado, o comandante ou o mandatário, geralmente o comandante do destacamento, marca a exata localização do canto esquerdo de frente da barraca de recepção. Linhas lisas, indicando este e os pontos similares das outras barracas que devam ser armadas, são, então, colocadas.

(2) *Montagem das barracas.* — Ordem sistemática de precedência deve ser observada, durante o treinamento, na montagem das barracas, não só para permitir a coordenação do carregamento e descarregamento de trens e caminhões, como para assegurar o imediato estabelecimento das dependências de vital importância, com mínimo de perda de tempo entre a chegada e o efetivo funcionamento do órgão. Feito o plano da instalação e firmada a prioridade da montagem das dependências, só mínimas modificações devem ser toleradas. As barracas podem ser armadas ponta a ponta, para economizar-se pessoal e obtêr-se maior amplitude de espaço, sobretudo nas barracas operatórias. É aconselhável, como padrão, a seguinte ordem de precedência na montagem de abarracamento ou na instalação em abrigo pré-estabelecido.

1. Enfermaria (dependência de recepção).
2. Enfermarias de triagem e de preparo operatório.

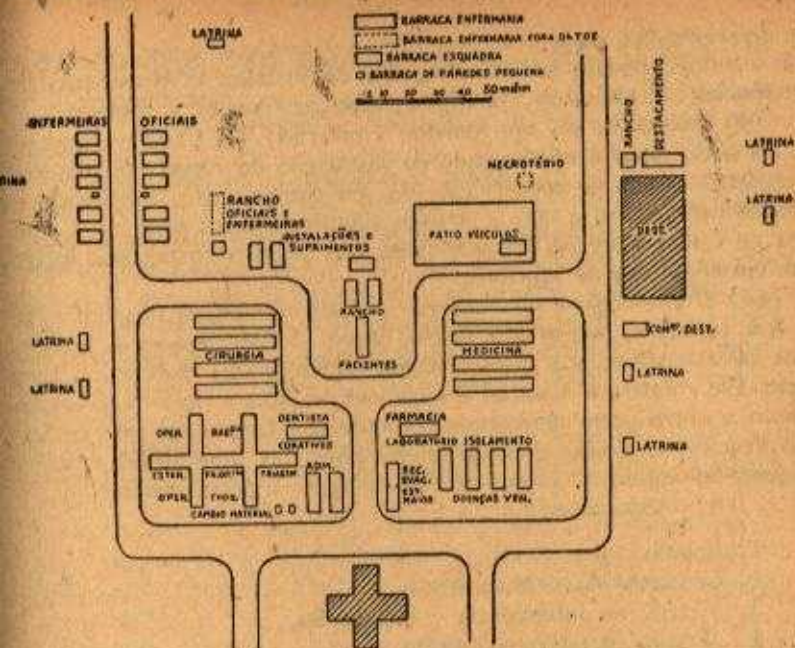


Fig. 88 — Planta convencional de hospital de evacuação semimóvel, em abarracamento segundo TOE.

3. Enfermaria de chocados.
4. Salas de operação e meios de esterilização.
5. Dependência de radiologia.
6. Dependência dentária e de curativos.
7. Farmácia e laboratório.
8. Comando e escritório do contador.
9. Ranchos, inclusive cosinhas.
10. Enfermarias de doentes e de feridos.
11. Latrinas e retretes em lugares determinados.
12. Alojamento para o pessoal.
13. Dependências restantes de administração, aprovisionamento e armazenagem.
14. Outras instalações.

(3) *Distribuição do pessoal.* — Segundo o balisamento supracitado (V. b (1) acima), as barracas e os equipamentos das dependências são convenientemente distribuídos em toda a área para cujo fim o comandante do destacamento reúne todos os homens disponíveis, organiza turma de nove, um sargento inclusive, encarregando cada uma das quais da montagem de uma ou mais barracas. As turmas

de determinadas seções ou determinados serviços, como do rancho por exemplo, podem ser encarregadas de instalar as respectivas dependências até ultimá-las, pondo-as subsequentemente a funcionar.

(4) *Instalação do equipamento* (material). — Cada comandante ou chefe de seção é encarregado da instalação do respectivo material. Verifica o estado de conservação do seu equipamento, solicitando os reparos necessários, e faz os pedidos complementares precisos. Comunica ao comandante do hospital, logo que as suas instalações estiverem em condições de funcionar.

(c) *Desmontagem do hospital*. — O desmonte do hospital exige de 8 a 10 horas. Assim que recebe ordem de deslocar-se, o hospital para de receber baixas, mas continua a tratar das existentes. Uma parte d'êlo enfarda o material e locomove-se para a nova posição, enquanto a outra parte permanece tratando das baixas até que tenham sido evacuadas. Como exemplo aconselhável, as dependências podem obedecer as seguintes ordens de deslocamento e permanência:

a) Deslocam-se:

1. Estado-maior.
1. Comando do destacamento.
3. Metade da intendência e instalações.
4. Metade da seção de rancho.
5. Contador.
6. Subseção de recepção.
7. Seção operatória.
8. Farmácia e laboratório.
9. Seção de radiologia.
10. Metade das enfermeiras.
11. Tendões enfermaria desocupadas.

b) Permanecem:

1. Parte da seção de enfermagem necessária.
2. Metade das enfermeiras.
3. Metade da intendência e instalações.
4. Metade da seção de rancho.
5. Subseção de evacuação.

128. — EQUIPAMENTO. — Além do equipamento normal dos órgãos de saúde em campanha, o hospital de evacuação semimóvel conta com material especial para preencher as suas funções específicas (V. TOE 8-581). Entre outros artigos, dispõe de barracas de enfermaria, barracas de esquadra, barracas pequenas de parede, tarimbas articuláveis, cozinhas de campanha, mesas de campanha, mesas, máquinas de escrever, cofres, máquinas de calcular, órgão de refrigeração, desinfectador portátil e o equipamento completo para hospital de

uação semimóvel, do catálogo de material de saúde, MD 97 223, consistê no seguinte:

- a) Mesas de banho, tubos de borracha, baldes e outros utensílios a banho.
- b) Aparelhagem para transfusão e infusão.
- c) Coleções de instrumental para cirurgia geral e especial, como ática, otorrinolaringológica, oftálmica, gênito-urinária, ortopédica e urológica. Mesas de cirurgia articuláveis, lâmpadas de operação com adador, autoclaves, esterilizadores a água quente, bisturi elétrico e equipamento eletro-cirúrgico, aparelho elétrico de sucção, estojo para ar de óculos, aparelho completo de anestesia em inalação, raquina e intravenosa, armação (Balkan) para redução de fraturas e ção do esqueleto.
- d) Centrifugador, microscópio, geladeiras e aparelhos para fazer ogramas, urânálises, sorologia, exames de fezes, pús, escarro e róprias.
- e) Equipamento de radiologia de campanha, para chapas de 20 35 cm. e filmes dentários verticais e horizontais, aparelho portátil ra radiografias em leito, um fluoroscópio e utensílios de revelagem câmara escura.
- f) Balanças, provetas, buretas e vasilhames para farmácia.
- g) Quatrocentas tarimbas articuláveis com mosquiteiros, coma- es e urinóis, carrinhos de curativo, mantas, lençóis, travesseiros e rrinhos para distribuir alimento. (Drinkwater).
- h) Canastras dentárias MD 60, 61 e 62 (dispensário e labora- rio) e estojos para cirurgia maxilo-facial.
- i) Máquinas de escrever, mesas de campanha e outros utensílios escritório.
- j) Pequena biblioteca médica.
- k) Artigos de consumo (filmes, drogas, pensos, etc.) para dez as.

129. — TRANSPORTE. — O transporte é suficiente para des- car o hospital inteiro, por etapas, dispondo-se de muitos caminhões e 21/2T e reboques de 1T. Contam-se também com pipas-reboques e 950 litros, diversos caminhões leves e um caminhão-pipa de 2.600 tros. O pessoal da seção de transporte executa a manutenção de mo- res de primeiro e segundo escalão. Condução de comboios é a prin- pal atribuição desta seção.

130. INSTRUÇÃO. a. *Generalidades.* — O comandante do hospital é o responsável por toda a instrução, com exceção da com- inada com outras unidades; sendo esta da competência dos coman- antes de corpos de exército ou de exército. Não havendo oficial de lanos e instrução no estado-maior do hospital, a direção do efetivo

treinamento individual recai sobre o comandante do destacamento. Sob a orientação e o critério do comandante do hospital, sujeito à sua aprovação, ele prepara os programas de instrução e calendários, designa os instrutores, exercendo a supervisão geral dos trabalhos. O comandante do hospital inspeciona os exercícios, para assegurar o progresso da instrução e do cumprimento dos objetivos propostos.

b) *Instrução individual.* — Esta fase da instrução é muito importante, por causa da diversidade de especializações e atribuições existentes nos hospitais. Além do treinamento básico e do adiestramento técnico, alguns elementos devem cursar escolas técnicas especiais de saúde; outros estagiar em hospitais fixos, junto aos quais está destacado o hospital de evacuação, para efeito de instrução; e ainda outros, nos próprios cursos técnicos do hospital.

(1) O pessoal administrativo deve ser treinado em administração de pessoal, correspondência, datilografia, serviço de suprimentos gerais e material de saúde, escrituração de todos os documentos de doentes e feridos.

(2) O pessoal do rancho deve aprender a cozinhar, preparar vegetais e carnes, assar, conservar e servir os alimentos, aprestar camas e administrar rancho.

(3) O pessoal de instalações deve saber instalar, acionar e reparar circuitos elétricos, sistemas de distribuição de água, de esgotos, redes telefônicas e outros equipamentos semelhantes.

(4) Os condutores devem ser exercitados em condução de veículos e manutenção de primeiro escalão; capazes de dirigir comboios com ou sem luz, ocultar e disfarçar viaturas. Os bons mecânicos são indispensáveis. O sargento de motores deve conhecer bem a administração de motores.

(5) O pessoal de cirurgia deve ser hábil em técnica de esterilização, transporte de pensos e esterilizadores, nomenclatura do instrumental, aplicação de curativos, preparação do gesso, uso do equipamento de infusão, preparação do campo operatório, aplicação de injeções hipodérmicas, etc. É preciso um mecânico ortopédico.

(6) O pessoal de medicina deve ser perito em processos de fermentação, preparo de leitos para todos os propósitos, banho dos doentes, emprêgo dos remédios, aplicação de enemas, tomada de temperatura, pulso, respiração e classificação de dietas.

(7) O pessoal de laboratório deve saber lidar com microscópio, centrifugador, hematimetria, sorologia, urinalises e outros instrumentos de laboratório.

(8) O pessoal de farmácia deve conhecer exatamente nomenclatura, armazenagem, aviamento de receitaário e drogas, leitura de receitas e administração de farmácia.

(9) O pessoal de radiologia deve estar em condições de instalar e manejar os aparelhos de radiologia de campanha, de tomar e revelar chapas radiológicas, de lidar com os arquivos respectivos.

(10) Os radiotelegrafistas devem saber lidar com as diferentes espécies de baixas, com as padiolas e com os carrinhos porta-padiolas.

(11) Os outros especialistas devem ser hábeis como carpinteiros, técnicos dentários e coadjutores de capelão.

c) *Instrução conjunta.* — O treinamento conjunto do hospital, para perfeita coordenação dos comandantes das seções, consiste no enfileiramento e desenfileiramento de equipamento e instalação da parte do órgão pela qual é responsável determinada seção. A capacidade de funcionar harmonicamente, em conjunto, é muito importante. Deve ser treinada a instalação e a desmontagem do hospital, insistindo-se na destreza de serem armadas as barracas pesadas; no carregamento do material em caminhões e carros de estrada de ferro; no deslocamento do órgão, por escalões, segundo o § 127c. O SOP, processo regulamentar de operações, deve prevêr o deslocamento inteiro ou parcial, por etapas, do hospital.

d) *Instrução combinada.* — Só é possível nas grandes manobras.

e) *Formaturas e cerimoniais.* (1) *Formaturas.* — A unidade forma a pé, de conformidade com o FM 22-5. Exceto durante as operações ativas, todo o pessoal, por mais especializado que possa ser, deve receber instrução de ordem unida, o que, não somente obriga-o a exercitar-se fisicamente, como desenvolve nêle as qualidades de soldado, sem o que o funcionamento do hospital torna-se negligente e ineficaz.

(2) *Cerimoniais.* — A unidade participa de revistas e cerimônias de entrega de condecorações. A formação é a mesma que a do batalhão de infantaria, sendo as duas maiores seções aumentadas pelo pessoal do estado-maior, constituindo duas companhias de infantaria (V. FM 22-5).

131. ADMINISTRAÇÃO. a. *Pessoal.* — O estado-maior da unidade envia a parte diária (alterações do pessoal) e outros documentos e informações ao quartel-general do corpo de exército ou do exército, de conformidade com as disposições regulamentares. Para sacar as rações necessárias, idêntica documentação sobre os pacientes hospitalizados é também remetida.

b) *Saúde.* — A EMT, a ficha de evacuação (modelo WD AGO 8-26), e o FMR' registo-saúde de campanha (modelos WD AGO 8-27 e 8-28), devem ser escriturados regularmente. A papeleta do posto de triagem (modelo WD AGO 8-29) poderá ser usada no hospital, si fôr precisa. A fôlha de informações (modelo WD AGO 8-23), juntamente com a EMT e o FMR dos pacientes que tiverem alta cura-

dos ou por morte, são todos remetidos mensalmente ao chefe do serviço de saúde do corpo de exército ou do exército. O mapa estatístico (modelo WD AGO 8-122) é encaminhado, segundo as disposições vigentes, ao chefe do serviço de saúde do corpo de exército ou do exército. Índice clínico é organizado para todos os pacientes baixados, referido à natureza das altas; assim como relação dos efetivamente existentes. A restante documentação é encaminhada de acordo com as determinações do comandante ou do chefe do serviço de saúde do corpo de exército ou do exército. As informações são geralmente prestadas todos os dias por telefonia, constando do seguinte: número de evacuados feridos, sentados e deitados; número de feridos não evacuáveis; número de doentes evacuados, sentados e deitados; número de doentes não evacuáveis; número de leitos vagos no hospital. Os registros clínicos e os modelos usados no serviço interno hospitalar são determinados pelo comandante.

c) *Aprovisionamento.* (1) — Os suprimentos de classe I são automaticamente entregues ao oficial aprovisionador da unidade em ponto de aprovisionamento designado, na área de serviço de exército; e ele os distribui, por seu turno, aos ranchos.

(2) — O material de saúde é obtido dos depósitos de saúde do exército, de um dos seguintes modos: por pedido normal, contra crédito preestabelecido, por pedido extraordinário. A entrega do material é feita no depósito aos caminhões da unidade diretamente; despachando-o da zona de etapas até a mais próxima cabeça ferro-viária ou ao desvio adjacente à instalação, por ar; ou ainda, raramente, pelos veículos do depósito. Depósito de material de saúde de exército ou depósito avançado é geralmente localizado junto ao hospital.

(3) — Os outros suprimentos são conseguidos, mediante pedido, do mais próximo depósito correspondente.

d) *Assistência a doentes e acidentados.* — O pessoal da subseção de recepção instala dispensário para assistência e tratamento dos doentes e acidentados do hospital.

HOSPITAL DE EVACUAÇÃO DE 750—LEITOS

132. ORGANIZAÇÃO (V. fig. 89 e TOE 8-580). — É similar a do hospital de evacuação semimóvel, com exceção da existência da seção de transporte, incorporada à seção de intendência e instalações, devido ao menor número de viaturas.

133. FUNÇÕES. a. *Generalidades.* — O hospital de evacuação de 750 leitos tem as mesmas funções gerais do semimóvel, sendo, contudo, menos móvel e empregado em situações mais estáveis, onde a movimentação é menos freqüente. Pode atender a maiores efetivos,

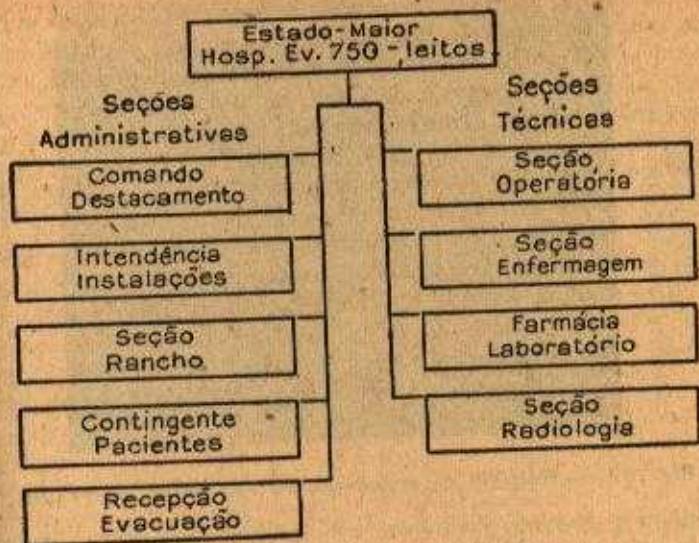


Fig. 89-Organização do hospital de evacuação de 750 leitos

porque tem maior capacidade. É habitualmente transportado pelas companhias de intendência ou por estrada de ferro.

b) *Particularidades.* — A organização interna e o funcionamento deste hospital são os mesmos do semimóvel, com as seguintes exceções:

(1) *Subcomandante.* — É o principal auxiliar do comandante e controla o trabalho do resto do estado-maior. Deve ser da confiança do comandante e estar a par do critério e dos planos por ele seguidos. Dirige a administração rotineira da unidade e do hospital que não exija a ação direta do comandante. Na ausência deste, toma as medidas que seriam tomadas em idênticas circunstâncias pelo próprio comandante, comunicando-lhas na primeira oportunidade. Habitualmente, além de suas atribuições específicas, é também o médico inspetor (V. AR 40-270). A par das inspeções sanitárias, o médico inspetor inspeciona também o hospital periodicamente, assegurando-se do uso dos narcóticos, do perfeito registo das enfermarias e da satisfatória execução de todos os demais encargos do hospital.

(2) — O transporte do hospital constitui subseção da seção de intendência e instalações, em razão do pequeno número de veículos. Basta para a administração rotineira do hospital, mas não é suficiente para deslocá-lo.

(3) — O pessoal da seção operatoria é organizado em três turmas de cirurgia geral, uma maxilo-facial, duas ortopédicas, duas de chocados. Cada turma conta com cirurgião, seu assistente, anestesista,



Fig. 90 — Hospital de evacuação de 750 leitos, na França.

enfermeira e técnicos cirúrgicos. Há também cirurgiões urologista, neurologista, torácico e otorrinolaringologista.

134. **INSTALAÇÃO.** — A unidade monta um hospital de 750 leitos. Sua localização e disposição interna são semelhantes as do semimóvel. A figura 91 esquematiza tipo padrão de hospital de evacuação de 750 leitos, em abarracamento. Os mesmos princípios estabelecidos para a instalação e a desmontagem do semimóvel aplicam-se a este. Evacuação e aprovisionamento por ferrovia é mais simples do que a do semimóvel. Exige área de 180 metros de lados para a montagem em barracas; e 7.500 metros quadrados, em edifícios.

135. **EQUIPAMENTO.** — Em geral o equipamento deste hospital é o mesmo que o do semimóvel, porém em maior quantidade. As diferenças principais são:

- a) Telefônios, com centro, para as comunicações internas do hospital.
- b) Maior número de barracas-enfermarias.

136. **TRANSPORTE.** — O transporte disponível é só suficiente para a administração rotineira, não podendo locomover o hospital. Consiste de alguns caminhões leves e pesados e reboques correspondentes e de um caminhão-pipa de 2.600 litros.

137. **INSTRUÇÃO.** — A instrução deste é essencialmente a mesma que a do hospital semimóvel.

138. **ADMINISTRAÇÃO.** — A administração deste é essencialmente a mesma que a do hospital semimóvel.

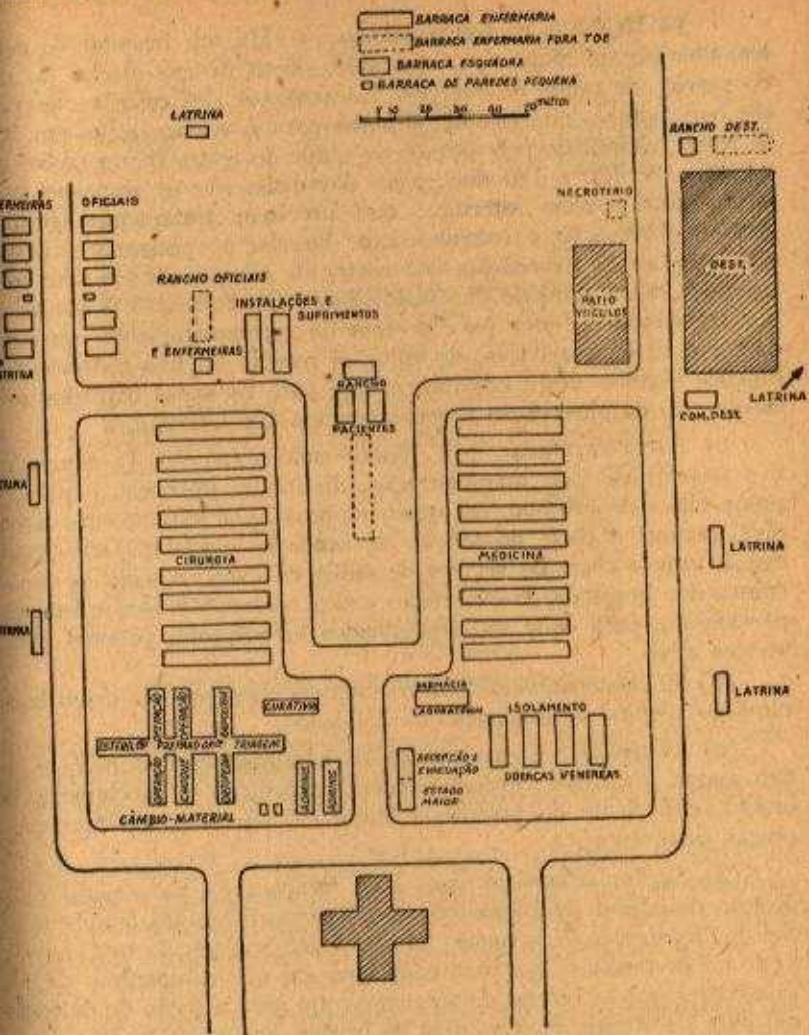


Fig. 91 — Planta convencional de hospital de evacuação de 750 leitos, em abarracamento segundo TOE.

SEÇÃO II

HOSPITAL DE CONVALESCENTES

139. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-590). — O hospital de convallescentes conta com um estado-maior, um grupo de seções administrativas, seção de convallescentes, seção de detenção, seção clínica composta de diversos serviços técnicos (V. fig. 92).

FUNÇÕES. a. *Generalidades.* — Há um hospital de convalescentes por exército tipo, operando sob as ordens diretas do chefe do serviço de saúde de exército. Encarrega-se dos casos recuperados em curto prazo, que estejam prontos para o serviço ativo em linha de tempo estipulado pelo diretor de saúde do teatro de operações (normalmente de 120 a 180 dias, além dos quais são os pacientes transferidos para a zona interior), que precisem tratamento ligeiro ou simples observação e convalescença. Recebe os pacientes evacuados dos hospitais de evacuação, dos postos de triagem de exército ou de qualquer outra unidade das vizinhanças. Os pacientes têm alta ou são transferidos por transferência, quer para centros de recompletamento, quer para os hospitais de evacuação, de volta, si recadem ou não melhoram. As funções técnicas deste hospital, exceto para os casos baixados localmente, são de observação e convalescença dos internados.

b) *Particularidades.* (1) Estado-maior. (a) — O comandante é o responsável pela administração, disciplina, instrução e pelo cumprimento do plano tático do hospital, em qualquer ocasião. É diretamente responsável perante o chefe do serviço de saúde de exército. Deve manter ligação com o chefe do serviço de saúde de exército, com os comandantes dos hospitais de evacuação e dos centros de recompletamento de exército, para onde são recambiados os pacientes prontos para o serviço ativo.

(b) O subcomandante tem os mesmos encargos que o seu homônimo do hospital de evacuação de 750-leitos.

(c) O ajudante é encarregado da administração rotineira do estado-maior, inclusive correspondência, expedição e recebimento de ordens, expediente do pessoal. É auxiliado por sargento ajudante e praças escreventes.

(2) *Seções administrativas.* (a) *Rancho.* — Esta seção sob direção de oficial de administração do corpo de saúde (também oficial de motores) e de sargento técnico é encarregada do funcionamento de novos ranchos: um para cada uma das seis companhias de convalescentes, sob as ordens de sergentes; um para a seção de detenção; um para os oficiais e outro para as praças, em única cozinha.

(b) *Manutenção.* — Esta seção, às ordens de um oficial (também oficial do rancho), é encarregada da manutenção de primeiro e segundo escalões de todos os veículos do hospital.

(c) *Intendência.* — Esta seção, dirigida por oficial (também comandante do destacamento), tem os seguintes encargos:

1. Aquisição, armazenagem e distribuição dos suprimentos gerais e do material de saúde do hospital e da respectiva escrituração e fichários.

2. Recolhimento e destino dos salvados (material aproveitável)

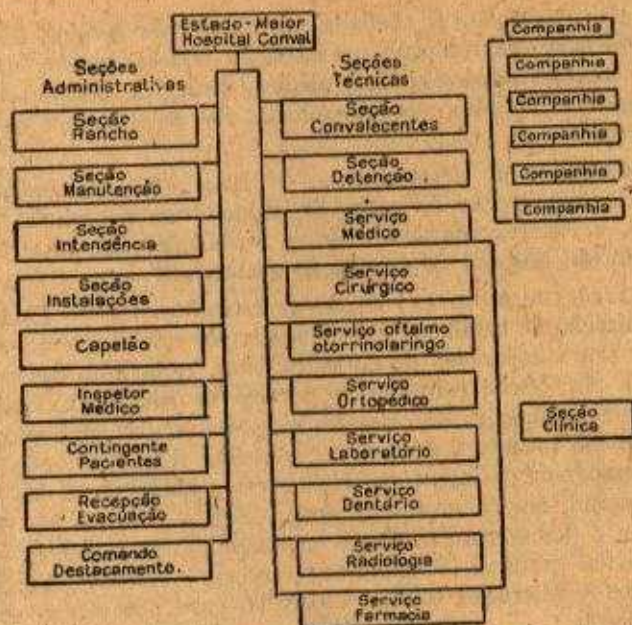


Fig. 92—Organização do hospital de convalescentes

3. Gestão dos trabalhos da lavanderia e do câmbio da rouparia. — Aqui pode servir destacada uma unidade de lavanderia.
4. Destino do fardamento e do equipamento dos pacientes (V. Sec. I).

(d) *Instalações*. — Esta seção, chefiada por oficial do Corpo de Intendência, é encarregada da instalação, conservação, do funcionamento e reparo do circuito elétrico, da distribuição de água, do aquecimento, dos esgotos, das comunicações, etc., do hospital.

(e) *Capelão*. — V. TM 16-205.

(f) *Médico Inspetor* (também comandante). — Além das inspeções sanitárias, pode ainda inspecionar periodicamente o hospital, assegurando-se de que a gestão dos narcóticos, os registros das enfermarias e os outros encargos estão sendo executados satisfatoriamente.

(g) *Contingente de pacientes* (contador). — Esta seção é encarregada de preparar os documentos de doentes e feridos do hospital; e do comando e da administração dos pacientes (V. Sec. I). Os registros dos pacientes são mantidos aqui; os seus valores guardados e a sua disciplina controlada.

(h) *Recepção, evacuação e dispensário*. — Esta seção é essencialmente encarregada dos mesmos encargos que a sua homônima do

hospital de evacuação. É chefiada por oficial do serviço de saúde. As dependências de recepção e evacuação podem instalar dispensário, com facultativos das clínicas médica, cirúrgica, oftalmo-otorrinolaringológica e dentária, para assistência dos pacientes da seção convalescentes.

(i) *Comando do destacamento.* — Esta seção, comandada por oficial de administração do corpo de saúde (também oficial aprovisionador), é encarregada das mesmas atribuições que a seção correspondente do hospital de evacuação semimóvel.

(3) *Seções técnicas.* (a) *Seção de convalescente.* — Esta seção tem organização de batalhão; é comandada por oficial médico e constituida de seis companhias de convalescentes, cada uma das quais comandada por oficial estranho ao serviço de saúde, auxiliado por inferior com atribuições de primeiro sargento. Cada companhia possui seu rancho próprio e órgãos de comando, sendo em tudo semelhante à companhia de infantaria. Nela serve a maior parte dos baixados do hospital, em condições de andar. Sob o contróle do médico comandante e dos comandantes das companhias, os pacientes executam exercícios graduais, formaturas; recebem variados tratamentos fisioterápicos e instrução militar adequada, para abreviar o seu retorno às fileiras.

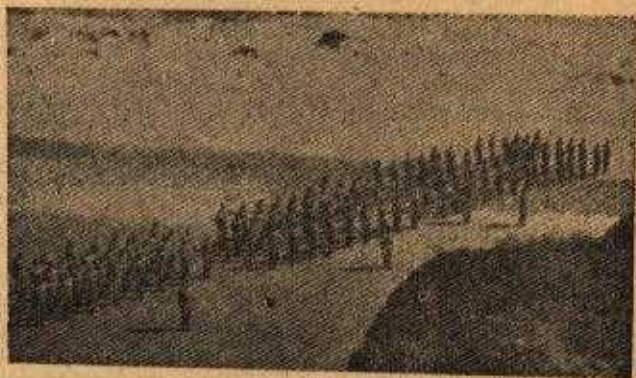


Fig. 93 — Companhia de convalescentes em formatura, na Nova Gales do Sul.

(b) *Seção de detenção.* — Esta seção, sob a direção da dois oficiais médicos, é encarregada do tratamento dos venéreos do hospital, curáveis em tempo limitado, alguns dos quais podem receber instrução e fazer os exercícios prescritos pelo chefe da seção. A seção conta com rancho privativo; e, si fôr grande o número de pacientes, pode ser organizada em companhias, como a de convalescentes.

(c) *Seção clínica.*

1. *Serviço médico.* — Este serviço, dirigido por dois oficiais médicos, é órgão consultivo sobre complicações, recidivas e recaídas ocorrentes em pacientes das seções de convalescentes e de detenção. Atende também aos pacientes acamados da enfermaria de clínica médica transferidos da seção de convalescentes ou baixados de unidades das proximidades. Os médicos desta seção examinam periodicamente os pacientes da seção de convalescentes, para verificar se estão aptos a retornar ao efetivo serviço. Um destes médicos pode ser designado oficial de recepção e evacuação.

2. *Serviço cirúrgico.* — Este serviço, dirigido normalmente por dois oficiais médicos, é órgão consultivo sobre complicações, recidivas e recaídas de casos cirúrgicos ocorrentes nas seções de convalescentes e de detenção. Atende também aos pacientes acamados da enfermaria de clínica cirúrgica transferidos da seção de convalescentes ou baixados de unidades das imediações. Os médicos desta seção examinam periodicamente os casos cirúrgicos da seção de convalescentes, para verificar se estão aptos a retornar ao serviço ativo. Esta seção cuida também dos casos urgentes da seção de convalescentes ou que sejam baixados diretamente ao hospital.

3. *Serviço oftalmo-otorrinolaringológico.* — Este serviço, dirigido ordinariamente por dois médicos, é órgão consultivo sobre complicações, recidivas e recaídas das afecções de olhos, ouvido, nariz e garganta, ocorrentes em pacientes das seções de convalescentes e de detenção. Os médicos desta seção examinam periodicamente os casos das especialidades baixados na seção de convalescentes, para verificar se estão aptos a retornar ao serviço ativo; e encarregam-se dos trabalhos da especialidade, em todo o hospital.

4. *Serviço ortopédico.* — Este serviço, dirigido por um oficial médico é órgão consultivo sobre complicações, recidivas e recaídas de casos de ortopedia ocorrentes nas seções de convalescentes e de detenção; devendo executar e continuar o tratamento desses casos. Atende também os casos de ortopedia acamados nas enfermarias, transferidos da seção de convalescentes ou baixados diretamente das unidades das circunvizinhanças. O médico desta seção examina periodicamente os casos de ortopedia da seção de convalescentes, para verificar se estão em condições de retornar ao efetivo serviço.

5. *Serviço de radiologia.* — Este serviço, dirigido por um oficial médico, executa os exames radiológicos dos pacientes das seções de convalescentes e de detenção. O serviço compreende fluoroscopia, tomada, revelação e interpretação das chapas radiográficas e guarda do fichário correspondente.

6. *Serviço dentário.* — Este serviço, acionado normalmente por quatro oficiais dentistas e certo número de praças, executa os tra-

balhos dentários dos pacientes das seções de convalescentes e de detenção, que disso necessitem. Controla também os casos, de afecções dentárias e dos maxilares das baixas da seção de convalescentes, procedendo inspeções, na qualidade de órgão consultivo:

7. *Serviço de laboratório.* — Este serviço, executado por oficial médico e praças assistentes, encarrega-se dos trabalhos de laboratório, segundo os pedidos dos médicos assistentes das seções de convalescentes e de detenção e dos serviços clínicos. Os exames possíveis neste laboratório são: reações de Khan e Wassermann no sangue e no liquor, hematimetria, uranálises e outros já da técnica rotineira. O laboratório encarrega-se também do necrotério e das necrópsias.

8. *Serviço de Farmácia.* — Este serviço, realizado por um sargento e praças auxiliares, sob as ordens de oficial médico designado pelo comandante do hospital, é encarregado de aviar e distribuir as receitas e drogas pedidas por todas as seções e serviços do hospital.

9. *Serviço de enfermagem.* — A TOE deste hospital não computa enfermeiras; a enfermagem é satisfeita por praças de saúde. Sendo a maior parte das praças capazes de cuidar de si, o serviço de enfermagem é limitado.

8. *Serviço de farmácia.* — Este serviço, realizado por um RA

141. **INSTALAÇÃO.** — O hospital de convalescentes tem locação normal para 3.000 pacientes, mas pode ampliar as suas acomodações para 5.000, durante curto período de tempo. Em geral, é localizado centralmente, bem à retaguarda da área de serviços de exército, em posição conveniente aos hospitais de evacuação e ao depósito de recompletamento de exército, em local escolhido pelo chefe do serviço de saúde de exército, pelo G-4 de exército e pelo comandante do hospital. Pode ficar situado à retaguarda da área de exército (V. fig. 1), mas permanece sob o controle do exército. O sítio deve ser plano, bem drenado e assinalado com a Cruz de Genebra. É preferível contar com água e esgoto, em instalações mesmo sumárias. O arranjo da instalação depende dos fatores seguintes: previsão de 11.200 metros quadrados, para a montagem em edifícios preexistentes; espaço de 350 por 500 metros de lado, para abarracamento; ou abrigos para ambas as montagens, simultaneamente; condições do terreno; disponibilidades de água e esgoto, etc. Não há tipo convencional de hospital de convalescentes. O estado-maior e a dependência de recepção são instalados de modo que facilite o acesso das viaturas que trazem os pacientes. A seção clínica ficará colocada nas adjacências da dependência de recepção, em comunicação fácil com o rancho dos pacientes. A locação das seções de convalescentes e de detenção, abrangendo só pacientes ambulantes, é menos sujeita a exigências ad-

administrativas; devendo, porém, a de detenção estar o mais afastada possível das outras dependências de pacientes, para facilitar a segregação. A montagem da instalação é análoga a do hospital de evacuação. Decididas pelo comandante do hospital a localização das seções e a amplitude da montagem inicial, a precedência e a exata posição das dependências dentro das seções são prerrogativas dos respectivos chefes, mediante aprovação daquele comandante. Nada do hospital é instalado sem que seja prevista a sua imediata necessidade. O estado de saúde dos pacientes que o hospital deve receber não exige meios tão vastos e aprimorados que dependam de tempo para a preparação. As enfermeiras de medicina e de cirurgia, as salas de operação podem ser estabelecidas em barracas de enfermaria. A maior parte dos pacientes, sendo ambulante, pode ser abrigada em barracas de praças (pyramidal). Quando o hospital tiver de deslocar-se, poderá fazê-lo, si necessário, por etapas (V. Sec. I). Parte do pessoal e do material é levada para a nova posição, por estrada de ferro ou pela companhia auto-transporte de intendência, onde instala novo hospital; e somente quando esta parte está em condições de aceitar baixas, a primitiva deixa de recebê-las. Gradativamente, a intensidade da circulação vai aumentando da antiga para a nova posição a proporção que o número de pacientes vai decrescendo naquela e crescendo nesta.

142. EQUIPAMENTO. — O equipamento do hospital de convalescentes consta do seguinte:

- a) O equipamento de campanha comum a qualquer organização.
- b) Barracas de praças para 3.000 pacientes.
- c) Algumas barracas de enfermaria para a seção clínica.
- d) Alguns tóldos e barracas grandes para escritório e armazenagem.
- e) Quatro unidades-cozinha de campanha, para oito ranchos.
- f) Mesas de campanha, máquinas de escrever e outros equipamentos de escritório.
- g) Um paramental de capelão (órgão portátil, hinário, etc.).
- h) Cofre.
- i) Centro telefônico e telefônios.
- j) Um equipamento WD "Hospital de convalescentes 97 215", cujos principais artigos são:

(1) Drogas e material de consumo para três meses.

(2) Coleções completas de instrumental básico e especializado para qualquer cirurgia, esterilizadores, mesas de operação, lâmpadas de operação, aventais, máscaras e outros equipamentos para grande e pequena cirurgia, instrumentos de oftalmo-otorrinolaringologia, caixas de lentes de provas e outros equipamentos especiais.

(3) 3.000 tarimbas articuláveis, 6.000 mantas; roupa branca, carrinhos de curativo, caixas de instrumental de enfermaria, pijamas e outros equipamentos de enfermaria.

(4) Canastra de laboratório de campanha com microscópio, hematímetro e equipamento de uranálises; aparelho de destilação, aparelhagem de sorologia para preparo de soluções intravenosas, estojo de necrópsia, geladeira e outros equipamentos de laboratório.

(5) Equipamento de radiologia de campanha, para radiografias horizontais e sobre o leito, fluoroscopia, revelagem e acessórios.

(6) Algumas canastras MD 60, para dispensário dentário; e uma de cada 61 e 62, para laboratório dentário.

(7) Máquinas de escrever, mesas, cadeiras e outros artigos de escritório.

143. TRANSPORTE. — O transporte é só suficiente para a administração rotineira da unidade; mas não basta para o deslocamento do hospital, mesmo por etapas. O material de transporte consta do seguinte:

a) Algumas ambulâncias para uso local ou "incidental" (V. § 28a). As companhias de ambulâncias de exército, em comboio, trazem os pacientes dos hospitais de evacuação. Para o transporte dos recuperados para os centros de recompletamento usam-se caminhões.

b) Alguns "jeeps", 1/4T, para a administração.

c) Alguns caminhões de transporte de material de 3/4T, principalmente para carregar suprimentos.

d) Alguns caminhões de carga de 2 1/2T.

144. INSTRUÇÃO. — A instrução é semelhante a do hospital de evacuação.

145. ADMINISTRAÇÃO. — A administração é essencialmente a mesma que a do hospital de evacuação.

SEÇÃO III

HOSPITAL CIRÚRGICO PORTÁTIL

146. O hospital cirúrgico portátil é órgão independente, auto-suficiente, sob as ordens diretas dos comandantes de divisão, grande destacamento ou exército, conforme a unidade de que faça parte. Não integra nem substitui qualquer unidade de saúde ou hospitalar divisionária.

147. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-572). — Este hospital é constituído de estado-maior, seções técnicas e seções administrativas (V. fig. 94).

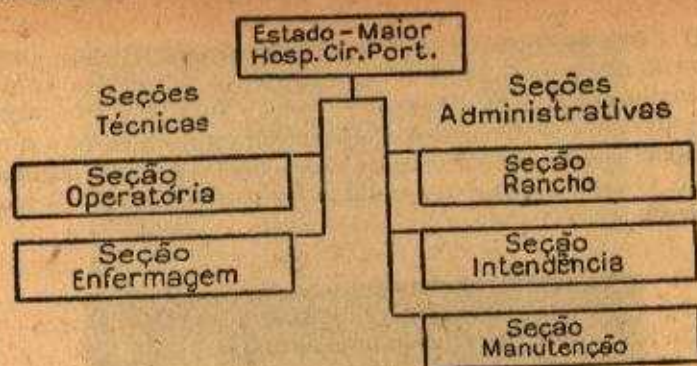


Fig. 94 - Organização do hospital cirúrgico portátil

148. FUNÇÕES. a. *Generalidades.* — Este hospital suplementa o serviço de saúde orgânico da divisão ou do grande destacamento. Presta tratamento cirúrgico definitivo, de maior alcance que os postos de triagem, aos feridos gravemente, para quem demora ou imediata evacuação seria fatal. A demora do tratamento cirúrgico completo e da evacuação é demasiadamente grande nos países montanhosos e nas selvas; e é a razão principal da organização do hospital cirúrgico portátil. Ele pode também prestar hospitalização temporária às unidades terrestres ou aéreas isoladas em montanhas ou nas selvas, durante a fase preliminar de operações, quando não existem ainda órgãos hospitalares instalados. Os hospitais cirúrgicos são normalmente distribuídos na proporção de três ou mais por divisão, um para cada regimento. Pode localizar-se perto do posto de triagem; ou avançar até as proximidades do posto de evacuação, ficando mesmo situado dentro do alcance do transporte de padiolas vindas da linha de frente. Recebe os pacientes que necessitem grandes intervenções cirúrgicas de urgência, quer procedam dos postos de triagem, de evacuação ou de socorro das unidades. Devem ser evacuados tão prontamente quanto possível, habitualmente por intermédio dos postos de triagem, para hospitais de campanha ou de evacuação, por meio de padiola, jangada, navio, "jeep" convertido em transporte de ferido, ambulância ou avião, pelo serviço de saúde de divisão ou de escalão mais alto. Os hospitais que se não instalam logo serão mantidos em reserva nas vizinhanças do posto de triagem, podendo o seu pessoal reforçar, só temporariamente este posto. Geralmente, à frente do posto de triagem, só empenha a parte portátil do equipamento, isto é, o que pode ser transportado às costas até a frente, deixando a restante à retaguarda, no posto de triagem. O equipamento portátil só permite o funcionamento do hospital por muito pouco tempo.

b) *Particularidades.* (1) *Estado-maior.* — Esta seção está sob o comando de um oficial médico, que é também o comandante do hospital, auxiliado por um inferior, com atribuições de primeiro sargento, e um escrevente; compila todo o expediente sobre o pessoal e escrituração sobre saúde, podendo ainda funcionar como dependência de recepção. O comandante exerce, pela maior parte do tempo, as funções de cirurgião.



Fig. 95 — Hospital cirúrgico portátil, no sudoeste do Pacífico.

(2) *Seções técnicas.* (a) *Seção operatória.* — Esta seção é a maior e a mais importante do hospital. Consta do cirurgião-chefe, também comandante do hospital, de dois operadores assistentes, oficiais médico, de um oficial médico anestesista-internista e de certo número de praças técnicas de saúde. A seção executa todas as intervenções cirúrgicas do hospital, inclusive as de grande cirurgia abdominal, torácica e craniana; e tem meios de tratar de chocados, de detensão dos ferimentos e de outros cuidados pré-operatórios. (V. fig. 96).

b) *Seção de enfermagem.* — Esta seção, com lotação para 25 leitos, atende aos casos cirúrgicos, antes e depois da operação; dispensa todos os cuidados clínicos comuns e trata dos chocados, com praças técnicas, sob a direção de oficial médico designado pelo comandante do hospital. Dispondo de limitado número de leitos, é preciso que seja evacuado freqüentemente, só recebendo as baixas que necessitem intervenção cirúrgica completa, de urgência. Deve ter grande mobilidade e contar sempre com espaço para leitos.

(3) *Seções administrativas.* — Estas seções são dirigidas por segundo sargento (staff), sob as ordens de oficial designado pelo comandante do hospital. São as seguintes:



Fig. 96 — Seção operatória de hospital cirúrgico portátil no Pacífico sul.

a) *Seção de rancho.* — Esta seção instala rancho para o pessoal e os pacientes do hospital; si este estiver nas vizinhanças de posto de triagem, os ranchos dos dois órgãos podem funcionar juntos, com o pessoal de rancho de ambos.

b) *Seção de intendência.* — Esta seção, sob a direção de oficial designado pelo comandante do hospital, é responsável pela aquisição, armazenagem e distribuição de suprimentos em geral e de material de saúde em particular, usados no hospital; encarregando-se também da escrituração respectiva.

c) *Seção de transporte.* — Nesta seção há normalmente três condutores.

149. EQUIPAMENTO. — O hospital, além do equipamento normal dos órgãos de saúde, em campanha, conta ainda com algumas barracas de esquadra, para abrigo das instalações hospitalares, com tarimbas articuláveis, barracas para cozinha e um equipamento "tipo hospital cirúrgico portátil". Este equipamento consta de duas porções: a que pode ser carregada às costas até a posição avançada; e a que pode ser deixada à retaguarda, em reserva. As duas porções constam dos seguintes órgãos: drogas e pensos para consumo durante dez dias; equipamento cirúrgico, compreendendo catéteres, aparelhos para tração óssea; instrumental para grande e pequena cirurgia; aparelhagem de anestesia, em inalação, endotraqueal, raquidiana, intravenosa e local; autoclave e laringoscópio; outros equipamentos inclusive pa-

diolas, lençóis, mantas e utensílios de cozinha. Dispõe de estojos de mochila para transportar às costas do pessoal o material portátil, cujo peso não ultrapassa a vinte quilos. O peso do equipamento do hospital cirúrgico portátil é de cerca de 1.000 quilos. (V. fig. 97).

150. TRANSPORTE. — O transporte motorizado disponível não é suficiente para deslocar a unidade inteira. O principal meio de transporte é em mochila. Os veículos consistem em um "jeep" e um reboque de 1/4T e de alguns caminhões de transporte de material de 3/4T. Não há mecânicos.

151. INSTRUÇÃO. a. *Individual*. — Além dos treinamentos básico e técnico, o adestramento propriamente médico e cirúrgico é importantíssimo. Esta instrução pode ser ministrada em cursos técnicos especializados dos hospitais permanentes, junto aos quais se acha treinando o hospital cirúrgico portátil; ou em cursos técnicos do próprio hospital. O adestramento deve constar de meios de esterilização, manuseio e nomenclatura do instrumental, de enfermagem de medicina e de cirurgia. Devem-se preparar bem os cozinheiros. O pessoal deve ser jovem e fisicamente em condições de suportar longas marchas com o equipamento portátil às costas.

b) *Conjunta*. — Logo que cada soldado esteja bastante treinado individualmente, começa a instrução da seção de que ele faz parte, que consiste na instalação da dependência e no enfiamento e desenfiamento do respectivo equipamento. Em seguida, assim que a seção esteja em condições de funcionar razoavelmente bem, deve principiar o adestramento do hospital inteiro, como todo harmônico. Esta é, aliás, a fase mais importante da instrução do hospital cirúrgico portátil. O processo de transporte do equipamento exige que o sistema do enfiamento seja padronizado e bem conhecido de cada membro da unidade. Dêste exercício conjunto depende a presteza com que se pode instalar o hospital, o seu imediato funcionamento, a sua desmontagem e o seu rápido deslocamento.

c) *Combinada*. — O treinamento combinado far-se-á durante manobras com outras unidades, sob a direta responsabilidade do chefe do serviço de saúde da unidade em que esteja destacado o hospital.

152. ADMINISTRAÇÃO. a. *Pessoal*. — A parte diária e demais documentação pertinente a pessoal são enviadas pelo estada-maior do hospital ao comandante do escalão superior, de acôrdo com as exigências regulamentares. Para sacar a quantidade necessária de rações idêntica documentação dos pacientes é também remetida.



Fig. 97 — Parte de equipamento de mochila de hospital cirúrgico portátil.

b) *Saúde.* — Devem ser registadas as fichas de evacuação, modelo WD AGO 8-26; e os registos-saúde de campanha, modelos WD AGO 8-23, juntamente com os modelos recém-citados dos pacientes que tiveram alta, deve ser encaminhada mensalmente ao chefe do serviço de saúde do escalão, divisão ou grande destacamento. O mapa estatístico, modelo WD AGO 8-122, é remetido ao chefe do serviço de saúde do escalão superior, segundo as disposições em vigor. Registo sumário de todos os pacientes, com os respectivos destinos, deve ser mantido em dia cuidadosamente. Os mapas de baixas é compilado por ele. Os modelos usados no serviço interno são discriminados pelo comandante do hospital.

c) *Aprovisionamento.* (1) — Os suprimentos de classe I são automática e diariamente recolhidos dos pontos de aprovisionamento da divisão ou do grande destacamento.

(2) O material de saúde é adquirido do oficial aprovisionador de material de saúde da divisão ou do grande destacamento, por pedido normal ou extraordinário. A entrega deste material é feita, nos pontos de material de saúde, a caminhões ou a cargueiros e padioleiros, nas áreas avançadas, si necessário.

(3) Os outros suprimentos são obtidos nos respectivos pontos de aprovisionamento da divisão ou do grande destacamento.

d) *Assistência a doentes e acidentados.* — As seções técnicas instalam dispensário para o pessoal do hospital.

(continua)

Contribuição ao estudo para a organização de centros de preparação e recompletamento de recrutas

À medida que o homem aperfeiçoava as suas faculdades mentais, procurava êle diminuir a participação do seu esforço físico, na luta pela vida, creando artefactos e máquinas que lhe permitissem aumentar o rendimento do labor diário com uma menor cooperação dos seus músculos. A princípio toscos, de um rendimento mínimo, eram empregados apenas nas mais rudimentares operações da vida diária. Com o passar do tempo, porém, graças a essa força misteriosa que impele o homem pela estrada ampla do progresso, numa ânsia incontida e insatisfeita de saber e bem estar, foi-lhes imprimindo aperfeiçoamentos sucessivos que os levaram a um grau de eficiência cada vez maior. A princípio lentos e tíbios, com o advento da electricidade, do vapor e do motor de explosão, sofreram um vigoroso impulso, assumindo a máquina nas eras modernas uma importância decisiva, creando, para o século actual, uma civilização impregnada de um alto espirito de mecanização. No recesso do lar, nos escritórios, nos labores do campo, na amplidão dos céus, na imensidão dos mares, em qualquer canto da terra, onde houver um ser civilizado, aí estará a máquina estadeando a sua supremacia onipotente, jungindo de tal maneira o destino do homem á sua força, que a vida lhe parecería, hoje, insuportavel, sem o conforto que ella póde proporcionar. Ao prodigalisar tamanhos benefícios, passou essa mesma máquina a exigir do seu creador um maior aprimoramento do seu saber, uma maior destreza nos seus gestos, uma mais rápida capacidade de julgamento e decisão, desde que deseje obter dela o máximo rendimento com o menor esforço.

Não poderia assim um organismo social, como o exército, furtar-se á sua decisiva influência, abrindo mão de uma série incontável de vantagens, capaz de lhe proporcionar a obtenção de uma vitória rápida e segura, ou deixá-la á mercê de um adversário mais previdente. Assim, pouco a pouco, elle incorporou á sua estrutura não só os melhoramentos de ordem material da sua era de paz, aperfeiçoando-os celereamente no período de guerra, mas ainda se deixou impregnar de um sem número de conquistas espirituais que lhe permitiram manter-se ao nível de cultura de seu povo e da sua época. Essas conquistas, como era natural, acarretaram-lhe profundas metamorfoses nos seus elementos de ação, na estruturação do seu organismo e nas suas doutrinas: ás fundas dos pelotários, ás espadas dos legionários, ás lanças e armaduras dos cruzados, sucederam-se a espingarda, o fuzil e o canhão; á falanges gregas, ás legiões romanas, ás hordas dos hunos, advieram as milícias, os exércitos profissionais das eras napoleônicas, para chegar finalmente á formula atual do exército nação armada; ao emprêgo das massas de manobra, cujo escopo principal era fazer atuar, em um determinado setor, o pêso da fôrça do conjunto, seguiu-se o princípio da utilização das vagas de mecanismos, sob as quais se abriga o elemento humano.

Essa integração do exército á civilização das novas eras foi tão funda e tão perfeita, que se pôde dizer que elle, hoje, representa a miniatura da nação á qual pertence. Dos seus elementos de ação, da sua organização e da sua eficiência, poderemos ajuizar da capacidade de produção, do gráu da cultura e do valôr de u mpovo. A sua estruturação obedece ás mesmas leis pelas quais se regem as grandes industrias de paz. Néstas, como naquêle, todo o elemento humano tem de obedecer ás mesmas leis de seleção e aperfeiçoamento, visando alcançar o princípio fundamental "de cada um de "acôrdo com a sua capacidade...". O número cedeu lugar á qualidade, o individuo á equipe, o isolacionismo ao espírito de cooperação. Um técnico valerá certamente mais que

vários indivíduos sem qualificações especiais, uma equipe muito mais que um técnico isolado, e um decidido espírito de colaboração infinitamente mais que uma série de organizações estanques, trabalhando cada uma por sua própria conta, sem tomar conhecimento do que se processa fóra do seu âmbito de ação.

Como é de esperar, ao aceitar a máquina, não poudo o exército fugir ás leis da evolução, alijando-se do seu domínio. Assim, suas doutrinas de guerra impregnaram-se de mecanismo, a seleção dos seus efetivos passou a repousar no cálculo do rendimento das máquinas, a sua organização e estrutura passaram a ser concebidas em função da máquina. Na verdade, proporcionando meios de agressão de uma brutalidade e eficiência inusitadas, revolucionando os meios de observação e transmissões, a máquina firmou o seu reinado incontestado e intransigente sôbre as organizações militares. Porém, por maior que seja a sua capacidade de construção e destruição, qualquer que seja o número de facilidades que nos conceda, o homem será sempre o elemento impar, dominador, indispensável, sendo com êle que teremos de contar para acionar toda éssa infundável e complicada gama de maquinária e é a êle que teremos de confiar as tarefas supremas em que só as luzes da inteligência e do raciocínio podem deliberar e decidir.

Se, em 1815, "vinte estafetas não bastaram para que Grouchy chegasse oportunamente a Waterloo, um rádio basta hoje para movimentar instantaneamente os exércitos e as esquadras"; "um avião", em uma hora de tempo, póde descobrir mais do inimigo que toda a cavalaria de Murat, em um dia inteiro" e, "se 3 metralhadoras fazem atualmente o mesmo trabalho, com um alcance dez vêzes maior do que fazia um batalhão, em quadrado, nas pirâmides, atirando 2.000 balas por minuto", é preciso que o soldado de hoje se impregne de técnica para acionar êsse rádio, dirigir o avião, interpretar uma carta, para assinalar as localizações do inimigo para tirar da metralhadora toda a eficiência e obter da

mêsma o máximo poder de destruição. Todos êsses elementos e a coorte imensa de maquinismos subsidiários, de uso corrente nas guerras atuais, quedariam inoperantes ou improdutivos se não fôsem entregues a mãos capazes e hábeis que pudessem obter dos mêsmos o máximo de rendimento e eficiência.

Passando do estado de empirismo, mais ou menos primitivo, para um alto gráu de tecnicismo, deixou o exército de constituir uma entidade de organização simplista, cuja principal finalidade consistia em servir de núcleo á absorção de grandes massas, sem preocupação de uma escolha, condicionada á capacidade individual. Hoje, com a série imensa de problemas, decorrentes da adoção da máquina e, consequentemente, da técnica, á qual se pôde acrescentar uma infinidade de outros, atinentes não só a assúntos de ordem material, mas também aos de ordem espiritual, a feitura de um exército complicou-se de tal maneira que éla se tornou de uma complexidade extrema, podendo-se dizer com "Johnston" "que a organização de um exército é, talvez, o menos simples dos problemas humanos".

Na hora de agir "tudo o que tiver de ser feito, o terá de ser, na base dos planos já elaborados". Daí a necessidade de um estudo cuidadoso dos planos de ação e de uma meticolosa e eficiente escolha e preparação do pessoal encarregado de executá-los. Problemas simples de enunciar e muito mais difícil de executar, requer para a sua realização completa, uma organização particular e um pessoal selecionado e eminentemente técnico, capaz de incutir no adveno da caserna a impressão de que o período passado sob o uniforme, não foi um tempo "lamentavelmente perdido, inútil", mas que, ao contrário, adquiriu um novo vigôr físico, uma sôma de conhecimentos novos, uma energia moral até então insuspeitada, que o habilitaram a enfrentar com novo vigor e espírito de decisão as incertezas da luta pela vida.

Conquanto o preparo das massas não sêja o único problema a ser resolvido, constitue êle, entretanto, o problema

básico de toda a preparação de um povo para a guerra. De nada servirão uma excelente situação econômica e um grande parque industrial, se a massa não fôr suficientemente preparada para enfrentar a situação e não souber ou não quizer emprestar á tarefa que lhe cabe desempenhar, uma parcela d'essa força divina que lhe anima o cérebro e o coração! Os fatos da atual guerra emprestaram a essa afirmativa o valôr de um duro e trágico realismo. Aí, pudemos assistir estarecidos ao naufrágio de velhas nações cultas, cujas civilizações serviam de paradigma á toda a humanidade, mergulhando céleres na derrota e no opróbio, simplesmente porque os seus filhos achavam que os dias passados na caserna não representavam mais do que um tempo "lamentavelmente perdido", sem uma finalidade objetiva, ao passo que outras, sem um passado guerreiro, sem um grande espírito militar, se agigantavam através dos seus feitos, graças á bôa vontade e ao espírito de cooperação de seus cidadãos, á excelente atuação militar de suas tropas, obtida por meio de uma seleção e treinamento racionais que deixaram nos milhões passados por éssa mesma caserna, a impressão de que os dias aí dispendidos, longe de constituírem um desperdício, lhes tinham revigorado o físico e o espírito e lhes haviam ensinado a amar e respeitar a pátria e a humanidade, abrindo-lhes na alma novos horizontes para a compreensão de um amplo e são princípio de cooperação.

Uma nação não deverá ir á guerra, mesmo de caráter defensivo, se a opinião pública não estiver inteiramente saturada da necessidade d'esse recurso extremo e se não depositar absoluta confiança no seu exército, sob pena de correr ao encontro de um desastre certo. Cabe aos líderes militares participarem intensivamente dessa tarefa, trazendo em apôio da sua atuação, o exemplo de um exército em que não haja discordância entre a missão a cumprir e o sistema militar vigente e que todos, de cima abaixo da escala, tenham a convicção de ter que resolver um problema útil. Éssa finalidade só poderá ser conseguida por uma perfeita instrução da

tropa e, sobretudo, pelo sentir daqueles que passaram pela caserna e que guardam a sincera impressão de que o seu esforço e o seu tempo não foram gastos inutilmente. Esse sentimento favorável só poderá ser obtido pela introdução nos organismos militares de uma instrução metodizada, calcada em métodos rigorosamente científicos, capazes de descobrir as inclinações individuais, separar os homens em grupos homogêneos, estimular entre êsses grupos o espírito de competição, seja sob o ponto de vista esportivo, técnico ou científico, desenvolver o espírito de cooperação, proporcionar novos conhecimentos, revigorar o físico, em suma, permitir, ao máximo, o desenvolvimento rápido e seguro das qualidades potenciais, latentes em cada indivíduo.

Foi por esse método que a grande nação do Norte fez de um pequeno exército esse gigante intrépido que tem sabido afrontar com galhardia as mais poderosas forças de destruição do mundo moderno.

MÉTODO AMERICANO

Em 16 de setembro de 1940, o Congresso aprova a lei do serviço militar obrigatório, conhecida como a lei do "Selective Service System" que entra imediatamente em execução. Um mês após, são convocados 16.000.000 de americanos de 21 a 36 anos de idade.

Eles definem a lei como o propósito de assegurar um método ordenado, justo e democrático, pelo qual o poder militar humano (manpower) dos Estados Unidos possa ficar disponível para o treinamento e o serviço em terra e nas forças navais, como determinado pelo Congresso, com a menor desorganização possível da vida social e econômica da nação.

A lei compreende três operações: registro, indução, classificação e seleção.

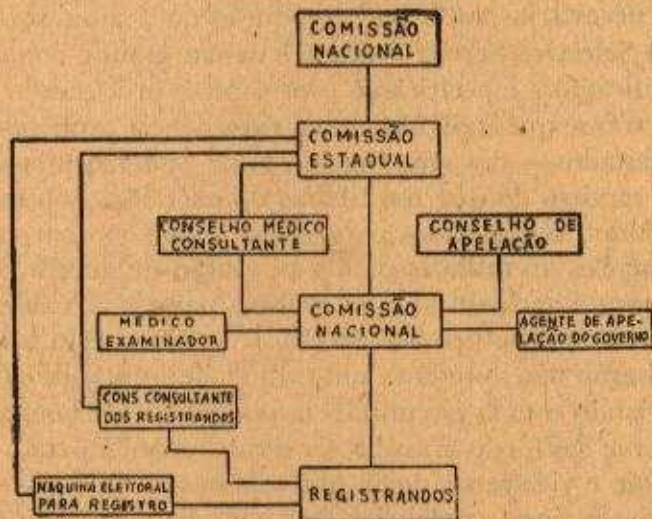
O Selective Service é uma organização civil, compondo-se de uma *Administração Nacional*, exercida por um Diretor Geral, diretamente subordinado ao Presidente da República, assistido por um diretor técnico, um administrativo e

um agente executivo, e uma *Administração Estadual*. Esta última, que constitui o verdadeiro órgão executivo, fica sob a jurisdição dos presidentes dos Estados, aos quais compete nomear uma pessoa de sua confiança para exercer a administração do Serviço dentro do Estado — o Diretor Estadual do Serviço de Seleção. A administração Estadual compreende um escritório central, encarregado da administração estadual; comissões regionais, comissão médica consultiva, comissão de recursos, representante do governo para os casos de apelação, médico examinador, comissão de assistência aos convocados, encarregada de auxiliá-los a preencher os fichários, fazer apêlos, etc.

O diagrama junto nos mostra claramente o entrosamento de todo o serviço.

Existem cerca de 6443 Comissões Regionais, registrando cada uma cêrca de 1000 a 8000 individuos, donde se procurar uma melhor distribuição dessas agências, de acôrdo

ELEMENTOS DO SELECTIVE SERVICE SYSTEM



com a densidade da população, baseada nos resultados do censo demográfico. Para os seus serviços contribue um verdadeiro exército de voluntários não remunerados, dizendo os americanos que nunca viram um tal volume de serviços gratuitos prestados, exclusivamente com um sentido patriótico.

EXECUÇÃO DO SERVIÇO

No dia fixado para o registro de uma determinada classe, os indivíduos comparecem á *Comissão Regional*, preenchendo um "Cartão de Registo" onde apõem o nome, endereço e alguns outros dados, recebendo em troca um "Certificado de Registo", o qual devem conservar sempre em seu poder. Depois, recebe o registrando um questionário em que são detalhados certos pormenores sobre profissão, rendimento, declaração sobre encargos de família, etc., o qual deverá ser restituído á Comissão dentro de 10 dias. De posse desses questionários procede a Comissão a uma classificação, separando aquêles que possuem contra-indicação, para ingressar no Exército, por incapacidade moral, deformidade física, por pertencerem ao clero, por questões de nacionalidade, ou por serem necessários ao "front" produção ou á administração.

O Selective Service System leva em grande conta para a classificação a especificação profissional, procurando evitar a todo transe que indivíduos com experiência profissional sejam afastados — dos seus lugares, onde poderão prestar melhores serviços do que nas fileiras do exército. Sob esse critério foram selecionados para 1943, 11.000.000 para as forças armadas, 20 milhões para a produção de guerra, 12 milhões para a agricultura e 22 milhões para as atividades civis absolutamente indispensáveis (M. B.). O critério para essa classificação não apresenta um caráter de imutabilidade, antes variando com as circunstâncias, podendo um homem que hoje serve nas forças armadas ser tirado amanhã para o front-produção e vice-versa, desde que seja encontrado um substituto com maiores credenciais, ou que seja verificado que lá

êle poderá prestar melhores serviços do que no setor onde atualmente trabalha. O que domina na orientação do serviço é a busca do "homem-aptidão" e do "homem-produção".

CENTROS DE INDUÇÃO

(*Alistamento*)

Das Comissões Regionais os indivíduos disponíveis para o Exército são encaminhados para os Centros de Indução e Recrutamento", (Induction and Recruiting Stations), órgãos do Ministério da Guerra, onde os convocados são submetidos a exame médico, psicológico, psiquiátrico, dentário, etc.

Esses "Centros", em número de 30, possuem várias seções administrativas, indução (alistamento), recrutamento, medicina, de material e uma para voluntários para aviação.

Aí chegando, são os convocados alojados, alimentados, identificados e submetidos aos diferentes exames médicos, psicológico, raios-X, dentários e psiquiátrico, sendo os portadores de lesões, imediatamente rejeitados. Os resultados desses exames são remetidos para decisão final, a uma junta de três membros, cujo presidente pôde ser um civil. Terminados os exames os aptos são encaminhados para os "Centros de Recepção", e os incapazes retornados aos seus domicílios.

CENTROS DE RECEPÇÃO

Nêste segundo crivo militar é o convocado submetido a testes com o fim de serem apurados: o seu grau de inteligência, a sua cultura, as suas aptidões, a sua experiência profissional, para ser encaminhado a uma determinada atividade, onde possa produzir o máximo de rendimento.

Esses testes fôram organizados com o auxílio de grandes sumidades no assunto e com a cooperação de várias entidades técnicas do país, principalmente do "National Resources Council", e compreendem os testes gerais de classi-

ficação e outros mais especializados, empregados nas entrevistas individuais, com entrevistadores habilitados, capazes de dar um parecer conciso e seguro.

Após a realização de todas as provas, são as fichas encaminhadas ao "classificador" para indicação das funções e treinamento a que deve ser submetido o examinando.

Apesar da minuciosidade com que são organizadas essas pesquisas, os seus resultados não são considerados definitivos, pois a conduta dos mesmos em relação ao meio poderá levar a uma ou várias modificações dos respectivos pareceres.

CENTRO DE TREINAMENTO

Representam os Centros de Treinamento o terceiro crivo pelo qual passa mtodos os que ingressam no exército para constituir o seu "manpower".

Destinam-se êsses centros de treinamento básico e especializado a cada arma e serviço. Apesar dos homens que aí ingressam já terem sofrido um apurado exame de seleção, por meio dos mais variados testes e processos, que fizeram ressaltar as suas tendências e capacidade, continuam êles a ser interrogados, entrevistados, com o objetivo de uma melhor apuração das suas qualidades. À medida que o seu treino progride, novas aptidões, novos interesses vão sendo verificados e os indivíduos são reclassificados uma ou mais vezes, tomando o ensino que lhe é ministrado nova orientação, mais compátivel com as suas tendências e aptidões. Algumas vezes, indivíduos inteiramente estranhos a certos mistères são para êles encaminhados, porque os oficiais que os orientam levam ao psicólogo as suas impressões e êste pôde verificar que os mêsmos possuem qualidades especiais para determinadas atividades, de maior conveniência para a Nação e, talvez, para o próprio indivíduo.

Durante a nossa visita ao "Fox Knox", assistimos a uma conferência em que o conferencista demonstrava ser possível por meio de testes apropriados, trazer á nação uma gran-

de economia de dinheiro e de tempo. Assim, um noviço, cuja instrução completa de tiro deveria custar aos cofres públicos cerca de 400 dólares, no espaço máximo de 15 dias, caso o mesmo revelasse qualidades negativas para esse mister, sendo imediatamente reclassificado para outras atividades ou mesmo descartado do Exército, caso se verificasse falta de aptidão para qualquer serviço militar. Esse fato é bem elucidativo da economia de tempo e dinheiro que pôde trazer ao Estado ou mesmo a empresas particulares, uma seleção de aptidões e valores, bem orientada.

Os Centros de Treinamento (Replacement Center) constituem a pedra fundamental de toda a organização militar americana. Consagram-lhe o máximo de carinho, não poupando esforços para dar-lhes o maior grau de eficiência possível, só comparável àquêle que dispensam às suas escolas técnicas. Cada arma, cada serviço possui, pelo menos, um centro de treinamento, geralmente sob a direção de um general de brigada.

Como não interessaria ao nosso trabalho uma descrição minuciosa de todos esses centros, diremos apenas algumas palavras sobre o de "Fort Knox", conhecido nos EE. UU. como a "Mother Country" das forças motomecanizadas. Nêle funcionam a escola de armas "Replacement Center Gunnery School" e a Escola de Moto-Mecanização. Possui 495 edifícios, dos quais 47 são reservados para a instrução, tendo custado cerca de 20.000.000 de dólares. O ensino ocupa 250 oficiais e 1950 homens. Os seus laboratórios técnicos são, em muitos casos, maiores do que os maiores do país. No seu programa de ensino, incluem-se assuntos sobre rádio-operadores, rádio-eletricistas, criptógrafos, mecânica de motores, revisores, caldeadores, ferreiro, mecânica de moto, datilógrafos, cozinheiros, padeiros, etc.

Esse Centro compreende três grupos, comandados por coronéis, de seis batalhões cada um, sob o comando de ten-coronéis. Cada batalhão possui três companhias de 250 homens e 4 pelotões.

O período de instrução, como em todos os outros centros de treinamento, é de 13 semanas, das quais as duas primeiras são consagradas ao treinamento básico do soldado da 3.^a a 10.^a inclusive, vem a instrução sobre armas e veículos e, finalmente, exercícios de tática.

A instrução nesses centros obedece a um ritmo intenso, porém o bem estar do soldado nunca é descuidado, bastando mencionar que além de outras facilidades, como o Post Exchange, etc., existe em Fort Knox três clubs, dos quais um para os homens de côr.

Após a sua chegada ao Centro, o recruta é imediatamente alimentado, qualquer que seja a hora, pois há uma lei no exército americano que manda alimentar o homem que chega de trem, sem consideração pelo horário. No dia seguinte, são submetidos a uma entrevista de 12 minutos, no gabinete de identificação, sendo anotados detalhes interessantes relativos á profissão, vida civil, etc., sendo as respectivas fichas catalogadas e arrumadas em dois aparelhos, dos quais um é empregado na indústria civil, etc., sendo as respectivas fichas catalogadas e arrumadas em dois aparelhos, dos quais um é empregado na indústria civil e que permite, por meio de um bastão, separar, por uma série de números, os homens por profissão, o que representa uma grande facilidade para a constituição dos chamados "quadros" — pessoal treinado para constituir núcleos para as novas divisões — e o "Rare Bird Book", onde estão classificados os indivíduos cujas profissões e vocações são pouco empregadas no exército, como atores, atletas, advogados, etc.

Dos Centros de treinamento partem, finalmente, os jovens soldados para as diferentes unidades, segundo a lei da oferta e procura, onde completarão definitivamente a sua instrução militar.

O PROBLEMA BRASILEIRO

Acabamos de ver o carinho e a solicitude com que o legislador americano elaborou as leis para o recrutamento de

seus concidadãos para o serviço militar, para o front-produção e para as demais atividades indispensáveis à vida do País. Pudemos observar as diversas fases do trabalho dessa rica e complicada engrenagem em que todos os élos se entrosavam de uma maneira suave, em perfeita consonância, produzindo um trabalho excelente em qualidade, capaz de permitir a esse povo maravilhoso, de índole pacífica, cioso ao extremo das suas liberdades e prerrogativas democráticas, apresentar esse titânico conjunto que tem sabido maravilhar o mundo com os seus feitos de coragem, abnegação e sacrifício.

É preciso que se tenha conhecido a América e o seu povo, antes e após a declaração de guerra, para se poder avaliar a grandiosidade da tarefa realizada. Ela não representa somente o fruto de um decidido patriotismo, mas também muito dessa admirável preparação, calcada em métodos racionais e científicos, capaz de incutir em cada cidadão a consciência de que trabalhava para uma tarefa vital em que se jogava o destino do País, e que teria de escolher entre a liberdade e a escravidão, a vida ou a morte.

Os jovens, ao transporem os umbrais dos Centros de Indução, não levavam no espírito mais do que a noção do cumprimento de um dever de cidadania; ao deixarem, porém, os portões dos "Replacement-Centers" a sua situação moral era inteiramente diferente! A instrução metódica, estimulando-lhes o gosto e a aptidão para determinadas atividades, incutiu-lhes na alma uma serena confiança na capacidade de seus chefes, a certeza de que se achavam preparados para enfrentar todas as vicissitudes de uma guerra moderna e de que não seriam imolados, como vítimas inermes, no altar da Pátria.

Poderiam esses métodos ser aplicados na seleção e preparação dos nossos soldados? Certamente que sim, desde que saibamos encaixar o modelo em uma forma genuinamente nacional, em acordo com a nossa realidade, o nosso temperamento e a nossa finalidade, levando para isso, em

consideração, a diferença de riqueza, de cultura e dos elementos materiais que caracterizam os dois povos.

Necessário, pois, se torna uma apreciação sucinta do temperamento e do caráter brasileiro, do grau de cultura da massa popular, do problema da saúde, das condições materiais da sua vida condicionadas á situação econômica do país, ao aspecto geo-físico do território nacional, ás vias de comunicação, e, principalmente, um estudo mais demorado da sua organização militar, das suas leis básicas e regulamentos, para que possamos observar-lhes as falhas, as inaptações, e tirarmos as deduções necessárias para uma melhor aplicação e execução do mesmos.

Estudando o caráter brasileiro, diz FERNANDO DE AZEVEDO: "Entre os traços dominantes, um dos mais fortes e considerado ás vezes como a própria chave do caráter brasileiro, é o predomínio, na sua estrutura, do afetivo, do irracional e do místico que se infiltra por todo o ser espiritual, amolecendo-lhe ou exasperando-lhe a vontade, conforme os casos, e dando-lhe á inteligência um aspecto essencialmente emocional e carregado de imaginação". Nesta sentença, o ilústre professor retrata de maneira magistral o caráter do nosso povo, sintetizando nela os traços predominantes das suas características psicológicas: — a bondade que "constitue a sua força e a sua fraqueza, a um tempo" —, a sua "hospitalidade vigilante e reservada", a sua incapacidade de se ater ás concepções objetivas, a sua capacidade de improvisação e de adaptação, o colorido da imaginação, a vontade incerta e irregular que o faz passar subitamente de um estado da mais completa indiferença e apatia ás mais violentas reações de defesa que espantam pela brutalidade e energia reveladas, numa desproporção desmedida entre o esforço desencadeado e a excitação recebida, e capaz de transfigurar o homem tristonho, cabisbaixo, em um titan de porte altivo, de linhas firmes e de ação pronta e resoluta, como tão bem nô-lo descreve a pena incomparavel de EUCLYDES DA CUNHA em "Os Sertões". Precisamos ainda ressaltar entre as qualidades

e defeitos do caráter brasileiro, um desenvolvido espírito de individualismo que, herdado dos nossos antepassados europeus, aqui se desenvolveu a extremos, sob o influxo das circunstâncias ambientais, e que gerou uma forte tendência anti-cooperacionista, que tanto tem contribuído para dificultar a ação refreadora das leis sociais sobre o indivíduo e tem concorrido para que todas as iniciativas de ordem coletiva encontrem grandes tropeços para a sua realização, seja pela displicência de uns ou a má vontade de outros.

Quanto ao ensino fundamental, a situação do povo brasileiro é bastante deficitária, sendo calculada a percentagem de analfabetos em 60 a 70 %, segundo uns, e um pouco mais, de acordo com a opinião de outros. Apesar do número das escolas primárias passarem de 27.000, em 1932, para mais de 40.000 em 1939, com 3.500 matrículas, somos levados a pensar que cerca da metade da população infantil não recebe os benefícios da instrução primária, o que nos faz supor que, quando se fizer a convocação de uma classe inteira, o exército absorverá uma massa de mais de 120.000 analfabetos.

Em relação ao ensino técnico-profissional, a nossa situação não oferece vantagem sobre a do ensino elementar. O ensino no Brasil teve sempre um caráter humanístico e a especialização, restrita ao ensino superior, restringiu-se às profissões liberais. Só após o advento da Revolução, em 1937, é iniciado um período de colaboração entre o Estado e as indústrias, consubstanciado no art. 129 da nova Constituição, embora já tivesse havido um surto animador no quinquênio de 1932-36, em que o número de instituições destinadas ao ensino profissional subiu de 100 para 170 no Distrito Federal e São Paulo. Em 1939 é assinado pelo Presidente um decreto-lei, sob o número 1328, segundo o qual todo estabelecimento fabril com mais de 500 empregados deveria manter cursos de aperfeiçoamento para menores e adultos, de acordo com regulamento a ser elaborada pelos Ministérios do Trabalho e da Educação. Em 1940 nota-se

uma elevação da cota destinada ao ensino profissional de 4 para 8 % das verbas destinadas ao ensino, no Distrito Federal e nos Estados (F.A.).

Embora com um desenvolvimento auspicioso, graças á nova orientação política do País, imprimida pelo Dr. Getúlio Vargas, o início do ensino técnico-profissional data de ontem, sendo ainda reduzido o número de "homem-aptidão", tornando-se necessário um processo que venha acelerar a formação de técnicos.

País de grande extensão territorial, possui uma população rarefeita que, embora apresentando a cifra global de 5 habitantes por quilometro quadrado, acusa na maior parte da sua imensa vastidão, zonas de escassíssimo índice de povoamento, que chega em alguns pontos a meio habitante por Km². Com vastas e ricas florestas, climas variados, um dos maiores sistemas potamográficos do mundo, é percorrido de N. a S. com ligeira declinação de O. L. por altas montanhas, próximas ao litoral, barrando o acesso ao interior, e ligadas ao sistema Central ou Centro-Occidental por uma lombada transversal, de altos picos, que separa as planícies de dois dos seus maiores rios. Essa configuração tem concorrido para dificultar a expansão dos seus sistemas rodoviários e ferroviários, embaraçando de maneira sensível o trânsito de sua diqueza, e para manter em estado de quasi completo isolamento núcleos de população que, por êsse motivo, não têm podido acompanhar o surto de progresso da Nação, mantendo-se em acentuada situação de inferioridade cultural e econômica em relação aos demais núcleos, obstando assim a ação dos poderes públicos.

Se as cogitações sôbre os interesses da educação desafiam a argúcia dos legisladores e dos poderes executivos da Nação, muito mais grave se apresenta o problema da saúde. Se aquêles têm se mostrado permanentemente deficitários, êste assume um aspecto de calamidade, devido, em parte, ás tremendas dificuldades que têm se anteposto á execução de um plano sistematizado de saneamento da zona litorânea,

do combate ás doenças sociais, pela sôma vultuosa que êsses serviços exigem e tambem devido á grande ignorância de parte da população, que tem se mostrado refratária ás medidas propostas, notadamente na região nordestina. Embora sêja êsse fenomeno mais acentuado nessa região, contudo muitos outros Estados, como o E. do Rio, apresentam um aspecto de quasi paridade, como nos foi dado verificar na inspeção que há pouco realizamos, fazendo com que a advertência de Miguel Pereira represente ainda uma verdade para a maior parte do Brasil.

Entre as entidades nosológicas que mais afligem a nossa população, ocupam lugar de relêvo as endemias tropicais, a sífilis, as doenças venéreas e a tuberculose. Em quasi toda a extensão do litoral brasileiro o paludismo domina de maneira soberana e na costa da região nordestina êle se associa ás outras endemias, — principalmente á xistosomose, havendo núcleos de população que apresentam um índice de infestação de 80 % como Catende que possui vinte mil habitantes.

Afim de comprovarmos o que acabamos de asseverar, daremos alguns dados estatísticos, preferindo recorrer ás pesquisas militares, por terem uma maior significação para o nosso trabalho, apesar de falhas e incompletas.

Na 7.^a R. M., de Alagôas ao Rio Grande do Norte, em 503 incapacidades para o serviço militar, relacionadas pela Junta de seleção para a F. E. B., tivemos a seguinte distribuição pelos diferentes grupos da N. N. G. E. :

Doenças infectuosas	2,38 %
(5 casos de tuberculose e 7 de lepra)	
Perturbações do desenvolvimento geral	52 ou 10,33 %
Doenças do aparelho circulatório	170 ou 33,79 %
Doenças dos olhos	61 ou 12,12 %
Doenças do sistema nervoso	50 ou 9,94 %

No grupo das lesões do aparelho circulatório, as lesões orovalculares entraram com um coeficiente de 81,17 %.

O movimento de venéreos acusou a cifra de 16,991, em sete meses, com 3.910 incidências.

Na 7.^a R. M., o exame sorológico para Wassermann e Kahn acusou uma positividade, em 11.775 reações, de 22,12% e 23,07% respectivamente, enquanto que na 1.^a R. M. o coeficiente foi de 8 e 10% para o B. G. e 1.^o R. C. D., respectivamente. Em um quinquênio, de 1937-41, entre o número de incapacitados, podemos destacar o seguinte contingente:

Lepra	42 casos
Perturbações orgânicas suspeitas	137 "
Psicose e constituição psicopática	628 "
Tuberculose	705 "
Epilepsia	428 "

Estes números referem-se apenas a hospitais e enfermarias militares, não sendo computadas as outras Juntas de Inspeção.

A estatística do H.C.E. apresenta para os anos de 1942-43 e 4, os seguintes casos de incapacidade:

Lepra	5	
Tuberculose	195	
Personalidade psicopática	35,84 e 145	— Total 264
Epilepsia	40,51 e 81	— Total 176
Esquizofrenias	6,4 e 6	— Total 16
Esquizofrenias com manifestações neuromentais	26	

A inspeção para a F.E.B., nas diferentes regiões, acusou o seguinte resultado de incapacidade para a mesma:

- 1.^a R.M. — 16,54% para praças e 13,29% para oficiais;
 2.^a R.M. — 27% para praças e 21,50% para oficiais;
 3.^a R.M. — 49,285% para praças e 41,6% para oficiais;

- 4.^a R.M. — 37,508% para praças e 19,80% para oficiais;
 5.^a R.M. — 28,36% para praças e 22,60% para oficiais;
 6.^a R.M. — 20,50% para praças e 4,50% para oficiais;
 7.^a R.M. — 27,65% para praças e 37,00% para oficiais;
 9.^a R.M. — 18,84% para praças e 15,25% para oficiais;
 10.^a R.M. — 43,85% para praças e 15,25% para oficiais;

A última J. M. par F. E. B., organizada na 1.^a R. M., em um total de 1704 praças, julgou inaptas para esse fim 1420.

A Junta de inspeção para sorteados para a 1.^a R. M., em 5.261 exames, incapacitou 2.075, e dos aptos, 152 serão encaminhados a nova inspeção, onde provavelmente muitos serão incapacitados, e 215 outros declarados precisar de um tratamento prévio que os torne compatível com o serviço militar.

A Junta do Q. G. da 1.^a Região, em 4.426 inspeções, em 194, julgou incapazes temporariamente:

Oficiais	89
Praças :	128
Sorteados	75

Incapazes definitivamente :

Oficiais	82
Praças	116
Sorteados	147

A maioria dos oficiais incapacitados é representada por Oficiais da Reserva de 1.^a Classe.

As incapacidades fôram motivadas :

Tuberculose	40
Neurose	7
Doenças do aparelho Circulatório	136

Alienação mental	9
Psicastênia e neurastênia	14
Fraqueza orgânica	3
Epilepsia	3
Constituição psicopática	7

Considerando o panorama militar, podemos dizer que as suas leis e regulamentos são, de uma maneira geral, ótimos. Os resultados obtidos ao fim do período de instrução são também satisfatórios, apesar de exigirem dos oficiais e seus auxiliares um esforço que poderia ser melhor empregado em proveito do próprio ensino militar.

A atual lei do serviço militar é calcada na prestação do serviço por meio do sorteio, o que tem trazido u masérie de não pequenos inconvenientes, atinentes á ignorância da massa popular, ás dificuldades das comunicações e um sem número de outros fatores. Não nos parece que, diante da situação real do País e talvez conviesse, dada a experiência adquirida, a sua substituição por uma outra que consultasse melhor os interesses nacionais e mesmo do Exército, como seja a da convocação das classes. (Dec.-lei n.º 7.343 de Fev. de 1945).

Quando chamados, os sorteados se reúnem em pontos de concentração, onde são inspecionados e aguardam alguns dias até sêrem encaminhados ás respectivas unidades para as quais fôram lotados. A permanência dos homens nêsses centros não é nada invejável pela falta absoluta de confôrto, onde há geralmente dificuldade até para o anseio diário; o movimento de chegada e saída procêssa-se de maneira irregular, óra com acúmulo, ás vezes escassez de pessoal o que traz sérias dificuldades para a alimentação do mesmo, dispêndio de dinheiro com a manutenção, por maior tempo, de oficiais que permanecem dias consecutivos com diminúto trabalho ou mêmso sem nenhum, vencendo diárias, com evidente prejuizo das suas funções nas unidades a que pertencem. As inspeções são feitas geralmente em ambiente de

desconforto, com insuficiência de meios propedêuticos, deixando quasi sempre uma grande margem a erros de interpretação, aceitando indivíduos que após um ou dois meses de incorporação têm de ser afastados, com prejuizo para os cofres públicos, para o Exército, para os indivíduos e para o próprio facultativo que os examinou.

No corpo para que fôram designados, sob o imperativo único do preenchimento dos claros, sem uma consulta prévia ás tendências e aptidões individuais, são os recrutas submetidos a exercícios e trabalhos para os quais não sofreram uma adaptação, em grupos heterogêneos, que exarcébam taras, que criam em muitos, complexos de inferioridade. Não podemos deixar, entretanto, de reconhecer que os resultados de conjunto revelam um magnífico índice de devotamento e habilidade dos instrutores, transformando verdadeiros brutos-canhestros em soldados apresentáveis, de certo porte marcial, capazes de executar ordens de comando e exercer o seu mister. Infelizmente êsse garbo, êsse porte marcial e êssa vivacidade aparente não tem fundamentos sólidos; se prescrutarmos cada um de per si, sentiremos que êsse polimento vai desaparecendo á medida que a nossa inquirição vai se aprofundando, que muitos dêles tiveram seus males orgânicos e não percebidos na primeira inspeção, agravados pelo esforço exigido; outros, com o seu psiquismo já marcado por taras hereditárias, desviaram-se, adquirindo vícios que antes desconheciam e que certamente continuariam a ignorar, se deixados no seu ambiente, ou removidos, se convenientemente pesquisados.

Os americanos, na regulamentação da sua lei sôbre serviço militar, põem uma ênfase particular á necessidade do despistamento das menores perturbações psíquicas e das constituições psicopáticas. A grande Guerra foi para êles uma dura e custosa experiência. Nos ânos de 1918 e 19, a Armada acusava 10.302 admissões nos seus hospitais por doenças mentais e nervosas; em vinte meses, terminado em dezembro de 1919, o Exército admitia em seus nosocômios,

pelos mesmos motivos, 97.657 pacientes. Em um período de 17 anos, a Administração dos Veteranos dispendia com tais doentes a importância de 924 537 613 dólares! Entre nós, as estatísticas por incapacidades e o número de internamentos por êsse motivo já falam eloquentemente, sem levarmos em consideração o grande número de casos de indisciplina, mesmo de crimes praticados por militares, que nada mais são do que manifestações de pequenas e grandes taras. Com a guerra, êsse número tenderá a aumentar rapidamente, a não ser que uma seleção judiciosa, por especialistas, seja feita em larga escala, o que nos parece absolutamente irrealizável na situação atual.

No terreno do ensino básico, não se pôde negar o valor da contribuição do Exército, o que já havia provocado do inolvidável Mestre da Medicina, o Dr. MIGUEL COUTO, que ás suas qualidades de um grande sábio reunia as peregrinas virtudes de um acendrado patriotismo, os mais calorosos encômios; contudo a sua obra ressentia-se da insuficiência dos métodos pedagógicos necessários, porque a arte de ensinar os fundamentos básicos da lingua requer aptidão especial e treinamento particularizado.

Apreciando ainda as atividades postas em prática para a seleção do pessoal para a F. E. B. e a preparação de especialistas, poderemos apontar uma série de falhas e imperfeições da atual orientação. Os exames médicos muitos deixaram a desejar, havendo individuos com vários pareceres contraditórios, como aconteceu, além de muitos outros, com 24 soldados da A. C. que, julgados aptos para tomar parte na expedição, no dia seguinte fôram regeitados no C. P. P. F. O tratamento do aparelho dentário foi feito nas mais precárias condições, sob grande atropelo e desconforto, dada a premência do tempo e a imperiosa necessidade dum tratamento sumário.

Em relação á seleção de especialistas, limitar-nos-emos a relatar dois casos bem sugestivos: no primeiro, tratava-se de um rapaz de côr parda, de fisionomia inexpressiva, que tinha feito uma péssima prova no exame final para enfer-

meiros. Ao solicitar uma licença, o Diretor do curso chamou-nos a atenção para o caso, mostrando-nos a prova. Dada a sua aparência, entregamos-lhe um livro que se achava sobre a secretária para que lêsse um trecho de sua escolha. Grande foi a nossa surpresa ao vê-lo fazer fluentemente, com ótima dicção, tanto mais, por se tratar de assunto escrito em estilo elevado. Interrogado sobre a sua conduta, revelou-nos que desejava ir para o curso de transmissões, e como isso lhe fosse negado e não desejasse ser enfermeiro, tinha feito aquela prova para ser reprovado. O segundo caso, dizia respeito a um guarda-livros que assinara a prova em branco; não aceitando o Diretor tal situação que evidenciava má vontade, mandou preveni-lo de que seria punido, caso não fizesse nova prova. Declarou preferir a punição a exercer uma profissão á qual tinha pavôr. Acreditamos que em matéria de seleção nada mais é preciso acrescentar, para condenar os métodos em uso.

Não são necessários grandes recursos de dialética para ressaltar as vantagens da criação dos "Centros de Preparação e Recompletamento de Recrutas". Eles permitiriam que se plasmasse em moldes convenientes o caráter dos jovens neles ingressados, corrigindo-lhes o exceso de afetividade e emoção, desbravando-lhes a inteligência, sondando-lhes as tendências, avaliando-lhes as aptidões, selecionando-os, enfim, para ocupações adequadas que lhes despertassem o estímulo da inteligência e a satisfação dos sentidos. Nêles, poderia ser ministrada de uma maneira — fácil, metódica, a instrução primária e iniciada a profissional a dezenas de milhares de brasileiros, por mestres especializados, com grande vantagem para o Estado, com economia de tempo e dinheiro.

As dificuldades devida á carência de estradas e meios de transporte, a desarticulação dos serviços médicos das unidades que têm os seus facultativos afastados para o trabalho de inspeção nos centros de concentração, o desconforto que é imposto aos conscritos que para êles acorrem, gerando uma atmosfera de antipatia e má vontade para com o Exército,

desapareceriam com a criação dos "Centros", onde encontrariam êles conforto, camaradagem e receberiam uma impressão de grandiosidade do conjunto que iria despertar-lhes sensações agradáveis e duradouras. Onde mais se fará sentir, porém, os maiores benefícios dessas organizações será no setor da saúde. As diretivas atuais têm falhado de uma maneira lamentável, com um grande prejuízo para a instituição, para a nacionalidade e para a raça. As estatísticas que apresentamos, embora incompletas, falhas, já dão bem uma demonstração do número de afecções do sistema nervoso, do aparelho circulatório, etc., onde muitos casos nada mais são do que o resultado de tratamentos incompletos, interrompidos pelas exigências do serviço, pela falta de racionalização dos métodos ou mesmo pela imprevidência dos próprios interessados, sem a necessária cultura para compreenderem as conseqüências de seu ato. Fato impressionante é o observado em determinado grupo de oficiais recrutados, principalmente entre os sargentos; aí dominam as lesões do aparelho cardiovascular e as afecções do sistema nervoso, numa demonstração berrante das sequelas luéticas, creadas na maioria dos casos, por um tratamento incompleto ou mal conduzido. Ainda agora estamos com uma grande quantidade de medicamentos especializados, cedidos pelo D.N.S.P. para uma campanha de demonstração contra a sífilis e doenças venéreas, em duas unidades desta Região, há vários meses; até o momento presente não nos foi possível iniciar a tarefa, pelo acúmulo de trabalho dos seus profissionais e pelas exigências do próprio serviço nos corpos que não permitem dispôr dos homens de modo a se conseguir um resultado útil.

O serviço odontológico, uma das mais imperiosas necessidades do serviço de saúde do Exército, apresenta-se em situação precaríssima, e sua reorganização, nos moldes atuais, seria muitíssimo dispendiosa, ao passo que centralizado, daria o máximo de rendimento com o mínimo de despêsa.

Do mesmo modo, o problema alimentar poderia tomar uma feição mais científica, por permitir uma série de expe-

riências, uma observação metodizada e científica, estabelecendo-se regimens padrões para os diversos grupos militares e conseqüente adoção de determinados tipos alimentares nos corpos de tropa.

Relativamente á preparação do cidadão na parte militar, as vantagens equivalem ás da saúde. Iriam integrar os corpos apenas soldados hígidos, já selecionados, ambientados no serviço militar e com a instrução básica inteiramente pronta, permitindo aos comandos iniciarem a instrução já pelo escalão de companhia. Isso viria facultar a realização de maior número de problemas de instrução e aliviaria consideravelmente todos os outros setores, inclusive os administrativos. Com o afastamento, nos "Centros", dos indivíduos de constituição psicopática e outras doenças do sistema nervoso, certamente teríamos uma diminuição sensível das transgressões disciplinares e mesmo dos crimes. Estando o soldado compenetrado dos seus deveres para com a Pátria, encontrando nos quartéis um ambiente agradável, por lhe interessar as suas atividades e imbuído de uma disciplina conciente, certamente que a tarefa de seus condutores será amenizada e concorrerá para estabelecer uma maior ligação entre o Exército e o meio civil.

Para o momento atual, acreditamos serem suficientes cinco centros, distribuidos no espaço em acôrdo com os efetivos prováveis de chamada, facilidade de condução e, tanto quanto possível, em atenção ás condições climáticas e proximidade de núcleos de população que possam oferecer um relativo conforto. Assim, pensamos em localizar um no Rio Grande do Sul, em S. Maria, Cachoeira ou S. Cruz, servindo ás 3.^a e 5.^a R. M., isto é, Rio Grande do Sul, S. Catarina e Paraná; o segundo em Três Rios, no Estado do Rio, destinado aos constrictos do Distrito Federal, E. do Rio, Espírito Santo, parte de Minas; o terceiro em Rio Claro, Estado de S. Paulo, servindo ás populações de S. Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso; o quarto em Engenho de Aldeia, já com algumas instalações e uma esplendida rêde rodoviária,

recebendo o pessoal de Sergipe, Bahia, Alagoás, Pernambuco, Paraíba, R. G. do Norte, Ceará e Piauí; o quinto no Pará, destinado á região amazônica, compreendendo ainda o Maranhão.

Calculando-se a chamada pelo atual sistema, para o efetivo vigente, em cerca de 100 a 120 000 homens, dada a conveniência do encaminhamento de parte dos sorteados de uma região para mais de um centro, pela facilidade de transporte e encurtamento das distâncias, poderíamos avaliar a capacidade dos mesmos, dando uma margem de folga para as emergências, da seguinte maneira :

1.º	Centro — Rio Grande do Sul	47 000	homens
2.º	" — Estado do Rio	20 000	"
3.º	" — Estado de S. Paulo	20 000	"
4.º	" — Estado de Pernambuco	27 000	"
5.º	" — Estado do Pará	5 000	"

Esses "Centros" deverão constar de tantos alojamentos para um máximo de 60 homens, quantos fôrem necessários; serviços de administração, compreendendo o comando. Deverão possuir ainda casas de residências em número suficiente para oficiais e sargentos; um cinema, cassino para praças, sargentos e oficiais com as respectivas famílias; centros de natação, campos de exercícios; estandes de tiro, rings, etc.; salas de aula, oficinas, gabinetes médicos e um hospital, tudo em estilo simples, porém confortável, com bôa perspectiva de conjunto. E' necessário que se estabeleçam cantinas, nos moldes americanos, onde sejam encontradas uma grande quantidade de pequenas utilidades, para que o homem sinta pouca necessidade de deixar o "Centro".

Ao chegar aí, receberão os homens roupa e serão encaminhados ao banheiro, sendo as roupas de uso relacionadas e enviadas á desinfecção e lavanderia, após o que serão alimentados, independente de horário. Após éssas operações, serão fichados e conduzidos aos alojamentos, onde ficarão em liberdade, podendo dispôr do resto do tempo. No dia seguin-

te, após a primeira refeição, serão conduzidos aos gabinetes de raios-X, dentário e diferentes exames médicos, sendo depois enviados aos gabinetes de psicologia, e quando necessário, ao de psiquiatra, após o que serão entrevistados para a pesquisa de seleção, de acôrdo com o gráu de cultura, experiência profissional, etc. No terceiro ou quarto dia começarão os exercícios, em grupos homogêneos, e a instrução teórica, sob a supervisão de especialistas. A medida que a instrução progrida, serão os homens reagrupados em novos conjuntos homogêneos, afim de que a instrução siga um curso regular e proveitoso. Necessário se torna uma certa flexibilidade do regulamento, afim de se permitir que aqueles que demonstrarem grande aproveitamento fossem enviados á tropa mais cedo ou, caso isso traga embaraço á organização militar, recebam também uma instrução mais especializada, ou possam ser aproveitados em ocupações úteis ao "Centro". Os incapazes serão retornados aos seus domicílios, podendo sofrer antes um pequeno tratamento, como para as verminoses, dentário, e receberão ainda uma ficha co mindicação do diagnóstico e tratamento a ser feito ou enviados a centros especializados civís, desde que haja um acôrdo com as autoridades respectivas nesse sentido.

Afim de evitar a ida para o "Centro" de aleijados os portadores de moléstias infecto-contagiosas, poderão ser aceitos atestados de médicos civís, devidamente comprovados por exames subsidiários, apresentados ás autoridades encarregadas da expedição das ordens, nos diferentes locais, sendo o signatário do atestado responsabilizado judicialmente, nos casos de fraudes. Esses atestados serão enviados ás autoridades militares que determinarão novos exames, se assim julgarem necessários.

Se quizermos diminuir a capacidade dos "Centros", poder-se-ia fazer duas convocações anuais, em vez de uma, o que talvez viesse beneficiar a própria organização militar. Outra solução que poderia trazer grandes economias, seria a redução do número de "Centros" a três em vêz de cinco, fi-

cando um ao sul, outro ao centro e um no nordeste, porque as despesas com as viagens dos convocados seriam plenamente compensadas pela supressão das duas outras instalações.

Isso, porém, seria uma solução exclusivamente militar e é nosso intuito propôr algo mais — uma ORGANIZAÇÃO NACIONAL.

Somos dos que pensam que os exércitos não podem se desinteressar dos problemas da nacionalidade a que pertencem, mas devem participar intensamente dos seus movimentos sociais, contribuindo com a série de privilégios e regalias de que desfrutam para apressar, orientar ou corrigir soluções dos mesmos.

Assim, em nosso meio, ele não pode se furtar, como não tem se furtado, a interferir na solução de problemas que dizem respeito á circulação, pela educação em massa de centenas de milhares de adolescentes que já perderam a oportunidade de ingressar nas escolas, da saúde, ministrando o tratamento adequado e racional a êsses milhares de jovens, ajudando-os, enfim, a ingressar no ensino milhares de jovens, ajudando-os, enfim, a ingressar no ensino técnico, propiciando-lhes os meios de assimilarem os elementos básicos da técnica industrial e dos trabalhos de campo.

Seria, portanto, convincente, que os incapacitados, mas capazes de se tornarem elementos produtivos para a Nação, não fôsem pura e simplesmente retornados á sua origem embora com os benefícios mínimos já propostos, mas continuassem sob a supervisão militar, sendo educados, selecionados, encaminhados para as diversas atividades técnicas de trabalho profissional, num período correspondente ao tempo de serviço militar, completando magnífico programa iniciado pelo Exmo. Sr. Presidente da República.

É necessário que tenhamos a coragem de encarar a realidade nacional, tal como é e não sob frâses ôcas e retumbantes, ridículas pela falsidade ou fragilidade dos dados em que se apoiam, as verdadeiras necessidades do País, escondendo sob essa atitude de uma falsa colaboração e ardente patriotis-

mo, uma situação de vantajosa comodidade ou de um grande egoísmo. Tal como o esculápio, que á cabeceira do doente pesquisa o mal até as suas origens para então indicar o remédio seguro que trará alívio ao sofrimento do enfermo, assim também todo o cidadão que dispuser de uma dose de patriotismo, tem de buscar a razão dos males da nacionalidade para apontar a terapêutica, que a seu vêr, poderá concorrer para melhoria dos problemas nacionais.

Apontar e desentranhar fatos, aparentemente derrotistas, para apontar-lhes o remédio, não constitue atitude de demagogo, mas traduz a sã intenção de quem deseja para a sua Pátria um futuro melhor e dias de felicidade. E' preciso que se conheça o Brasil de Norte a Sul para se ter a impressão das dificuldades que assoberbam os dirigentes do País, na realização da gigantesca tarefa de reconstrução nacional. E' muito mais fácil curar, educar, instruir nos princípios da técnica moderna a uma multidão reunida em centros apropriados, dispondo de todo o pessoal e material necessário, do que realizar éssa mesma tarefa para milhares de indivíduos, espalhados pela imensa vastidão do território nacional, o que obriga a uma disseminação e multiplicação das realizações materiais, e a dispôr de um pessoal muitas vezes maior, e sem probabilidade de alcançar uma eficiência compensadora para o esforço dispendido. E' por êsse motivo que pensamos em uma organização militar que atenda também ás necessidades nacionais e que viria contribuir para uma maior vinculação do Exército ao povo brasileiro, trabalhando assim para uma solução rápida de vários problemas sociais e para o seu próprio engrandecimento.

Para a realização dêsse problema, gigantesco nas suas proporções e finalidades, mas de simples e fácil execução, bastaria um pouco de boa vontade e de espírito de colaboração dos diversos sectores da máquina governamental. Não haverá necessidade da interferência de um departamento administrativo em outro; seria suficiente um simples entendimento e uma lógica organização. Para êsse fim poderia

ser nomeada uma comissão presidida por um general da ativa ou da reserva, de reconhecida capacidade e com predileção para os assuntos sociais, um médico militar, que poderia exercer as funções de agente controlador, e elementos da "Fundação Getulio Vargas", que seriam agentes de ligação com os outros ministérios, e um ou dois elementos do D. N. S. Pública Federal. Essa comissão trataria principalmente dos assuntos atinentes ao pessoal não assimilado pelo Exército, traçando as diretivas para o seu ensino fundamental, ensino técnico-profissional, encaminhamento dos mesmos para as indústrias e outras atividades, bem como do pessoal que terminasse o tempo de serviço militar.

Duas modalidades se nos apresentam para a solução do problema: — em uma, os incapacitados continuariam sob a tutela militar e na outra êles seriam entregues á "Fundação" que estabeleceria "Centros" paralelos aos militares. A obtenção da carteira de reservista só seria conseguida pela permanência nos centros civis, pelo tempo necessário, que poderia ser de menos de um ano para os indivíduos com o curso secundário e que opinassem pelas profissões liberais, comércio, etc.

Teríamos assim resolvido o problema do incapaz que não seria mais rejeitado como um refugio humano, constituindo um peso morto para o organismo social do qual o Exército faz parte integrante, mas que, revigorado no físico, orientado nas suas aptidões, colocados em lugar apropriado, poderia desenvolver um trabalho ponderável, tornando-se um fator positivo, contribuindo com a parcela do seu esforço para a produção coletiva. Do mesmo modo, seria solucionada a questão dos desincorporados que, entregues a si mesmos, não tendem a retornar ás suas ocupações primitivas, ou ao lugar de origem, quando desincorporados alhures, causando um grande desequilíbrio ás indústrias e principalmente á lavoura e creando sérios problemas para as administrações citadinas, pela presença de um grande número de indi-

víduos sem ocupação, indo muitos dêles engrossar o número da escória humana das grandes cidades.

A orientação a imprimir ao funcionamento dêesses centros e aos trabalhos de seleção, feita em colaboração com o Capitão Médico da Reserva, Dr. Arauld Brêtas, um dos nossos mais abalisados técnicos em assuntos de psicologia, é a seguinte :

I

Seleção dos absolutamente aptos
Seleção dos relativamente aptos
Orientação dos incapazes
Orientação dos aptos
Orientação dos desincorporados

II

Secção médica e física
Secção pedagógica
Secção psicotécnica
Classificação estatística

III

A) — *Secção Médica*

- 1) — Classificação biotipológica (biometria médica)
- 2) — Classificação física (registro fotométrico, etc.)
- 3) — Recenseamento torácico, verminótico, dentário, alimentos, etc.

B) — *Secção Pedagógica*

- 1) — Provas coletivas par alfabetizados
- 2) — Provas coletivas para analfabetos
- 3) — Provas individuais para anormais
- 4) — Pesquisas sociais, econômicas, culturais, ambientais.

C) — *Secção Psicoténica*

- 1) — Provas coletivas para analfabetos
- 2) — Provas coletivas para alfabetizados
- 3) — Provas individuais para sub-normais
- 4) — Provas individuais para anormais
- 5) — Pesquisas caracterológicas.

D) — *Secção de Estatística*

- 1) — Registos de fichas
- 2) — Correção e apuração de provas
- 3) — Apurações estatísticas, levantamentos gráficos, etc.
- 4) — Projeção dos dados estatísticos.

IV

EQUIPAMENTO

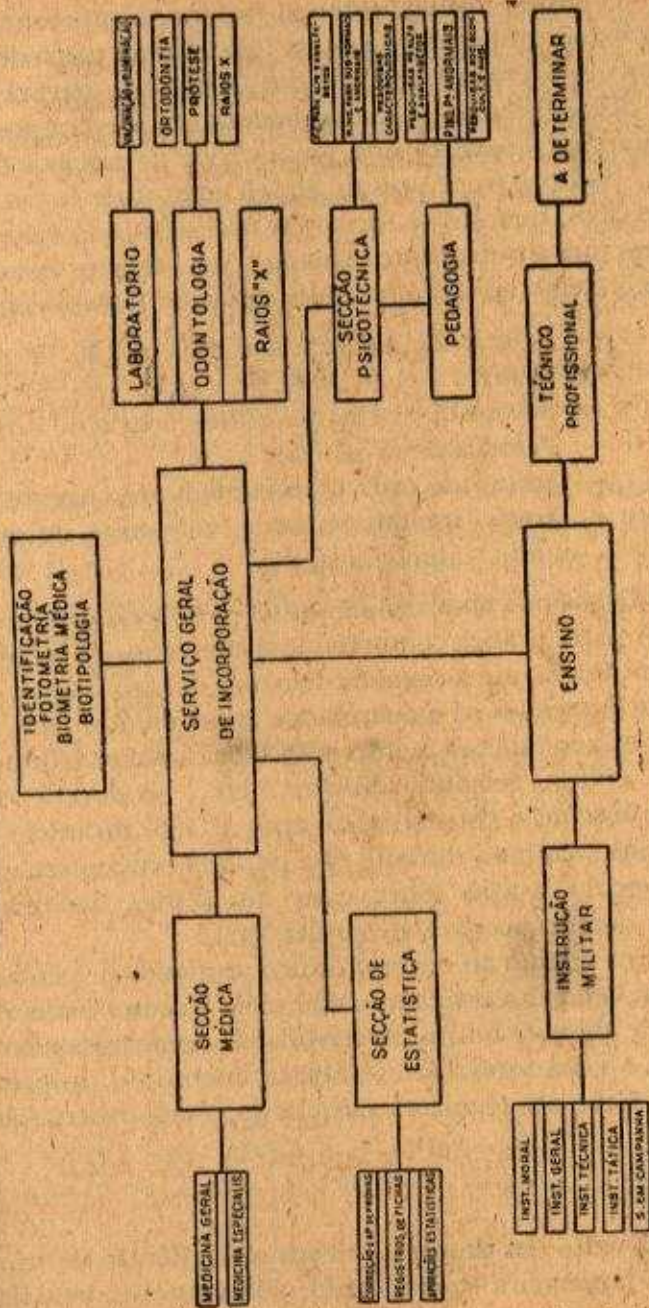
A) — *Pessoal*

- 1) — Seleção médica
- 2) — Seleção pedagógica
 - 1 Técnico para 500 homens — dia
 - 3 auxiliares.
- 3) — Seleção de psicotécnica
 - a) — 1 Psicotécnico para 500 homens — dia
 - b) — 1 Psicólogo para 2 homens — dia
 - c) — 1 Psiquiatra para 1 homem — dia
 - d) — 6 Auxiliares.

B) — *Material*

- 1) — Salas com carteiras para 100 homens
- 2) — Material para provas (a determinar)
- 3) — Equipamento mecanográfico, adressográfico, fotográfico, fotométrico, datilográfico e cinematográfico (projektor).

ORGANOGRAMA PARA SELEÇÃO DE CONSCRITOS



O ensino militar, como já foi dito, compreenderá a instrução básica do período de recruta. Como tropa de demonstração e diferentes serviços dos "Centros", haverá em cada um deles o efetivo de um regimento que deverá possuir uma organização especial, que possa servir de núcleos de instrução. Assim deverá possuir êle elementos de todas as armas e serviços, quantos se tornarem necessários ao ensino básico do recruta e outros que venham a ser julgados de utilidade. Como elementos básicos, indispensáveis, deverá conter :

- 1 — Pelotão de infantária e uma secção de metralhadoras
- 1 — Secção de artilharia, (anti-aérea e de campanha);
- 1 — Pelotão de cavalaria;
- 1 — Secção de cada especialidade de engenharia e
- 1 — Secção motomecanizada, elementos de serviço de saúde, intendência, etc.

O ensino compreenderá uma parte prática e uma teórica. A parte prática compreenderá exercícios calistênicos e de ordem unida, até a segunda semana; daí em diante, começarão os exercícios com mapas e treinamentos para marcha. Para os analfabetos, a instrução teórica sobre educação moral e cívica, geografia, história, etc., só deverá começar, como instrução sistematizada, após 45 dias do início da alfabetização, embora durante esse período possam ser ministradas ligeiras noções sobre essas disciplinas, acompanhadas, tanto quanto possível, de projeções.

Em relação ao ensino técnico-profissional, pensamos ser possível adotar a orientação da Escola Técnica Federal, acrescida de algumas outras especialidades, como agricultura, etc., e que viriam servir para o abastecimento do próprio "Centro". Cabe aos técnicos, entretanto, a sua orientação definitiva.

.....

.....

O vulto das despesas iniciais seria, dentro de um curto praso, largamente compensado pela messe de benefícios co-

lhidos. Em 10 anos, centenas de milhares de brasileiros que hoje podem ser computados como valores negativos ou deficitários no balanço nacional, seriam transformados em magníficos saldos, contribuindo assim para o engrandecimento nacional. Quanto ao Exército, as facilidades decorrentes do sistema de concentração, a rápida e segura valorização do homem, o afastamento dos tarados, sempre prontos á reação, viriam trazer uma rápida e crescente escala de economias com a supressão ou diminuição das perdas do dia homem trabalho, a diminuição dos medicamentos, das pensões por determinadas doenças, contribuindo certamente para que a Instituição se impuzesse de maneira segura á estima e á admiração do País, pela sua eficiência e disciplina.

Qualquer que sêja, o destino dêste modesto trabalho, consola-nos a certeza de que concorreremos, na possibilidade das nossas forças, para uma sugestão que nos parece útil e inspirada num ardente desejo de trabalhar para o engrandecimento pátrio.

Rio, 19-1-1945.

Dr. Humberto Martins de Melo

Cel. Med. do S.S.R.

* * *

BIBLIOGRAFIA

- He's In The Armored Force Now — *Captain A. Mc Gheer*
El Ejercito del Porvenir — *Ch de Gaulle*
A psicologia do Militar Profissional — *H. Hamond.*
Building an Army — *E. S. Johnston*
Selective Service Regulations V. 1.
A Mobilização do Pessoal nos Estados Unidos — *Murilo Braga*
A Cultura Brasileira — *Fernando de Azevedo*
Casa-Grande e Senzala — *Gilberto Freire.*

Reconhecimento do Terreno

(Reflexões de um oficial de E. Maior)

Pelo Major JOSÉ HORACIO GARCIA

O reconhecimento de terreno é uma operação que, pela sua importância, devia, desde os bancos escolares, constituir uma constante preocupação dos instrutores em geral, com a finalidade precípua de, ao atingir o instruendo o posto de oficial superior, ter passado esta preocupação à categoria de um verdadeiro "hábito".

Entre os oficiais de Estado Maior, os comandantes de unidades, de grandes unidades, esta operação deve ser uma obsessão: — reconhecimento dos arredores da guarnição, reconhecimento de tôdas as estradas e caminhos, reconhecimento dos cursos d'água, reconhecimento das regiões favoráveis à instalação de campos de pouso, reconhecimento das estradas de ferro, sua aparelhagem, etc.

Conforme o escalão, assim deve ser a espécie do reconhecimento, seus objetivos, o meio de transporte a utilizar, etc.

A um comandante de unidade interessam, por exemplo, itinerários prováveis de deslocamento em caso de conflito interno ou externo, conforme as ordens ou instruções existentes; zonas de estacionamento ao longo destas estradas; prováveis posições defensivas ou direções de ataque; etc.

Um comandante de unidade de artilharia pode ter estas mesmas necessidades do comandante de uma outra unidade de infantaria ou cavalaria, como vimos acima, e mais, reconhecimentos de detalhe que só a êle interessam, tudo de acôrdo com as missões que lhe foram prescritas ou com as missões gerais que lhe podem ser prescritas.

Um comandante de engenharia ou transmissões deve orientar seus reconhecimentos nas condições acima e particularmente no sentido da avaliação do material adequado às suas missões prováveis, existentes nas regiões interessantes ou ao longo de determinadas estradas. No planejamento destas operações de reconhecimento, os cmts. de G.U. ou de outros grupamentos, devem orientar as ligações entre os cmdos. subordinados visando o aproveitamento de trabalhos já realizados.

É inconcebível que um oficial sirva pelo espaço de um ano em uma guarnição, seja qual fór, e daí saia sem conhecer, como o páteo de seu quartel, a zona que interessa sua unidade.

Esta falta chega a ser criminosa, no caso de se tratar de um oficial de Estado-Maior.

É necessário que, em caso de guerra externa, não estejamos, com relação ao terreno no qual vamos operar, nas mesmas condições de inimigo e quiçá em piores condições...

Estes trabalhos devem ser planejados pelos Estados-Maiores das Regiões e de G.U., e por eles executados e fiscalizados.

Entretanto de pouco valerão, se não houver em tôdas as unidades um arquivo para estes documentos, de modo que não se determine cem vezes o reconhecimento de um mesmo passo por exemplo, e sim apenas se efetuem visitas para contróle de documentação existente em síntese, para economia de trabalho e aproveitamento do tempo.

Este arquivo devia ser uniforme em todo o país, a fim de facilitar seu compulsamento por qualquer oficial; daí a necessidade do E.M.E. e dos E.M. Regionais, providenciarem neste sentido. Sabemos que há muita coisa determinada sobre este assunto, mas há muito tempo, e não tem havido fiscalização.

Em uma de nossas Regiões Militares fôram agora retomados, e com energia recomendados, os trabalhos desta natureza, tendo sido creadas fichas para mais facilmente serem constatados a quilometragem feita, quem as fez (nome dos oficiais), região reconhecida, referências ao arquivo, etc., de modo que uma alta autoridade, para conhecer os trabalhos de um E.M. neste assunto, basta manusear uma folha de cartolina e solicitar, se julgar necessário, alguns comprovantes que serão rapidamente retirados do arquivo existente.

O objetivo particular destas fichas, foi o de corrigir o grave erro de um oficial de Estado-Maior servir durante dois anos, por exemplo, numa guarnição de fronteira, e deixá-la no fim deste tempo sem ter saído da cidade, a não ser para algum churrasco ou piquenique em seus arredores.

Nessa mesma Região foi planejado o reconhecimento aéreo de seu território; seriam feitos, em turmas, pelos oficiais do E.M., perto de 15.000 km de vôo. Do plano de detalhe para estes trabalhos constaram, a organização das turmas, o trabalho preparatório a realizar pela carta, em conjunto com os oficiais da aeronáutica, o estudo, ainda pela carta, do itinerário a percorrer, verificação de pontos topográficos importantes e de pontos, cortes ou regiões notáveis sob o ponto de vista operações. Este trabalho tinha, por finalidade, o máximo aproveitamento das horas de vôo, e evitar as indecisões topográficas que prejudicam as apreciações táticas ou estratégicas.

No grande escalão, onde predominarão os reconhecimentos desta natureza haverá grande facilidade, particularmente de parte da aeronáutica, do que já tivemos provas, e mesmo por corresponder a uma necessidade destas forças aéreas.

Vivendo, como vivem hoje, nossas Forças do Ar, do Mar e da Terra, em completo isolamento, já é alguma coisa conseguir reunir oficiais da Aeronáutica e do Exército no bojo de um avião, por algumas horas, durante as quais troquem observações, conversem sobre os objetivos recebidos, observem tropas em movimento, cidades, pontos importantes, etc...

Não devemos encerrar estas notas sem lembrar a importância do trabalho preparatório, feito em geral pela carta, tanto mais importante quanto mais rápido for o meio de transporte utilizado e mais elevado o escalão.

Outro ponto interessante para o qual desejamos alertar os cmts. é para um fato que comumente se repete: "Toda esta região já está bem reconhecida, há aí no arquivo boa documentação", temos certas regiões do nosso território que devem ser tão bem conhecidas de nossos oficiais particularmente dos de E.-Maior, que, não começando este trabalho muito cedo, quase sempre uma vida militar não chega; o manuseio simples e cômodo da documentação existente constitui apenas parte do trabalho preparatório, cada turma nova de oficiais de E.-Maior que chegue a um Q.G. deve estudar a documentação existente e verificar logo o que foi feito, procurando observar as transformações progressivas que se vêm processando nos acidentes, etc.

O conhecimento minucioso das regiões de fronteira deve ser um lugar comum na série de conhecimentos de um oficial de E.-Maior

Tanto isto é uma necessidade que temos regiões secularmente importantes sobre as quais ainda hoje oficiais de E.-Maior discutem; por exemplo se o Banhado X é ou não um obstáculo, se o Rio B. é capaz de deter elementos blindados, quais os efeitos da estação invernal sobre os terrenos de determinada região, ou ainda, se tais zonas podem ser atravessadas por colunas moto-mecanizadas, etc. Desta enumeração acima, ao correr da pena organizada, concluímos que objetivos não faltam para manter os oficiais de um E.-Maior 1/4 de ano no campo ou no ar.

A questão do arquivo é também de notar, uma vez que sabemos não existirem metódicamente organizados, particularmente, em regiões que todos consideramos importantes e mesmo porque nestas regiões tivemos ocasião de encontrar trabalhos bem feitos, conclusões ótimas, esquecidos como qualquer maçuda diretiva de instruções em prateleiras empoeiradas...

Outro ponto importante que não podemos deixar de chamar a atenção sobre ele, é o de que não basta um ano para um oficial de E.-M. ficar conhecendo perfeitamente determinadas regiões; o que está acontecendo, é que este problema, por falta de tempo, não para nas cogitações destes oficiais, que chegam "de passagem" pelos E.-Majores das D.C.; nos primeiros meses completam o estágio regulamentar.

omam conta a seguir dos trabalhos de uma seção o que de início conste pesada tarefa pois quando não assume a chefia de duas seções que então constitue tarefa asoerbanante, levada à cabo pelo processo o "Salve-se quem puder", isto é, sem a meditação necessária aos problemas de E.-Maior e já pelo adiantado dos meses, cogitando de ua transferência para um centro maior, para, sob o calor dos grandes stros, vicejar-se-lhe a cultura, e, trilhando os corredores do ministério à cata de oportunidades, fugindo assim dos corredores enlameados, *sem o calor do sol*, de regiões longínquas, onde, em vez de oportunidades, se encontram surpresas topográficas, o cansaço, a sensação de isolamento; etc, etc...

Bastem estas observações para alertar os nossos oficiais de E.-Maior e os nossos chefes que os dirigirão; sirvam à meditação dos que atualmente trabalham nos E.-Majores do interior; lembrem a todos de que os E.-Majores têm problemas a resolver, impulsionar e evitar, que não devem ser abafados pela poeira levantada na estrada por aqueles que, apressados em busca de boas oportunidades, trazem sempre seus motores acelerados prontos a romper veloz e a fundo em qualquer direção, desde que convenha a seus interesses particulares; lembrem ainda aos grandes Chefes de atenuarem os efeitos maléficos da "corrida" a que nos referimos acima, indo ao encontro para ver, sentir e compreender o problema doméstico ou moral que lhe dá origem, e então, solucioná-lo ou reprimi-lo com energia.



Shell coopera no Progresso do Brasil

Na guerra ou na paz a SHELL tem desempenhado papel saliente no progresso desta grande Nação, procurando sempre cooperar com o governo e as indústrias em todos os problemas relacionados com os fornecimentos de produtos petrolíferos

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRACA 15 DE NOVEMBRO N. 10 • RIO

Princípios e regras a observar no emprego dos serviços

Ten. Cel. Antonio Moreira Coimbra

A vultosa tarefa a cargo da 4ª Secção dos E. M. em geral, e dos Serviços, em particular, exige antes de tudo método, ordem e conhecimento profundo das tarefas que lhes competem na preparação dos elementos necessários e suficientes à elaboração ou continuidade da decisão do Chefe.

Envolvendo a solução do problema "Serviços" duas ordens de questões, uma tática e outra técnica, que se interpenetram sem se confundirem, o desdobramento e o funcionamento dos Serviços, à primeira vista complexo, muito se simplifica, desde que em tôdas as situações se tenham hem presentes um certo número de *princípios* vitais de organização e funcionamento e *regras* de articulação e desdobramento.

Dispensamo-nos, dado o conhecimento e a explanação contida nos regulamentos que tratam e elucidam com perfeição e a familiaridade com êles dos que se dedicam ao assunto, de chover no molhado, no que concerne aos *princípios* vitais d eorganização e funcionamento que dizem respeito à *simplicidade*, à *economia*, à *flexibilidade* e à *segurança*. Vejamos pois o que se denomina de *Regras*.

Caracterizam-se as *regras* de articulação e desdobramento umas pela constância e outras pela variabilidade de emprêgo conforme as diferentes fases das operações. Respeitados os princípios, representam, as regras, os alicerces básicos de uma boa solução.

Assim é que na *concentração* a preocupação dominante é o aproveitamento das instalações existentes ou preparadas durante a paz com o minimum de desdobramento dos elementos componentes das G. U., predominando nos *Preliminares do combate* esta última parte como regra a seguir.

Quanto ao *Ataque*, o desdobramento e o funcionamento eficaz dos Serviços, condicionam-se às seguintes regras que lhe são peculiares:

1ª) — Desdobrar os meios para atender à situação, com preocupação de conservar órgãos em reserva tendo em vista o jôgo de escalões ou conservar órgãos já desdobrados para atender à situação anterior (defesa, por ex) e instalar os demais órgãos em reforço recuperando aqueles, logo que o êxito se esboce, para atender nova situação.

2ª) — *Cerrar à frente*, gravitando ao longo das vias de comunicação, dentro das imposições da segurança, segredo e do disfarce, os órgãos e instalações visando alimentar o ataque e o aproveitamento do êxito com o minimum de mutação no dispositivo dos serviços.

3ª) — O desdobramento dos Serviços, condicionado às vias de comunicação, à defesa anti-aérea, ao dispositivo das tropas e às suas possibilidades, deve procurar o flanco menos exposto.

Já na *defensiva* o desdobramento e o funcionamento dos Serviços obedece a regras cuja enunciação não deixa dúvida com relação ao acima exposto:

1ª) — *Desdobrar os órgãos dos Serviços e as instalações em profundidade*, ao longo das vias de comunicação, dentro das imposições de segurança, segredo e disfarce, evitando, na ausência da defesa anti-aérea adequada, as instalações existentes e dentro dos seguintes limites:

a) — *longo*: fixado pelo escalão superior e condicionado ao raio de ação, capacidade e disponibilidade dos meios de transporte;

b) — *curto*:

1 — órgãos de Exército: — fóra das vistas inimigas e do alcance da sua Artilharia pesada longa;

2 — órgãos divisionários: — fóra das vistas inimigas e do alcance da sua Artilharia de campanha;

3 — órgãos dos corpos de tropa: — fóra das vistas e do alcance eficaz de suas armas automáticas.

2ª) — O desdobramento deve permitir o funcionamento da totalidade dos meios dos Serviços, mantendo-se somente em reserva os órgãos indispensáveis ao apoio dos contra-ataques e caracterizando-se pela progressividade e aperfeiçoamento continuado das instalações;

3ª) — O desdobramento dos Serviços, condicionado às vias de comunicação, à defesa anti-aérea e ao dispositivo das tropas e às suas possibilidades, deve procurar o flanco menos exposto.

Na *Manobra em Retirada*, excusado será acrescentar que na nova posição defensiva, as regras peculiares à operação se conformam com as regras acima vistas para a defensiva; entretanto, nas condições inicial e temporárias, o segredo da operação e a natureza retrógrada

do movimento exigem, que os Serviços desembarquem o mais cedo possível as estradas e que os órgãos pesados sejam levados desde logo ao abrigo da nova posição, tudo sem percepção por parte do inimigo, coisa difícil de ser realizada, mesmo à noite, com inferioridade de forças aéreas e com os meios de que dispõe a moderna aviação de reconhecimento.

A aplicação dos princípios e regras acima enumeradas não dispensa no que concerne ao desdobramento e à articulação dos Serviços a "regra da dispersão" expressa figuradamente pelos norte-americanos na sentença "não coloque todos os ovos no mesmo cesto", isto face à atração que exercem determinados acidentes topográficos quanto à localização dos órgãos dos Serviços e do alvo que ofereciam ao bombardeio, principalmente aéreo, a despeito da cobertura aérea local que possa existir.

«O Conquistador Solitário»

Mj. NELSON R. CARVALHO

(Divulgado no front da Itália)

O valor do maciço BELVEDERE-CASTELO residia, é sabido, de imediato, em espiar para dentro de nossas linhas, num raio de 10 milhas. Todos os nossos movimentos de retaguarda, apesar das caprichosas dobras em que o terreno se vai adoçando, do maciço aos vales do Seno e do Reno eram difíceis de disfarçar. E o inimigo nos canhoneava cômodamente, do ato de suas posições dominantes, o recurso da neblina artificial, envolvente, irritante, a nos roubar o sol e impotente para evitar o sigilo do tráfego:urgia tomá-lo a qualquer preço.

Contra nós tramavam, porém, mais que a vigilância do boche, a neve e o frio, entorpecentes, desconhecidos de nós outros, filhos dos trópicos — 18 graus abaixo de zero, marcará tantas vezes o termômetro, ao relento das gélidas madrugadas dos Apeninos...

Atacámos, todavia: o soldado tem que ser superior ao tempo, deante de resultados compensadores. Várias tentativas se frustraram, antes que obtivéssemos a espetacular vitória de fins de Fevereiro. Frustradas, sim, mas repassadas de atos heróicos dos nossos soldados do Brasil!

O mais emocionante deles foi, sem dúvida, o que resultou do ardôr ofensivo do SOLDADO JOÃO F. SILVA, (da Cia. Mandim e Batalhão Uzeda), e que só o êxito assinalado permitiu conhecer: seu cadáver foi encontrado, semi-conservado pela neve, em titude agressiva, fuzil em riste, no plateau do Castelo, já dentro do que fôra antes, uma linha interna do reduto alemão. No ardôr da refrega, JOÃO SILVA não se dera conta que seus camaradas haviam já pago com a vida a audácia do temerário ataque; avançar sempre, só resoluto, intemorato, em meio aos "rasga trapos" das lufrinhas e ao ensurdecedor ribombar dos morteiros, encostas acima — nada o acovardou, siquer pensou em si. Levava no recesso do peito ofegante um coração brasileiro e deante dos olhos aguerridos, numa alegoria do dever, a imagem da Pátria distante, que buscava desagrar frente ao boche fanático e em terras extranhas. Certo, tinha consciência da morte. Sabia que não voltava. Tampouco, que poderia vencer. "Sei que morro" terá pensado, presentindo seus ultimos instantes de vida.

"mas ainda que cadáver, meu corpo balisará no topo do Castelo, o rumo da vitória aos companheiros que vierem depois". E tombou como um conquistador, solitário embora, linhas inimigas a dentro!

Mas tão logo a primavera repontou nos Apeninos recalçando a neve e atenuando o frio, seguindo as pégadas já quasi ilegíveis de JOÃO SILVA, seus companheiros foram buscar seu corpo e o "monte tabú" tombava às mãos dos briosos infantes do REGIMENTO SAMPAIO!

JOÃO SILVA! Fôstes vingado! E teu exemplo ficará para sempre, como um símbolo: o do infante brasileiro que seguro ao seu fuzil, só vai a batalha para vencer ou morrer!

Possas tu ouvir, do recesso dos ceus, SOLDADO JOÃO SILVA, a homenagem que te prestam o teu comandante e os teus camaradas do SAMPAIO, e que tua bravura nos inspire, a todos nós, no rumo da vitória contra o tirano alemão.

COPACABANA

Edifício em construção à R. Paula Freitas

Construção adiantada, excelente s apartamentos, confortáveis e com acabamento de primeira, contendo ampla varanda de frente, comunicando-se com um grande living-room, vestibulo, quatro grandes dormitórios, sala de jantar, três banheiros, dois quartos para empregados, rouparia, copa, cozinha e demais dependências e garage — Preço a partir de Cr 400.000,00 — entrada á vista Cr 120.000,00

Informações sem compromisso na secção de vendas.

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO S. A.

Rua do Ouvidor 90 ————— Telefone: 23-1825

CASA DAS LONAS

LONAS DE TODAS AS QUALIDADES, PANO-COURO
OLEADOS DIVERSOS

SILVA & LEMOS, LTDA.

8, RUA S. JOSE', 10

Telefone 42-3625

Caixa Postal, 1021

RIO DE JANEIRO

Como Termina a Campanha da Itália

Cap. GERALDO DE MENEZES CORTES

Documento básico: Relatório do General MARSHALL ("The winning of the War in EUROPE and the PACIFIC")

NOTA DA REDAÇÃO: — Julgamos feliz a ideia do Autor em trazer à nossa Revista o presente trabalho, não só porque a síntese apresentada sobre a fase final da Campanha Italiana traça o quadro geral dentro do qual atuou a nossa F.E.B., como porque, permitirá ao leitor de seu interessante livro "A BATALHA DE ROMA" recentemente por nós editado, ter uma visão de conjunto da Campanha da Itália, visto que, na citada obra, o Cap. Cortes aborda as minuciosas ações referentes à própria batalha e apresenta o desenvolvimento geral das operações, desde os primórdios da luta nesse Teatro até o contato com a LINHA GÓTICA, quando praticamente termina a perseguição do Grupo de Exércitos de KESSELRING batido ao Sul de ROMA.

Em agosto de 1944 o 15º Grupo de Exércitos Aliados, sob o Comando do General ALEXANDER, inicia a tomada de contato com a LINHA GÓTICA, excelente posição defensiva transpeninsular, que os Alemães vinham preparando, desde o princípio do ano, dentro dum plano de manobra defensivo que lhes impunham a situação estratégica geral da guerra e as possibilidades ofensivas aliadas no Teatro do Mediterrâneo.

Como, para ALEXANDER, continua de pé a missão de manter pressão sobre as forças de KESSELRING, ele precisa prosseguir na ofensiva, apesar de despojado de várias de suas aguerridas Divisões, como sejam as do Corpo Expedicionário Francês e algumas do VI C. Ex. Americano, que tão brilhantemente lutaram na Batalha de Roma, agora combatendo no Sul da França. A retirada de tão importantes Grandes Unidades está sendo compensada, progressivamente, com a chegada de novas tropas, entre as quais computam-se as da 1ª D.I.E. Brasileira. Em comparação com o antigo efetivo o deficit é grande, mas levando em conta que os Alemães na Itália estão desfalcados com as sérias perdas da Batalha de Roma e sem a possibilidade de serem reforçados, dada a pressão que exercem na frente oriental as tropas Russas e, na frente ocidental, as forças Alia-

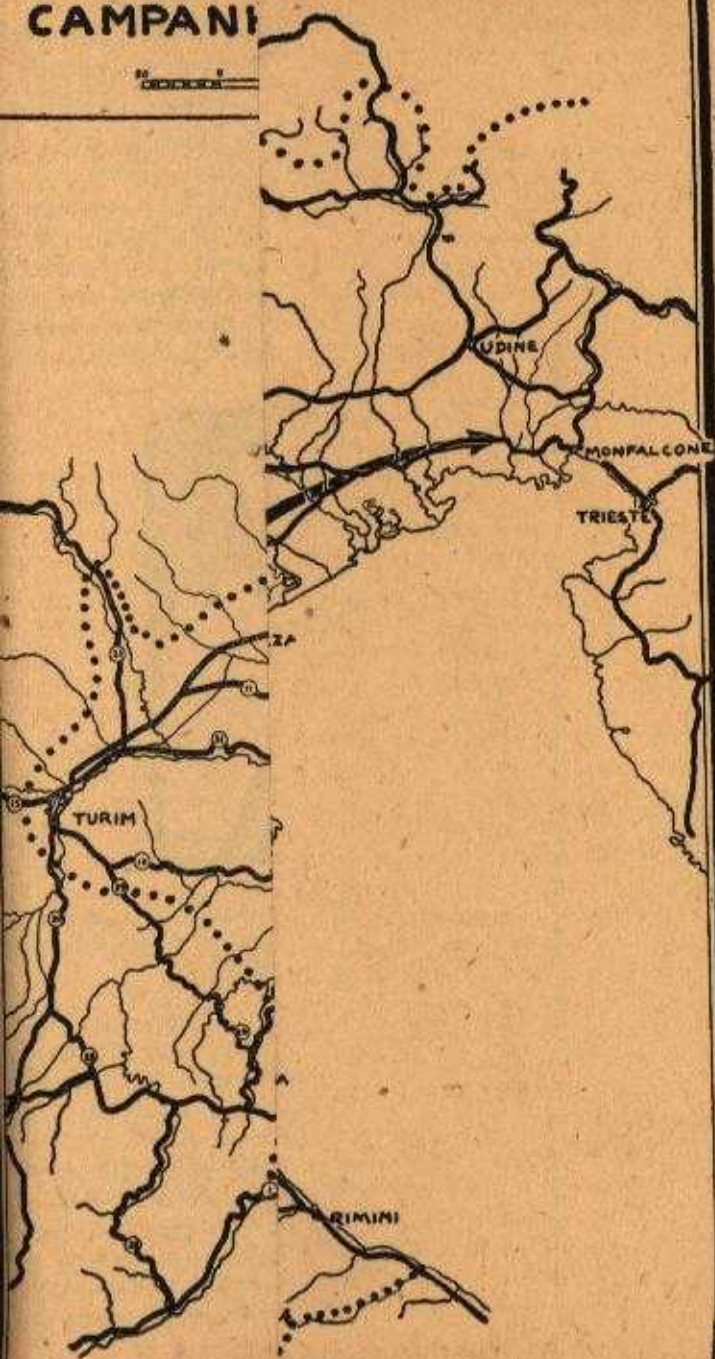
das sob o Supremo Comando de EISENHOWER, e procurando a compensação na extraordinária superioridade aérea Aliada, o Comando dos Exércitos Aliados na Itália julga possível prosseguir na ofensiva.

As posições da LINHA GÓTICA ocupam as alturas dominantes da cadeia dos APENINOS SEPTENTRIONAIS que barra o acesso ao vale do Pó. No desembocar desse sistema orográfico para o Norte destaca-se o importante centro de comunicações de BOLOGNA representando a chave dos movimentos no vale do Pó, dirigindo-se diretamente sobre o Passo de BRENNER, através VERONA, BOLSANO ou irradiando sobre MILÃO e TURIM, bem como sobre PADUA, TREVISO, MONFALCONE para que se possa dominar toda a ITÁLIA SEPTENTRIONAL e desembocar sobre a ÁUSTRIA. Impõe-se, então, romper a LINHA GÓTICA para alcançar o vale do Pó e apoderar-se da "placa giratória" de BOLOGNA. Para isto, o 5º Exército atacará frontalmente visando varar a cadeia de montanhas dos Apeninos Septentrionais, enquanto que o 8º Exército, então comandado pelo Tenente-General Sir MC CREERY, desencadeará o ataque a NW de RIMINI.

A 10 de setembro os dois ataques simultâneos são desencadeados e a 15 desse mês o nosso primeiro grupamento tático, com a designação de Destacamento FEB, ao Comando do General de Brigada ZENÓBIO DA COSTA, entra em linha no vale do RIO SERCHIO, na região de VECCHIANO, como parte do IV C.Ex. do 5º Exército Americano, ao qual estava incorporado desde 5 de agosto, data em que as tropas do Ten. Gen. CLARK ocuparam a Cidade Eterna. Seguem-se três meses de duros e amargos combates na penetração da LINHA GÓTICA em que as íngremes montanhas e as más condições atmosféricas precisam ser vencidas juntamente com as excelentes unidades de KESSELRING que, embora num período de operações defensivas, não esquecem as vantagens da manutenção da agressividade e desencadeiam bruscas e inesperadamente violentos contra-ataques perturbando, e por vezes, desmantelando o ataque de tropas ainda inexperientes. A 1º de novembro é extinto o Destacamento FEB, iniciando-se as operações da nossa 1ª D.I.E. sob o Comando do General de Divisão MASCARENHAS DE MORAIS, ainda subordinada ao IV C.Ex. Americano.

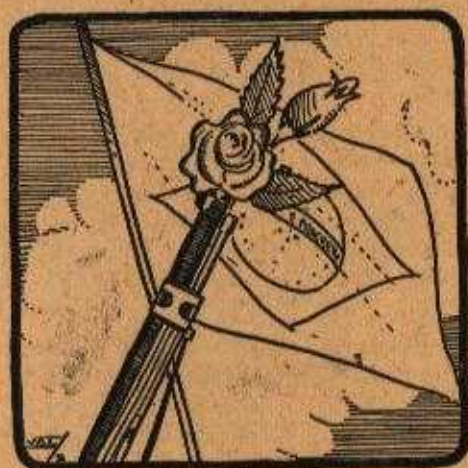
Rompida a LINHA GÓTICA, o Comando Aliado prepara o ataque a BOLONHA, em dezembro, mas a pressão sobre o flanco W do 5º Exército e a retirada de unidades do 8º Exército para solver a crise política na Grécia, impedem a obtenção do êxito nesse plano, dando tempo aos germânicos para refazerem e fortalecerem suas forças, instalando-se numa nova posição defensiva ainda cobrindo BOLONHA. Além dos repletamentos recebidos para suas tro-

COMO
CAMPANI



KESSELRING é reforçado por unidades do Exército Republicano Fascista de MUSSOLINI reorganizadas, no valor de quatro Divisões Italianas.

A 12 de dezembro o Marechal de Campo ALEXANDER substituiu o General Sir HENRY MAITLAND WILSON como Comandante Supremo do Teatro do Mediterrâneo, que promovido a Marechal é designado representante do Chefe do Estado-Maior Britânico, em Washington. Em consequência, o Tenente-General MARK CLARK passou a Comando dos Exércitos Aliados na ITÁLIA (15º Grupo) sendo substituído no Comando do 5º Exército pelo Tenente-General LUCIAN TRUSCOTT, até então comandando o IV C.Ex.



Não se pode confiar nos chefes que conseguiram vencer esta guerra, por todos os quatro cantos da terra, e na vitória que nossos soldados cobertos de glória trouxeram de volta.

Não se modifica a situação dos fracas efetivos terrestres Aliados na Itália, pois, apesar do 8º Exército ter recebido 3 Regimentos de Combate Italianos e o 5º Exército a 10ª Divisão de Montanha Americana, chegada à frente em janeiro, uma Diretiva de fevereiro dos Chefes do Estado-Maior Combinado ordena a transferência de 5 Divisões Canadenses e Britânicas para o Teatro Europeu, mais tarde modificada no sentido de três serem mandadas para a frente, uma para o Oriente do Mediterrâneo e uma ser retida na Itália visando o emprego no iminente final da batalha. Convém aqui salientarmos, que esse movimento de mais de 125.000 homens das tropas combatentes é realizado em completo segredo e consegue pro-

porcionar ao Grupo de Exércitos do Marechal MONTGOMERY a grande vantagem da surpresa sobre o inimigo. Evidentemente, grande parte disso se deve à extraordinária superioridade aérea obtida, e que tem privado o inimigo, de uma de suas mais importantes fontes de informações: os reconhecimentos aéreos. Como já salientamos, o potencial aéreo na Itália tem sido durante toda a campanha, e, particularmente agora, o fator que tem assegurado aos Aliados a manutenção de sua possibilidade ofensiva numa situação de forças terrestres opostas de valor sensivelmente igual.

As Forças Aéreas Tática e Estratégica continuam a atuar sobre as comunicações adversas através os Alpes e o Norte da Itália procurando manter isolado o Campo de Batalha e tornando assim difícil a manutenção das forças Alemãs na ITÁLIA SEPTENTRIONAL, as quais para conseguirem se antepor ao 15º Gr. Ex., nesse estado de re-municiamento precário e difícil, têm revelado uma excepcional disciplina de fogo.

Além dessa colaboração direta na batalha terrestre, a Aviação com base na ITÁLIA auxilia os patriotas IUGOSLAVOS, enquanto que a Força Aérea Estratégica, intimamente coordenada com os ataques partidos da Bretanha, desfere pesados golpes nos objetivos de óleo e ferroviários situados na ÁUSTRIA e na ALEMANHA Meridional, numa média semanal de aproximadamente 4.000 toneladas de bombas.

Durante todo o inverno, a ação terrestre limita-se ao pequeno mas importante avanço a SW de BOLONHA e a aviação estratégica mantém a pressão sobre as comunicações e objetivos industriais além dos ALPES, indo até o Norte de BERLIM.

A 9 de abril, desencadeia-se a ofensiva da primavera de 1945 do 15º Gr. Exércitos do General CLARK, conhecida como operação GRAPESHOT. Inicialmente, o 8º Exército ataca transpondo o RISSANIO a W de RAVENNA, apesar da preparação extraordinariamente violenta realizada pela aviação e pela artilharia, forte oposição do 10º Exército Alemão é encontrada na vizinhança de ARGENTA GAP. Cinco dias mais tarde, quando já se espera que o inimigo tenha tomado suas disposições para enfrentar o ataque do 8º Exército, os II e IV Corpos de Exército do 5º Exército desencadeiam o peso de sua ofensiva ao S e a SW de BOLONHA. Após uma semana de árduos combates em que a 10ª Divisão de Montanha se destaca pela impetuosidade e pelo excelente estado de treinamento físico de seus homens, e cujo flanco W é coberto pela nossa 1ª D.I.E., atacam inicialmente MONTESE, o 5º Exército desemboca no vale do I e entra em BOLONHA por W e pelo S. Ao mesmo tempo, forças polonesas do 8º Exército entram na cidade por E. As colunas do

Exército ultrapassando a cidade ganham a grande rodovia que conduz a PIACENZA — a VIA EMILIA — e enquanto as 10ª Divisão de Montanha e 1ª Divisão Blindada infletem para o Norte a E de MODENA, a 34ª D.I. Americana e a 1ª D.I.E. Brasileira prosseguem sobre aquela cidade mantendo a perseguição do inimigo e procurando fechar as saídas do campo de batalha. Perseguido o inimigo desorganizado e em retirada na direção de MANTUA as primeiras cabeças de ponte sobre o Pô são obtidas ao Sul dessa cidade a 23 de abril pelas unidades do 5.º Exército, enquanto que o 8.º Exército luta contra a obstinada resistência em FERRARA, só a 25 conseguindo atravessar o RIO PO'. Nesse mesmo dia a 29ª D.I. Americana captura LA SPEZIA com sua base naval na costa LIGURIANA. Os Exércitos Alemães acabam de ser virtualmente batidos ao Sul do Pô. As saídas do campo de batalha estão cortadas, suas forças estão batidas moral e materialmente, a última BATALHA DA CAMPANHA DA ITÁLIA está concluída restando somente operações de limpeza.



Preciso de vós : do vosso esforço, do vosso trabalho e, também, do vosso sangue

A semana final da Guerra na ITÁLIA é assinalada por amplos avanços Aliados no Norte da Península no afã da limpeza necessária que se sucede à batalha. Construindo muitas pontes sobre os rios que descem dos ALPES, o 8.º Exército progride para NE, ao longo da planície costeira do ADRIÁTICO, libertando PADUA, VENEZA e TREVISO. Enquanto tropas de montanha e de infantaria do 5.º Exército prosseguem sobre o sopé das montanhas alpinas a ca-

valeiro da estrada de BRENNER, outras colunas blindadas e de infantaria motorizada sobem o vale do Pó e a 29 de abril alcançam a grande cidade de MILÃO. Em toda parte é efetivo o apoio dos patriotas italianos. Depois da tomada de GENOVA, as forças que progrediam pela costa avançam além de SAVONA para tomar contato com os franceses. Elementos avançados do 442º Regimento de Infantaria, constituído de descendentes de japoneses nascidos na América do Norte, alcançam TURIM. A 1º de maio, tropas do 8º Exército avançam sobre TRIESTE e tomam contato com guerrilheiros Jugoslava em MONFALCONE. Acaba de ruir a resistência por toda a parte, mais de 160.000 prisioneiros caem nas mãos Aliadas. Confirma-se então a grande verdade que FOCH escreveu na página 44 de sua obra "Principes de la guerre": "O adversário só se considerará vencido quando seu Exército estiver destruído material e moralmente". O Comando dos Exércitos Alemães no Norte da Itália convence-se da impossibilidade de continuar a sangrenta luta e capitula a 2 de maio de 1945.

Como diz o General MARSHALL: "A Campanha foi lenta e amarga. Ai as tropas Aliadas não gosaram da agradável superioridade como na Europa Ocidental, onde as condições geográficas aconselharam o esforço principal. No entanto, a Campanha Italiana contribuiu fortemente para o sucesso na frente Ocidental, retendo forças germânicas de que HITLER tanto necessitava para reforçar seus Exércitos enfraquecidos, tanto no Oriente como no Ocidente. As tropas que participaram da Campanha Italiana devem sentir grande satisfação na derrota do Eixo adverso, tanto quanto as grandes forças que atacaram o coração da Alemanha por W e tomaram o contato com os Exércitos Vermelhos".

CAMPANHA RURALISTA PARA O EXÉRCITO

Pelo Gen. SILVEIRA DE MELLO.

Tendo em conta nossa deficiente e escassa economia rural, decorrente do exíguo coeficiente demográfico e da incultura do homem rural, pareceu-me que o Exército — grande escola de brasilidade — por suas numerosas unidades estabelecidas em zonas sertanejadas e fronteiriças, muito poderia concorrer, *visavi* dos grupos escolares, para remediar o tremendo malefício do atraso rural responsável em grande parte pela pobreza da vida rural.

Esse raciocínio se me robusteceu antes da guerra com a campanha ruralista promovida pela benemérita Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e pelo trabalho educativo que apreciei no Estado bandeirante realizado pelos Grupos Escolares do interior. Essa propaganda foi ativada durante a guerra pela L.B.A. em prol das hortas da vitória. Recentemente, porém, de Agosto a Dezembro de 1945, em excursão pela faixa fronteiriça do Oeste gaúcho tive a satisfação de observar que grande número de corpos de tropa, ali seriados, já vêm procedendo eficientemente, na parte objetiva, ao que me imaginava para a propaganda ruralista, do Exército. Quero referir-me, com aplausos, à cultura de hortaliças e plantas forrageiras, criação de aves e suínos, que ali realizam, para complemento racional da alimentação sadia do soldado e para reforçar o forrageamento dos solípedes em argola. Em Cruz Alta, declarou-me o Cel. Osvino, Comandante do 6º R.A.M., que, durante terrível estiagem desse ano, que devastou as pastagens da região, êle valeu-se do largo plantio de aveia e cevada do Regimento para socorrer a cavallhada de serviço, a qual, de outra sorte, teria de sucumbir ou ser solta aos azares do campo. O Cel. Oromar Ozório, em Alegrete, assegurou-me que, além da lavoura forrageira, o 6º R.C.I. dispunha de abundante cultura de verduras e criação de suínos com que enriquecia a alimentação dos conscritos. Tudo isso é fácil e econômico, acrescentou êsse jovem comandante, quando as coisas da unidade são reguladas com harmonia e ordem. Basta considerar isto: com os resíduos do rancho e os detritos retirados das cavallarias — os quais seriam jogados ao lixo — engorda-se a porcada e adubam-se as terras. E o solo generoso restitui sem despesa e com abundância, pelos dejetos que recebem, várias formas de produtos frescos pa-

ra o rancho e forragem verde aos solípedes. Não compreendo que unidade alguma deixe de fazer êsse fácil jôgo de economia, sem onus e com pequena soma de trabalhos, em troca de grandes resultados. O Comandante do 8º R.I., em Cruz Alta, Cel. Nelson Bandeira, disse-me que a produção da horta do seu regimento era tão farta que excedia o consumo do rancho. E assim os corpos de Cavalaria de Itaqui e São Borja, para só fazer menção daqueles cujas hortas tive ensejo de apreciar. Aliás, quando servi na Vila Militar de 1923 a 26, as unidades dali cultivavam pasto para a cavahada, e por ai além, outras havia que cuidavam de alguma verdura para o rancho.

Foi, porém, impressionado agradavelmente com as culturas forrageiras e hortículas dos regimentos de Cruz Alta e dos corpos da 1ª e 2ª Bda. de Cavalaria da fronteira gaucha que me abalancei a redigir êste ensaio de propaganda ruralista para o Exército, que eu vinha esboçando há muitos anos. Ofereço-o à consideração dos Chefes militares e de meus companheiros de classe, na certeza de que tais idéias já se praticam aqui e ali em muitas unidades. O que falta é racionalizar e generalizar essa prática, torná-la compreensiva, educativa, patriótica e regulamentá-la.

FUNDAMENTOS DA CAMPANHA RURALISTA

A preponderância da agricultura no quadro das atividades econômicas realisa uma condição de necessidade na vida e na pujança das nações.

A filosofia chinesa exprimiu essa verdade de modo simples, simbolicamente: a prosperidade pública é semelhante a uma árvore — a agricultura é a raiz, os ramos e as folhas são a indústria e o comércio; se a raiz, sofre as folhas caem, os ramos secam, a árvore morre.

A indústria fabril, adquiriu incremento exagerado com o emprego crescente das máquinas. Este fenômeno vem gerando gravíssimos danos intimamente relacionados: o êxodo dos campos e o congestionamento dos centros urbanos.

Surgem daí inúmeros e graves problemas e dificuldades de governo, na ordem política, econômica e social, os quais nascem e se reproduzem de forma inelutável.

Os obreiros dos campos ainda estão longe das condições de bem estar, de cultura, de higiene de que gosam os operários das cidades. Além da satisfação das necessidades mais imperiosas, os trabalhadores urbanos gosam ainda de variados meios de distração, e os encantos da vida social de que são privados os habitantes rurais.

Por outro lado, a estabilidade dos seres humanos nas zonas rurais depende de atrativos econômicos intimamente ligados à saú-

bridade, às vias de comunicações etc. Ora, bem sabemos que ao nosso trabalhador rural escasseiam elementos, por vezes até de própria subsistência e faltam por completo aqueles que dão alegria à existência, quais sejam os decorrentes do ambiente cultural, higiênico e social.

Por isso mesmo, a capacidade produtiva de nossas populações rurais é insignificante e mesquinha. Sendo o BRASIL um "país essencialmente agrícola" cuja população é a mais rural do mundo, contando sobre 1.000 habitantes que exercem "atividades práticas" nada menos de 700 entregues às fainas agrárias, mesmo assim, a nossa exportação por habitante é de uma penúria quase ridícula.

Eis um quadro comparativo, extraído de um Boletim do Ministério da Agricultura de antes da guerra, no qual deixam de figurar os Estados Unidos e as nações do velho mundo.

EXPORTAÇÃO POR HABITANTE

	Cr\$
Nova Zelândia	1.664
Canadá	1.092
Austrália	900
Argentina	774
Cuba	636
Chile	450
México	318
Venezuela	314
União Sul Africana	312
Uruguai	308
Perú	202
Brasil	94

Esta situação mesquinha para nós não se modificou depois da guerra. E a nossa posição no quadro da importação, per cápita, também era e é tão baixa que causa surpresa aos que não costumam cotejar as cifras das estatísticas, nação por nação.

PROPAGANDA E AÇÃO CONSTRUTIVAS

Para corrigir o ritmo defeituoso de nossa economia, não só o Governo mas também certas agremiações patrióticas vêm dando maior atenção ao trabalhador rural, no sentido de melhorar as suas condições de existência.

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, neste particular, vêm há anos realizando uma cruzada patriótica magnífica, em prol do reerguimento da lavoura pela educação do trabalhador rural.

O apostolado dessa benemérita associação merece a gratidão dos brasileiros e deve ser aplaudido com vigor, pois, suas atividades já penetraram os setôres mais longínquos de nosso país, implantando Núcleos Ruralistas e desenvolvendo campanhas otimistas e sadias pelo advento de um *Brasil melhor*.

País enorme como o nosso, há que cuidar do povoamento do seu território e da nacionalização efetiva de suas fronteiras.

Ora, a superpopulação das nações velhas e as restrições de emigração para os países novos abriu na história do mundo novas formas de expansão territorial a custa dos povos débeis. Esse estado de coisas reascendeu as ideologias de imperialismo das nações totalitárias, em virtude de que desencadearam a recente guerra que infelicitou o mundo. Precedeu-a, bem se vê, nova forma de conquista: subreptícia de territórios que vinham praticando o JAPÃO e a ALEMANHA, por suas levas de emigrantes ajudados do quinta colonismo adrede preparado.

Tornou-se bem conhecido o trabalho inteligente e contínuo desenvolvido ha anos pelos Exércitos Colonial Francês no povoamento e nacionalização de suas colônias no Norte da África. Trabalho idêntico tentou frouxamente o Brasil no império com suas colônias militares, imitando sem atualizar, os trabalhos de penetração territorial realizados pelo Exército colonial luso-brasileiro no século XVIII. Por que não curar, zelar, aperfeiçoar o que foi ganho com o sacrifício e a dedicação daqueles heróis?

O nosso Exército, sem prejuizo de sua missão precípua, e no seu próprio interesse, poderá contribuir eficientemente, como outrora procedeu tantas vézes, no desbravamento de nossa interlândia, no povoamento, colonização e nacionalização de nossas fronteiras, conjugando esforços no sentido do erguimento cultural e econômico de nossa vida rural.

O Exército deverá fazê-lo, poderá fazê-lo, por muitos motivos:

1º — Como principal fator da defesa nacional, não pode o Exército ficar indiferente ao povoamento de nossa interlândia e de nossas fronteiras. Ao contrário, é sómente pela colonização e nacionalização de nossas regiões despovoadas que a defesa nacional terá onde haurir homens e recursos de que carece para a formação do seu contingente regional de fôrças e de trabalhadores nacionais, em vez de ir buscá-los a centenas de km. no litoral.

2º — O Exército é vivamente interessado na prosperidade econômica do país, sem a qual as rendas públicas continuarão insignificantes e as dotações orçamentárias destinadas à defesa nacional não passarão de migalhas. A nossa situação financeira reflete a nossa debilidade econômica. País deficitário, de administração extensiva e caris-

sima, de grandes necessidades construtivas, eis como estavam distribuídas as suas rendas antes da guerra:

Funcionalismo	48%
Juros da Dívida Pública	26%
Restante destinado ao aparelhamento nacional	26%
Total \	100%

As estatísticas de hoje não são mais lisongeiros que as anteriores. Ora, somente destes últimos 26% seriam retiradas as quotas reduzidas destinadas à defesa nacional. Se as nossas rendas não tiverem um grande surto, onde os fundos para o aparelhamento militar do país? Pôr este aspeto do fator financeiro está o Exército obrigado a interessar-se pela prosperidade econômica da nação. Essa prosperidade, porém, para ser eficiente, coerente e segura, deverá apoiar-se nas fontes da economia rural.

3º — Convém notar, porém, que o agente preponderante da economia rural é o homem. Este é o elemento que os poderes públicos devem valorizar ao máximo. Que vale a terra sem o homem? Ora bem; mas é o Exército quem retira da população rural os homens mais saudáveis, de maior capacidade. Justo, pois, que o Exército os restitua à vida dos campos, aperfeiçoados pela educação cívica que recebem na caserna. Mas, em geral, esses homens não voltam mais aos sítios nativos de onde vieram. Exceção dos filhos dos colonos do Sul, os demais conscritos, originários do interior, não querem regressar aos penates. Por que? O motivo é lógico, mas alarmante. O filho do colono, durante o tempo do serviço militar, não esquece a gleba da família onde reside a fartura. É o seu atrativo. Lá está o seu interesse. Mas o filho das regiões pobres e desfavorecidas da interlândia, vindo travar contato com os atrativos urbanos, perde os encantos reais da vida rural, que ele não tinha em mãos apreciar, porque ali vegetava como pária. Terminando o tempo de serviço deixa-se ficar nos povoados, ao sabôr de trabalhos e emprêgos mesquinhos. Destarte vem agravar a situação dos indesejáveis que infestam os bairros pobres dos centros urbanos. O Exército tem sido acusado como principal responsável dessa corrente migratória dos campos para as cidades, que vêm gravando dia a dia a economia rural. Somente o conscrito que deixou haveres é que regressa para o interior. A grande maioria é pobre, grande parte dela não volta. Permanecendo nas cidades, só raramente o homem do interior consegue ocupação rendosa que lhe permita o casamento. Ao revés, tornando ao penates, embora pobres, os reservistas ali constituiriam família, radicar-se-iam ao solo e iriam concorrer para incremento da natalidade e da economia rural.

4º — Outrossim, o Exército precisa de mercados internos, onde buscar viveres, forragens, e matérias primas para suas indústrias militares. Os elementos principais de subsistência e de aparelhamento do Exército procedem do sólo: cereais, carne, combustíveis, café, mate, mel, farinha, açúcar, frutas, gorduras, alfafa, milho, aveia, ferro, madeiras, fibras, couro, borracha, tecidos, produtos minerais, etc...

QUAL SERIA O CONCURSO DO EXÉRCITO PARA TAL FINALIDADE?

O Exército tem virtual interesse de que os artigos e utilidades de seu consumo sejam produzidos, não só em qualidades e quantidades satisfatórias, mas também em todas as suas regiões militares, nas melhores condições de seleção, variedade e preço.

Surge então a pergunta: em que o Exército poderá concorrer para revigorar a economia rural, para reconduzir aos campos os reservistas e estimular o povoamento de nossas fronteiras?

Por muitos meios poderá cooperar nisso o Exército, mas vamos indicar uma forma especial dessa colaboração:

- 1º — que não acarreta despesas;
- 2º — que pode trazer e trará novos atrativos à vida da caserna;
- 3º — que subministrará notável proveito aos corpos de tropa;
- 4º — que prestigiará o Exército, acusado, por muitos, de improdutivo;
- 5º — que estabelecerá laços de maior simpatia do Ministério da Guerra com os da Agricultura, do Trabalho, da Educação e Saúde Pública, e com as autoridades estaduais e municipais correspondentes.

Em que consiste essa contribuição? Na criação e funcionamento da "Campanha Ruralista do Exército", órgão de propaganda e de fomento da economia rural, de incentivo ao povoamento e colonização de nossa interlândia e de nossas fronteiras deshabitadas.

Objeção: Mas isso não sai do quadro dinâmico do Exército? Não escapa ao domínio de suas atividades? Nada disso. O Exército está intimamente ligado ao problema de sua subsistência, reaprovisionamento e recrutamento regionais, que regulam a sua vida e o funcionamento de suas indústrias próprias.

Não perturbará isso o ritmo da instrução militar? De modo algum. O tempo que se irá dedicar à cruzada ruralista do Exército terá a forma de um derivativo agradável entre os lapsos da instrução semanal e as tréguas da instrução anual.

Quanto aos quadros, estes não terão sobrecarga de trabalho, visto que os instrutores que irão ministrar o treino ruralista aos conscritos são de outra ordem de atividades: devem ser técnicos ou pelo

os amadores habilitados, militares e civis, capazes de o fazer. Tais para as culturas forrageiras — os nossos veterinários; para a fruticultura, hortaliças etc., os nossos oficiais de administração especializados, secundados por oficiais das armas que tenham decidor rural sob orientação de especialistas do Ministério da cultura, dos Estados, e de agricultores e fazendeiros adiantados.

Como se procederia para manter no Exército a cruzada rural? O Ministério da Guerra faria incorporar ao programa de instrução dos corpos um aditamento variável para cada unidade conforas zonas agrícolas do país, dando prioridade ou preferência às características regionais, agrícolas, ou extrativas. Em cada um desses os tratar-se-ia praticamente das espécies e tipos de maior rendimento, de mais fácil adaptação, de maior oportunidade, e, estes, de preferência seriam explorados em sua transformação. Far-se-ia também o estudo experimental dos fatores da produção: a terra, o clima, o meio, os mercados, os transportes, a industrialização dos produtos etc.

Mostrar-se-ia por que a indústria agro-pecuária no interior vege-na ignorância. Os processos mais atrasados ainda estão em curso. O espírito de rotina é dominante, não ha noção da seleção de sementes, de escolha de tipos adequados, do aproveitamento racional das culturas para cada espécie vegetal, da rotação das culturas, do preparo do solo, da irrigação, das pequenas indústrias domésticas, das indústrias extrativas variadíssimas, da pomicultura, da sericultura, da apicultura etc.

Esses e outros assuntos seriam ventilados e aplicados de modo acessível e fácil à compreensão dos conscritos, procurando interessar também os oficiais, graduados e até mesmo os reservistas. Para isso as unidades organizariam o seu "Parque Rural", contendo hortas, pomares, culturas forrageiras, pocilgas, estábulos, etc., onde a unidade faria seu campo de atividade rural, servindo de ornamento aos seus arredores e de poderoso e variado auxílio à alimentação do pessoal e de valioso meio de serviço. Além desse pequeno campo de cultura sistemático, o programa ruralista incluiria visitas a fazendas e colônias agrícolas, a postos de experimentação, à cooperativas agrícolas etc...

Todos conhecem o concurso notável que os Grupos Escolares do interior de S. Paulo prestam ao ensino agrícola do grande Estado. Vimos muitos estabelecimentos desse gênero. Dispondo de pequeno terreno, aproveitam racionalmente essa área reduzida, fazendo-a magnificamente com a miniatura de uma "granja modelo": um grupo de pés de ótimo café, árvores frutíferas, pequena horta, pequeno algalhoal, canteiros de cereais, cana, feijão, milho, pequeno posto de sericultura, colmeia modelo, pequena oficina rural, etc. Tudo isso, selecionado, esmeradamente cultivado pelos próprios alunos,

desde o amanho da terra, adubação, plantio, carpas, colheita, seleção das sementes, até ao aproveitamento dos resíduos, acondicionamento, armazenamento transporte dos produtos. Agregar-se a isso parte ilustrativa de ensinamentos práticos acêrca do valôr alimentar dos produtos rurais, seu beneficiamento, suas vantagens econômicas, utilização das máquinas agrárias, condições dos mercados, proveito das vias e meios de transportes mais rápidos e econômicos etc. O exemplo do ensino rural ministrado pelos Grupos Escolares paulistas poderá ser útil ao Exército.

Enorme vantagem terá a nação se o Exército completar as suas unidades de fronteira com parte do contingente originário das velhas colônias, de modo a introduzir na campanha ruralista o pendor e a experiência dos filhos dos velhos colônos. Que de possibilidades não lhe traria para isso a Campanha Ruralista, educando os conscritos atrasados e rotineiros dos campos com o exemplo e a capacidade de seus camaradas da zona colonial.

ESBOÇO DE UMA CAMPANHA RURALISTA

A título de exemplo figuramos aqui um programa de campanha ruralista para o Exército abrangendo duas partes, a saber:

1ª Parte: — apologia da vida rural, seus encantos, a vida simples e tranquila do homem do interior em oposição à vida bulhenta e nervosa das cidades; o interesse palpitante que ha para a nação que bons brasileiros se radiquem e prosperem na interlândia brasileira e, particularmente, em nossa extensa faixa fronteiriça, formando colmeias de prosperidades e de vigilância de nosso patrimônio territorial; vantagens da formação ruralista, da industrialização dos trabalhos rurais, das pequenas indústrias domésticas; de como ha maiores possibilidades de êxito no interior para o sertanêjo, mesmo sem capital, do que nas cidades, onde sómente poucos conseguem lugar nos quadros subalternos das fábricas e repartições públicas ou na concorrência jornalreira aleatória; as infinitas possibilidades da economia rural que fizeram a riqueza agrícola dos Estados do Sul, desde os produtos extrativos, selvagens ao alcance da mão — mel, cera, resinas, caça, pesca, peles, essências medicinais, frutos silvestres, madeiras, etc., até as culturas agro-pecuárias variadíssimas, ligadas à lavoura, aos campos e às indústrias correlatas, etc.

Esta 1ª parte apologética, ilustrativa, cujo desenvolvimento poderá ter maior ou menor extensão e profundidade, poderá ser confiada também aos instrutores ordinários, como derivativo do espirito, em rápidos minutos de feliz oportunidade nos lapsos da instrução geral dos conscritos.

2ª Parte: — Noções práticas de agricultura e, em particular, das culturas regionais ou locais que mais interessam aos conscritos da circunscrição; aprendizado e aplicação esmerada desses princípios nos trabalhos práticos do Parque Rural do estabelecimento que deverá constituir escola modelo da vida rural, com suas variadas culturas — horta, pomar, plantas forrageiras, criação de animais (porcos, vacas leiteiras, aves, etc.); eventualmente, nos corpos de cavalaria providos de internadas, pequena criação de equinos; colmeias aperfeiçoadas, industrialização de produtos, aproveitamento de sub-produtos, etc.; visitas a estabelecimentos agro-pecuários.

Esta 2ª parte deverá ser ministrada, sob as vistas dos Comandantes de unidades e sub-unidades, pelos oficiais veterinários, de administração e de outros camaradas quaisquer que tenham especial aptidão e gosto para esses ramos de cultura, não devendo ser esquecida a cooperação de especialistas do Ministério da Agricultura, de outras formações oficiais e bem assim de agrônomos e profissionais civis.

SUGESTÃO AO MINISTÉRIO DA GUERRA

Si o Ministério da Guerra julgar proveitoso criar a Campanha Ruralista no Exército, valho-me do ensejo para sugerir o seguinte anteprojeto de Aviso:

1) — Fica instituída a *Campanha Ruralista do Exército*, com o fim de despertar, avisar e estimular o gosto e o interesse dos conscritos para as atividades rurais, onde residem as fontes de riquezas e de prosperidade do BRASIL.

2) — Sem prejuízo da instrução militar, autorizo, como suplemento da *instrução geral*, que se ministre também nos corpos de tropa e nos centros de formação de reservistas:

a) — noções de economia rural e de higiene rural, visando os conhecimentos essenciais necessários ao bom êxito das atividades rurais, especialmente das indústrias regionais e locais de maior proveito para o conscrito e de maior interesse da nação e do Exército; apologia da vida rural, notícias da infinita variedade de suas produções extrativas e cultivadas; influência da agricultura na formação de costumes pacíficos e ordeiros do povo e da riqueza da nação.

b) — aplicações dessas noções à organização, manutenção e exploração do Parque Rural da unidade onde deverão ser cultivados com esmero — hortas, pomares, plantas forrageiras, bosques, seções de sericultura, apicultura, cria de animais domésticos (porcos, vacas leiteiras, aves, coelhos, pombos, etc.), destinados ao consumo das próprias unidades.

3) — Ministrarão essa instrução rural, teórica e prática, os oficiais veterinários, de administração, médicos, no que lhes disser em particular, e, bem assim, outros oficiais que tiverem gosto e conhecimento

dê tais assuntos. Serão convidados a participar dessa Campanha Ruralista os técnicos do Ministério da Agricultura, dos Estados, dos Municípios, que exerçam suas atividades nas proximidades das guarnições, e, bem assim, especialistas particulares que queiram prestar sua colaboração a tão útil campanha patriótica.

4) — Serão aproveitados os intervalos dos períodos do ano de instrução militar para ativar a propaganda da vida rural estabelecendo-se *semanas ruralistas intensivas*.

5) — As unidades deverão organizar Bibliotecas ruralistas contendo publicações variadas — livros, jornais, revistas, ilustrações e promoverão a divulgação grátis e a baixo preço, por via de prêmios, das publicações de assuntos rurais, para proveito da instrução ruralista dos conscritos.

6) — Os Comandantes de unidades deverão superintender e impulsionar a Campanha Ruralista e organizar os programas anuais de atividade ruralistas, relatando seus resultados e sugestões aos Comandantes de Regiões.

7) — Oportunamente o Ministério da Guerra organizará o programa geral da Campanha Ruralista do Exército.



Minister

cigarro extra longo - super qualidade

CAIXAS DE 100

CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

iccionario Militar Brasileiro

Pelo Capitão OTÁVIO ALVES VELHO

(Continuação)

SAPADORES — 1) Unidades especiais da Arma de Engenharia, empregadas :

- nos trabalhos particulares da Arma. (pontes de circunstância, minas, destruições);
 - nos trabalhos das vias de comunicação;
 - nos trabalhos de organização do terreno que exigem uma proficiência técnica superior à das outras Armas, ou que não caibam pròpriamente a uma tropa determinada;
 - nas instalações de tóda natureza, particularmente nas que exigem técnica especializada;
 - excepcionalmente, e em casos de urgência, nos *trabalhos correntes*, quando êstes não possam ser executados no prazo previsto, por insuficiência de tropas não especializadas.
- 2) Os homens que pertencem às unidades de Sapadores-Mineiros e que não têm outra especialidade em particular.
- 3) Por analogia : os soldados das unidades de Infantaria e Cavalaria que recebem instrução especializada para os habilitar a um maior rendimento nos trabalhos de organização do terreno e no manêjo de cargas explosivas, etc.

SAPADOURA — 1 — Reunião de duas peças de Artilharia sob o comando de um oficial.

- 2 — Reunião de duas metralhadoras, morteiros ou engenhos, geralmente sob o comando de um sargento.
- 3 — Grupamento de pequenos elementos administrativos ou de comando, comandado por um sargento ou, excepcionalmente, um oficial.
- 4 — Sub-divisão de uma linha férrea determinada pelas necessidades de exploração, de acôrdo com as exigências em pessoal, material, etc. Designa-se pelas estações inicial e final.
- 5 — Sub-divisão do Pelotão de Engenharia (Sapadores, Pontoneiros, Transmissões, etc.) e elemento mínimo de repartição da Arma, comandada por oficial e equipada para poder trabalhar isoladamente.

SÉRIE — Conjunto de obstáculos interrompendo transversalmente todos os itinerários utilizáveis pelo inimigo.

SÉRIE MINIMA — É a *série da barragem avançada* que compreende obstáculos elementares cujo preparo pode ser concluído num mínimo de tempo e cuja execução dos dispositivos de destruição (se fôr o caso) pode ser simultânea. Deve ser escolhida de preferência sôbre corte natural do terreno, dentro do alcance eficaz da Artilharia; na falta de um corte nessas condições, ela coincidirá com a *linha ferrolho*.

SÉRIES COMPLEMENTARES — Conjunto de obstáculos da *barragem avançada*, organizados como complemento e refôrço à *série mínima*. São estabelecidos de um lado e outro desta série, nas estradas já bloqueadas por ela, nas estradas paralelas à frente e nas vias de aproximação secundárias, com maior densidade entre a *série mínima* e a *barragem imediata*.

SERVIÇO ELÉTRICO — Órgão da Engenharia de Exército e de Grupo de Exércitos, que assegura os trabalhos de fornecimento de energia elétrica para fôrça motriz e iluminação.

Entretanto, há unidades como as Cias. de Transmissões e as da Artilharia Anti-Aérea, que dispõem de grupos eletrogêneos orgânicos e pessoal especializado para sua exploração e conservação.

SERVIÇO de ENGENHARIA — É o encarregado de :

- fornecer às tropas, consoante a natureza destas, todo o material de defesa e de instalação no terreno, de reparação ou destruição de comunicações, de transposição de cursos d'água, de disfarce e de trabalhos especializados de Engenharia;
- executar trabalhos especiais (construção e reparação de estradas, preparação de acampamentos e acantonamentos, abastecimento de água e exploração de florestas);
- fornecer energia elétrica para iluminação e força motriz;
- eventualmente, realizar o abastecimento de água e sua depuração, em cooperação com o Serviço de Saúde.

SERVIÇO das ESTRADAS de FERRO — Compete-lhe a organização, conservação, tráfego, construção e destruição das ferrovias.

Dispõe de um pessoal de direção e de *tropas ferroviárias e seções ferroviárias de campanha*.

Os órgãos encarregados de regular os embarques e desembarques são designados pelo Comando Superior e compreendem :

- comissões reguladoras de movimento;
- " " " embarque;
- " " " desembarque.

SERVIÇO de FUNDOS — Dependente do Serviço de Intendência, tem as seguintes atribuições :

- receber todo o numerário proveniente do Tesouro Nacional e de outras fontes;

- atender ao pagamento dos vencimentos e vantagens do pessoal;
- receber a prestação de contas dos oficiais-tesoureiros dos corpos de tropa e formações dos serviços.

SERVIÇO de INTENDÊNCIA — Compreende os Serviços de *Subsistência*, de *Material de intendência* e de *Fundos*, por êle supervisionados.

Além das atribuições inerentes a cada um dêles, o Serviço de Intendência tem as seguintes :

- ordenar as despesas referentes aos seus Serviços e gerir os créditos de todos os Serviços militares;
- verificar e transmitir ao Comando tôdas as contas, de dinheiro ou de materiais, de seus diversos Serviços, bem como dos corpos de tropa e dos demais Serviços;
- zelar pela boa administração dos quartéis-generais e pelo pessoal dos seus Serviços;
- conceder aos corpos, diretamente ou por intermédio do *Serviço de Subsistência*, os quantitativos em dinheiro para permitir melhorar e completar o cardápio diário pela compra de certos artigos (temperos, legumes frescos, etc.) e adquirir capim para os animais;
- emitir instruções técnicas precisando as modalidades de execução da exploração dos recursos locais e fixando, particularmente, a zona de exploração atribuída a cada unidade e os preços máximos dos gêneros ou das refeições;
- organizar, para cada região, tabelas estabelecendo as diferentes espécies e tipos de *rações* e as substituições possíveis;
- centralizar, na G U, os pedidos de fardamento e de material de estacionamento das unidades subordinadas, remetendo um pedido global ao Diretor da Intendência do Exército;
- receber dos centros e estações de reaprovisionamento, e encaminhar para a retaguarda, todo o material (reci-

pientes vasios, material inutilizado, restos do gado abatido, etc.) para aí remetido pelos oficiais aprovisionadores dos corpos;

- verificar e arrolar as prêsas feitas ao inimigo;
- requisitar em território nacional e em território inimigo, por ordem do Comando;
- administrar provisoriamente campos de concentração e tambem as populações civis evacuadas por ordem superior ou expulsas em virtude de acontecimentos militares;
- substituir os oficiais do registro civil nos casos de ausência destas autoridades;
- receber testamentos e redigir procurações na impossibilidade dos interessados recorrerem ao tabelião.

SERVIÇO de MATERIAL de INTENDENCIA — Parte integrante do *Serviço de Intendência*, tem as seguintes atribuições :

- organizar, dirigir e executar o serviço de fardamento, equipamento e material de estacionamento, até a distribuição às diversas unidades;
- prover o fornecimento das reservas especiais das G.U. em ferraduras (de tração e de cavalaria) e em material de estacionamento;
- quando a situação o permitir, organizar lavandarias na zona dos Exércitos para assegurar a limpeza e a reparação da roupa;
- eventualmente, fornecer material de leito às tropas em estacionamento prolongado, notadamente quando acampadas.

SERVIÇO POSTAL — Tem por objeto:

- fazer o transporte da correspondência entre a zona do interior e as tropas em operações na zona dos Exércitos;
- recolher e dirigir toda a correspondência vinda dos Exércitos para a zona do interior ou para outros

- em qualquer caso, realizar a censura postal, de acôrdo com as determinações do Comando.

SERVIÇO de SUBSISTÊNCIA — Parte integrante do *Serviço de Intendência*, tem por atribuições :

- organizar, dirigir e executar o serviço de reabastecimento (víveres e forragem), até as distribuições às diversas unidades (inclusive do combustível para o preparo dos alimentos), e, caso seja necessário, a alimentação dos prisioneiros de guerra e das populações civís (a destas por intermédio das municipalidades);
- prover o fornecimento das reservas especiais das G.U. em combustíveis (carvão e lenha) para aquecimento dos quartéis, acampamentos e bivaques, bem como para as forjas e oficinas.

SERVIÇO de TRANSMISSÕES — E' o encarregado de :

- fornecer às tropas de tôdas as Armas o material de transmissão de que precisam (exceto artificios);
- efetuar a reparação ou troca do material deteriorado ou danificado;
- providenciar sôbre a carga e a boa conservação dos acumuladores.

SERVIÇOS — São os órgãos destinados a fornecer às tropas todos os recursos indispensáveis à satisfação de suas necessidades de vida, movimento e combate, e desembaraçá-las de tudo quanto não lhes fôr útil.

Em outros termos, assegurar :

- os reaprovisionamentos;
- os transportes;
- as evacuações.

Podem ser grupados em quatro categorias :

- Provedores;
- Transportadores;
- de Manutenção da Ordem;
- Especiais.

SERVIÇOS PROVIDORES — Têm por missão fornecer aos Exércitos o pessoal, os animais e o material necessários.

São os seguintes :

- Material Bélico
- Moto-Mecanização
- Intendência
- Engenharia
- Transmissões
- Saúde
- Veterinário
- Remonta
- Meteorológico
- Postal

SERVIÇOS TRANSPORTADORES — Têm por fim assegurar todos os transportes de pessoal e material (inclusive reaprovisionamentos e evacuações) exigidos pelas operações.

São os seguintes :

- Serviço das Estradas de Ferro (e, eventualmente, o Serviço de Estradas de Ferro de bitola reduzida)
- Serviço de Transporte Rodoviário
- Serviço de Transporte Marítimo
- Serviço das Vias Navegáveis
- Serviço das Vias Aéreas.

SETOR — Zona de ação atribuída, na Defensiva, a uma Divisão.

SUB-QUARTEIRÃO — Zona de terreno ocupada, na Defensiva, por uma Companhia ou um Esquadrão.

SUB-SETOR — Zona de terreno ocupada, na Defensiva, por um Regimento.

TAREFA — 1 — Quantidade de obra (de Engenharia) que póde ser realizada em um tempo dado por trabalhado-

res conscienciosos e de um vigor físico médio. Corresponde a um rendimento normal.

A avaliação da tarefa é feita, nos casos particulares, se necessário, mediante um ensaio, de vez que varia com a natureza do sólo, estado moral e físico da tropa, situação tática, etc.

2 — Serviço. Encargo.

3 — Missão (quando de carácter nitidamente material).

TIROS de EFICÁCIA — São os tiros realizados pela Artilharia visando obter os efeitos de *Neutralização* e de *Destruição*.

A distinção entre as duas modalidades depende muito menos da forma de execução, do que dos processos de ajustagem, do consumo de munição e do tempo em que o resultado deve ser atingido.

TOMAR CONTACTO — É a ação de uma tropa que progredir, encontra resistência e aplica fogos sobre esta.

TRABALHADORES — Elementos de mão de obra agrupados em unidades da Reserva Geral e de valor comparável às unidades de *pioneiros*. Compostas de classes ainda mais antigas, são reservadas para emprêgo na retaguarda.

Os trabalhadores são especializados (de Engenharia, de Material Bélico, etc.), fazendo parte das formações dos diversos Serviços.

TRABALHO por REVEZAMENTO — Regime de serviço adotado quando se dispõe de um efetivo superior ao número máximo de homens que pode ser empregado simultaneamente num canteiro de trabalho. Consiste em constituir-se várias turmas de trabalho, que se substituem, de modo a assegurar um trabalho contínuo por revezamento de turmas, o que aumenta a velocidade de execução.

TRABALHO por TAREFA — Regime de serviço que consiste em impor a *tarefa* a cada homem (tarefa individual) ou a cada grupo ou turma de trabalhadores (tarefa coletiva), autorizando àqueles que a realizarem a deixar o canteiro ou local de trabalho imediatamente.

TRABALHOS de BARRAGENS — São os trabalhos de Engenharia destinados à criação de *barragens* à frente das organizações defensivas, e que geralmente compreendem :

- a destruição das obras d'arte e dos pontos de passagem obrigatória nas ferrovias, rodovias e vias navegáveis;
- o estabelecimento de campos de minas, inundações, abatizes profundos;
- a obstrução das localidades;
- a inutilização das instalações de emprego imediato pelo inimigo (usinas, abrigos, rédes elétricas, depósitos, etc.);
- a inutilização de aprovisionamentos de toda natureza, bem como dos recursos suscetíveis de servir à sua reconstrução;
- eventualmente, a infecção, particularmente eficaz nas regiões dos obstáculos.

Esses trabalhos podem ser efetuados por meio de ferramentas, engenhos mecânicos, explosivos, incêndio, água e substâncias tóxicas.

TRABALHOS de COMUNICAÇÕES — São os trabalhos de Engenharia relativos às *ferrovias e rodovias*, e eventualmente às *vias navegáveis*.

TRABALHOS de MELHORAMENTO das RODOVIAS

- São os trabalhos de Engenharia que se destinam :
- seja a reforçar ou duplicar as obras d'arte que possam constituir pontos fracos para as cargas que devem suportar ou pontos de estrangulamento da via;

— seja a adaptar a rede rodoviária existente ao tráfego militar (alargamentos, retificações, transformações, saneamento).

TRABALHOS de RESTABELECIMENTO das RODOVIAS — São trabalhos muito frequentes nos casos de progressão (aproximação, ataque, perseguição) e, particularmente, quando o inimigo, manobrando em retirada, dispõe de tempo e meios para criar obstáculos na rede de comunicações, sobretudo: destruições de obras d'arte, obstruções, funis, crateras, revolvimento em grandes extensões, do leito de estrada, minas contra pessoal e anti-carro, taludes, fossos, armadilhas, redes de vergalhão, barreira de estacas, barreira de trilhos, muros de troncos de árvores, trincheiras ou escavações, etc.

TRABALHOS RODOVIARIOS — É o nome dado aos trabalhos de comunicações que dizem respeito às rodovias, compreendendo:

- trabalhos relativos à chapa de rodagem
- trabalhos relativos às obras d'arte.

Em ambas as categorias abrangem: construção, melhoramento, restabelecimento e conservação.

TRABALHOS de VIA NORMAL — Assim se denominam os trabalhos de Engenharia relativos às ferrovias de 1.^a categoria.

TRANSPORTE — Deslocamento de tropa ou de material em que se utilizam meios estranhos à unidade deslocada (Serviço de transporte rodoviário ou ferroviário, Unidade de Trem, Serviço de Vias Navegáveis, Serviço de Vias Aéreas ou Serviço de Transporte Marítimo).

TROPA BLINDADA — Tropa cujo papel é combater com o auxílio de engenhos blindados.

TROPA de GUARDA — V. *Tropa de Postos Avançados*.

TROPA de POSTOS AVANÇADOS — Tropa que se estabelece na *Posição de Postos Avançados*, com o fim, ge-

ralmente, de evitar que os ocupantes da *Posição de Resistência* sejam surpreendidos e de obrigar o inimigo a um desdobramento prematuro.

TROPA de SEGURANÇA — A tropa que constitui um *destacamento de segurança* do grosso, em marcha, estacionado ou em posição.

UNIDADE — Elemento de tropa regularmente organizado, com comando próprio e uma finalidade definida.

UNIDADE-BASE — Aquela sobre a qual se regula a execução de determinado movimento ou operação.

UNIDADE de CARBURANTE — É a quantidade de carburante necessária a um veículo para efetuar, *em combóio*, o percurso de 120 km, ou para lhe assegurar a marcha durante determinado tempo.

UNIDADE de EMPREGO — Aquela que serve de base às combinações táticas de determinada Arma ou escalão do comando.

UNIDADE de FOGO — É uma unidade de munição que permite avaliar a relatividade das necessidades de munição para os diferentes materiais. Representa, aproximadamente, o consumo de munição necessário para sustentar 3 a 4 horas de combate de intensidade média. Por ser uma unidade muito prática, facilita aos Comandos conhecer das necessidades e disponibilidades de munição.

UNIDADE MOTORIZADA — Unidade orgânicamente dotada, no todo ou em parte, de viaturas automóveis, de rodas ou lagartas, destinadas a assegurar seu transporte, sem entretanto modificar essencialmente o modo de emprego tático da unidade no combate.

UNIDADE MOTO-MECANIZADA — Unidade motorizada que compreende forte proporção de engenhos blin-

dados e cujo modo de emprego tático é essencialmente função da utilização dêstes engenhos no combate.

UNIDADES JUSTAPOSTAS — Unidades colocadas umas ao lado das outras, na mesma linha ou escalão, separadas por intervalos quaisquer.

UNIDADES SUCESSIVAS — Unidades colocadas umas atrás das outras, separadas por qualquer distância, paradas ou que progridem no mesmo eixo de marcha, ou em eixos paralelos pouco afastados.

UNIDADES de MUNIÇÃO — São unidades que permitem apreciar devidamente as necessidades, o consumo, as disponibilidades, o transporte e outros problemas relativos às munições.

As principais são: *Unidade de fogo, Número de tiros e Tonelagem.*

VALETA — 1 — Pequena vala, estreita e mais ou menos profunda.

2 — Pequena vala utilizada para a construção de linhas telefônicas enterradas, podendo ser *grande valeta*, ou *pequena valeta*.

VALETA de ESCOAMENTO — 1 — Valeta construída ao lado das estradas e pistas, para assegurar o escoamento das águas.

2 — Valeta utilizada nos trabalhos de organização do terreno, quando êste é pouco permeável ou as chuvas são muito abundantes.

3 — Valeta construída em tórno de tôdas as barracas, em um acampamento, sobretudo quando êste é estabelecido na encosta de uma elevação, com o fim de evitar a penetração das águas pluviais no interior das barracas.

VALETA de EVAGUAÇÃO — V. *Valeta de escoamento.*

ANGUARDA — Destacamento de segurança que marcha, mais ou menos articulado, na frente do *Grosso*, e pode ser constituído por elementos de tôdas as Armas.

AS de COMUNICAÇÃO — São as rodovias, ferrovias, rios e lagos, e os próprios mares, quando utilizados para o tráfego de veículos apropriados transportando pessoal, material e animais.

Qualquer que seja a sua natureza, exercem grande influência sobre a conduta das operações; elas desempenham na guerra um papel de relêvo, tanto para o movimento das tropas como para o reaprovisionamento das mesmas. Suas obras de arte são pontos particularmente sensíveis. Os aterros, cortes e renques de árvores marginais revestem-se de importância, principalmente sob o ponto de vista tático.

ADREZ — 1 — V. *Quincôncio.*

2 — Cadeia. Prisão de praças.

ONA de AÇÃO — Extensão de terreno na qual uma unidade enquadrada tem que desenvolver e empregar seus meios. Na ofensiva, limita a frente em que deve ser procurado o contacto, e, na defensiva, a frente ocupada pelas unidades de primeira linha.

(*Continúa*)

Ótica BÔA VISTA Ltda.

ÓTICA EM GERAL — ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Os melhores artigos pelos menores preços

RUA ASSEMBLÉIA, 111 — Sob.

Entrada pela Loja — TEL.: 22-2804

Oculos com grau desde 13,00.

Oculos NUMONT (sem aros) com grau 115,00

ATENÇÃO

VANTAGENS QUE A COOPERATIVA "A DEFESA NACIONAL"
OFERECE AOS SEUS ASSOCIADOS

- 1.º) — Juros de 6 % ao ano sobre as quotas-partes pagas.
- 2.º) — Aquisição de livros, de qualquer natureza, diretamente ou mediante reembolso postal, com descontos variáveis conforme a empresa editora dos mesmos.
- 3.º) — Participação anual nos lucros sociais, em proporção à aquisição de livros realizada.
- 4.º) — Abatimento de 50 % nos preços de assinatura da revista "A Defesa Nacional".
- 5.º) — Fazer parte do Conselho de Administração ou do Conselho Fiscal.
- 6.º) — Edição de livros de autoria do associado com vantagens superiores às oferecidas por qualquer outra empresa nacional.

Para ser associado é suficiente :

- 1.º) — Ser Oficial, da Ativa ou da Reserva, das Forças Armadas Nacionais (Exército, Marinha, F.A.B. ou Força Policial).
- 2.º) — Subscrever, pelo menos, duas quotas-partes de Cr\$ 50.00, pagáveis até em 10 prestações mensais, sendo a primeira no ato da subscrição.
- 3.º) — Encher uma proposta, anexa a cada número da revista ou à disposição dos interessados na sede social.

Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual «A Defesa Nacional Limitada»

Assêmbliã Geral Ordinária

... Em cumprimento ao que dispõem os Estatutos desta Cooperativa, reuniu-se no dia 6 de fevereiro do ano corrente, a Assêmbliã Geral Ordinária para fins de deliberar sôbre o Relatório e Balanço anuais apresentados pelo Conselho de Administração e respectivo Parecer do Conselho Fiscal, bem como proceder à eleição para os cargos do Conselho de Administração para o triênio de 1946-1948, bem assim para os membros e suplentes do Conselho Fiscal para o ano social de 1946.

- I — Relatório
- II — Parecer do Conselho Fiscal
- III — Balanço Geral
- IV — Demonstração da Conta de Lucros e Perdas
- V — Relação dos Associados que Receberam Retôrno
- VI — Ata da Assêmbliã Geral
- VII — Ata da Assêmbliã Geral

RELATÓRIO DA "DIRETORIA EXECUTIVA" DA C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL LTDA", REFERENTE AO ANO SOCIAL DE 1945.

Senhores Associados.

Cumprindo as determinações constantes da alínea g) do artigo n.º 37 dos Estatutos que nos regem, temos a honra de apresentar-vos o Relatório Anual de nossas atividades funcionais respeitantes ao ano de 1945, bem como o Balanço Geral e respectivo Parecer do Conselho Fiscal, para que sôbre êles delibereis, segundo resa o artigo n. 28, alínea a) dos mesmos Estatutos.

Mais um ano transcorreu, durante o qual não foram poupados esforços em pról da prosperidade de nossa Cooperativa, da parte de todos quantos trabalham nesta casa. Não há dúvida, sôbre a consecução dêsse objetivo, depender da atividade profícua de seus Diretores;

mas, se isto é essencial, não se poderá dizer que depende unicamente deles, pois, da própria denominação da sociedade decorre a idéia da cooperação de todos: diretores e associados.

Se, por um lado, é lícito dizer-se que, materialmente, a situação da Cooperativa não é precária, pois, ao contrário disso, seus recursos financeiros vêm aumentando progressivamente, de ano para ano, embora com relativa lentidão, por outro, o interesse de nossos companheiros de classe pela Cooperativa não se manifestou crescente, como era de esperar que fôsse, de vez que somos alguns milhares de oficiais da ativa e da reserva. Assim é que, em 31 de dezembro de 1944 havia 34 associados, e, em igual data de 1945, contam-se 46, apenas.

Não pretendemos focalizar somente a escassez de associados; há outras manifestações de interesse, com as quais seria lícito contar e que, entretanto só mui lentamente se verificam.

É o caso, por exemplo, de nossa revista "A DEFESA NACIONAL".

Não será demasia dizer-se que ela constitui a principal instituição de nossa Cooperativa.

Entretanto, em 1944, havia 2.013 assinantes de ano e 918 de semestre. Esses números caíram, em 1945, para 872 assinantes anuais e 550 semestrais. Houve, portanto, um retraimento de 1.141 assinantes de ano, e 368 de semestre.

Evidentemente, seria injusto atribuir a uma desvalorização da matéria contida na revista, semelhante retraimento. Outras razões devem contribuir para tanto, e, entre elas, podem citar-se as duas mais prejudiciais: uma certa displicência intelectual da parte de alguns oficiais, e a falta de interesse na propaganda, por parte de certos de seus representantes nos corpos e estabelecimentos militares, o que em última análise, significa falta de espírito de cooperação.

Se alguma objeção se fizer ao valor técnico, ou substancial, da revista, poder-se-á responder que o encargo de "fazer" a revista, não pode caber unicamente a meia-dúzia de redatores e colaboradores, porque, dessa maneira, perderia ela sua principal qualidade que é, justamente, ser um repositório de assuntos variados, concernentes à tática das armas e dos serviços, e da diversidade de competências, de conceitos de opiniões dos profissionais de cada setor de atividades.

É em torno de "A DEFESA NACIONAL" que devem gravitar os espíritos de nossos camaradas do Exército, porque nela devem refletir-se a cultura profissional de seus membros, a pujança de suas inteligências, o interesse pelo crescente desenvolvimento intelectual de cada um e da coletividade. É somente a colaboração de todos que poderá garantir-lhe o proveito da leitura e o prestígio que de direito lhe cabem, como única revista essencialmente técnico-militar que é,

re graças ao esforço de alguns abnegados tem conseguido manter por mais de três decênios.

Podendo esperar a colaboração de dois ou três milhares de oficiais, luta, entretanto, com a escassez de matéria e, por conseguinte, a impossibilidade de seleção mais rígorosa, apesar dos constantes esforços que vimos fazendo por suas colunas e por meio de solicitações pessoais.

Entretanto, embora parcimoniosamente, porque seus recursos financeiros são limitados, a revista não deixa de remunerar seus colaboradores. Mas, convém lembrar que a remuneração não deve consistir o principal estímulo, porque, além das vantagens de ordem moral e de ordenamento das manifestações de capacidade intelectual e profissional, o colaborador evidencia com seus escritos, contentar-se com uma remuneração modesta, é uma das mais significativas provas de espírito de cooperação numa obra de indiscutível proveito para a coletividade militar.

Não têm sido animadoras as perspectivas, no que toca a edição de livros, outra forma de atividade da Cooperativa, de que muito se poderia esperar. Apenas quatro foram os livros editados pela Cooperativa: dois, em 1944, e dois em 1945. Não porque nos faltarão absolutamente, os recursos financeiros, mas, e principalmente, porque o retratamento que se vem verificando nas aquisições, recomenda uma extrema prudência nesse terreno, para que não aumente, ainda mais, o número de volumes que pejam as prateleiras de nosso depósito.

Como nas atribuições julgadoras da presente assembléia se incluiu, também, neste ano a eleição de novos dirigentes da Cooperativa, apresenta-se, dessa maneira, a oportunidade de injetar sangue novo no organismo diretor, condição essencial de seu revigoramento, sempre capaz de conduzir aos melhores resultados.

Eis, em resumo, os índices principais das atividades da Cooperativa, que encontrareis pormenorizados nos documentos apensos a este relatório:

	EM 1945:	
	Cr\$	Cr\$
Associados	46	34
Capital subscrito	9.550,00	
Renda Bruta	210.537,80	293.456,00
Despesa total	204.352,10	263.582,10
Saldo em Caixa	84.768,60	78.583,20
Dobras de Retorno	9.144,30	1.889,70

Sobre a regularidade e exatidão da escrituração e da contabilidade, pronunciar-se-á o Conselho Fiscal em seu Parecer, sendo de

justiça registrar aqui a boa vontade com que os funcionários auxiliares da Cooperativa vêm desempenhando suas funções; por esta razão, e levando em conta o encarecimento da vida, concedeu-lhes o Conselho de Administração, em sua Sessão de doze de outubro ppdo. um aumento de remuneração que variou de 20% a 80% na razão inversa da importância da mesma, com o que, esperamos, estareis de acordo.

Eis, Senhores, em resumo, o que nos cumpria dizer.

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1945.

Cel. Renato Baptista Nunes, Diretor Presidente.

Cel. José Lima Figueiredo, Diretor Secretário.

Major José Salles, Diretor Gerente.

Ata da décima segunda sessão ordinária do Conselho Fiscal para o ano e mil novecentos e quarenta e seis.

PARECER

Aos quatro dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e seis, na sede da "Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual A Defesa Nacional Ltda", reuniu-se o Conselho Fiscal tendo comparecido o Tenente Coronel João Baptista de Mattos, o Tenente Coronel Adauray Sampaio Pirassununga e o Capitão Octávio Alves Velho, o primeiro como Presidente. Este Conselho, após examinar o Relatório anual da Diretoria Executiva, o Balanço Geral de ativo e passivo, diversas contas anexas e demais atividades da Sociedade, formulou o seguinte parecer final sobre os mesmos: a) Concorda plenamente com a argumentação da Diretoria Executiva a respeito das atividades da Cooperativa, em particular da revista "A Defesa Nacional", bem como com os diversos atos administrativos daquela Diretoria, orientados segundo os superiores interesses da Sociedade; b) Do exame feito no Balanço geral do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, e demais documentos e livros que o comprovam, verificou a exatidão dos lançamentos e correção da contabilidade; c) Apresentada a relação dos retornos de que trata a alínea *d* do artigo 56 dos Estatutos, tem a dizer que não pode se pronunciar com justiça a respeito, pela ausência do título Sobras Líquidas claramente destacado no Balanço geral, visto como é a estas que se referem todas as disposições do citado artigo 56, e não aos lucros apresentados pela Biblioteca sobre os quais foram feitos os cálculos apresentados. O Conselho Fiscal é, então, de parecer que a Assembléia Geral deverá ser atribuída a interpretação da aplicação do que reza o referido artigo dos Estatutos, para o fim de solucionar definitivamente tal assunto.

a mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, servindo de Sec-
 tário o Capitão Octavio Alves Velho, que, com os demais membros
 Conselho assinam a presente.

(Assinados) Ten. Cel. João Baptista de Mattos
 Ten. Cel. Adaury Sampaio Pirassununga
 Capitão Octavio Alves Velho

BALANÇO GERAL

ATIVO

MOBILIZADO

Móveis & Utensílios 24.826,00

REALIZÁVEL

Venda de Livros-Biblioteca 188.561,70

DISPONÍVEL

Depositado em Bancos 84.431,80

Em Caixa, moeda corrente 336,80

298.156,30

PASSIVO

DEBÍTO EXIGÍVEL

Capital Social 9.550,00

Patrimônio Móvel 66.823,60

Fundo de Reserva 29.038,20

Fundo de Beneficência 4.416,40

Fundo de Desenvolvimento Social 7.360,50

CREDITO EXIGÍVEL

Consignatários, c/venda-saldo 5.771,90

Associados, conta de juros 573,00

Consignatários, conta de livros 72.393,30

RETORNO-ASSOCIADOS 9.221,30

DEBÍTO—COMPENSAÇÃO

C.M.E.C.L.A DEFESA NACIONAL,
 conta de livros 93.008,10

298.156,30

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1945.

Arnaldo Gonçalves Pires, contador.

DEMONSTRATIVO DA "CONTA DE LUCROS E PERDAS"

<i>LUCROS & PERDAS</i>	<i>DEVE</i>	<i>HAVER</i>
DE — PUBLICIDADE		
Resultado desta conta		101.950,00
DE — PERCENTAGENS		
Resultado desta conta		1.732,00
DE — JUROS		
Resultado desta conta		2.999,40
A — REVISTA "A DEFESA NACIONAL"		
Deficit desta conta	17.780,10	
A — DESPESAS GERAIS		
Saldo desta conta	13.569,60	
A — ORDENADOS		
Saldo desta conta	56.470,00	
A — ASSOCIADOS, CONTA DE JUROS		
Juros de 6% sobre o Capital integralizado ..	573,00	
A — FUNDO DE RESERVA		
10% sobre as sobras liquidas de Cr\$ 18.288,70 ..	1.828,90	
A — FUNDO DE BENEFICÊNCIA		
15% sobre as sobras liquidas de Cr\$ 18.288,70 ..	2.743,30	
A — FUNDO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL		
25% sobre as sobras liquidas de Cr\$ 18.288,70 ..	4.572,20	
— RETORNO — ASSOCIADOS		
50% sobre as sobras liquidas de Cr\$ 18.288,70 ..	9.144,30	
	106.681,40	106.681,40

RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS QUE ADQUIRIRAM LIVROS NA "BIBLIOTECA — VENDA DE LIVROS" DURANTE O ANO DE 1945 E TIVERAM DIREITO A 50% DAS SOBRAS LIQUIDAS COMO RETÓRNO, DE ACÓRDO COM O ART. 56.ª letra d dos ESTATUTOS.

Nomes	Valor das	Retorno
	Aquisições	
	Cr\$	Cr\$
Adaury Sampaio Pirassununga, Ten. Cel.	61,50	112,80
Antônio Carlos Silva Muricy, Major	21,20	38,90
Antonio de Souza Junior, Major,	110,60	184,60
Armando Baptista Gonçalves, Ten. Cel.	425,00	779,70
Armando V. Pereira Vasconcelos, Ten. Cel. ...	578,80	1.061,80
Augusto Magessi Cunha Pereira, Ten. Cel. ...	67,20	123,30
Benjamin Rodrigues Galhardo, Coronel	214,50	393,50
Clovis A. de Magalhães Gomes, Capitão	465,30	853,70
Everaldino Acestes Fonseca, Ten. Cel.	82,40	151,20
João Baptista de Mattos, Ten. Cel.	362,90	665,70
João Baptista Magalhães, Coronel	170,10	312,10
João de Deus Pessoa Leal	59,80	109,70
José Sales, Major	1.223,00	2.243,80
José Lemos de Avelar, 1.º Tenente	229,70	421,20
Jurandyr Palma Cabral, Major	184,60	338,70
Moziul Moreira Lima, Capitão	15,00	27,50
Nizo de Vianna Montezuma, Ten. Cel.	53,50	98,20
Octavio Alves Filho, Capitão	109,50	200,90
Pedro Eugenio Pires, Ten. Cel.	152,00	279,20
Renato Baptista Nunes, Coronel	407,60	747,80
	<hr/>	<hr/>
	4.984,20	9.144,30

SOMA: NOVE MIL CENTO E QUARENTA E QUATRO CRUZEIROS E TRINTA CENTAVÓS.

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1945.

Arnaldo Gonçalves Pires, Contador.

ESTATÍSTICA DO MOVIMENTO FINANCEIRO DA COOPERATIVA MILITAR EDITORA E DE CULTURA INTELECTUAL "A DEFESA NACIONAL LTDA"

ANO DE 1945

RECEITA: —	Cr\$	Cr\$
Assinaturas	50.280,90	
Livros	36.409,90	
Cooperados	2.960,00	
Jóia	120,00	
Renda Eventual	2.000,00	
Publicidade	101.950,00	
Consignatários	10.074,00	
Percentagens	2.733,60	
Porte Postal	886,60	
Juros	3.122,80	210.537,80
DESPESAS: —	Cr\$	Cr\$
Impressão da Revista	61.021,40	
Papel	13.770,00	
Colaboradores	6.985,00	
Expedição	1.130,00	
Ilustração	2.080,00	
Zinco	1.000,00	
Ordenados	56.470,00	
Despesas Gerais	13.599,60	
Percentagens	1.001,60	
Porte Postal	828,10	
Livros	28.885,10	
Consignatários	14.731,70	
Retorno-associados	1.812,70	
Addressograph	413,50	
Móveis & Utensílios	500,00	
Juros	123,40	204.352,10
RESUMO: —	Cr\$	
Saldo do ano de 1944	78.582,90	
RECEITA — ano de 1945	210.537,80	
SOMA	289.120,70	
DESPEZA — ano de 1945	204.352,10	
SALDO para o ano de 1946	84.768,60	

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1945.

Major J. Sales
Diretor gerente

Arnaldo Gonçalves Pires
Contador

DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DE 6 DE
FEVEREIRO DE 1946

(2.^a CONVOCAÇÃO)

Aos seis dias do mês de fevereiro de mil novecentos e quarenta e seis, na séde da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual "A Defesa Nacional Ltda.", no edifício do Ministério da Guerra, realizou-se a assembléia geral ordinária, segunda convocação, na forma edital baixado, às quinze horas, para fins de deliberar sobre: a) relatório anual apresentado pelo Conselho de Administração e sobre respectivo parecer do Conselho Fiscal; b) eleger o Diretor-Presidente e o Diretor-Secretário, o Diretor-Gerente, dois Conselheiros do Conselho de Administração para o triênio de 1946-1948, e três membros do Conselho Fiscal e três Suplentes para o ano de mil novecentos e quarenta e seis. Aberta a sessão pelo Senhor Diretor Presidente, este pediu para servir de Secretário o Major José Salles, na ausência do Senhor Coronel José Lima Figueiredo, Diretor Secretário. Feita chamada pelo "livro de presença" dos sócios cooperados presentes, verificou-se haver número legal, de conformidade com as disposições dos estatutos, sendo iniciados os trabalhos da assembléia. O Senhor Diretor Presidente, em seguida, deu a palavra ao Secretário para proceder, mas não procedeu, à leitura do relatório anual apresentado pelo Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal referente ao mesmo. Em novo com a palavra o Senhor Diretor Presidente, solicitou à assembléia que se elegesse uma mesa para dirigir a discussão da matéria em vista de ser esta da autoria da Administração sob sua chefia e que ora finda seu mandato; foi escolhido para Presidente, então, por aclamação unânime, o Exmo. Sr. General de Brigada Tristão de Azevedo Araripe, e escolhidos como membros da mesa os Senhores Coronel Oroszimbo Martins Pereira e Tenente Coronel Everaldino de Moraes da Fonseca, que puseram em discussão o relatório já acima mencionado, que foi por unanimidade aprovado. Em seguida, é pôsto em discussão o parecer do Conselho Fiscal, de cujo texto constam três questões, a primeira concordando plenamente com a argumentação da Diretoria Executiva a respeito das atividades da Cooperativa e dos serviços administrativos da mesma, a segunda verificando a exatidão, a correção e perfeita ordem dos documentos, livros e lançamentos da contabilidade, que foram encontrados na mais absoluta ordem e em conformidade, e finalmente, a terceira, dizendo que não pode se pronunciar com firmeza a respeito das relações dos retornos de que trata a alínea d do artigo n.º 56, dos Estatutos, pela ausência do título, "sobras líquidas", claramente destacado no balanço-geral, visto como é a estas que se referem tôdas as disposições do artigo 56, supracitado, sendo de pa-

recer que à assembléa geral deverá ser atribuída a interpretação da aplicação do que reza este artigo. Pede a palavra, pela ordem, o Major José Salles, que depois de esclarecer, em circunstanciada exposição feita a vista dos documentos que acompanham o relatório, e dos livros de contabilidade, que não havia ausência no balanço do título "sobras líquidas", como afirmou o Conselho Fiscal em seu parecer, no Balanço Final; o título existe claramente e apenas houve um erro de interpretação das importâncias que do mesmo devem constar, sobre as quais houve uma dúvida por parte do guarda-livros, que aplicou o que tinha sido objeto de deliberação no ano anterior, tanto assim é que as sobras líquidas apresentadas no resultado esposto eram de dezoito mil, duzentos e oitenta e oito cruzeiros e setenta centavos, dos quais cinquenta por cento se destinam ao retorno dos associados; como porém esta importância excede à das aquisições de livros feitas pelos associados, que por isto, têm direito ao retorno, sugeria, afim de encaminharem a discussão da matéria, que se fizesse apenas a distribuição dos retornos até o máximo dos limites das aquisições referidas, revertendo o excesso para o "Fundo de Desenvolvimento Social", visto parecer um tanto absurdo o sócio interessado receber mais de retorno do que o dispendido nas transações feitas com a Cooperativa, comprando livros; isto seria uma forma de demonstrar o espirito cooperativista dos associados, concorrendo com uma parte das importâncias a que têm direito, para o bem coletivo. Com a palavra o Senhor Coronel Renato Baptista Nunes, este em breves palavras apoia e reforça a sugestão do Senhor Major José Salles. Toma, em seguida a palavra o Senhor Tenente Coronel Adauray Sampaio Pirassununga, que presta esclarecimentos sobre a forma porque foi estudada a matéria pelo Conselho Fiscal e elaborado o respectivo Parecer, o que exigiu cerca de três horas de árduos trabalhos. Com a palavra o Senhor Tenente Coronel Everaldo Acestes da Fonseca, lembra que no ano anterior o mesmo assunto foi objeto de discussão, em assembléa, e, sugere que sobre o mesmo se faça uma consulta à repartição competente do Ministério da Agricultura que centraliza assuntos referentes às sociedades cooperativas; esta sugestão não é submetida à aprovação, perdendo-se no decurso dos debates. Novamente com a palavra o Senhor Coronel Renato Baptista Nunes, reafirma a sua proposta de se aprovar a sugestão do Senhor Major José Salles, no que é secundado pelos Senhores, Coronel Orozimbo Martins Pereira e Capitão Octavio Alves Velho. Com a palavra novamente o Senhor Tenente Coronel Adauray este debate mais ainda a matéria, com a finalidade de melhor esclarecer o seu conteúdo. O Exmo. Senhor General Presidente da Mesa julgando finalmente, depois de haver dirigido os debates, durante os quais houve plena liberdade de exame da matéria, que esta ficou devidamente esclarecida, tomou a palavra e submeteu, por partes,

votação o Parecer do Conselho Fiscal; as alíneas *a* e *b* foram, então, aprovadas por votação unânime; com referência à alínea *c*, propôs que a assembléia se pronunciasse: a) sobre a exigência de se fazer aparecer, uma vez por tôdas, o título "Sobras Líquidas" na conta de "Lucros & Perdas" no Balanço Final e na Ata do xercício de 1945, o que foi aprovado unanimemente; b) sobre se reconhece que as sobras líquidas devem ser distribuídas como está na lei que regula o assunto, ficando o Conselho de Administração autorizado a consultar aos sócios se concordam em receber um retórno apenas correspondente aos limites das aquisições de livros feitas pelos associados interessados, revertendo o excedente para o Fundo de Desenvolvimento"; a assembléia reconheceu como de outro modo não poderia ser, que se cumprisse o que sobre o assunto a Lei determina e concedeu a autorização referida. Para se cumprir o que ficou deliberado, faz-se, assim, constar da presente Ata que o Título Sobras Líquidas, figurará no Balanço que será devidamente alterado de acórdo com os preconceitos da Contabilidade, com a importância de dezoito mil, duzentos e oitenta e oito cruzeiros e setenta centavos (Cr\$ 18.288,70), dos quais cinquenta por cento, ou sejam, NOVE MIL, CENTO E QUARENTA E QUATRO CRUZEIROS E TRINTA CENTAVOS, (Cr\$... 9.144,30), figurarão em sub-título — RETÓRNO — para revertirem aos associados nos termos dos Estatutos. Encerrados êsses debates, passou a Assembléia à segunda parte dos trabalhos, a fim de proceder às eleições para os cargos conforme consta do edital. O Senhor Presidente concedeu quinze minutos para a organização das chapas e designou uma Comissão escrutinadora composta dos Senhores Coronel Orozimbo Martins Pereira, Tenente Coronel Everaldino Acestes da Fonseca e Major José Salles, que procederam ao recolhimento das cédulas, contagem e apuração dos votos. Os resultados deram: Para Diretor Presidente — O Senhor Coronel Renato Baptista Nunes com dezoito (18) votos; para Diretor-Secretário — O Tenente Coronel Armando Vilanova Pereira de Vasconcellos, com treze (13) votos; para Diretor-Gerente — O Tenente Coronel Everaldino Acestes da Fonseca, com doze (12) votos; para Conselheiros — Tenente Coronel, Adaury Sampaio Pirassununga, com onze (11) votos, e Capitão Octavio Alves Velho, com sete (7) votos; para o Conselho Fiscal, o Tenente Coronel Pedro Eugenio Pies, com quatorze (14) votos; Tenente Coronel Nizo Vianna Montezuma, com oito (8) votos e Capitão Gerardo Lemos do Amaral, com doze (12) votos; para Suplentes: Tenente Coronel Alberto Ribeiro Paz, com nove (9) votos, Tenente Coronel Augusto Fragoso, com dez (10) votos, e Major Antonio de Souza Junior, com nove (9) votos. Lidos em seguida os resultados o Exmo. Snr. General Presidente declarou eleitos os Officiais acima aos quais apresentou as felicitações. O Senhor Coronel Renato Bap-

tista Nunes, em algumas palavras, agradeceu a assembléa a prova de confiança reelegendo-o para o cargo de que já vinha exercendo. E como nada mais havia a tratar foi pelo mesmo Senhor Presidente encerrada a sessão da qual se lavrou a presente ata que vai assinada pela Mesa, pela Comissão designada na fôrma dos Estatutos e por mim Major José Salles, Secretário, que a escrevi.

(Assinados)

Cel. Renato Baptista Nunes — Diretor Presidente
 Cel. Orozimbo Martins Pereira
 Ten. Cel. Armando V. Pereira de Vasconcellos
 Capitão Gerardo Lemos do Amaral
 Major José Salles

PAPELARIA PROGRESSO

Sant'Anna, Olavo & Cía.

AV. MAL. FLORIANO, 159
 DEPÓSITO E FÁBRICA
 RUA GAL. CALDWELL, 171.

Telefones :

43-6478 — Atacado
 43-1508 — Varejo
 43-6474 — Gerência
 43-9360 — Fábrica

Importação e Exportação
 Papéis em alta escala
 para todos os fins
 Brochuras, Cadernos e todos
 os artigos escolares
 Fabrica: — Sacos de papel
 RIO DE JANEIRO

AÇOS MARATHON

RÁPIDO — INOXIDAVEL — CROMO NIQUEL — CARBONO —
 INDEFORMAVEL — NIQUEL — LATÃO — COBRE — ESTA-
 NHO — ZINCO — MÁQUINAS PNEUMÁTICAS E
 FERRAMENTAS — BROCAS

Soc. Fornecedora Sudamerica Ltda.

RUA VISCONDE INHAUMA, 38 — TELS.: 43-4446 e 23-0919
 RIO DE JANEIRO

À MARGEM DE UM RELATÓRIO

Cap. G.L.A.

Temos, senão todos, quasi todos nós, brasileiros, o mau vézo de não ler relatórios, mesmo aquêles que muito de perto nos digam respeito.

O último relatório da "Diretoria Executiva" da C.M.E.C.I. "A Defesa Nacional" não terá melhor sorte. Será publicado, mas não será lido. E se dêle venho tratar, confesso, é porque, presente à Assembléia que o aprovou, ouvi sua leitura.

Impressionado com alguns de seus tópicos decidi-me a chamar para êle a atenção de meus camaradas. Perdõem-me o que, aparentemente, haja de reprovável nessa intenção. Proponho-me exclusivamente a cooperar....

Há trinta e dois anos veio à luz a "A DEFESA NACIONAL". Não podemos avaliar o que sofreram seus denodados fundadores enfrentando, além dos inúmeros impecilhos de ordem material, a "onda" de desinterêsse, de descrença, de inveja e tantas outras manifestações dessa natureza, que minam sorrateiramente o terreno onde se procuram concretizar as mais nobres e benéficas idéias. Mau grado todos os óbices êles venceram. Compulsem os meus camaradas as coleções de "A DEFESA NACIONAL" nos seus verdes anos. Verifiquem, na essência dos artigos, a decisão de cooperar pelo desenvolvimento de nosso Exército que animava seus tenazes responsáveis. Era, esta Revista, sangue novo injetado num organismo viciado pela rotina.

Quando a Missão Militar Francêsa veio instruir o nosso Exército, após o término da primeira guerra mundial, encontrou um ambiente favorável graças ao trabalho preparatório realizado por esta Revista no terreno do interêsse profissional.

É de ressaltar-se, e não há como negar, a predominância de inclinações germânicas na maioria de seus colaboradores influenciados por estágios feitos nos exércitos do Kaiser. Pois bem, êsses mesmos oficiais brasileiros souberam receber e acatar os mestres franceses e, sem facciosismos profissionais — injustificáveis pelos prejuizos que causariam ao Exército, — tornaram-se de alunos aplicados em mestres conceituados formando êles, depois, sucessivas gerações de outros mestres.

Era, sem dúvida, a primeira e mais forte revelação do alto espírito patriótico e do profundo senso da realidade que nortearia esta Revista, mantendo-se sempre dentro da inflexível conduta que se traçou para só esposar a causa dos legítimos interesses do Exército.

Justifica-se, assim, repetirmos aqui que "A DEFESA NACIONAL É DO EXÉRCITO. TRABALHAR POR ELA É TRABALHAR PELO EXÉRCITO".

Lamentavelmente o que o Relatório registou é que a "A DEFESA NACIONAL" não está sendo prestigiada pelo Exército. Sua finalidade está pois ameaçada e não podemos desfigurar a obra dignificadora de seus destemerosos fundadores fugindo aos deveres a que nos impõem o seu Patrimônio.

Na hora presente ela é mais necessária ainda e precisa congregiar os verdadeiros valores do Exército.

Dois são, a meu ver, os principais problemas da Revista, um conseqüente do outro. Faltam colaboradores e faltam assinantes. Sem ambos ela não poderá cumprir seu objetivo de "pugnar por tôdas as questões atinentes à defesa nacional, à existência e ao melhoramento de suas forças armadas e à difusão da cultura geral e profissional dos seus associados", como está prescrito nos Estatutos da Cooperativa, da qual a Revista é órgão oficial.

A colaboração é a seiva que garante o interesse, a vida intelectual de uma Revista. Afastaram-se destas páginas seus colaboradores habituais, que já eram poucos, deixando todo o peso da tarefa sobre uns poucos batalhadores, dêsses que morrem no seu posto de honra. Ora, se não é certo ter uma revista com tais objetivos um núcleo de colaboradores habituais, ainda que sobejamente credenciados, pior é não tê-lo.

O que espanta novos colaboradores é o temor do insucesso, da recusa de sua colaboração. Impõe-se ao Diretor-Secretário a ingrata tarefa de joeirar, de julgar do valor intrínseco e da oportunidade da colaboração. Precisamos cooperar no bom sentido afastando suscetibilidades fáceis.

Recusada uma colaboração devemos voltar com outra pois nada temos a perder com os esforços dispendidos em favor do nosso próprio desenvolvimento intelectual.

A última guerra, em que tomaram parte centenas de oficiais da F.E.B., oferece assunto para toda sorte de colaboração. Porque não vêem os nossos camaradas atender aos apêlos que esta Revista lhes tem lançado? Afinal a "A DEFESA NACIONAL" não é, não pode e nem quer ser só de um pequeno grupo. É, e deve ser, do Exército.

Cooperemos todos, na medida de nossa capacidade, para que se destrua uma das tradições do nosso Exército.

Resolvido o problema da colaboração, que deve ser farta e variada sob a responsabilidade do maior número possível de oficiais de todas as armas e serviços e de todos os postos, então poderemos dizer seguramente que a "A DEFESA NACIONAL" é o arauto das aspirações do Exército.

Não quero fugir à citação dos números que atestam o profundamente injusto retraimento de assinantes desta Revista: — em 1944 havia um total de 2931 e em 1945 este número caiu para 1422. Mede 50%!

É desolador, então, o que se passou quanto aos SÓCIOS da Cooperativa. Esses que em 1944 eram 34, em 1945 chegaram a 46 apenas. É que ninguém lê os Estatutos ignorando as vantagens oferecidas pela Cooperativa aos seus associados. Basta ressaltar que os associados que adquiriram livros por intermédio de nossa Biblioteca foram contemplados nas quotas de retorno com a importância total recebida e mais um excesso que doaram ao Fundo de Desenvolvimento Social em forma de cooperação. Sabem os meus camaradas quanto monta esse excesso? Apenas a mais outro tanto da importância dispendida!!! Note-se, a aquisição de livros na Biblioteca não é gratuita, inclui livros, aparelhos, etc. de interesse pessoal e de seus dependentes. Quantos de nós não lamenta os desembolsos de livros sem qualquer recompensa?

A nova direção da C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL" está animada dos melhores propósitos de reerguer a nossa verdadeira Revista, único órgão de classe que possuímos e em consequência a nossa unidade. O interesse revelado pelos presentes à Assembléia Geral que me refiro, por todos os importantes assuntos nela discutidos, dá-me a impressão de que se os nossos camaradas prestigiarem, como sempre em a nova diretoria, ela dará conta de sua missão.

Cooperemo-nos, pois.

LIVROS NOVOS

GILBERTO FREYRE — *"Brazil: an interpretation"* —
Nova York; Alfred A. Knopf, 1945 — 179 páginas.

Este novo livro do insigne Mestre nacional abrange uma série de aulas-conferências dadas na "Patton Foundation" da Universidade de Indiana, no outono de 1944. É um trabalho de interpretação e síntese, escrito num inglês conciso e incisivo, para o público anglo-americano, desenvolvendo as interessantes teses regionais, formuladas com tanto brilho e erudição em suas obras anteriores, sobretudo no "mar-divisório da história intelectual brasileira" que é "Casa Grande & Senzala".

As grandes linhas desse livro podem ser assim traçadas:

- Capítulo I — Antecedentes europeus, asiáticos e africanos da história brasileira.
- Capítulo II — Papel desempenhado em nossa formação pelos bandeirantes (a que chama "fundadores horizontais") e pelos senhores de engenho ("fundadores verticais"). Neste capítulo, fazendo uma apreciação sobre o sistema colonial dos grandes engenhos e o monárquico, salienta que a então atual tendência anti-democrática, imperante no Brasil com o "Estado Novo", se opunha totalmente não só aos nossos princípios republicanos mas também às nossas tradições monárquicas e coloniais.
- Capítulo III — Considerações sobre o problema de nossa unidade e diversidade regional, acentuando que "o regionalismo, verdadeira filoso-

fia social, não é sinônimo de nacionalismo ou mero seccionalismo, expressão empregada por TURNER para designar o regionalismo estéril e auto-suficiente." Contudo, salienta: — "o regionalismo não exclui o universalismo: o regionalista poderá ser um verdadeiro cidadão do mundo".

Capítulo IV — Análise das condições étnico-sociais do Brasil moderno.

Capítulo V — Política externa do Brasil, apreciada na medida em que é condicionada pela situação étnico-cultural-geográfica do país. A unidade política lógica é o fusionismo, de maneira, diz êle, que "o Brasil não pode comparar-se às nações brancas européias ou sub-européias, sempre que procederem como européias ou sub-européias procurando desprezar as que não o são. Distingue-se, também, das comunidades em que predominam as raças de côr, cuja consciência racial é mais forte que sua consciência nacional."

Capítulo VI — Estudo da moderna literatura brasileira e de sua relação com os problemas sociais do país. Tece considerações originais em torno da arte revolucionária e de uma simbólica intenção política do *Aleijadinho*, "uma espécie de EL GRECO mulato que, com suas ousadas contorsões de formas humanas, antecede de quasi dois séculos a obra de RIVERA e OROZCO, PORTINARI e CÍCERO DIAS." Esboça as características dos dois principais grupos da atual literatura brasileira — o nordestino (JOSÉ LINS do REGO, JOSÉ AMÉRICO

CO, CICERO DIAS, JORGE de LIMA, etc.) e o modernista de S. Paulo e Rio (MÁRIO de ANDRADE, OSWALDO de ANDRADE, ALCANTARA MACHADO, RIBEIRO COUTO, etc.), os quais tiveram precursores em EUCLIDES da CUNHA, com "Os Sertões", GRAÇA ARANHA com "Canaã" e MONTEIRO LOBATO com "Urupês" — dizendo que êstes dois grupos representam nas letras nacionais "a espontaneidade cultural ou intelectual contra a tradicional submissão colonial à Europa ou aos Estados Unidos".

REVISTAS EM REVISTA

HISTÓRIA E AS VARIAÇÕES GEOPOLÍTICAS DOS POVOS — Ten. Cel. HUBERTO MEDINA PARKER, Cmt. do 2.^o Regimento de Artilharia Motorizada (Memorial del Ejército de Chile, set.^o-out.^o de 1945).

É um fato de observação corrente a atração e queda dos estudos históricos e geográficos revelada pelos oficiais das nações hispano-americanas em geral. Últimamente, o resultado dos trabalhos publicados relativos à Geopolítica, vêm confirmando essa observação.

Lamentamos sinceramente que em nosso país, talvez devido a deficiência na orientação inicial recebida na Escola Militar, a maioria dos oficiais seja naturalmente insensível aos aspectos de cultura geral. Mantém-se durante anos preocupado exclusivamente com os textos regulamentares e questões estritamente à atividade técnica quotidiana. Dando-se apercebem do vulto e da natureza das matérias exigidas para o ingresso na Escola de Estado-Maior, os atropelos, precipitações, estudos mal sedimentados e conseqüências insucessos, que se repetem anualmente. E isso acresce de ano para ano nos dias de hoje, se considerarmos a posição relevante que nos cabe como membros do Conselho de Segurança da O.N.U., cujas atividades e problemas necessariamente têm de ser apreciadas e compreendidas por toda a oficialidade das Forças Armadas, e não só pelos membros dos Estados-Maiores.

* * *

Tais comentários vieram-nos à mente ao lermos o interessante artigo do Tenente-Coronel MEDINA do grande Exército irmão de além-Andes. Ele demonstra muito estudo, objetividade crítica apreciável e boas qualidades de síntese. Abordando as diversas interpretações surgidas na relativamente curta existência da ciência geopolítica, analisa su-

cessivamente pontos de vista de HAUSHOFER, HALFO MACKINDER, RATZEL, KJELLEN e JAMES FA GRIEVE, predecessores uns e doutrinadores outros, do vel campo de especulação humana.

Assinala com muita propriedade as diversas mudanças de posição geopolítica das nações, em face das transformações históricas e geográficas, que, no seu julgamento, são os "ativos" daquelas. Assim é que afirma :

"Construídos os canais de Suez e do Panamá, as grandes massas terrestres do mundo experimentaram um considerável deslocamento geopolítico. Havia agora cinco ilhas — continentais aonde antes só existiam três (1). Destas cinco a África, a América do Sul e a Austrália, eram verdadeiras ilhas para os fins da navegação marítima."

E mais adiante :

"Não é difícil imaginar quão mais favorável haveria sido a posição estratégica do Japão se os dois canais não houvessem sido jamais construídos".

Confronta, depois, vários aspectos do aproveitamento capcioso das teorias geopolíticas pelo Departamento de Propaganda do Reich, sob a direção do famigerado JOSEF GOEBBELS.

Pois, "segundo os geopolíticos, foi mediante o controle do país central da Eurásia que a Alemanha reconquistou para a Europa o cetro do domínio mundial e os propagandistas nazis trataram de desenvolver, após a conquista do continente por Hitler, u'a mística paneuropéia".

* * *

Não se pôde dizer que a Geopolítica foi feita "de emenda" para HITLER e seu partido, assim como ninguém iria afirmar que a Psicanálise foi concebida para justificar um determinado crime sexual... Na verdade, os ideais

(1) — Pedimos aos leitores para se recordarem dos magníficos gráficos relativos a este assunto, que faziam parte do primeiro filme de instrução do Exército norte-americano da série "Why we fight" (Porque lutamos), e que foram exibidos em diversos quartéis e estabelecimentos de ensino militar do Brasil.

germanismo, hegemonia, supremacia racial, dominação mundo, etc., estão na alma do povo alemão — notadamente os Prussianos — há muitos séculos, muito antes que se façassem nas modernas teorias científicas. HITLER é um elo a mais na cadeia extensa de FREDERICOS, GUILHERMES, SMARQUES, MOLTQUES, LUDENDORFFS, e outros tantos; sua morte e sua derrota são acidentes históricos que, no futuro, no grau todo o sofrimento e desgraça que se abateram sobre o país, em nada de profundo poderão alterar o povo alemão, se um trabalho inteligente e metódico de educação se seguir à demonstração de força.

Realmente, a Geopolítica nada mais é do que a velha e conhecida Geografia Política, a parte de ciência geográfica que estuda as relações desta com a evolução dos povos e dos Estados. Como toda ciência, contudo, deu lugar também ao aparecimento de certos extremistas, que fizeram sentir sua influência a partir dos fins do século XIX.

O alemão FRIEDRICH RATZEL, estudando o crescimento dos Estados, escreveu um certo número de "leis" sendo as quais éstes se engrandeciam, mediante a conquista de "espaços vitais" — lebensraum — dos Estados mais fracos.

O primeiro "5.^a coluna" surgiu então, o sueco RUDOLF JELLEN — que pregou o princípio da instituição de uma Grande Alemanha, englobando todos os Estados de origem germânica (inclusive sua própria pátria) e dominando a Europa. Sua ação, aliada à de RATZEL, transformou a Geografia Política em verdadeira ferramenta da política nacional dos povos imperialistas, e foi ele mesmo que a crismou com o nome de Geopolítica.

Entretanto, foi preciso entrar em cena um cientista inglês para torná-la um sistema de ação: Sir HALFORD MAKKINDER, célebre geógrafo, vice-presidente da "Royal Geographical Society" e professor da universidade de Londres. Seu trabalho inicial neste gênero, surgido em 1904 com o nome de "O pivô geográfico da História", passou, entretanto, despercebido. E como disse o escritor norte-americano JOSEPH J. THORNDIKE Jr.: "A Alemanha lutou e

perdeu a primeira guerra — talvez por não ter ouvido MACKINDER”.

Já em 1918, durante os trabalhos da Conferência da Paz MACKINDER deu a lume novo livro a que chamou “Ideias democráticas e realidade”, verdadeiro alerta aos seus compatriotas contra a Alemanha.

Cansados da guerra ou orgulhosos da vitória, os ingleses continuaram a não lhe dar atenção. Ao contrário, os alemães foram achar nos trabalhos do autor inimigo o plano para a vitória que almejavam.

Em resumo, MACKINDER convidou os leitores a terem uma visão panorâmica do mundo como realidade geográfica. Frisou que do total da superfície do globo, $9/12$ são água, $3/12$ terra. Da área de terras, $2/3$ consistem em u'a massa de terra a que êle denominou “Mundo-ilha”. Distantes da costa estão dois pequenos grupos de ilhas: as Ilhas Britânicas a oeste e as ilhas Japonesas a leste. Além dos mares estão as ilhas distantes, das quais as maiores são a América do Norte, do Sul e a Austrália. E' costume pensar-se nas Américas como um hemisfério, mas isto implica numa igualdade com os outros hemisférios, que não existe de fato. O Mundo-ilha não tem somente ditas vezes a área de todo o resto do mundo, incluindo as ilhas Britânicas e Japonesas: tem mais de $14/16$ da população, e aproximadamente outro $1/16$ vive nas ilhas da costa. Somente $1/16$ vive nas ilhas longínquas.

Essa figura da Eurásia-Africa como uma grande massa de terra não é nenhuma novidade para quem quer que tenha visto um planisfério.

A Europa realmente não é mais do que uma península da Ásia, ligeiramente maior que a península da Índia. A Africa, defrontando a Eurásia ao longo de uma costa de 3800 milhas, é fisicamente reunida em um ponto (Suez) e quase reunida em outros dois (Gibraltar e Aden): o Mediterrâneo, como o seu nome indica, é virtualmente um mar interior.

Mas a unidade geográfica do “Mundo-ilha” nunca pareceu um fato muito importante. Os homens viveram prin-

mente na sua periferia. A grande massa de terra tem mais uma barreira do que um meio para viagens e comunicações. De acôrdo com MACKINDER, porém, a estrada de ferro e o avião tornaram-no uma unidade real. Ele seguiu no exame do mundo-ilha, olhando primeiro para o vasto interior da Ásia, aplicando a esta imensa área e a parte ártica a sua mais famosa denominação: a "terra-coração".

A terra-coração consiste principalmente de uma grande planície, que fica entre o Extremo-Oriente siberiano e a baía do Volga, e interrompida somente pelas montanhas baixas dos Urais. Inclui também as terras altas do Irã, no sudoeste, e parte das terras altas da Mongólia, no sudeste. Ela é, na maioria, russa, abrangendo quase toda a Sibéria, Mongólia, China ocidental, Afeganistão, Beluchistão, Irã e cerca de metade da Rússia europeia.

Não querendo alongar estas considerações, devemos dizer que MACKINDER formulou uma proposição de três termos: "Quem dominar o Leste europeu comandará a terra-coração; quem dominar o mundo-ilha; quem dominar o mundo-comandará o mundo."

Entretanto, a terra-coração é, na maior parte, despida de vegetação e inexplorada, e isso torna difícil compreender como pode ela ainda dominar o mundo-ilha. O professor NICHOLAS J. SPYKMAN, da universidade de Yale, um dos mais importantes geopolíticos norte-americanos, reformou a proposição de MACKINDER nos seguintes termos: "Quem dominar a terra periférica (terras costeiras constituídas pela Europa, exceto parte da Rússia, bem como pelo Oriente Médio, Índia e grande parte da China) comandará o mundo-ilha", o que, para o presente pelo menos, está mais perto da verdade.

Maugrado MACKINDER ter sobrestimado o valor da terra-coração, o seu medo de uma potência única no Leste europeu estava bem fundamentado. No ano terrível de 1939, quando a Rússia assinou o pacto de não-agressão com a Ale-

manha, a possibilidade da conquista das terras costeiras da Europa e da terra-coração pareceu tornar-se verdadeira. Felizmente, tal unidade russo-germânica, era fictícia, o que se explica pela atuação do discípulo alemão de MACKINDER.

Esse discípulo foi o Major-General Professor KARL HAUSHOFER, que começou a ser uma força na Alemanha depois da guerra de 1914-18, quando passou a lecionar Geografia Política na universidade de Munich e a apresentar duas empolgantes teorias nas aulas. Um de seus alunos foi RUDOLF HESS e por intermédio deste entrou em contacto com HITLER, fornecendo-lhe o conteúdo científico necessário para a elaboração do seu "Minha Luta": o capítulo 14 deste livro, aliás, é considerado por alguns estudiosos como idéia quase exclusiva de HAUSHOFER.

Em Munich ele fundou e tornou-se diretor do "Institut für Geopolitik", onde reuniu cerca de mil peritos que trabalharam a fundo os dados remetidos pelas diversas turmas de pesquisas enviadas para os vários recantos do globo sob os disfarces mais inocentes, com o que dilatou os conceitos fundamentais de MACKINDER. Por outro lado, de RATZEL e KJELLÉN foi emprestado o conceito de "Estado orgânico", uma falsa analogia tirada da natureza e que deu uma aparência científica ao plano nazista de expansão.

A pedra basilar da geopolítica nazista é o princípio "Espaço é poder", contrapondo-se aos 150 anos de expansão do Império Britânico, apoiada no contróle dos mares e dos pontos estratégicos por onde as rotas marítimas passavam junto à terra (Canal da Mancha, Gibraltar, Suez, cabo da Boa Esperança, Singapura).

Retrospectivamente constata-se, sem dificuldade, que enquanto à Alemanha nazista seguiu os ensinamentos de HAUSHOFER na conduta da guerra, obteve progresso sensível em direção e seus objetivos. A estratégia de conquista deste baseava-se inicialmente no domínio da terra-coração: uma vez conseguido isso, a Alemanha poderia invadir toda a Europa Ocidental e o mundo-ilha. Esse domínio, porém, ele

o sonhava mediante uma espécie de colaboração com a Rússia, sob a liderança alemã.

Inicialmente HITLER pendeu realmente para o seu mentor que acenava com o Espaço: daí o pacto de não-agressão com a Rússia. Dentro de um ano porém, a sua ambição e a influência do outro mentor, o "filósofo" ALFRED ROSENBERG, adorador da divindade da Raça, fizeram-no atacar a Rússia, confiando numa rápida vitória. HAUSHOFER, o único que enxergara um pouco naquele pandemônio de tarados e fanáticos, recebeu como recompensa o pelotão de fuzilamento... E em breve a Alemanha se esgotou a si própria, procurando conquistar a terra-coração pela força das armas.

* * *

Em tudo isto nota-se que os geopolíticos europeus menosprezaram completamente o hemisfério ocidental. Só HAUSHOFER, em um de seus últimos trabalhos, é que considerou "a América geopoliticamente madura".

Entretanto, o extraordinário desenvolvimento do poder aéreo nos últimos anos, obriga a rever tôdas essas teorias. Se olharmos hoje em dia para um planisfério de projeção global — e projeção utilizada para a navegação aérea — veremos que em tôrno do Polo Norte as grandes massas de terra se agrupam bem perto e que a América não é uma ilha isolada, mas membro de um grupo de terras com centro próximo àquele Polo.

Na idade aérea em que penetramos, o poder geopolítico dependerá primacialmente da base interior de uma nação. Ela deve ter todos os recursos essenciais em quantidade suficiente. Deve ter uma grande indústria com elevada capacidade de produção. Deve ter uma vasta população com altos índices de poder mental, energia e treinamento. Deve ser extensa, para permitir a disseminação das usinas industriais contra os ataques aéreos e contra os efeitos tremendos da bomba atômica. Esses elementos de poder geopolítico na idade aérea (que são substancialmente os mesmos que os enun-

ciados por HAUSHOFER para uma forte potência terrestre) são possuídos apenas pelas nações a que um antigo autor denominou "nações-continentes": os Estados Unidos, que têm em plena medida; a Rússia, em franco desenvolvimento; a China e o Brasil, potencialmente.

* * *

Para finalizar, apreciando no seu devido valor o interessante artigo do Ten.-Cel. MEDINA, queremos frisar aos camaradas que os conceitos válidos da Geopolítica não são essencialmente germânicos na sua origem, mas propriedade comum de pensadores da Inglaterra, da Rússia, dos Estados Unidos e de outros países: o maior de todos, como dissemos, foi o inglês MACKINDER. Os alemães, com sua habilidade atávica para as minúcias, colecionaram uma tremenda soma de dados sobre fatos que apoiassem os conceitos elevados de MACKINDER; por outro lado, torceram os conceitos científicos em proveito de seus interesses.

As doutrinas da escola alemã de Geopolítica são contrárias a toda a moralidade cristã. Degradam o indivíduo e glorificam o Estado. No seu mundo, os homens são os títeres das grandes forças naturais que eles são impotentes para mudar ou destruir. Despidos de livre-arbítrio, são imunes a qualquer responsabilidade perante o homem ou perante Deus. Tudo isto é completa e odiosa mitologia, para a qual muito contribuiu a espôsa do marechal LUDENDORF com seus diversos livros sobre uma religião neo-germânica ("A alma do povo e seus criadores de poder. Uma Filosofia da História"; "De conhecimento de Deus em minhas obras etc.).

Revoltadas contra as conseqüências perniciosas da Geopolítica alemã, muitas pessoas tendem agora a rejeitar a própria ciência considerando-o uma espécie de magia negra. Nada mais errado do que isso, pois a Antropologia não é condenada pelo fato dos nazistas nela basearem suas teorias raciais, nem a Economia porque eles a utilizaram para subjugar e explorar outros países.

Cumpra estimular o seu estudo no Brasil, e muito em particular nas Forças Armadas. Sigamos, nisto também, o exemplo norte-americano, pois os Estados Unidos não se deixaram intimidar por falsos preconceitos. Embora ainda não haja nada que se pareça com uma doutrina geopolítica ianque em bases científicas, há dois anos atrás já havia cerca de 1500 cursos a esse respeito nas universidades e colégios. E no seu Exército já há duas autoridades reconhecidas no assunto: — o Coronel WILLIAM S. CULBERTSON, do Estado-Maior, e o Coronel HERMAN BEUKEMA, da Academia Militar de West-Point.

Cumpra modificar totalmente o rumo nacionalista até agora seguido pelos geopolíticos, que têm impedido dar à Geopolítica os caracteres de universalidade indispensáveis a toda ciência: do contrário haverá tantas ciências geopolíticas como grandes Estados há na Terra.

Uma autêntica ciência geopolítica seria a que concebesse unitariamente o nosso globo em toda a sua extensão, aquela que fosse capaz de dar uma consciência da unidade orgânica do planeta, e não aquela que vê em algumas partes do mapa espaços onde estender a área de domínio de um Estado.

Os meios rápidos e fáceis de transporte que a técnica oferece em nossos dias têm-nos dado uma como que visão astronômica do planeta em que vivemos, em contraposição à visão fragmentária e analítica de antes, obtida pelas explorações geográficas em terra e na água. Terminou a fase, chamada de colombiana por MACKINDER, em que a crosta terrestre foi quase completamente localizada e explorada, inaugurando-se a época post-colombiana caracterizada pela integração da Terra. O conceito da geografia, ainda que pereça paradoxal, conforme disse o escritor mexicano JOSÉ E. ITURRAGA, se universaliza em nossos dias; o conceito da política, conseqüentemente, terá que girar sob o mesmo signo dos destinos universais e comuns do gênero humano.

* * *

Para facilitar os estudos dos camaradas que se interessa-

rem por estes assuntos, damos abaixo uma pequena bibliografia :

- ANCIEL, Jacques — "Géopolitique" — Paris, 1936.
- BANSE, Prof Ewald — "Raum un Volk in Weltkrieg".
- BRAUN, Friedrich e ZIEGFELD, A. H. — "Atlas für Geopolitik" —
Dresde, 1934.
- DE MARCHI, Luigi — "Fondamenti di geografia politica" - Milão, 1929.
- HARTSHORNE, Richard — "Recent development in Political Geography" — American Polit. Science Review, vol. 29 — 1935.
- HAUSHOFER, Karl — "Dai Nihon: Betrachtungen über Gross-Japens Wehrkraft" — Berlim, 1913.
- "Japan un die Japaner: Eine Landeskunde" — Leipzig, 1923.
- "Geopolitik des Pazifischen Ozeans" — Berlim, 1938 (3.ª ed.).
- "Der ost-enrasiatische Zukunftsblock" — Zeitschrift für Geopolitik, vol. 2 — Munich, 1925.
- "Grenzen in ihrem geographischen und politischen Bedeutung" Heidelberg, 1939.
- Wehrgeopolitik: Geographische Grundlazen einer Wehrkunde" — Berlim, 1932.
- HAUSHOFER, Karl — e outros autores.
- "Bausteine zur Geopolitik" — Berlim, 1928.
- "Macht und Erde" — Leipzig, 1930-34 — 3 volumes.
- KISS, George.
- "Political Geography into Geopolitics" — Geog. Review — Nova York, outubro de 1942.
- KJELLEN, Rudolf
- "Der Staat Als Lebensform" (4.ª edição) — Berlim, 1924.
- MACKINDER, Sir Halford J.
- "The Geographical Pivot of History" — Geographical Journal, vol. 23 — Londres, 1904.
- "Britain and the British Seas" (2.ª ed.) — Oxford, 1915.
- "The Physical Basis of Political Geography" — Scottish Geographical Magazine, vol. 6 — 1890.
- "Democratic Ideals and Reality" — Londres, 1919.
- MAHAN, Admiral Alfred Thayer
- "The influence of sea-power on Tistory — 1660-1783".
- MANULL, Otto.
- "Politische Geographie" — Berlim, 1925.
- "Politische Geographie und Geopolitik" — Geogr. Anzeiger, vol. 27.
- "Das Wesen der Geopolitik" — Brlim, 1936.
- RATZEL, Friedrich.
- "Politische Geographie" (3.ª ed.) — Munich, 1923.
- SPYKMAN, Prof. NICHOLAS
- "Ameri's Strategy in World Politics".
- STRASZ-HUPE, Robert.
- "Geopolitics: the struggle for space and power".
- VOGEL, Walthler.
- "Politische Geographie und Geopolitik" — Geogr. Jahrbuch, vol. 49 — 1934.
- WEIGHERT, Hans W.
- "Geopolitica (Generales e Geógrafos) — Versão castelhana — México, 1943.

marítimas. Demais, a dificuldade de achar esse motôr leve e poderoso, point d'appui introuvable dans l'air, no dizer de alguns sépticos de França, afasta de nossos dias (sic) a possibilidade da navegação aérea."

Sem comentários...

* * *

— **VOLTA REDONDA** acendeu seus fornos! Este auspicioso acontecimento, que marcará o início da grande siderurgia em nossa Pátria, é para todos os brasileiros e em particular para os que têm a honra de servir nas Forças Armadas, um verdadeiro toque de "sentido". E não podemos deixar de volver nosso pensamento e nossa gratidão para o incansável batalhador de tantos anos — entusiasta, crente, pertinax e esclarecido — que é o Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva. Ao atual Ministro da Viação e Obras Públicas, venha o que vier para o futuro, caberá o indiscutível título de inaugurador duma nova era, não só a nossa economia, como sobretudo no crédito à capacidade realizadora do brasileiro.

* * *

No dia 22 de fevereiro empossou-se nas elevadas funções de Chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro o Exmo. Sr. General SALVADOR CESAR OBINO.

Os seus reconhecidos méritos de administrador, chefe e instrutor; o brilho com que tem desempenhado os mais variados cargos através sua carreira, mórmente o que há pouco deixou, de Comandante da 3.^a Região Militar; a sua longa experiência de trabalho como oficial de Estado-Maior; a inteligência viva e percuciente com que analisa homens e fatos e, sobretudo, seus predicados de caráter e coração, fazem prever todo êxito nas espinhosas e por demais honrosas atividades que desenvolverá à testa do órgão centralizador da doutrina, da instrução e de preparação para a guerra, de nosso Exército.

Auspiciosas foram as palavras que pronunciou em seu incisivo discurso de posse, do qual, com a dévida vênia, "A Defesa Nacional" transcreve o seguinte trecho:

— "A organização adequada à guerra moderna exige um metódico trabalho de previsão. Só o esforço intelectual, devidamente ordenado, poderá produzir resultados apreciáveis. Não creio no milagre da improvisação. A cultura é a sementeira da imaginação. As idéias, num cérebro lastrado pela cultura, vão aos poucos repontando, tomando contornos nítidos nos sublimes solilóquios da meditação."

* * *

Resumo dos trabalhos realizados pela Engenharia Militar, durante o período de 1937 — 1942 e que, por motivos óbvios, não ponde ser publicado anteriormente:

A) ESTRADAS DE FERRO

1.^o Batalhão Ferroviário

1) Santiago — São Luiz

Início — 1938

Início — 1938

Extensão — 114 Km

Orçamento — Cr\$ 24.993.508,40

Situação dos trabalhos: prosseguem os trabalhos de construção

- 2) São Luiz — Cêrro Azul
 Início — 1939
 Extensão — 46 Km
 Orçamento — Cr\$ 16.961.346,00
 Situação dos trabalhos: a locação está concluída em toda a extensão e os trabalhos de construção já atacados.
- 3) Pelotas — Santa Maria
 Início — 1940
 Extensão — 450, Km
 Situação dos trabalhos :
 Plataforma concluída — 19 Km
 Em construção —
 Importância já aplicada — Cr\$ 9.382.951,60

2.º Batalhão Ferroviário

- 1) Estrada Rio Negro — Caxias
 Início — 1938
 Extensão provável — 780 Km
 Importância aplicada — Cr\$ 31.187.086,00
 Situação dos trabalhos :
 Concluídos totalmente — 24 Km
 Em construção — 65 Km

3) ESTRADAS DE RODAGEM

- 1.º Batalhão Rodoviário e atual Comissão de Construção de Estradas de Rodagem nos Estados do Paraná e Santa Catarina :
- 1) Rodovia Curitiba — Ribeira
 Concluída em 1938 e mantida a sua conservação até 31-XII-1939, quando foi entregue ao D.N.E.R.
 Extensão — 124 Km
 Custo — Cr\$ 26.031.121,90
- 2) Rodovia São Francisco — Forte Marechal Luz
 Início — 1938
 Conclusão — em 1939
 Extensão — 15,6 Km
 Custo — Cr\$ 690.355,70
- 3) Rodovia Curitiba — Boqueirão
 Início — 1939
 Conclusão — 1939
 Extensão — 5 Km
 Custo — Cr\$ 197.149,60.
- 4) Rodovia Curitiba — Joinville
 Início — em 1933
 Conclusão em 1941
 Extensão 108,6 Km
 Custo — Cr\$ 14.943.163,60

- 5) Rodovia Curitiba — Rio Negro
Estudos realizados em 1940
Extensão: 103,6 Km
Orçamento — Cr\$ 9.665,338,90
- 6) Rodovia Rio Negro — Lages
Reconhecimento executado em 1937, dando como extensão aproximada 250 Km

Estudos realizados: Rio Negro — Taió em 1937 e 1938.

Orçamento — Cr\$ 31.668.457,70

b) Rio Negro — Santa Cecília:

Estudos realizados em 1939/1940

Extensão — 155 Km

- 7) Rodovia Ponta Grossa — Foz do Iguaçu
Início — em 1/7/41 — Instalação da Comissão em P. Grossa.
Situação atual dos trabalhos:
Estudos completos (campo e escritório) — 175 Km
(Ponta Grossa a Guarapuava).
Estudos em andamento — 430 Km (Guarapuava a Foz do Iguaçu).
Construção: concluídos — 40 Km
Em andamento — 20 Km
- 8) Rodovia Herval — Xanxerê — Itapiranga.
Início do reconhecimento geral 28/4/1942
Fim do reconhecimento geral — 12/5/1942
Proseguem os estudos nesse eixo.

- 9) Rodovia Pato Branco — Dionísio Cerqueira
Estão sendo executados estudos nesse eixo, cuja construção será oportunamente resolvida pela Diretoria de Engenharia.

2.º Batalhão Rodoviário.

- 1) Rodovia Lages — Passo do Socorro
Início — 1934
Extensão — 75,6 Km
Concluída totalmente a terraplenagem, prosseguindo os trabalhos de macadamização.
Importância já aplicada — Cr\$ 9.297.40
- 2) Rodovia Lages — Rio do Sul
Trabalhos de melhoramento estão sendo executados numa extensão de 71 Km
- 3) Rodovia Rio Negro — Lages
No decorrer de 1940 e 1941 foram feitos os estudos, e a construção terá início provavelmente em 1943.

3.º Batalhão Rodoviário

- 1) Rodovia Vacaria — Passo do Socorro
Início — 1934

Conclusão — 1936
 Extensão — 42 Km
 Custo — Cr\$ 3.069.390,00

- 2) Rodovia Vacaria — Lagoa Vermelha — Passo Fundo
 Trecho Vacaria — Lagoa Vermelha — concluído.
 Trecho Lagoa Vermelha — Passo Fundo:
 Estudos em andamento.
 Construção: em andamento 54 Km dos 108, que separam es-
 sas duas localidades.
 Importância já aplicada — Cr\$ 10.728.007,80

4.º Batalhão Rodoviário

- 1) Rodovia Campo Grande — Cuiabá
 Reconstruída e melhorada no período de 1935/1937, extensão
 — 850 Km
- 2) Rodovia Campo Grande — Bolicho Seco
 Estudada e construída no período 1935/1938, extensão 50,4 Km
 Custo — Cr\$ 317.456,80.
- 3) Rodovia Aquidauana — Nioaque — Jardim — Bela Vista
- Trecho Aquidauana — Nioaque — Jardim
 Extensão 98 Km concluídos ou em andamento.
 - Trecho Jardim — Bela Vista
 Melhorado em toda a extensão de 98 Km
- 4) Jardim — Porto Murtinho.
 Início — 1939
 Aberta inteiramente ao tráfego em 1942, prosseguindo os tra-
 balhos de acabamento.
- 5) Cuiabá — São Luiz de Cáceres.
 Reconhecimento feito no período 1939/1940.
 Extensão — 220 Km

4.º Cia do 4.º Batalhão Rodoviário

- 1) Estrada de penetração Cuiabá — Vilhena
 Início — 1940
 Extensão provável — 600 Km
 Concluídos — 63 Km
 Importância já aplicada — Cr\$ 977.504,00

1.º Batalhão de Pontoneiros

Seus encargos foram transferidos à Comissão Especial de Obras Pi-
 quete — Resende — Bicas.

- 1) Rodovia Piquete — Itajubá
 Início em 1936

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

os oficiais do Ministério da Guerra, publicados no
diário Oficial» no período de 20 de Fevereiro a 20
de Março de 1946

ACEITAÇÃO DE PRAÇAS RESERVISTAS — (Autorisação).

— Autorizo as unidades de fronteira a aceitarem praças reservistas de 1.ª categoria, como engajadas, dentro das percentagens estabelecidas no Aviso n.º 639 de 13 de março de 1945.
(Aviso n.º 298 de 8. — D.O. de 11-3-946).

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DO EXÉRCITO BRASILEIRO — (Patrono).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra a, da Constituição e considerando que o Capelão Militar, Capitão Antônio Alvares da Silva, Frei Orlando O.F.M., tombado na linha de frente, em Bombiana, Itália, a 20 de Fevereiro de 1945, prestou inestimáveis serviços à Força Expedicionária Brasileira, nas fileiras do Regimento Tiradentes, onde a sua memória é justamente venerada; considerando haver êle demonstrado possuir peregrinas virtudes morais e cívicas, que o recomendam, à posteridade, como modelo do verdadeiro sacerdote capelão militar; resolve instituí-lo patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército brasileiro, criado, em caráter permanente, por Decreto-Lei n.º 8.921, d 28 de Janeiro de 1946.
(Decreto-Lei n.º 20.680 de 25-2-. D.O. de 2-3-946).

ASPIRANTE A OFICIAL DA RESERVA — (Estágio).

— Torno extensivo aos Aspirantes a Oficial da Reserva de 2.ª Classe, Intendentes do Exército, o estágio previsto no Aviso n.º 3.192, de 31 de dezembro de 1945.
(Aviso n.º 344 d 15 — D.O. de 1-8-946).

ASPIRANTES A OFICIAL DA RESERVA DE 2.ª CLASSE — (Estágio)

— Em aditamento ao Aviso n.º 247, de 21 do corrente determinei que o estágio de 20 aspirantes a Oficial da Reserva de 2.ª classe, da Arma de Engenharia, pertencentes aos encargos da 2.ª Região Militar, a ser feito na 5.ª Região Militar, deverá realizar-se no período compreendido entre 1 de março e 1 de junho do corrente ano.
(Aviso n.º 273 de 28-2. — D.O. de 2-3-946).

Biblioteca da Cooperativa Militar Editora
e de Cultura Intelectual «A Defesa Nacional»

LEGISLAÇÃO MILITAR

POR

DANTE TOSCANO DE BRITTO

Capitão do Exército e Bacharel em Direito



Preço: Cr\$ 12,00

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— A Companhia de Sapadores do 9.º Batalhão de Engenharia destacada em Aquidauana, Mato Grosso, passa a ter autonomia administrativa, de acôrdo com o disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 311 de 11. — D.O. de 13-3-946).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— O Núcleo de Formação e Treinamento de Paraquedistas passa a ter autonomia administrativa, de acôrdo com o disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado pelo Decret n.º 2.251, de 9 de novembro de 1938.
(Aviso n.º 331 de 15. — D.O. de 18-3-946).

COLÉGIO MILITAR — (Matrícula).

Art. 1.º — O art. 54 do Regulamento do Colégio Militar fica acrescido dos seguintes parágrafos:

“§ 1.º — É facultada a matrícula, independentemente de concurso, em qualquer ano, ao filho de militar que prove ter cursado colégios equiparados situados em guarnições do interior onde servia seu pai.

§ 2.º — Aos alunos que interromperem o curso por motivo da transferência de seus pais para guarnições fóra do Distrito Federal será permitido reingressar no Colégio Militar, aproveitando o ano e os exames tirados em colégios equiparados situados nas guarnições onde serviam seus pais.

Art. 2.º — O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
(Decreto-Lei n.º 20.679 de 25-2. — D.O. de 2-3-946).

COMANDANTES DAS ESCOLAS PREPARATÓRIAS — (Atribuições)

— Tendo em vista uma solicitação do Sr. Diretor de Ensino do Exército, declaro que os Comandantes das Escolas Preparatórias têm atribuições disciplinares idênticas às de Comandantes de Unidades previstas no Regulamento Disciplinar do Exército.
(Aviso n.º 316 de 11. — D.O. de 13-3-946).

CORPO DE TROPAS — (Transformação).

Art. 1.º — O 7.º G.A.Do, sediado em Olinda, e o 4.º G.A.Do, sediado em Juiz de Fóra, são transformados, respectivamente, em 1/7.º R.O. e 1/4.º R.O., revertendo em benefício destes últimos todos os meios, pessoal e material e instalações.

Art. 2.º — O Ministro da Guerra baixará os atos definindo a constituição e organização das unidades de que trata o presente Decreto-lei.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.
(Decreto-Lei n.º 9009 de 21-2. — D.O. de 23-2-946).

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS — (Efetivo).

N.º 299 — O efetivo em Oficiais para os diferentes cursos a funcionarem na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, é assim fixado: 1 coronel; 6 tenente coronéis das Armas e 2 dos Serviços de Intendência e de Saúde; 4 majors das Armas e 2 dos Serviços de Intendência e de Saúde; 30 Capitães, sendo 20 das Armas e 10 dos Serviços de Intendência de Saúde; 5 1.ºs. Tenentes, sendo 2 das Armas (pertencentes ao Q.A.O.) e 2 dos Serviços de Intendência e d Veterinária.

N.º 300 — Conforme propõe a Diretoria das Armas o efetivo do Contingente do Quartel General da 7.ª Região Militar — fixado pelo Aviso número 929, de 9 de abril de 1943 — passa a ter, na parte relativa ao pessoal destinado à Auditoria da mesma Região, a seguinte constituição:

2.º sargto, 1; 3.ºs sargentos, 2; Cabos, 6; Soldados, 2.

N.º 301 — O Contingente da Diretoria de Artilharia de Costa e Distrito de Defesa fica aumentado de um 2.º sargento, que exercerá as funções de sargenteante, conforme propõe a Diretoria das Armas.

N.º 302 — De conformidade com o que propõe em Ofício n.º 11, de 23 de fevereiro findo, a Diretoria das Armas, fica revogado o Aviso n.º 883, de 6 de abril de 1943, visto haver cessado o motivo que determinou nova constituição para o Contingente de Vigilância do Arsenal de Guerra do Rio, que passa a ter a seguinte constituição:

2.ºs srgentos (um enfermeiro), 2; 3.ºs sargentos (um enfermeiro), 4; Cabos, 6; Soldados corneteiros, 2; Soldados, 30. Total de praças, 44.

(Aviso n.º 299 de 8. — D.O. de 11-3-946).

ENGAJAMENTO E REENGAJAMENTO DE SOLDADOS — (Ordem).

— De conformidade com a proposta do Estado Maior do Exército a percentagem de 20 % de engajamento e reengajamento de soldados empregados e artifices, de que trata o Aviso n.º 1.927, de 1 de agosto de 1945, para o Batalhão de Engenharia, passa a ser de 70 %, para os 2.º e 3.º Batalhões Rodoviários e os 1.º e 2.º Batalhões Ferroviários.

(Aviso n.º 254 de 22 de 2. — D.O. de 25-2-946).

ESTANDARTE-DISTINTIVO REGIMENTO SAMPAIO — (Modificação).

Art. 1.º — Fica acrescido ao Estandarte do Regimento Sampaio, criado pelo Decreto-lei n.º 3.081, de 28 de fevereiro de 1941, os nomes de Monte Castelo e La Serra, ao lado dos que já perustram a história do 1.º Regimento de Infantaria.

Art. 2.º — A inscrição desses nomes obedecerá ao modelo anexo. (Decreto-lei n.º 9008 de 21 de 2. — D.O. de 21-2-946).

ESTABELECIMENTO DE MATERIAL DE INTENDENCIA — (Constituição).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Art. 1.º — Os Estabelecimentos de Material de Intendência passam a ter a mesma constituição dos Estabelecimentos de Subsistência Militar, definida pelo Decreto n.º 19.886, de 25 de Outubro de 1945.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.
(Decreto-lei n.º 9028 de 1. — D.O. de 6-3-946).

MÚSICOS DO EXÉRCITO — (Vantagens).

— De acôrdo com as razões apresentadas pela Diretoria das Armas, em Offício n.º 357, de 17 de Janeiro do corrente ano, resolve:

a) tornar extensivas aos músicos do Exército as vantagens a que se refere o Aviso n.º 2.523, de 15 de Setembro de 1945;

b) abrir voluntariado, em tôdas as Regiões Militares, para os músicos, de conformidade com o que dispõe a Lei do Serviço Militar, ficando sem efeito, em consequência, o Aviso número 400, de 17 de Fevereiro de 1945, que suspendeu esse recrutamento.
(Aviso n.º 204 d 18. — D.O. d 20-2-946).

OFICIAL GENERAL — (Concessão).

Art. 1.º — Passa a ter a seguinte redação o art. 2.º do Decreto-lei n.º 3.364, de 21 de Junho de 1941:

“Para a concessão dos acréscimos de que trata o artigo anterior é necessário que os Generais contem no mínimo dois anos de efetivo serviço como Oficial General”.

Art. 2.º — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
(Decreto-lei n.º 9027 de 28 de 2. — D.O. de 2-3-946).

PEÇAS DE FARDAMENTO — (Duração).

— As peças de fardamento abaixo discriminadas, passam a ter o seguinte tempo de duração:

Blusa de lã, tipo Aeronáutica. — Indeterminado.

Calça de lã verde-oliva. — Dois anos;

Camisa de lã. — Um ano.

Cobertor de lã. — Indeterminado;

Jaquetão de lã para subtenentes e sargentos. — Indeterminado;

Luvas de lã. — Indeterminado;

Meias de lã. — Um ano.

(Aviso n.º 263-A. — de 25 de 2. — D.O. de 27-2-1946).

REGIMENTO SAMPAIO — (Distintivo).

Em comemoração à passagem do primeiro aniversário da tomada de Monte Castelo e de acôrdo com as razões apresentadas pelo Comandante do Regimento Sampaio, é permitido, a título de experiência, aos oficiais e praças dessa unidade, o uso do distintivo constante do modelo anexo, que é o símbolo das tradições gloriosas do 1.º Regimento de Infantaria, extraído de seu próprio estandarte, aprovado pelo Decreto n.º 3.081, d 28 de Fevereiro de 1941.

A confecção desse distintivo, que será usado na manga esquerda, a 0,04 m abaixo da costura do ombro, obedecerá ao que propôs o Comandante do referido Regimento.
(Avis n.º 238 de 20 de 2. — D.O. de 22-2-946).

SARGENTOS AUXILIARES — (Graduação).

— E' fixada, do seguinte modo, a graduação dos sargentos auxiliares previstos no Anexo II, da Portaria n.º 7.460, de 18 de novembro de 1944 :

Auxiliar do Serviço de Automóvel :

Um 2.º sargento;

Auxiliares de Administração :

Da 1.ª Seção — um 2.º Sargento e um 3.º Sargento;

Da 2.ª Seção — um 3.º Sargento;

Da 3.ª Seção — um 2.º Sargento e um 3.º sargento;

Da 4.ª Seção — um 3.º Sargento;

Do Serviço de Correio — um Terceiro Sargento.

Do Protocolo e Arquivos — um Terceiro Sargento.

Fica, assim, retificada a publicação constante do "Diário Oficial" de 15 do corrente mês.

(Aviso n.º 193 de 13. — D.O. de 20-2-946).

SARGENTOS NÃO PROMOVIDOS — (Solução de consulta).

Consulta o Comandante da 3.ª Região Militar em Ofício n.º 635-A, de 6 de outubro de 1945, "se os 3.ºs sargentos de fileira, não promovidos a 2.º por falta de vaga durante o serviço ativo, devem sê-lo para a Reserva, quando licenciados, desde que satisfaçam os requisitos da promoção".

Em solução, declaro :

O 3.º sargento, quando licenciado, será promovido a 2.º sargento para a reserva, dentro das vagas existentes no encargo da mobilização de sua unidade, desde que satisfaça os requisitos para promoção.

O critério para promoção de 3.º sargento para a reserva, no caso do número de licenciados ultrapassar o de vagas existentes deverá obedecer aos seguintes princípios :

1.º — antiguidade de posto;

2.º — classificação no curso de Candidatos a Sargentos.

3.º — Conduta.

4.º — o mais velho em idade.

5.º — conceito do Comandante do Corpo.

(Aviso n.º 349 de 18. — D.O. de 19-3-946).

SERVICHO MILITAR DOS MENORES — (Quitação).

— Em vista do que dispõe a letra a do art. 1.º da Portaria número 8.196, de 26 de abril de 1945, a prova de quitação com o serviço militar dos menores de 21 anos, é o certificado de alistamento que lhes concede as regalias a que se refere o art. 12 do Dec. lei n.º 7.343, de 26 de fevereiro de 1945.

(Aviso n.º 284 de 1 — D.O. de 6-3-946).

SERVIÇO ESPECIAL DE TRANSPORTE — (Constituição).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta :

Art. 1.º — O Serviço Especial de Transportes passa a ter a mesma constituição dos Estabelecimentos de Subsistência Militar, definida pelo Decreto n.º 19.886, de 28 de Outubro de 1945, com os esclarecimentos que se seguem :

§ 1.º — O Chfe tem o posto de Tenente Coronel.
(Decreto-lei n.º 9029 de 1. — D.O. de 6-3-946).

TRABALHADORES BRAÇAIS — (Apresentação).

Art. 1.º — Aos trabalhadores braçais da União, dos Estados e Municípios são concedidos mais 120 dias em prorrogação ao prazo estabelecido no Decreto-lei n.º 7.990, de 24 de Setembro de 1945, para que apresentem prova de quitação com o serviço militar, exigida no art. 12, letra b, do Decreto-lei n.º 7.343, de 26 de Fevereiro de 1945.

Parágrafo único. Para os que forem admitidos em data posterior à do presente Decreto-lei o prazo de 120 dias será contado da data da admissão.

Art. 2.º — Compete aos órgãos interessados providenciarem junto à Circunscrição de Recrutamento competente, sobre a regularização da situação militar dos seus trabalhadores.

Art. 3.º — O presente Decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 9062 de 15. — D.O. de 18-3-946).

VIATURAS AUTOMÓVEIS DO EXÉRCITO — (Identificação).

Art. 1.º — Os artigos 13 e 25 do Regulamento para Classificação, Registro e Identificação das Viaturas Automóveis do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 16.456-A, de 28 de Agosto de 1944, passam a ter a seguinte redação :

"Art. 13. — Para efeito de identificação as viaturas automóveis do Exército usarão um distintivo especial, constituído de uma faixa branca circular, de largura igual a $\frac{1}{5}$ do raio maior, dividida em quatro quadrantes. Separando os quadrantes haverá uma faixa verde oliva com a largura igual a $\frac{2}{5}$ da largura da faixa branca. No círculo verde oliva, inscrito na faixa branca, será pintado o Cruzeiro do Sul, cujas estrelas serão brancas; o círculo que circunscrever a maior dessas estrelas terá o diâmetro igual à largura da faixa branca, e as demais serão proporcionais, tudo de acôrdo com a figura anexa.

Art. 25. — As letras e números de registro (arts. 11 e 24), pintados em cor branca, serão dispostos com intervalos de 0,20 m, excetuados a letra B e o primeiro algarismo indicativo, que ficarão separados por 0,04 m".

Art. 2.º — O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n.º 20.648 de 21 de 2. — D.O. de 23-2-946).

Novas Edições da Cooperativa «A Defesa Nacional»

NO PRELO

«A BATALHA DE ROMA» — pelo Capitão *Geraldo de Menezes Côrtes.*

Relato fiel da luta no teatro de operações da Itália, baseado em documentação oficial. Em linguagem clara e prelustrado com diversos mapas, o Autor mostra-nos o que foi a titânica luta na histórica península, berço da latinidade nesta 2.^a Guerra Mundial.

Junto a lado com as figuras eminentes de ALEXANDER MARK CLARK, CRITTENBERGER e outros chefes de guerra americanos, surgem as dos nossos heroicos patrícios E. B., comandados pelo General MASCARENHAS de SAES.

* * *

«BANDEIRA DE ACUMULADORES» — pelo Major *Arquimedes Pinto de Oliveira.*

Dêste interessante e oportuno trabalho, pode-se dizer, com prazer, que é a obra mais completa existente, em nosso país ou talvez em outro qualquer, no assunto. Nomenclatura, utilização, limpeza e manutenção em geral de parte tão importante para o funcionamento dos motores de automóveis, são tratadas em linguagem fácil e acessível a qualquer um. Este livro, tornar-se-á, em breve, indispensável a todos os mo-

torista e mecânicos, amadores e profissionais, civis e militares.

* * *

"ARTILHARIA DE DORSO" — pelo Capitão Otávio
Atves Velho.

Único no gênero, este trabalho, já aprovado pelo Estado-Maior do Exército, constituirá um manual de instrução precioso para o ensino na Escola Militar, C. P. O. R., Unidades-Escola, Escola de Sargentos e corpos de tropa em geral, em tudo o que se refere ao material de dorso atualmente em uso no nosso Exército.

Nomenclatura, manêjo, serviço, transporte, limpeza, manutenção em geral, do material e da munição; regras básicas para a instrução, vozes de comando, execução do tiro, estudo minucioso da Escola do Servente, da Peça e da Bateria — tais são os principais assuntos abordados através mais de 800 perguntas e respostas e elucidados por 46 figuras.

* * *

A nossa Secção de Venda de Livros aceita, desde já, pedidos para remessa pelo reembolso postal.

Colaboram neste número:

Gen. Silveira de Mello

Del Percy C. Besunqua

Del Dr. Humberto Martins de Melo

Ten. Cel. Antônio Moreira Coimbra

Maj. José Horácio Garcia

Maj. Nelson R. Carvalho

Cap. Gerardo de Menezes Côrtes

Cap. Otávio Alves Velho

Cap. Dr. Saulo Teodoro Pereira de Melo

Cap. G. T. A.

1.º Ten. D. Ruben S. Balmes Mitchell



Defesa Nacional

Cr\$ 5,00